

DO AUTOR DE GUERRA DO VELHO

# JOHNSCALZI

# RETO

# CHARRA



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

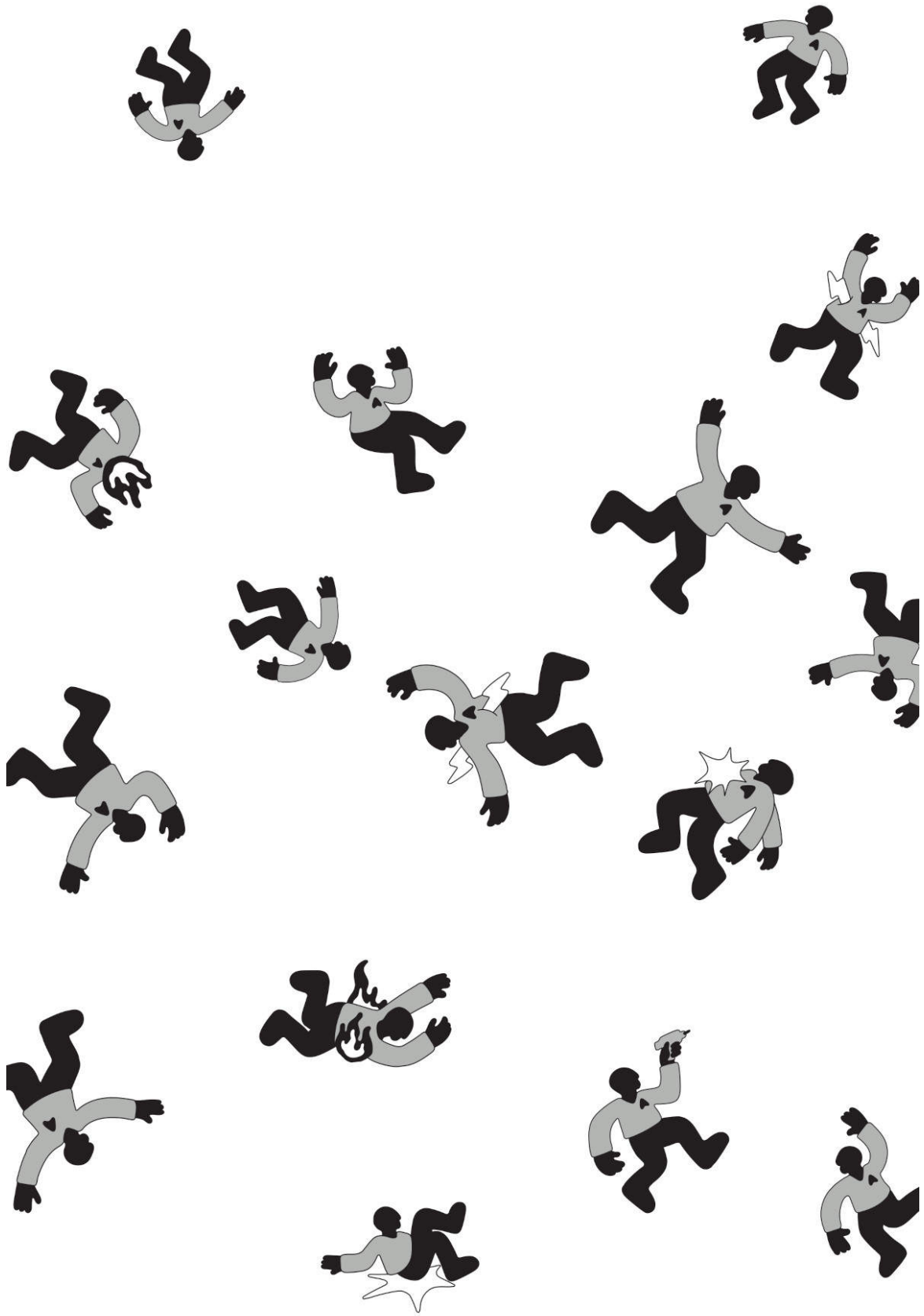
A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***





**JOHNSCALZI**

**RED**

**SHIRTS**

  
ALEPH

Tradução de  
**Petê Rissatti**

*Redshirts* é dedicado

a Wil Wheaton, que eu amo com todo o amor amoroso que um amor pode amar;  
a Mykal Burns, meu amigo desde os dias do TRS-80, na Biblioteca Pública de Glendora;  
e a Joe Mallozzi e Brad Wright, que me levaram para o espaço com eles.

# Prólogo

Do alto da grande rocha em que estava sentado, o alferes Tom Davis passou o olhar de um lado para o outro da caverna, na direção do capitão Lucius Abernathy, do oficial de ciências Q'eeng e do engenheiro-chefe Paul West, equilibrando-se em uma segunda rocha maior, pensando: *Mas que merda.*

– Minhocas gigantes borgovianas! – disse o capitão Abernathy, dando um tapa na rocha. – Eu já deveria saber.

*Você deveria saber? Como diabos você poderia não saber?*, pensou o alferes Davis, olhando para o vasto chão de terra da caverna, a superfície empoeirada movendo-se aqui e ali com calombos imprecisos que marcavam o movimento das imensas minhocas carnívoras.

– Não acho que deveríamos avançar com tudo até lá – disse Davis para Chen, outro membro da tripulação naquela missão de campo, quando encontraram a caverna. Abernathy, Q'eeng e West já haviam entrado, apesar de Davis e Chen serem tecnicamente seu destacamento de segurança.

Chen, que era novato, bufou.

– Ah, qual é –, comentou ele. – É só uma caverna. O que poderia ter lá dentro?

– Ursos? – sugeriu Davis. – Lobos? Uma quantidade considerável de predadores grandes que vê numa caverna a proteção contra as intempéries? Você nunca acampou na vida?

– Não existem ursos neste planeta – respondeu Chen, ignorando intencionalmente a sugestão de Davis. – E nós temos pistolas de pulso eletromagnético. Vamos. É a minha primeira missão de campo. Não quero que o capitão fique me procurando.



E correu para dentro, atrás dos oficiais.

De sua rocha, Davis olhou para a mancha empoeirada no chão da caverna, tudo o que restara de Chen. As minhocas gigantes, atraídas pelo som de seres humanos andando na caverna, cavaram um túnel por baixo dele e o tragaram, não deixando nada além de gritos ecoantes e uma mancha.

*Ah, não é bem assim*, pensou Davis, espreitando dentro da caverna e vendo a mão que estava caída e ainda segurava a arma de pulsos que Chen carregava, e que acabou por não lhe servir para absolutamente nada.

O solo agitou-se e, de repente, a mão desapareceu.

*Ok, agora é sim*, pensou Davis.

– Davis! – chamou o capitão Abernathy. – Fique onde está! Qualquer movimento neste chão vai atrair as minhocas gigantes! Você vai ser comido instantaneamente!

*Obrigado pela informação inútil e óbvia, seu babaca*, pensou Davis, mas não disse nada, pois era um alferes, e Abernathy, o capitão. Em vez disso, o que ele disse foi:

– Sim, capitão.

– Ótimo – disse Abernathy. – Não quero você tentando correr para cá e sendo pego por aquelas minhocas gigantes. Seu pai nunca me perdoaria.

*O quê?*, pensou Davis e, de repente, lembrou-se que o capitão Abernathy servira sob o comando de seu pai na *Benjamin Franklin*. A malfadada *Benjamin Franklin*. De fato, o pai de Davis salvara o então alferes Abernathy ao jogar o corpo inconsciente dele na cápsula de fuga antes de mergulhar para dentro dela e dar a partida, enquanto a *Franklin* explodia espetacularmente ao redor deles. Flutuaram à deriva no espaço por três dias e quase ficaram sem ar naquela cápsula antes de serem resgatados.

Davis sacudiu a cabeça. Era muito estranho que todos esses detalhes sobre Abernathy tivessem surgido do nada em sua cabeça, especialmente considerando as circunstâncias.

Como se pegasse a deixa, Abernathy disse:

– Uma vez o seu pai salvou a minha vida, sabia?

– Sabia... – começou Davis, e depois quase caiu de cima da rocha quando as minhocas gigantes se lançaram de repente contra ela, fazendo-a chacoalhar.

– Davis! – gritou Abernathy.

Davis abaixou-se, estirando o corpo contra a rocha para manter seu centro de gravidade baixo. Olhou para Abernathy, que estava conversando com Q'eeng e West. Sem conseguir ouvi-los, Davis sabia que estavam analisando o que sabiam sobre as minhocas gigantes borgovianas e tentando estabelecer um plano para neutralizar as criaturas, cruzar a caverna em segurança e chegar à câmara que abrigava o antigo computador central dos borgovianos, que poderia dar a eles uma pista sobre o desaparecimento daquela raça sábia e misteriosa.

*Você precisa começar a se concentrar de verdade na sua situação atual,* uma parte do cérebro de Davis lhe disse, e ele balançou a cabeça de novo. Não tinha como discordar daquela avaliação; o cérebro dele havia escolhido um momento engraçado para começar a jorrar uma porção de informações irrelevantes que não lhe serviriam para nada naquele instante.

As minhocas balançaram a rocha novamente. Davis agarrou-a com toda a força possível e viu Abernathy, Q'eeng e West ficarem mais rápidos em suas tentativas de resolução do problema.

Um pensamento repentino acometeu Davis: *você faz parte da unidade de segurança. Está com uma arma de pulsos. Poderia só evaporar essas coisas.*

Davis teria batido na própria cabeça se as minhocas já não estivessem fazendo isso ao chocá-la contra a rocha. Mas é claro! A arma de pulsos eletromagnéticos! Pôs a mão no cinto para desprender a arma do coldre. Ao fazer isso, outra parte de seu cérebro se perguntou por que o capitão Abernathy ou outro dos oficiais já não havia ordenado que aquela atitude fosse tomada, se de fato a solução era tão simples como fazer as minhocas evaporarem.

*Parece que meu cérebro está cheio de vozes hoje*, comentou uma terceira parte do cérebro de Davis. Ele ignorou aquela voz específica e mirou em um calombo móvel de terra vindo na direção do rochedo em que estava em cima.

O grito de "Davis! Não!" de Abernathy chegou no exato instante em que Davis disparou, mandando um raio pulsado de partículas coesas e disruptivas na direção do monte de terra. Um berro emanou do monte, seguido por um chacoalhar violento, seguido por um tonitroar sinistro, seguido pelo chão da caverna entrando em erupção quando dúzias de minhocas de repente explodiram da terra.

– A arma de pulso é inútil contra minhocas gigantes borgovianas!  
– Davis ouviu o oficial de ciências Q'eeng dizer por cima do barulho inenarrável de minhocas se debatendo. – A frequência do pulso enfurece as minhocas. O alferes Davis acabou de atrair todas as minhocas da área!

*Você não podia ter dito isso antes de eu atirar?*, Davis quis gritar. *Não podia ter dito "Ah, a propósito, não atire em uma minhoca borgoviana com uma arma de pulso" no briefing da missão? Dentro da nave? Quando discutíamos a aterrissagem em Borgóvia? Que tem essas merdas dessas minhocas?*

Davis não gritou o que queria para Q'eeng porque sabia que não teria como Q'eeng ouvi-lo e, além disso, já era tarde demais. Já

tinha atirado. As minhocas gigantes estavam em frenesi. Naquele momento, alguém provavelmente estava prestes a morrer.

E provavelmente era o alferes Davis.

Por entre os ruídos e o pó, Davis olhou para Abernathy, que olhou de volta para ele, a preocupação estampada em seu cenho franzido. E então Davis se perguntou se alguma vez Abernathy já havia falado com ele antes daquela missão.

Ah, Abernathy deve ter falado – ele e o pai de Davis eram próximos desde a destruição da *Franklin*. Eram amigos. *Bons* amigos. Era provável até que Abernathy conhecesse Davis desde criança, e talvez tenha inclusive mexido uns pauzinhos para conseguir uma chance para o filho do amigo entrar para a tripulação da *Intrepid*, a nave almirante da União Universal. O capitão não teria tido tempo, mesmo, para passar com Davis – não era bom para o capitão mostrar favoritismo em suas fileiras –, mas certamente haviam conversado. Algumas palavras aqui e ali. Abernathy perguntara sobre o pai de Davis, talvez. Ou sobre outras missões de campo.

Davis não conseguia se lembrar.

De repente, o ribombar parou. As minhocas gigantes, com a mesma rapidez que haviam enlouquecido, pareciam ter se enterrado novamente. A poeira assentou.

– Foram embora! – Davis ouviu-se dizer.

– Não – retrucou Abernathy. – São espertas demais para isso.

– Consigo chegar até a entrada da caverna! – Davis ouviu novamente a própria voz.

– Fique onde está, alferes! – retrucou Abernathy. – Isso é uma ordem!

Mas Davis já havia pulado da rocha, correndo em direção à entrada da caverna. Uma parte do cérebro dele uivava pela

irracionalidade da ação, mas o restante de Davis não ligava. Sabia que *precisava* se mexer. Era quase uma compulsão. Como se não tivesse escolha.

– Não! – gritou Abernathy, quase em câmera lenta, e Davis percorreu metade da distância que precisava. Em seguida, o chão explodiu quando as minhocas, dispostas em um semicírculo, lançaram-se para cima de Davis.

E foi aí, ao deslizar para trás e enquanto seu rosto mostrava surpresa, que de fato o alferes Davis teve uma epifania.

*Aquele* era o momento definitivo de sua vida. O motivo de sua existência. Tudo o que havia feito antes, tudo o que fora, dissera ou quisera, levava-o àquele exato momento, o de se esquivar para trás enquanto minhocas gigantes borgovianas atravessavam a terra e o ar para pegá-lo. Era sua sina. Seu destino.

Em um instante, e enquanto erguia os olhos para os dentes afiados como agulhas da mandíbula rotatória da minhoca – mandíbula, aliás, bem suspeita do ponto de vista evolucionário –, o alferes Tom Davis viu o futuro. Nada daquilo tinha a ver com o misterioso desaparecimento dos borgovianos. Depois daquele momento, ninguém jamais falaria dos borgovianos de novo.

Tinha a ver com ele, ou melhor, com o que a morte iminente dele causaria no pai, agora almirante. Ou, mais especificamente, o que a morte dele faria com o relacionamento entre o almirante Davis e o capitão Abernathy. Davis viu a cena em que Abernathy falaria ao almirante Davis sobre a morte do filho. Viu o choque tornar-se fúria, viu a amizade entre os dois homens se dissolver. Viu a cena em que os policiais militares da União Universal prendiam o capitão por denúncias falsas de assassinato por negligência, plantadas pelo almirante.

Viu a corte marcial e o oficial de ciências Q'eeng, fazendo o papel de advogado de Abernathy, destruindo dramaticamente o almirante no banco das testemunhas, levando-o a admitir que tudo acontecera por causa da perda do filho. Davis viu seu pai estender a mão de forma dramática e pedir perdão para o homem que havia acusado e prendido de modo desleal, e viu o capitão Abernathy ceder a uma reconciliação desoladora bem ali, no tribunal.

Era uma grande narrativa. Um grande enredo.

E tudo recaía sobre ele. E sobre aquele momento. E sobre aquele destino. O destino do alferes Davis.

O alferes Davis pensou "*Foda-se, quero viver*", e girou o corpo para evitar as minhocas.

Mas aí tropeçou e uma das minhocas comeu seu rosto, e ele acabou morrendo mesmo.

O capitão Lucius Abernathy assistiu desamparado, de um lugar próximo a Q'eeng e West, a Tom Davis ser vitimado pelas minhocas. Sentiu uma mão em seu ombro. Era o engenheiro-chefe West.

– Sinto muito, Lucius – disse ele. – Sei que era seu amigo.

– Mais que um amigo – disse Abernathy, reprimindo a dor. – Também era filho de um amigo. Eu o vi crescer, Paul. Mexi pauzinhos para trazê-lo à *Intrepid*. Prometi ao pai que cuidaria dele. E cuidei. Às vezes, eu o vigiava. Nunca mostrei favoritismo, claro. Mas ficava de olho.

– O almirante vai ficar arrasado – disse o oficial de ciências Q'eeng. – O alferes Davis era o único filho do almirante e de sua falecida esposa.

– Sim – comentou Abernathy. – Vai ser difícil.

– Não foi culpa sua, Lucius – disse West. – Não foi você que disse para ele disparar a arma de pulsos. Não falou para ele correr.

– Não é minha culpa – concordou Abernathy. – Mas é minha responsabilidade.

O capitão foi até o ponto mais distante da rocha para ficar sozinho.

– Jesus Cristo – murmurou West para Q'eeng, depois de Abernathy se afastar e eles ficarem sozinhos, finalmente à vontade para conversar. – Que tipo de idiota dispara uma arma de pulsos eletromagnéticos em uma caverna cheia de minhocas gigantes? E depois tenta correr pela caverna? Pode ter sido filho de almirante, mas não era muito inteligente.

– É uma pena mesmo – disse Q'eeng. – Os perigos das minhocas gigantes borgovianas são bem conhecidos. Chen e Davis deveriam ter sido mais espertos.

– Os padrões estão decaindo – afirmou West.

– Talvez – disse Q'eeng. – Seja como for, essa e outras missões recentes têm tido baixas tristes e significativas. Estejam esses homens dentro de nossos padrões ou não, um fato permanece: precisamos renovar a tripulação.

**1**



O alferes Andrew Dahl olhou pela janela da Plataforma Terrestre, a estação espacial da União Universal sobre o planeta Terra, e encarou sua próxima nave.

Encarou a *Intrepid*.

– Linda, não é? – disse uma voz.

Dahl virou-se e viu uma jovem vestida com um uniforme de alferes espacial, também olhando para a nave.

– É – concordou Dahl.

– A nave almirante da União Universal, a *Intrepid* – disse a jovem. – Construída em 2453 na Plataforma de Marte. Nave almirante da União Universal desde 2456. Primeira capitã, Genevieve Shan. Lucius Abernathy é capitão desde 2462.

– Você é a guia turística da *Intrepid*? – perguntou Dahl, sorrindo.

– Você é turista? – perguntou a jovem, retribuindo o sorriso.

– Não – respondeu Dahl, e estendeu a mão. – Andrew Dahl. Fui alocado para a *Intrepid*. Estou esperando a nave de transporte 1500.

A mulher apertou a mão do rapaz.

– Maia Duvall – apresentou-se. – Também alocada para a *Intrepid*. Também à espera da nave de transporte 1500.

– Que coincidência.

– Se quiser chamar dois membros da Frota Espacial da uu esperando uma nave de transporte em uma estação espacial da uu para uma espaçonave da uu estacionada bem diante da janela do atracadouro de naves de transporte de coincidência, então é mesmo.

– Bom, quando você fala desse jeito...

– Por que chegou tão cedo? É meio-dia agora. Pensei que eu seria a primeira esperando a nave de transporte.

– Estou empolgado. Vai ser meu primeiro posto. – Duvall olhou para ele com uma interrogação no rosto. – Fui para a Academia uns anos atrasado.

– Por quê? – perguntou ela.

– É uma longa história.

– Temos tempo – disse Duvall. – Que tal almoçarmos e aí você me conta?

– Hum... Estou meio que esperando uma pessoa. Um amigo meu. Que também foi destacado para a *Intrepid*.

– A cantina é bem ali – disse Duvall, apontando para a fileira de barracas no passadiço. – Mande uma mensagem de texto para ele. Se ele não receber, ainda conseguimos vê-lo chegando. Vamos. A bebida é por minha conta.

– Ah, bem, *nesse* caso – disse Dahl. – Se eu recusar bebida grátis, eles me expulsam da Frota Espacial.

\* \* \*

– Você me prometeu uma história longa – disse Duvall depois de pegarem a comida e as bebidas.

– Não prometi nada – respondeu Dahl.

– A promessa estava implícita. E, além disso, paguei uma bebida para você. *Você me deve*. Quero que me entretenha, alferes Dahl.

– Está bem, está bem. Entrei para a Academia um pouco atrasado porque fui seminarista por três anos.

– Ok, isso até que é meio interessante – disse Duvall.

– Em Forshan.

– Ok, isso é *bem* interessante. Então, você é um padre da religião forshan? De que cisma?

– Cisma de esquerda e, não, não sou padre.

– Não conseguiu lidar com o celibato?

– Os padres da cisma de esquerda não são obrigados ao celibato, mas considerando que eu era o único ser humano no seminário, o celibato me foi imposto, por assim dizer.

– Tem gente que não considera isso um impedimento.

– Isso porque você nunca conheceu um seminarista forshan – disse Dahl. – E além disso, eu não curto xeno.

– Talvez você não tenha encontrado o xeno certo.

– Prefiro seres humanos. Pode me chamar de careta.

– Careta – disse Duvall, provocando.

– E você acabou de se intrometer nas minhas preferências pessoais em tempo recorde. Se você é direta assim com alguém que acabou de conhecer, imagino como é com alguém que já conhece há algum tempo.

– Ah, eu não sou assim com todo mundo – disse Duvall. – Mas posso dizer que já gosto de você. Enfim. Então você não é padre.

– Não. Tecnicamente, minha situação é “penitente estrangeiro”. Tive permissão para fazer o curso inteiro e realizar alguns ritos, mas havia algumas exigências físicas que eu não seria capaz de atender para a ordenação plena.

– Por exemplo? – perguntou Duvall.

– Autoconcepção.

– Um detalhe pequeno, mas super-relevante.

– E você aí, toda preocupada com o celibato – comentou Dahl, e deu um grande gole na bebida.

– Se você sabia que nunca seria padre, por que foi para o seminário?

– Achava a religião forshan muito tranquila. Quando eu era mais novo, isso me atraiu. Meus pais morreram quando eu era jovem, e recebi uma pequena herança. Peguei o dinheiro, paguei instrutores

para me ensinar o idioma, viajei para Forshan e descobri um seminário que me aceitaria. Planejava ficar lá para sempre.

– Mas não ficou – disse Duvall. – Obviamente.

Dahl sorriu.

– Bem, eu achava a religião forshan tranquila. E descobri que a guerra religiosa forshan era menos tranquila.

– Ah – disse Duvall. – Mas como alguém vai de seminarista forshan para formando na Academia?

– Quando a UU foi mediar as facções religiosas em forshan, precisou de um intérprete, e eu estava no planeta. Não havia muitos seres humanos que falassem mais de um dialeto de forshan. Eu conheço os quatro principais.

– Impressionante – observou Duvall.

– Sou bom de língua.

– E quem é que está sendo direto agora?

– Depois do fracasso da missão da UU, aconselharam que todos os não nativos deixassem o planeta – continuou Dahl. – O negociador-chefe da UU disse que a Frota Espacial precisava de linguistas e cientistas e me recomendou para uma vaga na Academia. Na época, meu seminário havia sido incendiado e eu não tinha para onde ir nem dinheiro para chegar onde quer que fosse. A Academia pareceu a melhor estratégia de saída. Passei quatro anos estudando xenobiologia e linguística. E aqui estou.

– É uma boa história – disse Duvall, apontando a garrafa para Dahl.

Ele brindou com a sua.

– Obrigado – disse ele. – E a sua?

– Muito menos interessante.

– Duvido.

– Não passei pela Academia – falou Duvall. – Me alistei como soldado de infantaria para as tropas de paz da uu. Fiz isso por alguns anos e depois fui transferida para a Frota Espacial, três anos atrás. Estava na *Nantes* até essa transferência.

– Promoção? – perguntou Dahl.

Duvall deu uma risadinha.

– Não exatamente – disse ela. – É melhor chamar de transferência causada por conflitos pessoais.

Antes que Dahl pudesse se intrometer mais, o telefone dele zuniu. Ele o pegou e leu a mensagem de texto.

– Tonto – disse ele, sorrindo.

– O que foi? – perguntou Duvall.

– Espere um segundo – disse Dahl, virando-se no banco e acenando para um jovem que estava no meio da passagem da estação. – Estamos aqui, Jimmy.

O jovem abriu um sorrisinho, acenou de volta e se aproximou.

– Imagino que seja o amigo que você estava esperando – disse Duvall.

– Ele mesmo – respondeu Dahl. – Jimmy Hanson.

– Jimmy Hanson? – perguntou Duvall. – Não tem relação com James Hanson, CEO e presidente do conselho das Indústrias Hanson, claro.

– James Albert Hanson IV – disse Dahl. – Filho dele.

– Deve ser bacana – comentou Duvall.

– Ele poderia comprar esta estação espacial com a herança. Mas ele não é assim.

– Assim como?

– E aí, pessoal – disse Hanson, finalmente chegando até a mesa. Ele olhou para Duvall e estendeu a mão. – Oi, sou o Jimmy.

– Maia – disse Duvall, apertando a mão dele.

– Então, você é amiga do Andy, né? – perguntou Hanson.

– Sou – respondeu ela. – A gente se conhece faz muito tempo.

Uma meia hora.

– Ótimo – disse Hanson e sorriu. – Ele e eu nos conhecemos há um pouco mais de tempo.

– Eu imaginava – disse Duvall.

– Vou pegar alguma coisa para beber – disse Hanson. – Querem alguma coisa? Posso trazer outra rodada?

– Para mim não, obrigado – disse Dahl.

– Eu aceito outra – disse Duvall, balançando a garrafa quase vazia.

– Da mesma?

– Claro.

– Ótimo – disse Hanson, juntando as mãos. – Então, volto já.

Guardem essa cadeira para mim, tudo bem?

– Claro – disse Dahl. Hanson saiu para buscar comida e bebida.

– Ele parece legal – disse Duvall.

– Ele é.

– Não tem tanta personalidade – comentou Duvall.

– Ele tem outras qualidades.

– Como pagar bebidas.

– Bem, é, mas não era nisso que eu estava pensando – disse Dahl.

– Você se importa se eu fizer uma pergunta pessoal?

– Considerando que já falamos até das minhas preferências sexuais nesta conversa, não me importo.

– Você já era amigo de Jimmy antes de saber que o pai dele podia comprar um ou dois planetas inteiros?

Dahl hesitou por um momento antes de responder.

– Você sabe o que diferencia os ricos de você ou de mim? – perguntou ele a Duvall.

– Além de ter mais dinheiro que a gente – confirmou Duvall.

– É.

– Não.

– O que os torna diferentes, pelo menos os que são espertos, é que têm uma noção muito boa dos motivos pelos quais as pessoas se aproximam deles. Seja porque querem ser amigos genuínos, o que não tem nada a ver com querer proximidade do dinheiro, das facilidades e do poder, ou se querem ser parte de um grupo social, o que tem. Faz sentido?

– Claro – respondeu Duvall.

– Tudo bem – disse Dahl. – Então, vamos lá. Quando Jimmy era menino, ele entendeu que seu pai era um dos homens mais ricos da uu. Depois, descobriu que um dia ele também seria. Depois, que havia muitas pessoas que tentariam usar essas duas coisas ao próprio favor. E aí descobriu como evitar essas pessoas.

– Entendi – disse Duvall. – Jimmy saberia se você estivesse sendo legal com ele só por causa do pai dele.

– Foi muito interessante observá-lo em nossas primeiras semanas na Academia – comentou Dahl. – Alguns dos cadetes, e até alguns de nossos instrutores, tentaram fazer amizade com ele. Acho que ficaram surpresos com a rapidez com que aquele garoto rico sacou a jogada deles. Jimmy teve tempo o bastante para ser extraordinariamente bom em compreender a intenção das pessoas. Foi uma necessidade.

– Então, como é que você se aproximou dele? – quis saber Duvall.

– Não me aproximei – respondeu Dahl. – Foi ele que veio e começou a falar comigo. Acho que percebeu que eu não me

importava com quem era o pai dele.

– Todo mundo ama você.

– Bom, acho que foi isso e o fato de eu ter tirado nota máxima no curso de biologia e ele ter problemas nessa disciplina. Só porque Jimmy é meticuloso com as próprias companhias não significa que não tenha interesses pessoais.

– Ele pareceu estar disposto a me considerar amiga – comentou Duvall.

– Isso porque ele acha que somos amigos, e confia no meu julgamento.

– E nós somos? – perguntou ela. – Digo, amigos.

– Você é um pouco intensa demais para o meu gosto.

– É, eu percebi essa sua *vibe* de “gosto de coisas tranquilas”.

– Acho que você não é tão tranquila.

– De vez em quando eu durmo. Em qualquer outra situação, não sou mesmo.

– Acho que vou ter que me adaptar.

– Acho que vai.

– Eu trouxe as bebidas – disse Hanson, chegando por trás de Duvall.

– Ora, Jimmy – falou Duvall. – Isso faz de você meu novo favorito.

– Excelente – disse Hanson, estendendo a bebida para Duvall e sentando-se à mesa. – Então, qual é o assunto?

\* \* \*

Pouco antes de a nave de transporte atracar, duas outras pessoas chegaram à área de espera. Mais precisamente, cinco pessoas chegaram: dois membros da tripulação, acompanhados por três



membros da polícia militar. Duvall cutucou Dahl e Hanson, que olharam. Um dos tripulantes percebeu e ergueu uma sobrancelha.

– Sim, eu tenho uma comitiva – disse ele.

Duvall ignorou-o e dirigiu-se a uma policial.

– Qual é o histórico desse aí?

A policial apontou para o de sobrancelha erguida.

– Várias acusações, inclusive contrabando, venda de produtos contrabandeados e agressão a um oficial superior. – Em seguida, apontou para o outro tripulante, que estava em pé, emburrado, evitando olhar nos olhos de qualquer um ali. – Esse pobre coitado é amigo desse aí. Suspeito por associação.

– A acusação de agressão é forjada – disse o primeiro alferes. – O oficial estava doido pra caralho.

– Com as drogas que *você* deu para ele – disse o segundo tripulante, ainda sem olhar para ninguém.

– Ninguém pode provar que fui eu que dei drogas para ele... e, de qualquer forma, não eram drogas – disse o primeiro. – Eram fungos alienígenas. E não pode ter sido isso. O fungo faz as pessoas relaxarem, não atacam ninguém na sala para que esse alguém precise se defender.

– Você deu xeno-pseudoagárico, não foi? – perguntou Dahl.

O primeiro tripulante olhou para Dahl.

– Como eu já disse, ninguém pode provar que eu dei nada ao oficial – disse ele. – E talvez tenha sido.

– Xeno-pseudoagárico produz, sem dúvidas, um composto químico que tem efeito relaxante na maioria dos seres humanos – explicou Dahl. – Mas em um décimo de um por cento da população, tem o efeito contrário. Os receptores no cérebro são um pouco diferentes dos demais. E, dessas pessoas, cerca de um décimo de

um por cento vai ficar doida sob a influência do fungo. Parece que seu oficial é uma dessas.

– E quem é você, que sabe tanto sobre fungos alienígenas? – perguntou o tripulante.

– Alguém que também sabe que, não importa o que aconteça, você não vai subir na cadeia de comando – disse Dahl. O tripulante abriu um sorrisinho.

– Então, por que é que você não está preso? – perguntou Duvall.

O tripulante apontou para Dahl.

– Pergunte pro seu amigo, já que ele é tão esperto – respondeu. Duvall olhou para Dahl, que deu de ombros.

– O xeno-pseudoagárico não é ilegal – disse Dahl. – Só não é muito inteligente usar uma coisa assim. Precisa ter estudado xenobiologia ou ter um interesse em reguladores de humor alienígenas genéricos e tecnicamente legais, talvez com fins empreendedores.

– Ah, tá – disse Duvall.

– Se eu fosse arriscar – disse Dahl –, imaginaria que nosso amigo aqui...

– Finn – disse o tripulante, e acenou a cabeça para o outro. – E esse é o Hester.

– ... nosso amigo Finn tinha uma reputação em seu último destacamento por ser o cara das substâncias indetectáveis em um exame de urina.

Hester bufou.

– Também arrisco dizer que o oficial provavelmente não quer que saibam que usava drogas...

– Fungos – cortou Finn.

– ... de qualquer tipo, e que quando o xeno-pseudoagárico o deixou doidão, atacou, e o nosso Finn aqui estava tecnicamente se

defendendo quando revidou. Então, em vez de botar Finn na cadeia e cutucar um vespeiro, preferiu transferir o cara com discrição.

– Não confirmo nem nego essa interpretação dos eventos – declarou Finn.

– Então, por que os policiais? – perguntou Hanson.

– Estão aqui para garantir que a gente entre na *Intrepid* sem nenhum desvio – respondeu Hester. – Não querem que ele renove o estoque.

Finn revirou os olhos para a última frase.

Duvall olhou para Hester.

– Estou sentindo um ressentimento aqui.

Finalmente, Hester olhou nos olhos dela.

– Esse maldito escondeu o estoque dele no meu baú – falou para Duvall.

– E você não sabia? – perguntou Duvall.

– Ele me disse que eram só guloseimas e que se alguém da tripulação soubesse, fuçaria no baú dele para roubar.

– Fuçaria mesmo – disse Finn. – E, em minha defesa, estava tudo *cristalizado*.

– Também disse que eram para a mãe dele – retrucou Hester.

– É, bom – disse Finn. – Nessa parte eu *de fato* menti.

– Tentei explicar isso para o capitão e o oficial, mas eles não me ouviram – disse Hester. – Pelo que tinham visto, eu era cúmplice. Eu nem *gosto* dele.

– Então por que concordou em guardar as... guloseimas? – questionou Duvall. Hester murmurou alguma coisa inaudível e virou o rosto.

– Ele guardou porque fui legal com ele, e ele não tem amigos – revelou Finn.

– Então você tirou vantagem dele – disse Hanson.

– Eu não *desgosto* dele – disse Finn. – E não queria causar problemas. Ele *não deveria* ter entrado nessa fria. Nada no estoque era ilegal. Mas nosso oficial ficou doidão e tentou redefinir minha estrutura óssea.

– Você devia estudar melhor seu catálogo de produtos – comentou Dahl.

– Da próxima vez que eu pegar alguma coisa, passo por você antes – disse Finn, sarcástico. Em seguida, apontou para a janela, pela qual era possível ver a nave de transporte se aproximando do atracadouro. – Mas vamos ter que esperar. Parece que nossa carona chegou.

**2**

Os quatro novos tripulantes da *Intrepid* foram recebidos na nave por um oficial de baixa patente chamado Del Sol, que rapidamente os conduziu às suas estações. Dahl foi recebido pelo oficial de ciências chefe, Q'eeng.

– Senhor – disse Dahl, prestando continência.

– Alferes júnior Dahl – disse Q'eeng, retribuindo o cumprimento.

– É um prazer conhecê-lo. Nem sempre recebo os novatos do meu departamento dessa maneira, mas acabei de terminar meu expediente e pensei que poderia mostrar a estação a você. Tem algum item pessoal que precise guardar?

– Não, senhor – respondeu Dahl. O baú dele e o dos outros tinham ido para a inspeção de segurança da nave e seriam entregues nos respectivos alojamentos, cuja localização eles receberiam em seus telefones.

– Pelo que sei, o senhor passou muitos anos em Forshan e é fluente no idioma – disse Q'eeng. – Em todos os quatro dialetos.

– Sim, senhor – disse Dahl.

– Estudei um pouco da língua na Academia – disse Q'eeng, e em seguida, pigarreou. – *Aaachka faaachklalhach ghalall chkalalal*.

Dahl manteve o semblante neutro. Q'eeng havia tentado cumprimentá-lo da forma tradicional da cisma de direita no terceiro dialeto, dizendo "Eu lhe ofereço o pão da vida", mas a formulação e o sotaque transformaram a declaração em "Vamos violentar bolos juntos". Deixando de lado o fato de que seria bastante incomum para um membro da cisma de direita falar voluntariamente o terceiro dialeto – sendo o dialeto nativo do fundador da cisma de esquerda

e, portanto, evitado por tradição –, violentar bolos em grupo não era uma prática aceita em nenhum lugar de Forshan.

– *Aaachkla faaachklalhalu faadalalu chkalalal* – disse Dahl, dando a resposta tradicional de “Eu reparto o pão da vida com você” no terceiro dialeto.

– Pronunciei corretamente? – perguntou Q’eeng.

– O seu sotaque é muito incomum, senhor – respondeu Dahl.

– Verdade – disse Q’eeng. – Então talvez seja melhor eu deixar qualquer possível conversa em forshan para você.

– Sim, senhor – aquiesceu Dahl.

– Venha comigo, alferes – disse Q’eeng, e saiu a passos largos. Dahl correu para alcançá-lo.

Ao redor de Q’eeng, a *Intrepid* era uma colmeia de atividades; tripulantes e oficiais andavam com determinação pelos corredores, cada qual parecendo ter um lugar muito importante para ir. Q’eeng caminhava entre eles como se propagasse uma onda de choque; o caminho se abria magicamente para ele quando o homem se aproximava, e fechava-se quando ele passava.

– Parece o horário de pico aqui – disse Dahl, olhando ao redor.

– Você vai perceber que essa tripulação é muito eficiente – disse Q’eeng. – Como nave almirante da União Universal, a *Intrepid* escolhe bem sua equipe.

– Não tenho dúvidas, senhor – comentou Dahl, e olhou para trás. Os membros da tripulação atrás dele haviam reduzido consideravelmente a velocidade e encaravam Q’eeng e ele. Dahl não conseguia decifrar a expressão deles.

– Soube que você solicitou à Academia que fosse alocado à *Intrepid* – disse Q’eeng.

– Sim, senhor – confirmou Dahl, voltando a atenção ao oficial superior. – Seu departamento está fazendo um trabalho de ponta,

realmente. Algumas das coisas que vocês criam a bordo são tão diferentes que tivemos dificuldade em recriar na Academia.

– Espero que não esteja insinuando que estamos fazendo um trabalho negligente – falou Q’een, num tom desdenhoso e tenso.

– De jeito nenhum, senhor – disse Dahl. – Sua reputação como cientista é impecável. E sabemos que, no tipo de trabalho que seu departamento faz, as condições iniciais são significativas e difíceis de recriar.

Q’een pareceu relaxar com a declaração do alferes.

– O espaço é vasto – disse ele. – A missão da *Intrepid* é explorar. Muito da ciência que fazemos aqui é de primeira linha... identificar, descrever, levantar hipóteses iniciais. Depois, seguimos em frente, deixando que os outros sigam nosso trabalho.

– Sim, senhor – disse Dahl. – É essa ciência de primeira linha que me atrai. A exploração.

– Então – continuou Q’een –, o senhor se vê participando de missões de campo?

Bem diante deles, um membro da tripulação pareceu tropeçar nos próprios pés. Dahl o agarrou a tempo.

– Opa! – disse Dahl, erguendo o outro. – Cuidado com os pés.

O membro da tripulação afastou-se, seu “Obrigado” murmurado quase se dissipou quando ele se afastou às pressas.

– Ágil e educado – disse Dahl, sorrindo. Parou de sorrir em seguida, quando percebeu que Q’een, também parado, encarava-o de forma muito intensa. – Senhor.

– Missões de campo – repetiu Q’een. – O senhor se vê participando delas?

– Na Academia, diziam que eu era um rato de laboratório – disse Dahl. Q’een pareceu franzir o cenho. – Mas sei que a *Intrepid* é



uma nave de exploração. Estou ansioso para explorar um pouco também.

– Muito bem – disse Q’eng, e começou a caminhar de novo. – Ser um “rato de laboratório” é ótimo na Academia e pode ser ótimo em outras naves. Mas o motivo pelo qual a *Intrepid* fez tantas descobertas como as que lhe interessaram logo de início é a disposição da tripulação de ir a campo e botar a mão na massa. Peça que não se esqueça disso.

– Sim, senhor.

– Bom – disse Q’eng, e parou diante de uma porta com uma placa que dizia “xenobiologia”. Ele a abriu, mostrando o laboratório atrás dela, e entrou. Dahl o seguiu.

Estava vazio.

– Onde está todo mundo, senhor? – perguntou Dahl.

– A tripulação da *Intrepid* faz muitas consultas cruzadas com seus membros em outros departamentos, e sempre tem funções secundárias ou supranumerárias – respondeu Q’eng. – O senhor é supranumerário do departamento de linguística por sua facilidade com forshan, por exemplo. Então as pessoas nem sempre ficam presas às suas estações de trabalho.

– Entendi, senhor – disse Dahl.

– Mesmo assim – disse Q’eng, puxando o próprio telefone para fazer uma ligação. – Tenente Collins. O mais novo membro de seu departamento está no laboratório para se apresentar à senhora. – Uma pausa. – Ótimo. É só isso. – Q’eng desligou o telefone. – A tenente Collins logo estará aqui para recebê-lo.

– Obrigado, senhor – disse Dahl, prestando continência. Q’eng meneou a cabeça, prestou continência e partiu pelo corredor. Dahl foi até a porta e observou enquanto o oficial se afastava. A onda de

choque de Q'eeng o precedeu até ele dobrar o corredor e desaparecer de vista.

\* \* \*

– Ei – falou alguém atrás de Dahl. Ele se virou. Havia um membro da tripulação em pé, no meio do laboratório.

Dahl olhou para além da porta, onde Q'eeng havia virado, e depois para o novo membro da tripulação.

– Oi – disse Dahl. – Você não estava aí dois segundos atrás.

– É, isso acontece – respondeu o membro da tripulação, que foi até Dahl e estendeu a mão. – Jake Cassaway.

– Andy Dahl. – Dahl apertou a mão do outro. – E como exatamente isso *acontece*?

– Segredo comercial.

Uma porta foi aberta do outro lado do laboratório e outra tripulante entrou na sala por ela.

– Lá se vai o segredo comercial – comentou Cassaway.

– O que tem lá? – perguntou Dahl, apontando para a porta.

– É um depósito – disse Cassaway.

– Vocês estavam se escondendo no depósito? – perguntou Dahl.

– Não estávamos nos escondendo – disse a outra tripulante. – Estávamos fazendo o inventário.

– Andy Dahl, esta é Fiona Mbeke – disse Cassaway.

– Olá – cumprimentou Dahl.

– Você deveria nos agradecer por estarmos fazendo o inventário – comentou Mbeke. – Porque agora não vai precisar fazer isso por ser o novato.

– Bem, então obrigado.

– Mas ainda vamos mandar você buscar café – acrescentou ela.

– Não esperaria menos – admitiu Dahl.

– Ah, olhe, aí estão os outros – comentou Cassaway, meneando a cabeça para as duas pessoas que passavam pela porta do corredor.

Uma delas se aproximou imediatamente de Dahl. Ele viu a insígnia de tenente em seu ombro e prestou continência.

– Descansar – disse Collins, e mesmo assim respondeu à continência. – Só prestamos continência a torto e a direito quando Sua Majestade passa por aquela porta.

– Você quer dizer o comandante Q'eeng – disse Dahl.

– O nome dele é uma piada pronta – disse Collins. – A pronúncia do nome é "king", que significa rei.

– Sim, senhora – concordou Dahl.

– É um humor meio nerd – disse Collins.

– Eu entendi, senhora – afirmou Dahl, sorrindo.

– Ótimo. Porque a última coisa que precisamos é de outro babaca sem senso de humor por aqui. Pelo visto, já conheceu Cassaway e Mbeke.

– Sim, senhora.

– Como pode ver, eu sou sua chefe – disse ela, e em seguida apontou para o outro tripulante. – E esse é Ben Trin, que é o vice do laboratório. – Trin aproximou-se e apertou a mão de Dahl. – E essa é a nossa equipe.

– Falta o Jenkins – disse Mbeke.

– Bem, ele não verá o Jenkins – retrucou Collins.

– Talvez veja – Mbeke arriscou.

– Quando foi que você viu o Jenkins pela última vez? – Trin perguntou a Mbeke.

– Achei que tinha visto uma vez, mas no fim das contas era um ieti – comentou Cassaway.

– Chega de falar do Jenkins – interrompeu Collins.

– Quem é Jenkins? – perguntou Dahl.

– Ele está fazendo um projeto independente – respondeu Collins.  
– Muito intenso. Deixe pra lá, você nunca vai ver Jenkins mesmo. Mas então... – Ela estendeu a mão para uma das mesas do laboratório, pegou um tablet e o ligou. – Você veio para cá com uma ótima pontuação da Academia, senhor Dahl.

– Obrigado, senhora. – disse Dahl.

– Flaviu Antonescu ainda está à frente do departamento de xenobiologia? – perguntou Collins.

– Está, senhora.

– Por favor, pare de botar “senhora” em toda frase, Dahl. Fica parecendo que você tem cacoete vocal.

Dahl sorriu de novo.

– Tudo bem.

Collins assentiu e voltou a olhar para o tablet.

– Estou surpresa por Flaviu ter recomendado você para a *Intrepid*.

– No início, ele se recusou – explicou Dahl, lembrando a discussão com o chefe de seu departamento na Academia. – Queria que eu assumisse um posto em um centro de pesquisa na Europa.

– Por que não aceitou? – perguntou Collins.

– Queria ver o universo, não ficar em um túnel de gelo de sessenta quilômetros olhando micróbios europeus.

– Você tem alguma coisa contra micróbios europeus? – perguntou Collins.

– Tenho certeza de que são micróbios muito legais – respondeu Dahl. – Merecem alguém que realmente queira estudar sua espécie.

– Você deve ter sido bem insistente para convencer Flaviu – disse Collins.

– Minha pontuação foi alta o bastante para que chamasse a atenção do comandante Q’eeng – disse Dahl. – E, por sorte, abriu

uma vaga aqui.

– Não foi sorte – disse Mbeke.

– Foi um tubarão de gelo longraniano – completou Cassaway.

– Que é o contrário de sorte – continuou Mbeke.

– Um o quê? – quis saber Dahl.

– O membro da tripulação que você está substituindo era Sid Black – respondeu Trin. – Fez parte de uma equipe de campo em Logran Sete, um planeta de gelo. Enquanto exploravam uma cidade de gelo abandonada, a equipe de campo foi atacada por tubarões de gelo. Levaram Sid. Nunca mais foi visto.

– Uma perna foi – disse Mbeke. – A metade inferior, ao menos.

– Quieta, Fiona – disse Collins, irritada. Ela abaixou o tablet e olhou para Dahl. – Você conheceu o comandante Q'eeng – disse ela.

– Conheci.

– Ele falou com você sobre as missões de campo? – perguntou Collins.

– Falou. Ele me perguntou se eu tinha interesse nelas.

– E o que você respondeu?

– Disse que em geral eu fazia trabalhos laboratoriais, mas achei que poderia participar de missões de campo também – respondeu Dahl. – Por quê?

– Ele está no radar do Q'eeng agora – falou Trin para Collins.

Dahl olhou para Trin e depois para Collins.

– Tem alguma coisa que eu não esteja entendendo, senhora? – perguntou ele.

– Não – respondeu Collins, olhando para Trin. – Só prefiro ter a opção de eu mesma doutrinar minha equipe antes de Q'eeng pôr as mãos nela. É isso.

– Existe alguma divergência filosófica entre vocês? – perguntou Dahl.

– Nada importante – disse Collins. – Não se preocupe com isso. Agora, vamos começar do começo. – Ela apontou para o canto. – Você fica com aquela estação de trabalho. Ben vai providenciar um tablet e lhe dar orientações, e Jake e Fiona vão atualizar você em tudo o mais que quiser saber. É só pedir. Como você é o novato, também fica a cargo do café.

– Já tinham me dito isso – comentou Dahl.

– Ótimo – disse Collins. – Porque eu adoraria uma xícara agora mesmo. Ben, acomode o recruta.

\* \* \*

– Então, perguntaram a vocês sobre as equipes de campo? – perguntou Duvall, quando levou a bandeja da cantina até a mesa onde Dahl e Hanson já estavam sentados.

– Perguntaram – respondeu Hanson.

– Pra mim também – concordou Dahl.

– É impressão minha ou todo mundo nessa nave parece meio arredio com elas? – perguntou Duvall.

– Dê um exemplo – pediu Dahl.

– Cinco minutos depois de eu assumir meu posto novo, ouvi três histórias diferentes de tripulantes batendo as botas em uma missão de campo. Morte por queda de rocha. Morte por atmosfera tóxica. Morte por vaporização com arma de pulso eletromagnético.

– Morte por defeito na porta da nave de transporte – disse Hanson.

– Morte por tubarão de gelo – disse Dahl.

– Morte *pelo quê?* – questionou Duvall, piscando. – O que diabos é um tubarão de gelo?

– Pois é – disse Dahl. – Eu não tinha ideia de que isso existia.

– É um tubarão *feito* de gelo? – perguntou Hanson. – Ou um tubarão que *vive* no gelo?

– Não me explicaram na hora – respondeu Dahl, espetando um pedaço de carne da bandeja.

– Acho que você devia ter duvidado dessa história de tubarão de gelo – disse Duvall.

– Mesmo que os detalhes sejam superficiais, tudo se encaixa na sua primeira hipótese – prosseguiu Dahl. – As pessoas aqui não param de pensar nas missões de campo.

– É porque alguém sempre morre nelas – disse Hanson.

Duvall arqueou a sobrancelha.

– Por que diz isso, Jimmy?

– Bem, estamos todos substituindo ex-membros da tripulação – respondeu Hanson e, em seguida, apontou para Duvall. – O que aconteceu com a pessoa que você está substituindo? Foi transferida?

– Não – disse Duvall. – Foi o cara da morte por evaporação.

– O meu foi sugado para fora da nave de transporte – disse Hanson. – E o do Andy foi comido por um tubarão. Talvez. Precisamos concordar que tem alguma coisa errada acontecendo aqui. Aposto que se encontrássemos Finn e Hester, eles nos diriam a mesma coisa.

– Falando no diabo – disse Dahl, apontando com o garfo. Hanson e Duvall olharam para onde ele apontou e viram Hester em pé, no fim da fila da cantina, bandeja na mão, olhando ao redor do refeitório com uma expressão triste.

– Ele não é a pessoa mais alegre do mundo, né? – disse Duvall.

– Ah, ele está bem – disse Hanson, que em seguida o chamou. Ao ouvir seu nome, Hester teve um leve sobressalto, pareceu considerar se devia ou não se juntar aos três e depois pareceu ceder, indo até eles e se sentando. Começou a mexer na comida.

– Então – disse, finalmente, Duvall a Hester. – Como foi seu dia?  
Hester deu de ombros e mexeu mais um pouco na comida.  
Depois, fez uma careta, abaixou o garfo e olhou ao redor da mesa.  
– O que foi? – perguntou Duvall.  
– Sou só eu – disse Hester – ou todo mundo nessa nave tem a  
cabeça *completamente fodida* por missões de campo?



**3**

Dahl estava em sua estação de trabalho, classificando esporos de Theta Orionis XII, quando o tablet de trabalho de Ben Trin apitou. Trin olhou para o aparelho e disse:

– Vou pegar um pouco de café. – E partiu porta afora.

*O que há de errado com o meu café?*, perguntou-se Dahl, prosseguindo com o trabalho. Durante a semana em que chegara à *Intrepid*, Dahl foi, conforme prometido, incumbido do papel de garoto do café. Consistia em manter a jarra de café do depósito cheia e buscar café para os colegas de laboratório sempre que eles balançassem as canecas. Não eram insolentes, pegavam o próprio café mais vezes do que pediam, mas gostavam de exercer seus privilégios sobre o garoto do café de vez em quando.

Isso lembrou a Dahl de que ele precisava verificar a situação da jarra de café. Cassaway fora o último a pegar uma xícara; Dahl ergueu os olhos para perguntar a ele se era hora de fazer outra jarra.

Mas estava sozinho no laboratório.

– Que porra é essa? – perguntou-se Dahl.

A porta do corredor deslizou e Q'eeng e o capitão Abernathy entraram.

Dahl levantou-se e os cumprimentou com uma continência, dizendo:

– Capitão, comandante.

Q'eeng olhou ao redor do laboratório.

– Onde estão seus colegas, alferes Dahl? – perguntou.

– Fazendo alguns serviços por aí – disse Dahl, um segundo depois.

– Ele serve – disse Abernathy, que seguiu determinado na direção de Dahl. Estendeu um pequeno frasco. – Você sabe o que é isso?

*Um frasco pequeno*, pensou Dahl, mas não disse nada.

– Uma amostra xenobiológica – disse ele, em vez disso.

– Muito bem – disse Abernathy, e entregou-o para Dahl. – Como sabe, alferes, atualmente estamos sobre o planeta Meróvia, um planeta repleto de maravilhas artísticas, mas cujo povo é supersticioso e avesso a práticas médicas de qualquer espécie. – Ele fez uma pausa, como se esperasse reconhecimento.

– Claro, senhor – disse Dahl, respondendo o que ele torcia que fosse o esperado.

– Infelizmente, também estão enfrentando uma praga global que está dizimando a população – continuou Q'eeng. – A União Universal está preocupada de que o dano causado pela praga extermine a civilização inteira, lançando o planeta em uma nova era de trevas da qual nunca irá se recuperar.

– O governo de Meróvia recusou toda a ajuda médica da União Universal – comentou Abernathy. – Então, a *Intrepid* foi designada secretamente para coletar amostras da praga e criar um contrabacteriano que pudéssemos lançar na natureza, acabando com a tal praga.

*Contrabacteriano?*, pensou Dahl. *Não querem dizer uma vacina?* Mas antes que pudesse pedir uma explicação, Q'eeng voltou a falar.

– Enviamos uma missão de campo secreta com dois homens para coletar amostras, mas eles se infectaram – disse Q'eeng. – A praga meroviana já deu cabo da vida da alferes Lee.

– A praga maldita liquefez a carne dela até chegar aos ossos – disse Abernathy, com raiva.

– O outro membro infectado da tripulação da *Intrepid* é o tenente Kerensky – comentou Q'eeng. Com isso, Abernathy e Q'eeng

olharam com firmeza para Dahl, como que para enfatizar o horror pleno e abjeto por esse tenente Kerensky ter sido infectado.

– Ah, não – arriscou Dahl. – o Kerensky, não.

Abernathy assentiu.

– Então você entende a importância desse pequeno frasco que tem nas mãos. Use isso para descobrir o contrabacteriano. Se conseguir, salvará Kerensky.

– E os merovianos também – disse Dahl.

– Sim, eles também – disse Abernathy. – Você tem seis horas.

Dahl piscou, incrédulo.

– Seis horas?

Abernathy irritou-se com a pergunta.

– Algum problema, alferes? – perguntou ele.

– Não é muito tempo – respondeu Dahl.

– Mas que droga! – exclamou Abernathy. – Estamos falando de *Kerensky*! Se Deus conseguiu fazer o universo em seis dias, com certeza você consegue fazer um contrabacteriano em seis horas.

– Vou tentar, senhor – disse Dahl.

– Tentar não basta – falou Abernathy, dando um tapinha firme no ombro de Dahl. – Preciso ouvir você dizer que *vai* fazer. – Ele sacudiu o ombro de Dahl com vigor.

– Vou fazer – disse Dahl.

– Obrigado, alferes Dill – agradeceu Abernathy.

– Dahl, senhor.

– Dahl – repetiu Abernathy. Depois, olhou para Q'eeng, esquecendo-se de Dahl tão rápido que era como se um botão tivesse sido apertado. – Vamos, Q'eeng. Precisamos fazer uma ligação de hiperonda para o almirante Drezner. Está quase na hora.

Abernathy saiu a passos largos para o corredor, determinado. Q'eeng o seguiu, assentindo para Dahl distraidamente no processo.

Dahl ficou parado por um momento com o frasco na mão.

– Vou falar mais uma vez – disse ele, de novo, para si mesmo. – Que porra é essa?

\* \* \*

A porta do depósito se abriu. Cassaway e Mbeke passaram por ela.

– O que eles queriam? – perguntou Cassaway.

– Vocês estavam fazendo o inventário de novo? – perguntou Dahl, zombando.

– A gente não fica regulando o que você está fazendo – disse Mbeke.

– Mas, e aí, o que eles queriam? – perguntou Collins, quando chegou de repente pela porta de fora, seguida de Trin com uma xícara de café na mão.

Dahl pensou em gritar com todos eles, mas parou e voltou a se concentrar. Ergueu o frasco.

– Tenho de encontrar um contrabacteriano para isso.

– Contrabacteriano? – perguntou Trin. – Você quer dizer uma vacina?

– Só estou repetindo o que me falaram – explicou Dahl. – E me deram seis horas.

– Seis horas – repetiu Trin, olhando para Collins.

– Isso mesmo. E isso, mesmo que eu soubesse o que é um “contrabacteriano”, não seria o suficiente. Leva semanas para fazer uma vacina.

– Dahl, me diga uma coisa – disse Collins. – Quando Q’eeng e Abernathy estiveram aqui, como falaram com você?

– Como assim? – perguntou Dahl.

– Entraram e disseram bem rápido o que precisavam? – Collins devolveu a pergunta. – Ou falaram um monte de bobagens que você não precisava saber?

– Divagaram um pouco, sim – disse Dahl.

– O capitão estava sendo particularmente dramático? – perguntou Cassaway.

– O que você quer dizer com “particularmente dramático” nesse contexto? – quis saber Dahl.

– Tipo assim – interveio Mbeke, agarrando os ombros de Dahl e sacudindo-os. – Mas que droga! Não existe *tentar!* Apenas *fazer!*

Dahl abaixou o frasco para que não voasse acidentalmente da mão trêmula.

– Falou quase exatamente essas palavras – disse a Mbeke.

– Bem, são as palavras favoritas dele – comentou Mbeke, soltando-o.

– Não estou entendendo o que isso tudo significa – disse Dahl, olhando para os colegas de laboratório.

– Mais uma pergunta – disse Collins, ignorando o comentário de Dahl. – Quando disseram que você precisava encontrar esse contrabacteriano em seis horas, deram um motivo?

– Sim – disse Dahl. – Disseram que era o tempo que tinham para salvar um tenente.

– Que tenente? – perguntou Collins.

– Isso importa?

– Responda à pergunta, alferes – disse Collins, usando a patente de Dahl pela primeira vez em uma semana.

– Um tenente chamado Kerensky – respondeu.

Houve uma pausa à menção do nome.

– Aquele *pobre coitado* – disse Mbeke. – Ele sempre se fode, né? Cassaway bufou.

– E sempre *se recupera* – disse, e em seguida olhou para Dahl. – E mais uma pessoa morreu, né?

– Uma alferes chamada Lee se liquefez – disse Dahl.

– Viu? – disse Cassaway a Mbeke.

– Alguém precisa me dizer o que está acontecendo – disse Dahl.

– Hora de abrir a Caixa – disse Trin, dando mais um gole no café.

– Certo – disse Collins, meneando a cabeça para Cassaway. – Vá buscar, Jake.

Cassaway revirou os olhos e foi para o depósito.

– Alguém pode me dizer ao menos quem é o tenente Kerensky? – pediu Dahl.

– É parte da tripulação da ponte de comando – disse Trin. – Tecnicamente, é um astrogador.

– O capitão e Q'eeng disseram que ele estava participando de uma equipe de campo, coletando amostras biológicas – disse Dahl.

– Ah, mas é claro que estava – disse Trin.

– Por que mandariam um astrogador fazer isso? – perguntou Dahl.

– Agora você sabe por que eu disse “tecnicamente” – respondeu Trin, e deu outro gole no café.

A porta do depósito deslizou e Cassaway surgiu com um dispositivo pequeno em formato de caixa nas mãos. Foi até a placa de livre indução mais próxima. O aparelho ligou.

– O que é isso? – perguntou Dahl.

– É a Caixa – respondeu Cassaway.

– Não tem um nome formal?

– É provável que tenha.

Dahl foi até o objeto e o examinou, abrindo-o e olhando dentro dele.

– Parece um forno de micro-ondas.

– Mas não é – disse Collins, pegando o frasco e levando-o a Dahl.

– O que é, então? – perguntou Dahl, olhando para Collins.

– É a Caixa – respondeu Collins.

– Só isso? “A Caixa”?

– Se você vai se sentir melhor pensando que é um computador quântico experimental com inteligência artificial indutiva avançada, cujo projeto chegou até nós por uma raça avançada, mas extinta, de engenheiros-guerreiros, fique à vontade – respondeu Collins.

– Mas ela é tudo isso? – perguntou Dahl.

– Claro – disse Collins, e entregou o frasco a Dahl. – Ponha na Caixa.

Dahl olhou para o frasco e o pegou.

– Não quer que eu prepare a amostra? – perguntou ele.

– Em geral, pediria que sim – disse Collins. – Mas essa é a Caixa, então é só botar lá dentro mesmo.

Dahl inseriu o frasco na Caixa, colocando-o no centro do disco de cerâmica na superfície inferior do espaço interno. Fechou a porta da Caixa e olhou para o painel de instrumentos do lado de fora, que continha três botões: um verde, um vermelho e um branco.

– O botão verde liga – disse Collins. – O botão vermelho desliga. O botão branco abre a porta.

– Deveria ser um pouco mais complicado do que isso – disse Dahl.

– Normalmente é – concordou Collins. – Mas essa é...

– Essa é a Caixa – disse Dahl. – Já entendi.

– Então inicie – ordenou Collins.

Dahl apertou o botão verde. A Caixa ligou, emitindo um zumbido. Uma luz acendeu na lateral. Dahl olhou lá dentro e viu o frasco girando com o prato, que rodava por um dispositivo de carrossel.



- Só pode ser brincadeira – disse Dahl para si mesmo. Ele olhou para Collins de novo. – E agora, o que a gente faz?
- Você disse que Abernathy e Q'eeng lhe deram seis horas.
- Isso – disse Dahl.
- Então, em cerca de cinco horas e meia, a Caixa vai informar que achou uma solução – concluiu.
- Como ela avisa que acabou? – perguntou Dahl.
- Ela vai fazer “pim!” – respondeu Collins, e se afastou.

\* \* \*

Mais ou menos cinco horas e meia depois, houve um “pim!” curto e baixinho. O zumbido que emanava do dispositivo giratório da Caixa parou e a luz apagou.

– E agora? – perguntou Dahl para ninguém em específico, encarando a Caixa.

– Veja seu tablet – disse Trin, sem tirar os olhos do trabalho que fazia. Era o único além de Dahl que ainda estava no laboratório.

Dahl pegou o tablet e ligou a tela, que mostrou uma imagem giratória de uma molécula orgânica complexa e, ao lado, uma longa coluna de dados com uma barra de rolagem. Dahl tentou lê-los.

– Está mostrando um monte de coisas malucas – disse, depois de um minuto. – Colunas intermináveis de maluquice.

– Não tem problema – disse Trin, que deixou o próprio trabalho de lado e foi até Dahl. – Ouça com atenção o que deve fazer agora: primeiro, leve seu tablet até a ponte de comando, onde Q'eeng está.

– Por quê? – questionou Dahl. – Eu posso só mandar os dados para ele por e-mail.

Trin negou com a cabeça.

– Não é assim que funciona.

– Por q... – Dahl começou a falar, mas Trin ergueu a mão.

– Cale a boca por um minuto e me escute, ok? Sei que não faz sentido, que é idiota, mas é assim que tem que ser feito. Leve seu tablet até Q'eeng e mostre os dados. Enquanto ele estiver olhando para a tela, você diz: "Tentamos ao máximo, mas a capa proteica está dificultando as coisas". Em seguida, aponte para qualquer dado que estiver aparecendo no momento.

– Capa proteica? – perguntou Dahl.

– Não precisa ser capa proteica – disse Trin. – Pode dizer qualquer coisa que quiser. Erros de transcrição enzimática. Replicação de RNA bugada. Eu prefiro ir de capa proteica porque é mais fácil de falar. A questão é que você precisa dizer que está tudo quase perfeito, mas uma coisa ainda precisa ser feita. E é aí que você aponta para os dados.

– E depois? – perguntou Dahl.

– Isso vai ser um pretexto para Q'eeng franzir a testa, encarar os dados por um minuto e dizer que você deixou passar uma coisa básica, que ele vai resolver – disse Trin. – Nesse momento, você tem a opção de dizer algo como "Claro!" ou "Que incrível!" ou, se realmente quiser puxar o saco do cara, "Nunca teríamos resolvido isso sozinhos, nem em um milhão de anos, comandante Q'eeng". Ele gosta disso. Não admite que gosta, mas gosta.

Dahl abriu a boca, mas Trin ergueu a mão novamente.

– Ou você pode fazer o que nós todos fazemos, que é sair correndo da ponte de comando o mais rápido possível – disse Trin. – Mostre os dados, aponte um erro, deixe que ele resolva, pegue o tablet de volta e saia de lá. Não chame a atenção para si. Não diga ou faça nada inteligente. Apareça, faça seu trabalho e *vaze*. É a coisa mais inteligente que pode fazer. – Trin voltou para perto de onde estava trabalhando.

– Nada disso faz o menor sentido, nenhum mesmo – disse Dahl.

– É, não faz mesmo – concordou Trin. – Eu disse que não faria.  
– Algum de vocês vai se dar ao trabalho de me explicar? – perguntou Dahl.

– Talvez, algum dia – disse Trin, sentando-se em sua estação de trabalho. – Mas não agora. Agora você precisa correr para levar os dados até a ponte e mostrar para Q'eeng. Suas seis horas estão se esgotando. Depressa.

\* \* \*

Dahl passou com tudo pela porta do laboratório de xenobiologia e trombou imediatamente com alguém, levando um tombo e deixando o tablet cair. Ele se levantou rapidamente e olhou ao redor, procurando o tablet. Estava na mão da pessoa com quem havia trombado: Finn.

– Ninguém deveria andar por aí com tanta pressa – disse Finn.

Dahl arrancou o tablet da mão do outro.

– Você não tem alguém prestes a se liquefazer se não chegar à ponte de comando em dez minutos – retrucou Dahl, retomando seu caminho.

– Nossa, que dramático – disse Finn, acertando o passo com o de Dahl.

– Você não tem lugar nenhum para ir agora?

– Tenho – respondeu Finn. – Para a ponte. Vou entregar um documento do meu chefe para o capitão Abernathy.

– Ninguém manda mensagens nesta nave? – perguntou Dahl.

– Aqui na *Intrepid* eles gostam de dar um toque pessoal.

– Acha que é isso mesmo? – questionou Dahl. Ele costurava seu caminho por entre um punhado de tripulantes.

– Por que a pergunta?

Dahl deu de ombros.

– Nada demais.

– Gosto dessa nave – disse Finn. – É meu sexto posto. Em todas as outras em que estive, os oficiais eram bem rigorosos com procedimentos e protocolos. Aqui é tão tranquilo, é como estar em um cruzeiro. Caramba, meu chefe foge do capitão em todas as oportunidades possíveis.

Dahl parou de repente, forçando Finn a se esquivar para não trombar com ele uma segunda vez.

– Ele foge do capitão?

– É como se ele fosse paranormal – disse Finn. – Em um momento, está contando a história sobre uma noitada com uma gordusiana ambissexual, e no segundo seguinte, já saiu para pegar café. Assim que ele sai da sala, o capitão aparece.

– Você está falando sério? – perguntou Dahl.

– Por que acha que estou entregando mensagens?

Dahl sacudiu a cabeça e partiu em disparada novamente. Finn o seguiu.

A ponte de comando era elegante e bem equipada, e, para Dahl, lembrava o saguão de um dos arranha-céus mais bonitos em que já estivera.

– Alferes Dahl – disse o oficial-chefe de ciências Q'eeng, vendo-o de sua estação de trabalho. – Vejo que gosta de completar suas missões em cima da hora.

– Trabalhamos o mais rápido possível – disse Dahl. Foi até Q'eeng e mostrou o tablet com os dados rolando e a molécula girando. Q'eeng pegou e examinou o dispositivo em silêncio. Depois de um minuto, ergueu os olhos para Dahl e pigarreou.

– Desculpe, senhor – disse Dahl, lembrando-se de sua deixa. – Chegamos a noventa e nove por cento da solução, mas tivemos um

problema. Com, hum, a capa proteica. – Depois de um segundo, apontou a tela para os textos incompreensíveis que rolavam.

– O seu laboratório sempre tem problemas com a capa proteica, não é? – murmurou Q'eeng, estudando novamente a tela.

– Sim, senhor – disse Dahl.

– Da próxima vez, lembre-se de examinar com mais atenção a relação entre as ligações de peptídeos – disse Q'eeng, e digitou na tela do tablet. – Vai descobrir que a solução para o problema está bem debaixo do seu nariz. – Ele virou o tablet na direção de Dahl. A molécula giratória parou de girar e vários de suas ligações agora estavam realçadas em vermelho piscante. Nada mais havia mudado na molécula.

– Isso é incrível, senhor – disse Dahl. – Não sei como não nos demos conta.

– Sim, sim – disse Q'eeng, que em seguida tocou novamente na tela. Os dados voaram do tablet de Dahl para a tela da estação de trabalho de Q'eeng. – Felizmente, talvez ainda haja tempo o bastante para mandar essa solução melhorada para o sintetizador de matéria e salvar Kerensky. – Q'eeng estendeu o tablet de volta para Dahl. – Obrigado, alferes, isso é tudo.

Dahl abriu a boca com a intenção de dizer mais alguma coisa. Q'eeng ergueu os olhos para ele, confuso. Em seguida, a imagem de Trin brotou no cérebro de Dahl.

*Apareça, faça seu trabalho e vaze. É a coisa mais inteligente que pode fazer.*

Então, Dahl aquiesceu e vazou.

Finn alcançou-o diante da ponte um segundo depois.

– Bem, isso foi uma perda total do meu tempo – disse Finn. – Gosto disso.

– Tem alguma coisa muito errada acontecendo nessa nave – disse Dahl.

– Confie em mim, não tem merda nenhuma errada com essa nave – disse Finn. – É o seu primeiro posto. Você ainda não tem perspectiva. acredite em um velho profissional. Melhor impossível.

– Não sei se você é confiável... – disse Dahl e, em seguida, parou quando uma aparição peluda surgiu diante dele e de Finn. Ela olhou para os dois com ódio e em seguida bateu o dedo no peito de Dahl.

– Você – disse a aparição, batendo o dedo mais fundo. – Você tem sorte de estar aqui. Não sabe como é sortudo. Preste atenção, Dahl. *Fique longe da ponte de comando.* Evite a Narrativa. Da próxima vez, vai ser sugado, sem dúvida. E daí, é o fim da linha pra você. – Depois, olhou para Finn. – E você também, vagabundo. Você é bucha de canhão, sem dúvida.

– Quem é você e que remédios está esquecendo de tomar? – perguntou Finn.

A aparição olhou para Finn com desprezo.

– Não vou poder alertar vocês de novo. Ou me ouvem, ou não. Mas se não ouvirem, vão morrer. E aí, como vão estar? Mortos, vão estar mortos. Agora só depende de vocês. – Em seguida, saiu pisando duro e deu uma virada brusca para dentro de um túnel de carga.

– Que porra foi aquela? – perguntou Finn. – Um ieti?

Dahl olhou para Finn, mas não respondeu. Disparou pelo corredor e abriu num tapa o painel de acesso ao túnel de carga.

O corredor estava vazio.

Finn finalmente alcançou Dahl.

– Refresque minha memória: o que você estava dizendo sobre este lugar? – perguntou ele.

– Tem alguma coisa muito errada acontecendo nessa nave –  
repetiu Dahl.

– É – disse Finn. – Acho que talvez você tenha razão.

**4**



– Vamos! Estamos quase nas naves de transporte! – gritou o tenente Kerensky, e Dahl pôde, por um instante maluco e risível, pensar em como a aparência de Kerensky estava *boa*, considerando que ele fora vítima tão recente de uma praga. Então ele, Hester e todos os outros da equipe de campo correram loucamente pelo corredor da estação espacial, tentando escapar da morte mecanizada atrás deles.

A estação espacial não era da União Universal; era uma estação comercial independente que podia ou não ter sido licenciada de forma estrita e legal, mas que de qualquer forma enviara um sinal de emergência aberto e contínuo por hiperonda com um segundo sinal codificado escondido dentro dele. A *Intrepid* respondeu ao primeiro, enviando duas naves de transporte com equipes de campo à estação. As naves decodificaram o sinal oculto enquanto as equipes de campo estavam na estação espacial.

A mensagem dizia: *Fiquem longe – as máquinas estão descontroladas.*

A equipe de campo de Dahl descobriu esse fato antes de a mensagem ter sido decodificada, quando uma das máquinas triturou a tripulante Lopez até virar adubo. Os gritos distantes nos corredores sugeriram que a segunda equipe também estava no processo doloroso de descoberta.

A segunda equipe de campo incluía Finn, Hanson e Duvall.

– Que tipo de babaca codifica uma mensagem sobre *máquinas assassinas*? – gritou Hester. Estava na retaguarda de seu grupo em fuga. Os baques surdos, distantes e vibrantes sugeriam que uma das

máquinas (e uma das grandes) estava atrás e bem perto deles naquele momento.

– Quietos – disse Dahl. Sabiam que as máquinas podiam vê-los; era de se esperar que pudessem ouvi-los também. Dahl, Hester e os outros dois tripulantes remanescentes da equipe se agacharam e esperaram Kerensky dizer aonde ir em seguida.

Kerensky consultou seu telefone.

– Dahl – disse ele, apontando para a frente. Dahl esgueirou-se até o tenente, que lhe mostrou um mapa na tela do telefone. – Estamos aqui – comentou, apontando para um corredor. – O atracadouro de naves de transporte está aqui. Vejo duas rotas até lá, uma pelo centro de engenharia da estação e outra pelo refeitório.

*Menos conversa, mais decisões, por favor,* pensou Dahl e assentiu.

– Acho que teremos uma chance melhor se nos dividirmos – disse Kerensky. – Dessa forma, se as máquinas pegarem um grupo, o outro ainda pode conseguir chegar às naves. Você está habilitado a pilotar uma dessas?

– Hester está – Dahl se ouviu dizer e, em seguida, perguntou-se como sabia daquilo. Não lembrava de saber.

Kerensky assentiu.

– Então você atravessa o refeitório com ele e o tripulante McGregor. Vou com Williams pela Engenharia. A gente se encontra na nave de transporte, espera a equipe de campo do tenente Fischer, se der, e saímos desse inferno.

– Sim, senhor – confirmou Dahl.

– Boa sorte – disse Kerensky, e acenou para Williams segui-lo.

*Ele não parece nem um pouco liquefeito,* pensou Dahl de novo, e voltou até onde estava Hester e McGregor.

– Ele quer que a gente se divida, e nós três vamos até o atracadouro pelo refeitório – disse Dahl para os dois, enquanto Kerensky e Williams escapavam pelo corredor na direção da Engenharia.

– O quê? – perguntou McGregor, visivelmente irritado. – Nem fodendo. Não quero ir com vocês. Quero ir com Kerensky.

– Essas são as ordens – disse Dahl.

– Foda-se – disse McGregor. – Você não entendeu nada, né? Kerensky é intocável. Você não. Você é só um alferes. Estamos em uma estação espacial cheia de robôs assassinos do caralho. Você acha mesmo que *you* vai sair daqui vivo?

– Fique calmo, McGregor – disse Dahl, erguendo as mãos. Embaixo dos pés, o assoalho vibrou. – Estamos perdendo tempo.

– Não! – disse McGregor. – Você *não está entendendo!* Lopez já morreu diante de Kerensky! Ela foi o sacrifício! Agora, qualquer um com Kerensky estará a salvo!

Ele se ergueu num pulo para correr atrás de Kerensky, entrando no corredor bem quando a máquina assassina que os seguia virou na passagem. McGregor viu a máquina e só teve tempo de fazer um “O” de surpresa com a boca antes de o arpão arremessado pela máquina o atravessar, perfurando seu fígado.

Houve uma pausa infinitesimal, na qual as cartas foram postas à mesa: Dahl e Hester agachados na lateral do corredor, a máquina assassina na esquina, McGregor empalado por um arpão no meio, gotejando.

McGregor virou a cabeça na direção de Dahl, que estava horrorizado.

– Viu? – disse ele entre uma golfada de sangue. Em seguida, houve um tranco, e McGregor voou na direção da máquina assassina, que já estava girando as lâminas fatiadoras.

Dahl gritou o nome de McGregor, levantou, sacou a arma de pulso eletromagnético e disparou no meio da névoa grossa e vermelha onde ele sabia que a máquina assassina estava. O raio de pulso rebateu inutilmente na superfície da máquina. Hester berrou e arrastou Dahl pelo corredor para longe da máquina, que já estava preparando de novo o arpão. Viraram em uma esquina e partiram em disparada por outro corredor, que levava ao refeitório. Atravessaram as portas e as fecharam em seguida.

– Essas portas não vão segurar aquela coisa lá fora – disse Hester, sem fôlego.

Dahl examinou a entrada.

– Tem outras portas por aqui – disse. – Portas corta-fogo ou escotilha de pressurização, talvez. Procure um painel.

– Encontrei – disse Hester. – Se afaste.

Ele apertou um botão vermelho grande. Fez-se um guincho e um chiado. Portas pesadas começaram a fechar lentamente e depois pararam, fechando o lugar pela metade.

– Que merda! – disse Hester.

Do outro lado do vidro das portas já fechadas, a máquina assassina apareceu.

– Tenho uma ideia – disse Dahl.

– Envolve correr? – perguntou Hester.

– Saia de perto do painel – disse Dahl. Hester afastou-se, franzindo a testa. Dahl ergueu a arma de pulso e atirou no painel da porta ao mesmo tempo que o arpão da máquina perfurou a porta externa fechada e a arrancou do caminho. O painel explodiu em uma chuva de faíscas, e as pesadas portas corta-fogo moveram-se, fechando com um estrondo vibrante.

– Atirar no painel? – perguntou Hester, incrédulo. – Essa foi sua grande ideia?

– Tive um pressentimento – disse Dahl, guardando a arma de pulso.

– Que a estação espacial tinha uma fiação aleatória? – disse Hester. – Que este lugar inteiro é uma porra de uma violação de regulamentos?

– As máquinas assassinas já meio que entregaram essa parte – disse Dahl

Houve um *bang* violento quando o arpão bateu mais uma vez na porta corta-fogo.

– Se aquela porta foi feita como o restante deste lugar, não vai demorar até aquela coisa estar aqui dentro – disse Hester.

– Não vamos ficar aqui mesmo – disse Dahl, que tirou seu telefone para ver o mapa da estação. – Venha. Tem uma porta na cozinha que vai nos deixar mais próximos do atracadouro. Se tivermos sorte, não vamos trombar em mais nada até chegarmos lá.

\* \* \*

Dois corredores antes do atracadouro das naves, Dahl e Hester trombaram no que restava do grupo do tenente Fischer: o próprio Fischer, além de Duvall, Hanson e Finn.

– Bem, parece que somos a galera sortuda – falou Finn, vendo Dahl e Hester. As palavras eram sarcásticas, mas o tom de Finn sugeria que ele estava prestes a perder a cabeça. Hanson pousou a mão em seu ombro.

– Onde está Kerensky e o restante de sua equipe? – Fischer perguntou a Dahl.

– Nós nos dividimos – respondeu Dahl. – Pelo que sei, Kerensky e Williams estão vivos. Perdemos Lopez e McGregor.

Fischer assentiu.

– Na nossa equipe, perdemos Payton e Webb – disse ele.

– Arpões e lâminas? – perguntou Dahl.

– Enxame de robôs – disse Duvall.

– Não vimos esses – comentou Dahl.

Fischer fez que não com a cabeça.

– É inacreditável – disse. – Acabei de ser transferido para a *Intrepid*. É minha primeira missão de campo. E perdi dois dos meus.

– Não acho que seja culpa do senhor – disse Dahl.

– Não tenho certeza – disse Fischer. Ele seguiu adiante e os conduziu com cautela até o atracadouro das naves.

– Mais alguém aqui sabe pilotar uma dessas coisas? – perguntou Fischer quando entraram no atracadouro.

– Eu – voluntariou-se Hester.

– Ótimo – disse Fischer, e em seguida apontou para a nave de transporte que Kerensky havia pilotado. – Esquente os motores. Vou ligar os daqui também. Quero que todos vocês entrem naquela nave com ele. – Apontou para Hester. – Se vir alguma daquelas máquinas vindo, não espere, decole. Tenho espaço suficiente para Kerensky e Williams. Entendido?

– Sim, senhor – confirmou Hester.

– Então, vão – disse Fischer e logo se enfiou na outra nave de transporte.

– Tudo nessa missão foi uma merda – disse Hester, já dentro da nave de transporte, enquanto esmurrava botões durante a sequência pré-voo da nave. Finn, Duvall e Hanson estavam afivelando os cintos de segurança. Dahl ficou de vigia na entrada, esperando Kerensky e Williams.

– Hester, alguma vez você me disse que sabia pilotar naves? – perguntou Dahl, virando-se para olhar para o colega.

– Estou meio ocupado agora – disse Hester.

– Eu também não tinha ideia de que ele sabia pilotar naves de transporte – disse Finn de seu assento. A ansiedade dele precisava ser aliviada, e falar parecia uma ideia melhor do que se mijar todo. – E eu conheço Hester há mais de um ano.

– Não é uma coisa que se deixa passar – comentou Dahl.

– Não éramos próximos – disse Finn. – Em grande parte, eu o usava por causa do baú.

Dahl não disse nada e virou-se para a escotilha de embarque de novo.

– Pronto – disse Hester, logo antes de apertar um botão. Os motores roncaram. Ele afivelou o cinto de segurança. – Fechem a escotilha. Vamos dar o fora daqui.

– Ainda não – disse Dahl.

– Que se foda – falou Hester. Apertou um botão no painel de controle e selou a escotilha.

Dahl bateu no botão de controle manual na lateral da escotilha.

– Ainda não! – berrou para Hester.

– Você ficou maluco? – gritou Hester de volta. – Fischer tem espaço mais do que suficiente para Kerensky e Williams. Eu voto por irmos embora, e como eu sou a porra do piloto, o meu voto é o único que conta!

– Vamos esperar! – disse Dahl.

– Mas que caralho, *por quê?* – quis saber Hester.

De seu assento, Hanson apontou.

– Aí vem eles.

Dahl olhou para fora da escotilha. Kerensky e Williams estavam claudicando devagar até o atracadouro, um apoiado no outro. Logo atrás deles ouviu-se o martelar das máquinas.

Fischer pôs a cabeça para fora da escotilha da outra nave e viu Dahl.

– Vamos! – disse ele, e em seguida correu na direção de Kerensky e Williams. Dahl saltou da nave de transporte e seguiu.

– Têm seis deles atrás de nós – disse Kerensky quando se aproximaram deles. – Viemos o mais rápido que pudemos. Um enxame de robôs... – e despencou. Dahl agarrou-o antes que chegasse ao chão.

– Você dá conta? – perguntou Fischer a Dahl, que assentiu. – Leve Kerensky para sua nave. Diga ao seu piloto que parta. Eu levo Williams. Depressa.

Fischer passou o braço ao redor de Williams e arrastou-o até sua nave. Williams virou-se para olhar Kerensky e Dahl, extremamente aterrorizado.

A primeira das máquinas entrou pisando forte no atracadouro.

– Vamos, Andy! – gritou Duvall da escotilha da nave. Dahl forçou o passo e percorreu a distância até a nave de transporte, quase jogando Kerensky em cima de Duvall e Hanson, que também haviam desafivelado o cinto de segurança. Agarraram o tenente e puxaram-no para dentro, com Dahl despencando veículo adentro.

– *Agora* podemos ir? – perguntou Hester de forma retórica, pois ao mesmo tempo bateu no botão da escotilha sem esperar por uma resposta. A nave de transporte saltou da plataforma do atracadouro quando algo bateu na lateral e passou raspando.

– Arpão – disse Finn. Desafivelou o cinto de segurança e voou até Hester, olhando para o monitor traseiro. – Não acertou.

A nave de transporte saiu do atracadouro.

– Já não era sem tempo – murmurou Hester.

– Como está Kerensky? – perguntou Dahl a Duvall, que examinava o tenente.

– Não está reagindo, mas não parece muito mal – respondeu ela. Depois, virou-se para Hanson. – Jimmy, pegue para mim o kit de



primeiros socorros, por favor. Fica atrás do banco do piloto.

Hanson se estendeu para pegá-lo.

– Sabe o que está fazendo? – perguntou Dahl.

Duvall deu uma olhada breve.

– Conte que fui das tropas terrestres, certo? Recebi treinamento médico na época. Passei muito tempo fazendo curativos. – Ela sorriu. – Hester não é o único com habilidades ocultas.

Hanson voltou com o kit de primeiros socorros; Duval abriu-o e começou a trabalhar.

– Ah, que merda – disse Finn, ainda olhando para o monitor.

– O que foi? – perguntou Dahl, aproximando-se dele.

– A outra nave de transporte – disse Finn. – Temos uma ligação com as câmeras dela. Veja só.

Dahl olhou. As câmeras mostravam dezenas de máquinas entrando no atracadouro e disparando contra a nave de transporte. Acima deles, uma nuvem inquieta pairava.

– O enxame de robôs – murmurou Finn.

A câmera sacudiu e balançou, depois apagou.

Finn deslizou para o assento do copiloto e socou a tela em que estavam olhando.

– A nave de transporte deles ficou comprometida – disse ele. – Os motores não acionaram e parece que a integridade do casco foi violada.

– Precisamos voltar para buscá-los – disse Dahl.

– Não – disse Hester. Dahl ficou furioso, mas Hester virou-se e olhou para ele. – Andy, não. Se a nave de transporte tiver sido violada, mesmo que só um pouquinho, aquele enxame de robôs já está dentro dela. Se estiver lá dentro, Fischer e Williams já estão mortos.

– Ele tem razão – disse Finn. – Não há ninguém lá para resgatar. Mesmo se voltássemos, não poderíamos fazer nada. O atracadouro está fervilhando com aquelas coisas. Essa nave não tem armas. Tudo que faríamos é dar às máquinas uma segunda chance de nos pegar.

– Temos sorte de ter saído de lá – disse Hester, voltando aos controles.

Dahl olhou para Kerensky, que gemia baixinho enquanto Duvall e Hanson cuidavam dele.

– Não acho que teve muito a ver com sorte.

**5**

– Vamos parar com a palhaçada – disse Dahl a seus colegas de laboratório.

Os quatro ficaram quietos e se entreolharam.

– Tudo bem, você está dispensado de pegar café para todo mundo – disse Mbeke, por fim.

– Não tem a ver com *café*, Fiona – disse Dahl.

– Eu sei – admitiu ela. – Mas pensei que valia a pena arriscar.

– É sobre sua experiência com as missões de campo – disse Collins.

– Não – disse Dahl. – É sobre minha experiência com as missões de campo, sobre todos vocês sumirem sempre que Q'eeng aparece, sobre o jeito que as pessoas se afastam dele sempre que caminha pelos corredores, sobre aquela porra daquela *Caixa* e sobre o fato de que tem algo muito errado acontecendo nessa nave.

– Tudo bem – disse Collins. – Vamos lá. Tempos atrás, percebemos que havia uma correlação extremamente alta entre as equipes de campo lideradas ou integradas por certos oficiais e a morte de tripulantes. O capitão. O comandante Q'eeng. O engenheiro-chefe West. O médico-chefe Hartnell. O tenente Kerensky.

– E não era apenas a morte de tripulantes – disse Trin.

– Isso. Tem outras coisas também – confirmou Collins.

– Por exemplo, se alguém morre com Kerensky por perto, todos os demais estão a salvo se ficarem com ele – disse Dahl, lembrando-se de McGregor.

– Na verdade, Kerensky não é o mais associado a esse efeito – disse Cassaway.

Dahl virou-se para Cassaway.

– É um *efeito*? Vocês têm um *nome* para ele?

– É o efeito sacrificial – disse Cassaway. – É mais forte com Hartnell e Q'eeng. Nem tanto com o capitão e com Kerensky. E não funciona com West. Ele é um campo minado do cacete.

– As coisas sempre explodem perto de West – disse Mbeke. – Não é um bom sinal para um engenheiro-chefe.

– O fato de as pessoas morrerem em torno desses oficiais é tão claro e óbvio que todo mundo os evita por instinto – disse Collins. – Se estão andando pela nave, os tripulantes sabem que precisam fingir que estão no meio de alguma tarefa muito importante para o chefe de tripulação ou para o líder do departamento. Por isso todo mundo está sempre correndo pelos corredores quando eles estão por perto.

– Isso não explica como vocês todos sabem que é hora de pegar café ou inspecionar o depósito sempre que Q'eeng está a caminho.

– É que existe um sistema de rastreamento – disse Trin.

– Um sistema de rastreamento? – perguntou Dahl, incrédulo.

– Não é tão chocante – respondeu Collins. – Todos temos telefones que indicam nossa localização ao sistema computacional da *Intrepid*. Como sua oficial superior, consigo localizar você pelo computador em qualquer lugar da nave.

– Q'eeng não é seu subordinado – disse Dahl. – Nem o capitão Abernathy.

– O sistema de alerta não é estritamente legal – admitiu Collins.

– Mas todos vocês têm acesso a ele – concluiu Dahl.

– *Eles* têm acesso – disse Cassaway, apontando para Trin e Collins.

– Damos um alerta a vocês quando eles estão a caminho – disse Trin.

– “Vou pegar um pouco de café” – disse Dahl. Trin assentiu.  
– Sim, e isso funciona apenas quando vocês dois estão aqui – disse Cassaway. – Se não estiverem por perto, estamos ferrados.  
– Não podemos dar acesso ao sistema de alerta para a nave inteira – disse Trin. – Seria óbvio demais.

Cassaway bufou.

– Como se *e/les* percebessem.  
– Como assim? – quis saber Dahl.  
– O capitão, Q’eeeng e os outros parecem não perceber que a maioria da tripulação da nave desaparece para evitá-los – disse Mbeke. – Também não percebem que eles matam um monte de gente da tripulação.

– Como podem não perceber? – questionou Dahl. – Alguém já disse isso para eles? Eles não sabem das estatísticas?

Os quatro colegas de laboratório entreolharam-se rapidamente.

– Uma vez foi falado para o capitão – disse Collins. – Não o convenceu.

– Como assim? – perguntou Dahl.

– Falar com eles sobre a quantidade de tripulantes que já mataram é como falar com a parede – disse Cassaway.

– Então vamos falar com outra pessoa – disse Dahl. – Vamos falar com o almirante Comstock.

– Acha que já não tentamos? – retrucou Cassaway. – Entramos em contato com a Frota. Entramos em contato com o Departamento de Investigação Militar da uu. Já tentamos até avisar a imprensa. Nada funciona.

– Não há nenhuma prova sólida de transgressão ou incompetência no comando, foi o que nos disseram – comentou Trin. – Não disseram para nós, especificamente. Dizem isso para qualquer um que reclama.

– Quantas pessoas terão que morrer para isso virar incompetência no comando? – perguntou Dahl.

– O que nos disseram é que, como nave almirante da UU, a *Intrepid* assume uma parcela maior de missões confidenciais diplomáticas, militares e de pesquisa do que qualquer outra nave na frota. Por isso, há um aumento proporcional de risco e, portanto, uma chance estatisticamente maior de perda de vida da tripulação. É parte do risco de um posto de alto escalão.

– Em outras palavras, as mortes da tripulação são uma característica, não um problema – disse Cassaway, secamente.

– E agora você sabe por que tentamos evitá-los – disse Mbeke.

Dahl pensou por um momento sobre aquilo tudo.

– Isso ainda não explica a Caixa.

– Não temos uma boa explicação para a Caixa – disse Collins. – Ninguém tem. Oficialmente, a Caixa nem existe.

– Parece um micro-ondas, apita quando termina e os resultados são cheios de bobagens – disse Dahl. – Precisamos apresentar os resultados pessoalmente, e não importa o que dizemos quando entregamos os dados para Q'eeng, contanto que entreguemos algo para ele consertar. Eu não preciso apontar tudo o que tem de muito errado nisso, preciso?

– É como vinha sendo feito desde antes de chegarmos aqui – disse Trin. – É o que o pessoal que fazia nosso trabalho antes de nós disse para fazermos. E seguimos desse jeito porque funciona.

Dahl ergueu as mãos.

– Então por que não usam a Caixa para tudo? – perguntou ele. – Economizaria muito tempo para todos nós.

– Ela não funciona com tudo – respondeu Trin. – Funciona apenas para coisas que são extraordinariamente difíceis.

– Como encontrar um “contrabacteriano” em seis horas – disse Dahl.

– Exato – concordou Trin.

Dahl olhou ao redor da sala.

– Não incomoda vocês que um laboratório científico tenha uma *caixa mágica*? – perguntou ele.

– Claro que incomoda! – disse Collins, ríspida. – Eu odeio aquela merda. Mas tendo a crer que não é magia de verdade. Acho que, de alguma forma, conseguimos um dispositivo tecnológico tão incrivelmente avançado que parece magia pra gente. É como mostrar o seu telefone para um homem das cavernas. Ele não teria ideia de como funciona, mas poderia usar o aparelho para fazer uma ligação.

– Se o telefone fosse como a Caixa, o único momento em que o homem das cavernas poderia fazer uma ligação seria quando ele estivesse *pegando fogo* – disse Dahl.

– Exatamente – disse Collins. – E por algum motivo temos de fazer uma verdadeira dança-kabuki para que a Caixa funcione. Fazemos desse jeito porque *de fato* funciona. Não sabemos o que fazer com aqueles dados, mas o computador da *Intrepid* sabe. E na hora do vamos ver, em uma emergência, é isso o que importa. Nós odiamos a Caixa. Mas não temos escolha senão usar esse negócio.

– Quando cheguei à *Intrepid*, disse a Q’eng que tivemos alguns problemas em replicar na Academia alguns dos trabalhos que vocês estavam fazendo na nave – disse Dahl. – Agora eu sei por quê. Porque não eram bem *vocês* que tinham feito o trabalho.

– Já acabou, alferes? – disse Collins. Estava visivelmente cansada da inquisição.

– Por que não me disseram tudo isso quando subi a bordo? – questionou Dahl.



– E o que a gente diria, Andy? “Oi, bem-vindo à *Intrepid*, evite os oficiais porque você provavelmente vai morrer se estiver numa das equipes de campo deles. Ah, aliás, temos uma caixa mágica que usamos para *coisas impossíveis*”? Seria uma primeira impressão ótima, não é?

– Você não teria acreditado na gente – disse Cassaway. – Não até estar aqui por tempo o suficiente para ver um pouco dessa merda toda com seus próprios olhos.

– Isso é maluquice – disse Dahl.

– É mesmo – concordou Collins.

– E vocês não têm nenhuma explicação racional para isso? – perguntou Dahl. – Nenhuma hipótese?

– A explicação racional é o que a UU nos contou – disse Trin. – A *Intrepid* assume missões de alto risco. Mais pessoas morrem por causa disso. A tripulação desenvolveu superstições e estratégias de fuga para compensar. E usamos tecnologias avançadas que não entendemos, mas que permitem que completemos as missões.

– Mas você não acredita nisso – disse Dahl.

– Eu não *gosto* dessa hipótese – corrigiu Trin. – Mas não tenho nenhum motivo para não acreditar nela.

– É mais lógico do que aquilo que o Jenkins pensa – disse Mbeke. Dahl virou-se para encarar Mbeke.

– Você já falou dele antes.

– Ele está fazendo um projeto de pesquisa independente – disse Collins.

– Sobre isso? – perguntou Dahl.

– Não exatamente. Foi ele quem montou o sistema de rastreamento que usamos para o capitão e para os outros. A inteligência artificial do sistema computacional enxerga como um

hackeamento e tenta consertar. Então ele precisa continuar atualizando o sistema se quisermos que ele funcione.

Dahl olhou para Cassaway.

– Você disse que ele parecia um ieti.

– Ele parece um ieti – disse Cassaway. – Ou Rasputin. Já ouvi descreverem o cara dos dois jeitos. Ambos bem precisos.

– Acho que me encontrei com ele – disse Dahl. – Depois de entregar os dados da Caixa para Queeng sobre a praga de Kerensky na ponte de comando. Ele cruzou comigo no corredor.

– O que ele disse? – perguntou Collins.

– Disse para eu ficar longe da ponte – respondeu Dahl. – E para eu evitar a Narrativa. O que diabos isso significa?

Mbeke abriu a boca para falar, mas Collins o interrompeu.

– Jenkins é um programador brilhante, mas também meio perdido em um mundo próprio, e a vida na *Intrepid* o abalou mais do que o normal.

– Ela quis dizer que a mulher do Jenkins foi morta em uma missão de campo – disse Mbeke.

– O que aconteceu? – perguntou Dahl.

– Foi alvejada por um assassino cirqueriano – disse Collins. – O assassino estava mirando no embaixador da UU para Cirqueria. O capitão derrubou o embaixador e Margaret estava bem atrás dele. O tiro acertou bem no pescoço. Morreu antes de cair no chão. Depois disso, Jenkins escolheu se dissociar da realidade, ao menos parcialmente.

– Mas então o que ele acha que está acontecendo? – perguntou Dahl.

– Por que não guardamos esse assunto para outro momento? – sugeriu Collins. – Agora você sabe o que está acontecendo e por quê. Desculpe por não contarmos antes, Andy. Mas agora já sabe. E

agora sabe o que fazer quando eu ou Ben de repente dissermos que vamos buscar café.

– Vou me esconder – disse Dahl.

– “Esconder” não é uma palavra que gostamos de usar – interveio Cassaway. – Realizar tarefas alternativas é o termo preferencial.

– Só não no depósito – disse Mbeke. – É o *nosso* lugar para tarefas alternativas.

– Então vou realizar tarefas alternativas atrás da minha mesa de trabalho, certo? – disse Dahl.

– Esse é o espírito da coisa – respondeu Mbeke.

\* \* \*

À noite, no refeitório, Dahl atualizou seus quatro amigos com o que havia ouvido no laboratório e, em seguida, virou-se para Finn.

– Então, conseguiu as informações que pedi? – perguntou.

– Consegui, claro – respondeu Finn.

– Ótimo.

– Quero começar dizendo que normalmente não faço esse tipo de trabalho de graça – disse Finn, entregando seu telefone para Dahl. – Normalmente uma coisa dessas exigiria um pagamento semanal. Mas essa merda está me deixando maluco desde aquela missão de campo. Queria ver com meus próprios olhos.

– Do que vocês estão falando? – interrompeu Duvall.

– Pedi que Finn puxasse alguns registros para mim – explicou Dahl. – Prontuários médicos, em sua maioria.

– De quem? – perguntou Duvall.

– Do seu namorado – disse Finn.

Dahl ergueu os olhos.

– Como assim?

– Duvall está saindo com Kerensky – revelou Finn.

– Cala a boca, Finn, estou nada – disse Duvall e olhou para Dahl.

– Depois que se recuperou, Kerensky me encontrou para agradecer por ter salvado sua vida. Disse que, quando entrou na nave de transporte, pensou que havia morrido, porque um anjo estava pairando sobre ele.

– Ah, meu Deus – disse Hester. – Me diz que essa cantada não funcionou de verdade. Do contrário, acho que vou ter que me matar.

– Não funcionou – garantiu Duvall. – De qualquer forma, ele perguntou se podia me pagar uma bebida da próxima vez que tivéssemos um período de folga. Eu disse que pensaria no caso.

– Tá namorando – disse Finn.

– Agora vou ter que furar seu olho – disse Duvall para Finn, apontando o garfo para ele.

– Por que você quer o prontuário médico do tenente Kerensky? – perguntou Hanson.

– Kerensky foi vítima de uma praga uma semana atrás – disse Dahl. – Ele se recuperou rápido o bastante para liderar uma missão de campo, onde perdeu a consciência por causa de um ataque de máquinas. Recuperou-se rápido de novo para dar em cima da Maia hoje.

– Mas vamos convir que ele ainda está acabado – disse Duvall.

– Vamos convir que ele provavelmente deveria estar morto – disse Dahl. – A praga meroviana derrete a carne das pessoas até sobrar só o osso. Kerensky estava a quinze minutos da morte antes de receber a cura e uma semana depois está bem para liderar uma missão de campo? Em uma semana, mal dá tempo de se recuperar de um resfriado forte; imaginem só de uma bactéria comedora de carne.

– Talvez ele tenha um sistema imunológico incrível – comentou Duvall.

Dahl encarou-a por um momento e mostrou o telefone de Finn para ela.

– Nos últimos três anos, Kerensky foi alvejado três vezes, contraiu doenças mortais quatro vezes, foi esmagado por uma pilha de pedras, ferido em um acidente de nave, sofreu queimaduras quando o painel de controle da ponte de comando estourou na cara dele, passou por uma descompressão atmosférica parcial, sofreu de instabilidade mental induzida, foi mordido por dois animais venenosos e teve o controle do corpo tomado por um parasita alienígena. Isso antes da praga recente e dessa última missão de campo.

– Também contraiu três DST – disse Duvall, descendo a barra de rolagem do arquivo.

– Aproveite sua bebida com ele – disse Finn.

– Acho que vou pedir penicilina com gelo – respondeu ela, e devolveu o telefone para Dahl. – Então, você está dizendo que não era pra ele estar andando por aí agora.

– Esqueça o fato de que ele deveria estar morto – disse Dahl. – Não tem como ele estar vivo e *são* depois de tudo isso. O homem deveria ser um exemplo perfeito de transtorno do estresse pós-traumático.

– Eles oferecem terapia para compensar – disse Duvall.

– Sim, mas não para tantas ocorrências – retrucou Dahl. – São dezessete casos de lesões ou traumas graves em três anos. Um a cada dois meses. Ele deveria estar numa posição fetal constante a essa altura. Desse jeito, é como se ele só tivesse tempo para se recuperar antes de tomar outro cacete. É surreal.

– Você tem alguma hipótese ou está só com inveja das capacidades físicas dele? – perguntou Duvall.

– A hipótese é a de que tem alguma coisa estranha acontecendo nessa nave – disse Dahl, descendo a tela para ver mais dados. – Minha oficial comandante e os colegas de laboratório me encheram de um monte de bobagens sobre isso hoje mais cedo, falando coisas sobre as equipes de campo e Kerensky e tudo o mais. Mas não engoli essa história.

– Por que não? – perguntou Duvall.

– Porque não acho que eles tenham engolido também – disse Dahl. – E porque definitivamente não justifica uma situação dessas.

– Ele franziu a testa e olhou para Finn. – Conseguiu encontrar alguma coisa sobre o Jenkins?

– Está falando do ieti que você e eu encontramos?

– Sim.

– Não tem nada sobre ele no sistema – respondeu Finn.

– Nós não imaginamos aquela coisa – disse Dahl.

– Não mesmo – concordou Finn. – Ele só não está no sistema. Por outro lado, se ele for o deus da programação que seus colegas de laboratório dizem que é e estiver hackeando ativamente o sistema, não acho muito surpreendente que não apareça na minha busca. Você acha?

– Acho que precisamos encontrar esse cara – disse Dahl.

– Por quê? – questionou Finn.

– Porque acho que ele sabe de algo que ninguém mais quer contar – respondeu Dahl.

– Seus amigos de laboratório dizem que ele é maluco – lembrou Hester.

– Não acho que eles sejam mesmo amigos de Dahl – disse Hanson.

Todo mundo se virou para ele.

– Como assim? – perguntou Hester.

Hanson deu de ombros.

– Disseram que o motivo pelo qual não falaram sobre o que estava acontecendo é que ele não teria acreditado antes de ter vivenciado a coisa. Talvez seja verdade. Mas também é verdade que, como ele não sabia o que estava acontecendo, não poderia fazer o que eles fazem: evitar o comandante Q'eng e os outros oficiais e conseguir não entrar nas listas das equipes de campo. Vejam só: nós cinco estávamos na mesma equipe de campo ao mesmo tempo, em uma nave com milhares de tripulantes. O que temos em comum?

– Somos todos novatos – disse Duvall.

Hanson assentiu.

– E nenhum de nós ficou sabendo de tudo isso por nossos colegas de tripulação até este momento, no qual não dava mais pra evitar o assunto.

– Então você acha que o motivo de eles não terem nos contado não tem nada a ver com não acreditarmos neles – afirmou Dahl. – Acha que foi porque, desse jeito, se alguém tivesse de morrer, seríamos nós, não eles.

– É apenas uma teoria – afirmou Hanson.

Hester olhou para Hanson, admirado.

– Não achei que você fosse tão pessimista – disse Hester.

Hanson deu de ombros novamente.

– Quando você é herdeiro da terceira maior fortuna da história do universo, aprende a questionar as motivações das pessoas – comentou.

– Precisamos encontrar Jenkins – repetiu Dahl. – Precisamos descobrir o que ele sabe.

– Você tem uma sugestão de como fazer isso? – perguntou Duvall.

– Acho que podemos começar pelos túneis de carga – respondeu Dahl.



**6**

– Dahl, aonde é que você vai? – perguntou Duvall. Ela e os outros estavam parados, no meio do corredor da estação espacial Angeles v, observando Dahl se separar inesperadamente do grupo.

– Vamos, estamos de folga – disse ela. – É hora de encher a cara.

– E transar – disse Finn.

– Encher a cara e transar – concluiu Duvall. – Não necessariamente nessa ordem.

– Não que tenha algo de errado em fazer nessa ordem – insistiu Finn.

– Tá vendo só, eu aposto que é por isso que ninguém sai com você pra um segundo encontro – disse Duvall.

– Não estamos falando de *mim*. Estamos falando de Andy. Que está nos dando o fora.

– Está mesmo! – disse Duvall. – Andy! Não quer ir com a gente encher a cara e transar?

– Ah, como eu quero – garantiu Dahl. – Mas preciso fazer uma hiperonda primeiro.

– Não poderia ter feito isso na *Intrepid*? – perguntou Hanson.

– Não, essa onda não – disse Dahl.

Duvall revirou os olhos.

– Isso tem a ver com a sua nova obsessão, não é? – perguntou. – Juro, Andy, desde que você ficou com esse fogo no rabo por conta do Jenkins, está bem chato. Foram dez dias inteiros matutando. Se anime, seu idiota carrancudo.

Dahl sorriu.

– Vou ser rápido, prometo. Aonde vocês vão?

- Consegui uma suíte para nós na estação Hyatt – disse Hanson.
- Encontre com a gente lá. Vamos perder a sobriedade rapidinho.

Finn apontou para Hester.

- E no caso dele, a virgindade.

– Ótimo – disse Hester, e, de fato, deu uma risadinha.

- Chego lá daqui a pouco – prometeu Dahl.

– É melhor chegar mesmo! – disse Hanson, e em seguida ele e os outros partiram pelo corredor, rindo e brincando. Dahl observou-os sair e partiu para a área de compras da estação, procurando uma estação de hiperonda.

Encontrou uma espremida entre uma cafeteria e um estúdio de tatuagem. Era pouco maior que um quiosque e tinha apenas três terminais, um dos quais estava fora de serviço. Um tripulante bêbado de outra nave brigava ruidosamente com um dos outros. Dahl pegou o terceiro.

“Bem-vindo ao SurfPoint Hiperondas”, lia-se no monitor, e, em seguida, veio uma lista de custo por minuto de abertura de onda. Uma onda de cinco minutos comeria boa parte de sua renda semanal, mas isso não foi uma surpresa tão grande para Dahl. Era necessária uma grande quantidade de energia para abrir um túnel no espaço-tempo e conectar-se em tempo real com outro terminal a anos-luz de distância. Energia custava dinheiro.

Dahl pegou o bilhete de crédito anônimo que mantinha à mão para coisas que não queria que levassem diretamente até sua conta corrente e encaixou-o no espaço de pagamento. O monitor registrou o bilhete e abriu um painel de “enviar”. Dahl falou um endereço telefônico da Academia e esperou a conexão. Tinha quase certeza de que a pessoa para quem estava ligando estaria acordada e já fora de casa. A UU mantinha todas as suas naves e estações em Horário Universal, porque, do contrário, apenas pela enorme variação de

duração de dia e fusos horários, seria impossível para qualquer um fazer qualquer coisa, mas a Academia ficava em Boston. Dahl não conseguia se lembrar quantas horas de fuso eram até a cidade.

A pessoa do outro lado da linha atendeu apenas com áudio.

– Seja lá quem for, está interrompendo minha corrida matinal – disse ela.

Dahl sorriu.

– Bom dia, Casey. Como está a minha bibliotecária favorita?

– Caralho! Andy! – disse Casey. Um segundo depois o vídeo abriu e Casey Zane apareceu, sorrindo, com a fragata *USS Constitution* atrás dela.

– Correndo na Freedom Trail de novo, pelo visto.

– Os tijolinhos são fáceis de seguir – disse Casey. – Onde você está?

– A cerca de trezentos anos-luz de distância e pagando cada minuto dessa hiperonda.

– Entendi. Do que você precisa?

– O arquivo da Academia tem as plantas de todas as naves da frota, certo?

– Claro. Ao menos todas as que a UU reconhece a existência.

– Alguma chance de serem alteradas ou adulteradas?

– Por alguém de fora? Não – afirmou Casey. – Os arquivos não têm conexão com sistemas computacionais externos, em parte para evitar hackeamento. Todos os dados precisam passar por um bibliotecário de carne e osso. Esse nível de segurança é o bastante para você?

– Acho que sim – respondeu Dahl. – Tem alguma chance de você me enviar uma cópia das plantas da *Intrepid*?

– Não acho que sejam confidenciais, então não seria um problema. Embora talvez eu tenha de retirar algumas informações

sobre sistemas de computador e armas.

– Sem problemas. Não estou interessado nisso mesmo.

– Dito isso, você está na própria *Intrepid*. Poderia conseguir as plantas no banco de dados da nave.

– Até posso – admitiu Dahl. – Mas houve algumas mudanças em certos sistemas a bordo, e acho que será útil ter as plantas originais para comparação e contraste.

– Tudo bem. Faço isso quando eu voltar para os arquivos. Daqui a umas horas.

– Ótimo. Ah, me faça um favor? Mande para este endereço, não para o meu endereço da UU. – Ele recitou o endereço alternativo, que havia criado de forma anônima em um provedor público na época em que estava na Academia.

– Você sabe que preciso registrar o pedido de informações, certo? – disse Casey. – Isso inclui o endereço para o qual estou enviando as informações.

– Não estou tentando esconder nada da UU – garantiu Dahl. – Não é coisa de espião, eu juro.

– Diz o homem que está usando um terminal público de hiperonda anônima para ligar para uma de suas melhores amigas em vez de usar o próprio telefone.

– Não estou pedindo para você cometer alta traição. Juro.

– Tudo bem. Somos amigos e tudo o mais, mas espionagem não está na descrição do meu cargo.

– Te devo uma.

– Você me deve um jantar. Na próxima vez que estiver na cidade. A vida de uma bibliotecária de arquivo não é lá muito empolgante, sabe? Acabo vivendo as emoções pelos outros.

– Confie em mim, nesse momento estou considerando seriamente levar uma vida de bibliotecário – confessou Dahl.

– Aí já é puxação de saco. Vou mandar as coisas via onda quando chegar ao escritório. Agora desligue antes que seu dinheiro todo acabe.

Dahl riu novamente.

– Até mais, Casey.

– Até mais, Andy – respondeu ela, e desconectou.

\* \* \*

Havia um convidado a mais na suíte quando Dahl chegou.

– Andy, você conhece o tenente Kerensky – disse Duvall, em um tom de voz curiosamente neutro. Ela e Hester estavam um de cada lado de Kerensky, que abraçava os dois de uma vez. Eles pareciam estar segurando o tenente.

– Senhor – disse Dahl.

– Andy – disse Kerensky com voz molenga. Ele se soltou de Duvall e Hester, avançou dois passos cambaleantes e deu tapinhas no ombro de Dahl com a mão que não estava segurando a bebida. – Estamos de folga! As patentes ficaram para trás. Para você, agora, sou só Anatoly. Vamos lá, diga.

– Anatoly – disse Dahl.

– Viu, não foi tão difícil assim, foi? – falou Kerensky. Em seguida, esvaziou o copo. – Acho que fiquei sem bebida – disse, e se afastou. Dahl ergueu uma sobrancelha para Duvall e Hester.

– Ele nos viu pouco antes de entrarmos no hotel e grudou na gente feito carrapato – disse Duvall.

– Um carrapato bêbado – disse Hester. – Ele já estava bem louco antes chegarmos aqui.

– Um carrapato bêbado e tarado – disse Duvall. – Estava com a mão em cima do meu ombro para poder apertar meu peito. Tenente ou não, eu estava quase metendo a mão na cara dele.

– No momento, o plano é deixar o cara muito bêbado pra que ele desmaie antes que tente abusar de Duvall – disse Hester. – Então, a gente joga ele pelo tubo que dá na lavanderia.

– Saco, lá vem ele de novo – disse Duvall. Kerensky estava mesmo caminhando na direção do trio aos tropeços. O avanço dele era mais lateral que frontal. Parou para se equilibrar.

– Podem deixar ele comigo – disse Dahl.

– Sério? – perguntou Duvall.

– Claro, eu cuido dele até que desmaie – respondeu Dahl.

– Cara, eu te devo um boquete – respondeu Duvall.

– O quê? – perguntou Dahl.

– O quê? – perguntou Hester.

– Desculpem – disse Duvall. – Nas tropas terrestres, quando alguém faz um favor, você diz que deve um ato sexual. Se for uma coisa pequena, é uma punheta. Média, um boquete. Um favorzão, você deve uma trepada. Força do hábito. Só expressão.

– Entendi – disse Dahl.

– Não vai ter boquete nenhum de verdade – disse Duvall. – Só para esclarecer.

– É o pensamento que conta – disse Dahl, e virou-se para Hester.

– E você? Quer me dever um boquete também?

– Estou pensando nisso – disse Hester.

– Que história é essa aí de *boquete*? – perguntou Kerensky, finalmente se aprumando.

– Tudo bem, claro, te devo um – disse Hester.

– Excelente – respondeu Dahl. – Vejo vocês dois mais tarde, então.

Hester e Duvall afastaram-se às pressas.

– Aonde estão indo? – perguntou Kerensky, piscando devagar.

– Estão planejando uma festa de aniversário – disse Dahl – Por que não se senta, senhor? – Ele apontou para um dos sofás da suíte.

– Anatoly – disse Kerensky. – Meu Deus, odeio quando as pessoas ficam respeitando a hierarquia em momentos de folga. – Ele caiu com tudo no sofá, milagrosamente sem derramar a bebida. – Somos todos irmãos em serviço, sabe? Bem, exceto por aquelas que são irmãs. – Ele espreitou os arredores, procurando por Duvall. – Gosto da sua amiga.

– Eu sei – disse Dahl, também se sentando.

– Ela salvou minha vida, sabe? Ela é um anjo. Acha que ela gosta de mim?

– Não.

– Por que não? – resmungou Kerensky, magoado. – Ela gosta de mulher ou algo assim?

– Ela é casada com o trabalho.

– Ah, bem, *casada* – falou Kerensky, aparentemente sem entender o que Dahl dissera depois daquela palavra. Bebeu mais um pouco.

– Se importa se eu fizer uma pergunta? – quis saber Dahl.

Kerensky fez pequenos movimentos ondulados com a mão que não segurava a bebida, como se dissesse “Pode fazer”.

– Como o senhor se recupera tão rápido?

– Como assim?

– Lembra-se de quando pegou a praga meroviana?

– Claro. Quase *morri*.

– Eu sei. Mas uma semana depois o senhor estava liderando uma equipe de campo da qual participei.

– Bom, eu *melhorei*, sabe? Encontraram uma cura.

– É. Fui eu que levei a cura ao comandante Q’eeng.



– Foi *você*? – disse Kerensky e se jogou para cima de Dahl, envolvendo-o num abraço de urso. A bebida de Kerensky escorreu pela lateral do copo e caiu na nuca de Dahl. – Você salvou minha vida também! Esse lugar está cheio de gente que salvou minha vida. Eu amo todos vocês. – Kerensky começou a chorar.

– Não foi nada – disse Dahl, afastando o tenente soluçante de seu corpo com o máximo de delicadeza que conseguiu. Tinha ciência de que todos na sala estavam ignorando intencionalmente o que acontecia naquele sofá. – O que eu quero dizer é que, mesmo com a cura, o senhor se recuperou muito rápido. E depois ficou gravemente ferido na missão de campo em que eu estava. E, poucos dias depois, já estava bem.

– Ah, sabe, a medicina moderna é *muito boa* – disse Kerensky. – Além disso, eu sempre me curei muito rápido. É de família. Tem uma história de um dos meus ancestrais que lutou na Grande Guerra Patriótica. Ele estava em Stalingrado. Levou, tipo, vinte tiros dos nazistas e continuou avançando contra eles. Era *surreal*, cara. Então talvez eu tenha herdado esse gene. – Ele olhou para a bebida. – Meu copo estava mais cheio que isso.

– É ótimo que o senhor se recupere tão rápido, considerando o tanto de vezes que se feriu – arriscou Dahl.

– É *mesmo*! – disse Kerensky, repentina e vigorosamente. – *Obrigado!* Ninguém mais percebe isso! Quer dizer, que porra é essa? Não sou burro, nem desajeitado, nem nada disso. Mas todas as vezes que saio em missão de campo, fico todo fodido. Por exemplo, sabe quantas vezes levei tiro?

– Três vezes nos últimos três anos – respondeu Dahl.

– Isso mesmo! – confirmou Kerensky. – Além de todas as *outras* merdas que acontecem comigo. Mas você sabe por que, né? O capitão e Q'eeng, aqueles fodidos, têm um boneco vodu meu ou

alguma coisa assim. – Ele hesitou, refletindo, e em seguida mostrou todos os sinais de que cairia no sono logo.

– Um boneco vodu – disse Dahl, despertando Kerensky. – O senhor acha mesmo?

– Bem, não, não literalmente – respondeu ele. – Porque isso seria *ridículo*, não é? Mas eu *sinto* que sim. Sempre que o capitão e Q'eeng têm uma missão e sabem que vai dar muita merda, parece que dizem “Ei, Kerensky, temos uma missão de campo perfeita para você”, depois eu parto e, tipo, levo umas agulhadas no *baço*. E quase sempre é algo estúpido de que não tenho a mais vaga ideia, né? Sou um astrogador, cara. Sou a porra de um astrogador brilhante. Eu só quero... *astrogar*. Certo?

– Por que não diz isso para o capitão e para Q'eeng? – perguntou Dahl.

Kerensky bufou, o lábio dele estremeceu com o esforço.

– Porque, sei lá, o que é que eu vou dizer? – perguntou ele, e começou a fazer poses exageradas. – “Ah, não posso ir nesta missão, capitão e comandante Q'eeng. Vamos deixar outra pessoa tomar uma punhalada no olho para variar”. – Ele parou com os movimentos e ficou quieto por um instante. – Além do mais, sei lá. Parece fazer sentido na hora, sabe?

– Não, não sei – respondeu Dahl.

– Quando o capitão me diz que vou sair em missão de campo, é como se outra parte do meu cérebro assumisse o comando – disse Kerensky. Soava como se estivesse tentando decifrar um segredo. – Fico todo confiante e parece que existe uma razão perfeitamente boa para uma droga de um astrogador coletar amostras médicas ou combater máquinas assassinas ou sei lá o quê. Então, eu volto para a *Intrepid* e penso com meus botões: “Que porra eu estava fazendo?”. Porque não faz sentido nenhum, faz?

– Não sei – repetiu Dahl.

Kerensky pareceu absorto por um segundo, em seguida fez um aceno, como que deixando tudo isso de lado.

– Mas também, foda-se, né? – disse ele, sorrindo. – Estou vivo mais um dia, estou de folga e com pessoas que salvaram a minha vida. – Ele se jogou de novo para cima de Dahl, ainda mais desleixado. – Eu amo você, cara. Amo mesmo. Vamos tomar mais uma e achar umas putas. Quero um boquete. Você quer um boquete?

– Já tenho dois garantidos – disse Dahl. – Estou satisfeito.

– Ah, tudo bem – disse Kerensky. – Isso é bom.

Em seguida, começou a roncar, a cabeça aninhada no ombro de Dahl.

Dahl ergueu os olhos e viu os quatro amigos o encarando.

– Vocês *todos* me devem boquetes – disse ele.

– Que tal uma bebidinha em vez disso? – sugeriu Finn.

– Aceito – disse Dahl, e olhou para Kerensky. – O que faremos com a Bela Adormecida aqui?

– Tem um tubo que vai direto para a lavanderia lá fora – disse Hester, esperançoso.

**7**

– Aqui estão as plantas da *Intrepid* que baixei do banco de dados da nave – falou Dahl para Finn e Duvall no almoço, mostrando para eles uma folha impressa. Depois apresentou uma segunda folha impressa. – E aqui estão as plantas que recebi do arquivo da Academia. Perceberam alguma coisa?

– Não – disse Finn depois de um minuto.

– Não – falou Duvall logo em seguida.

Dahl suspirou e apontou.

– Túneis de carga. Nós os usamos para transportar cargas por toda a nave, mas não há nada que impeça um ser humano de entrar neles. A equipe de manutenção entra lá o tempo todo para acessar fisicamente os sistemas da nave. São projetados dessa forma para que a manutenção da nave não atrapalhe o restante da tripulação.

– Acha que Jenkins está lá? – perguntou Duvall.

– Onde mais estaria? Ele só sai quando lhe convém. Do contrário, ninguém vê o cara. Pense em como a nave é populosa. A única maneira de desaparecer é ficar em um lugar onde as outras pessoas da tripulação em geral não vão.

– O erro nesse raciocínio é que os túneis de carga são *túneis* – disse Finn. – E mesmo se as pessoas não estiverem lá, ainda podem passar com aqueles carrinhos de entrega autônomos. Se Jenkins ficasse em um lugar desses por muito tempo, bloquearia o tráfego ou seria atropelado.

Dahl balançou um dedo.

– Olha só, é isso que vocês dois não estão enxergando. Vejam... – E apontou para um quadrado dentro do labirinto de túneis de carga.  
– Quando os carrinhos não estão entregando coisas, ficam em outro

lugar. Não ficam passeando pelos corredores. Vão para uma dessas centrais de distribuição. As centrais têm espaço suficiente para uma pessoa se esconder.

– Desde que não haja um monte de carrinhos apinhados – disse Duvall.

– Exatamente – concordou Dahl. – E vejam só. Nas plantas da *Intrepid* que temos aqui na nave, há seis áreas de distribuição de carrinhos. Mas nas que estão nos arquivos, há sete. – Ele bateu com a ponta do dedo na sétima área de distribuição. – Esta área de distribuição fica longe dos sistemas principais da nave, o que significa que as equipes de manutenção não têm motivo para chegar perto dela. É o mais longe que se pode ficar de qualquer pessoa sem sair da nave. É aqui que Jenkins está. O fantasma da máquina. É aqui que vamos encontrar esse cara.

– Não entendo por que não pode pedir para a sua chefe que o apresente a você – disse Duvall. – Você disse que, tecnicamente, Jenkins é subordinado a ela.

– Eu tentei e não consegui – disse Dahl. – Collins acabou me dizendo que Jenkins aparece apenas quando quer e, tirando isso, eles deixam o cara em paz. Jenkins os ajuda a rastrear o capitão, Q'eeng e outros. Não querem que fique puto e deixe eles próprios vulneráveis.

– Falando nisso... – disse Finn, meneando a cabeça.

Dahl virou-se e viu o oficial de ciências Q'eeng vindo na direção dele. Começou a se levantar.

Q'eeng acenou para ele ficar sentado.

– Descansar, alferes. – Ele percebeu as plantas. – Está estudando a nave?

– Apenas procurando maneiras de fazer meu trabalho de um jeito mais eficiente – respondeu Dahl.

– Admiro a iniciativa – disse Q’eeng. – Alferes, estamos prestes a chegar ao sistema Eskridge para atender a um alerta de perigo de uma colônia lá. Os relatos da colônia são superficiais, mas suspeito que um agente biológico possa estar envolvido, então estou montando uma equipe no seu departamento para me acompanhar. Você está nela. Encontre-me no atracadouro em meia hora.

– Sim, senhor – disse Dahl. Q’eeng assentiu e se afastou. O alferes voltou-se para Duvall e Finn, que olhavam para ele de um jeito estranho. – Que foi?

– Uma missão de campo com Q’eeng – disse Duvall.

– Uma missão de campo coincidentemente repentina com Q’eeng – acrescentou Finn.

– Vamos tentar não ser paranoicos – retrucou Dahl.

– Pensando bem, é engraçado – comentou Finn.

Dahl empurrou as plantas para Finn.

– Enquanto eu estiver fora, encontre uma maneira de nos levar até Jenkins sem que ele saiba. Quero falar com ele, mas, tirando aquela advertência, não acho que ele queira falar conosco. Não quero dar a ele a chance de recusar.

\* \* \*

– É tudo culpa *sua*, sabe – sibilou Cassaway para Dahl. Ele, Cassaway e Mbeke formavam a equipe de campo com Q’eeng e um membro da equipe de segurança chamado Taylor. Q’eeng estava pilotando a nave de transporte para a colônia; Taylor ficou com o assento de copiloto. Os três xenobiólogos estavam ao fundo. Os outros dois foram frios e não trocaram uma palavra com Dahl durante o *briefing* da missão e nem na maior parte da viagem de nave até o planeta. Essas foram as primeiras palavras que haviam dito para ele a viagem toda.

– Por que minha culpa? – perguntou Dahl. – Eu não mandei o capitão trazer a nave para cá.

– É culpa sua por perguntar sobre o Jenkins! – disse Cassaway. – Você está deixando o cara puto com toda essa investigação.

– Não posso fazer perguntas sobre ele? – questionou Dahl.

– Não perguntas que façam ele nos retaliar – disse Mbeke.

– Cala a boca, Fiona – respondeu Cassaway. – É culpa sua, também.

– Minha culpa? – perguntou Mbeke, incrédula. – Não fui eu que fiquei fazendo perguntas imbecis!

Cassaway apontou um dedo na direção de Dahl.

– Foi você quem falou sobre o Jenkins na frente dele! Duas vezes!

– Escapou – disse Mbeke. – Eu estava só querendo puxar conversa na primeira vez. Na segunda, não achei que importaria. Ele já sabia.

– Olhe só onde a gente está, Fiona. – Cassaway acenou para apontar para a nave de transporte. – Diga agora que não importa. Você nunca falou com Sid Black sobre Jenkins.

– Sid Black era um cuzão – disse Mbeke.

– E esse cara aqui não é? – retrucou Cassaway, apontando novamente para Dahl.

– Eu ainda estou aqui – disse Dahl.

– Vai se foder – disse Cassaway para Dahl, e olhou de novo para Mbeke. – E vai se foder você também, Fiona. Já devia estar esperta.

– Eu só estava batendo papo – repetiu Mbeke, arrasada, olhando para as próprias mãos, que repousavam sobre o colo.

Dahl fitou os dois por um instante.

– Vocês não sabiam que Q'eeng estava a caminho, sabiam? – disse ele por fim. – Não deu tempo para vocês, Collins ou Trin



buscarem o café ou para vocês se esconderem no depósito? Q'eeng simplesmente apareceu no laboratório e vocês todos foram pegos de calças curtas? E quando ele disse para Collins que precisava de uma equipe de campo...

– Ela nos ofereceu como voluntários – disse Mbeke.

– E ofereceu você também – disse Cassaway, cuspiendo as palavras. – Q'eeng queria que ela ou Ben viessem também, mas ela traiu você. Lembrou a ele que você havia resolvido o problema da praga meroviana. Disse que você era um dos melhores xenobiólogos que tinha na equipe. É mentira, claro. Você não é. Mas funcionou, porque você está aqui, e não ela ou Ben.

– Entendi – disse Dahl. – Não acho que seja inesperado, já que sou o novato. Estou na base da pirâmide. O cara que pode ser substituído a cada poucos meses, certo? Mas vocês dois – disse ele, meneando a cabeça para eles. – Pensaram que estavam protegidos. Sobreviveram tanto e acharam que Collins não empurraria vocês para Q'eeng se precisasse. Pensaram que ela ficaria com um de vocês, e não com Ben Trin, não pensaram?

Cassaway virou o rosto para Dahl; Mbeke já chorava baixinho.

– Foi uma surpresa descobrir onde vocês estavam na pirâmide, não foi?

– Cala a boca, Dahl – disse Cassaway, sem olhar para ele.

E ficaram quietos até a aterrissagem no planeta.

\* \* \*

Não encontraram colonos, mas pedaços deles. E muito sangue.

– Armas de pulso em força total – disse Q'eeng. – Cassaway, Mbeke, Dahl, quero que vocês sigam as trilhas de sangue para dentro da floresta. Talvez ainda encontremos alguém vivo, ou um cadáver de seja lá o que tenha feito isso aqui. Vou verificar o prédio

administrativo e ver se existe alguma coisa que possa explicar tudo isso. Taylor, você vem comigo.

Q'eng avançou a passos largos na direção de um trailer grande, sólido, com Taylor no encalço.

– Venham – disse Cassaway, e levou Dahl e Mbeke na direção da floresta.

Algumas centenas de metros adiante, os três encontraram um corpo destroçado.

– Me passe o coletor de amostras – disse Dahl para Mbeke, que estava carregando o equipamento. Ela tirou o dispositivo do ombro e entregou a Dahl, que se ajoelhou e empurrou a ferramenta de amostra no que havia restado do abdômen do cadáver.

– Vai levar alguns minutos para essa coisa me dar um resultado – disse Dahl, sem tirar os olhos do cadáver. – O coletor vai repassar a biblioteca de DNA da colônia inteira. Cuidem para que, seja lá o que tenha pegado esse cara, não me pegue enquanto estamos esperando.

– Certo – ele ouviu Cassaway dizer. Dahl voltou ao trabalho.

– Ele se chamava Fouad Ali – disse Dahl alguns minutos depois. – Parece que era o médico da colônia. – Ergueu a cabeça e olhou para dentro da floresta. – O rastro de sangue continua naquela direção. Vamos continuar procurando?

– O que você está fazendo? – Dahl ouviu Mbeke perguntar.

– O quê? – perguntou Dahl, e virou-se para ver Cassaway apontando a arma para ele. Mbeke encarava Cassaway, confusa.

Cassaway fez uma careta.

– Caramba, Fiona, você não consegue calar a boca?

– Concordo com a Fiona – disse Dahl. – O que está fazendo?

Ele tentou se levantar.

– Não se mova – disse Cassaway. – Não se mova ou eu atiro em você.

– Parece que você vai atirar em mim de qualquer jeito – retrucou Dahl. – Mas não sei por quê.

– Porque um de nós tem que morrer – revelou Cassaway. – É assim que as coisas funcionam nas equipes de campo. Se Q'eeng está liderando, alguém vai morrer. Alguém sempre morre. Mas se alguém morrer, os outros se salvam. É assim que as coisas funcionam.

– A última pessoa que explicou essa ideia para mim foi fatiada em pedacinhos mesmo depois de outra pessoa ter morrido – disse Dahl. – Não acho que funciona do jeito que você pensa.

– Cala a boca – disse Cassaway. – Se você morrer, Fiona e eu não precisaremos morrer também. Você será o sacrifício. Assim que o sacrifício é feito, o restante fica livre. Nós estaremos a salvo.

– Não é assim que as coisas funcionam – disse Dahl. – Quando foi a última vez que você esteve em uma equipe de campo, Jake? Eu estive em uma há poucas semanas. Não é assim que funciona. Você está ignorando os detalhes. Minha morte não significa que você vá se salvar. Fiona... – Dahl olhou para Mbeke para tentar fazê-la pensar. Ela estava no processo de levantar sua arma de pulso.

– Espera aí, gente – disse Dahl. – Vai ser difícil se desviar de duas armas de pulso eletromagnético.

– Ponha sua arma em força baixa – falou Cassaway para Mbeke. – Mire na massa central. Quando ele cair, a gente fatia ele. Isso vai nos acobertar. Podemos explicar o sangue dizendo que estávamos tentando salvá-lo... – E foi tudo o que ele conseguiu falar antes de as coisas caírem da árvore acima dele e de Mbeke.

Os dois caíram, gritando, enquanto tentavam jogar longe os bichos que agora os rasgavam. Dahl ficou boquiaberto por um

segundo, e em seguida saiu em corrida desabalada na direção da colônia. Sentia, em vez de olhar, que seu movimento repentino por pouco evitara que ele fosse atacado também.

Dahl zigzagueou pelas árvores, gritando por Q'eeng e Taylor. Uma parte de seu cérebro queria saber se ele estava correndo na direção correta; outra parte queria saber por que ele não usava o telefone para contatar Q'eeng. Uma terceira parte lembrou-o de que tinha uma arma de pulso também, que talvez funcionasse contra fosse lá o que estivesse comendo Cassaway e Mbeke naquele momento.

Uma quarta parte do cérebro dizia: *Essa é a parte em que você corre e grita muito.*

Ele deu ouvidos à quarta parte.

Os olhos dele avistaram um vão nas árvores, e naquele vão ele conseguiu ver os trailers distantes da colônia e as silhuetas de Q'eeng e Taylor. Dahl gritou a plenos pulmões e correu bem na direção deles, agitando as mãos para chamar a atenção dos dois. Viu suas formas mínimas sacudindo, como se o ouvissem.

Então, algo fez com que tropeçasse, e ele despencou.

No mesmo instante, uma coisa estava em cima dele, mordendo-o e o arranhando. Dahl berrou, empurrou e, em seu pânico, viu algo que parecia ser um olho e enfiou um dedo nele. A coisa urrou e recuou, Dahl conseguiu se afastar da coisa, que pulou nele novamente, e depois sentiu dentes em seu ombro e uma ardência que o alertou: o que quer que fosse, também era venenoso. Dahl procurou o olho mais uma vez e enfiou o dedo nele de novo. A coisa voltou a se afastar, mas dessa vez Dahl estava zozó e enjoado demais para se mexer.

*Um sacrifício é feito e o resto fica livre meu ovo,* pensou ele, e a última coisa que viu foi a coleção muito impressionante de dentes da

coisa envolvendo sua cabeça.

\* \* \*

Dahl acordou e viu os amigos ao redor dele.

– Ai – disse ele.

– Finn, dê um pouco de água para ele – falou Duvall. Finn pegou um pequeno recipiente com canudo de um suporte ao lado da cama da enfermaria e pôs nos lábios de Dahl. Ele bebericou com cuidado.

– Não estou morto – sussurrou ele, por fim.

– Não – disse Duvall. – Não que não tenha se esforçado. O que restou de você deveria estar morto quando trouxeram de volta à nave. O doutor Hartnell disse que foi sorte que Q'eeng e Taylor tenham conseguido chegar até você a tempo, do contrário aquela coisa teria comido você vivo.

A última frase estalou algo na lembrança de Dahl.

– Cassaway – disse ele. – Mbeke.

– Estão mortos – disse Hanson. – Também não restou muito deles para trazer de volta.

– Você é o único da equipe de campo ainda vivo – disse Hester. – Além de Q'eeng.

– Taylor? – rouquejou Dahl.

– Foi mordido – respondeu Duvall, interpretando corretamente a questão. – Aquelas coisas tinham veneno. Não mata as pessoas, mas as deixa psicóticas. Ele ficou louco e começou a atirar na nave. Matou três da tripulação antes de alguém derrubá-lo.

– É o que acreditam ter acontecido na colônia – comentou Finn. – Os prontuários do médico mostram que um grupo de caça foi mordido por essas coisas, voltou à colônia e começou a fuzilar o lugar. Depois, as criaturas chegaram, levaram os mortos e mataram os sobreviventes.

– Q'eenng foi mordido também, mas o capitão Abernathy o isolou até conseguirem criar um antídoto – disse Hanson.

– A partir do seu sangue – adicionou Hester. – Você ficou inconsciente, então não pirou. Isso deu tempo de seu corpo metabolizar e neutralizar o veneno.

– Ele teve sorte que você sobreviveu – disse Duvall.

– Não – respondeu Dahl, erguendo o braço para apontar para si mesmo. – A minha sorte é que ele precisou de mim.

8

– O que é isso? – perguntou Dahl da cama, pegando um dos objetos em formato de botão que Finn segurava.

– Nosso jeito de chegar até Jenkins na surdina – respondeu Finn, entregando os outros objetos. – São *transponders* de identificação de carrinhos de entrega. Eu arranquei de carrinhos desativados na área de descarte. As portas dos túneis de carga registram cada vez que são abertas e fechadas e buscam identificação. Se for um membro da tripulação, o telefone emite a identificação. Se for um carrinho, um desses faz o serviço.

– Não seria mais fácil só deixar nossos telefones em algum lugar e não carregar nenhuma identificação? – perguntou Hanson, erguendo o botão contra a luz.

– Mas aí seria uma abertura de porta não explicada – disse Finn. – Se esse Jenkins for tão paranoico e cuidadoso quanto Andy pensa que ele é, isso não escaparia do controle dele.

– Então deixamos nossos telefones em algum lugar, pegamos um desses e vamos atrás dele – concluiu Dahl.

– Foi o que pensei – disse Finn. – A menos que tenha um plano melhor.

– Passei duas semanas sem fazer nada, apenas me recuperando – disse Dahl. – Por mim, está ótimo.

– Então, quando vamos encontrar esse cara? – perguntou Duvall.

– Se ele rastreia o capitão e os oficiais seniores, vai estar ativo enquanto eles estiverem – disse Dahl. – Ou seja, no primeiro turno. Se entrarmos depois do início do terceiro turno, teremos uma chance de pegar Jenkins enquanto dorme.



– Então ele vai acordar com cinco pessoas em cima dele, encarando – disse Hester. – Isso *com certeza* não vai deixar o cara nem um pouco mais paranoico do que já é.

– Se não estiver dormindo e nos ver, talvez tente fugir – argumentou Dahl. – Se apenas um de nós for, talvez ele consiga nos enganar. É menos provável que passe por nós cinco, cada um chegando de um corredor diferente.

– Todo mundo pronto para derrubar um ieti – comentou Finn. – Esse cara é grande e peludo.

– Além disso, seja lá que diabos esteja acontecendo nesta nave, acho que todos vamos querer saber mais cedo ou mais tarde – disse Dahl.

– Então, logo depois do terceiro turno – disse Duvall. – Hoje à noite?

– Hoje à noite não – interveio Dahl. – Me deem um ou dois dias para eu me reacostumar a andar. – Ele se espreguiçou e se encolheu de dor.

– Quando vai ter alta? – perguntou Hanson, observando os movimentos.

– Hoje – disse Dahl. – Vão fazer um checkup final depois que vocês saírem. Estou curado, só meio enferrujado por ficar deitado por tanto tempo. Mais alguns dias e vou estar a todo vapor no laboratório de xenobiologia para descobrir por que nenhum dos meus oficiais superiores se deu ao trabalho de vir me ver desde que vim parar na enfermaria.

– Talvez tenha a ver com dois de seus colegas terem sido devorados – comentou Hester. – É só uma suposição.

– Não duvido – disse Dahl. – Mas preciso descobrir se tem mais alguma coisa.

\* \* \*

– Nem se dê ao trabalho – disse a tenente Collins quando Dahl passou pela porta do laboratório de xenobiologia. – Você não trabalha mais neste laboratório. Pedi sua transferência.

Dahl parou e olhou ao redor. Collins estava diante dele, numa postura antagônica. Trin, na estação de trabalho atrás dele, estava decididamente concentrado em seu tablet de trabalho. Das outras estações de trabalho, dois novos rostos o encaravam boquiabertos.

– Os novos Cassaway e Mbeke? – perguntou Dahl, voltando a atenção para Collins.

– Jake e Fiona não são *substituíveis* – disse Collins.

– Não, apenas descartáveis – disse Dahl. – Ao menos quando se trata de estar em uma equipe de campo – Ele meneou a cabeça para os novos membros. – Já falou com eles sobre Q'eeng? Ou o capitão? Explicou as ausências repentinas de vocês quando um deles aparece? Já apresentou a Caixa, tenente?

Era visível que Collins estava se controlando.

– Nada disso é da sua conta, alferes – disse ela por fim. – Você não faz mais parte deste laboratório. A alferes Dee, oficial júnior de ciências na ponte de comando, caiu morta uma semana atrás em uma missão de campo. Recomendei você a Q'eeng para substituí-la. Ele concordou. Você começa amanhã. Tecnicamente, é uma promoção. Parabéns.

– Alguém me disse uma vez para ficar longe da ponte – disse Dahl, e em seguida assentiu para Trin. – Duas pessoas, na verdade. Mas uma delas foi mais veemente que a outra.

– Bobagem – disse Collins. – A ponte é o lugar perfeito para alguém como você. Vai estar em contato com os oficiais seniores diariamente. Eles vão conhecê-lo muito bem. E vai haver muitas

possibilidades de aventura. Vai sair em missões de campo toda semana. Às vezes, com uma frequência até maior. – Deu um sorriso amarelo.

– Bem – disse Dahl. – Ao me dar essa promoção, a senhora certamente mostra o que acha de mim, tenente.

– Não faça presunções – disse Collins. – E isso é só o que você merece. Agora, acho melhor você se apressar, alferes. Vai precisar descansar para seu primeiro dia na ponte de comando.

Dahl ajeitou-se e prestou uma continência ríspida. Collins virou as costas sem devolver o cumprimento.

Dahl virou-se para a porta, mas mudou de ideia e foi até os novos tripulantes.

– Há quanto tempo estão aqui? – perguntou à mais próxima deles.

Ela olhou para o outro tripulante e depois para Dahl novamente.

– Quatro dias – disse ela. – Fomos transferidos da *Honsu*.

– Não saíram em equipes de campo ainda – afirmou Dahl.

– Não, senhor – confirmou ela.

Dahl assentiu.

– Vou dar um conselho a vocês. – Ele apontou para Collins e Trin.

– Quando eles saírem do nada para tomar café, é uma boa hora para vocês fazerem uma contagem de estoque no depósito. Os dois. Não acho que aqueles dois vão se dar ao trabalho de contar isso para vocês. Não acho que vão se importar em contar isso para mais ninguém que trabalhe neste laboratório. Então, estou contando. Fiquem espertos com eles. Não deixem que eles traiam vocês.

Dahl virou-se e saiu, deixando dois tripulantes muito confusos e dois oficiais muito putos da vida.

\* \* \*

– Devagar, Andy – disse Duvall, movendo-se mais rápido para acompanhá-lo. – Você acabou de sair da enfermaria.

Dahl bufou e partiu pisando duro no corredor. Duvall o alcançou.

– Acha que ela mandou você para a ponte de comando para se vingar pelos colegas de laboratório? – perguntou Duvall.

– Não – respondeu Dahl. – Ela me mandou para lá porque, quando precisou alocar Jake e Fiona, percebeu uma coisa sobre si mesma.

– Coisa? – perguntou Duvall. – Que coisa?

Dahl olhou para Duvall.

– Que ela está *com medo* – disse ele. – Todo mundo nesta nave está com medo, Maia. Eles se escondem, desaparecem e encontram maneiras de *não pensar* em quanto tempo passam se escondendo. E daí vem o momento em que não conseguem se esconder e precisam encarar a si mesmos. E eles odeiam isso. É *por isso* que Collins me mandou para a ponte. Porque, do contrário, todas as vezes que olhasse para mim, se lembraria de que é uma covarde.

Ele começou a andar rápido de novo.

– Aonde você vai? – perguntou Duvall.

– Me deixe em paz, Maia – disse ele. Duvall parou de uma vez. Dahl deixou-a para trás.

Na verdade, ele não fazia ideia de para onde estava indo; estava fervilhando de frustração e raiva, e estar em movimento era o mais próximo que a populosa *Intrepid* oferecia de privacidade.

Foi por isso que, quando a presença da tripulação finalmente rareou, e Dahl sentiu a fadiga de seus músculos destreinados tentando alertá-lo, ficou surpreso em ver que estava diante da porta do túnel de carga mais próximo do refúgio secreto de Jenkins.

Ficou diante da porta por um longo minuto, lembrando-se do plano de se esgueirar até Jenkins em equipe e descobrir o que ele

sabia.

– Foda-se – falou, e bateu no painel de acesso para abrir a porta do corredor.

Um ieti estava logo do outro lado. Ele agarrou Dahl e puxou-o para dentro do corredor. Dahl berrou, surpreso, mas estava fraco demais para resistir. Saiu aos tropeços pelo corredor. O ieti, que Dahl acabou reconhecendo como Jenkins, fechou a porta.

– Pare de gritar – disse Jenkins, que enfiou e girou um dedo no ouvido. – Meu Deus, é irritante.

Dahl olhou para a porta fechada e depois de volta para Jenkins.

– Como você fez *isso*? – perguntou ele. – Como sabia?

– Porque eu sou um estudioso da condição humana – disse Jenkins. – E como qualquer ser humano, você é bem previsível. E também porque vigio você o tempo todo pelo seu telefone, idiota.

– Então você sabe...

– Sobre seu plano extremamente complicado para se esgueirar até mim? Sei – disse Jenkins. – Quer dizer, o seu amigo Finn também precisa levar o crédito pela parte da identificação dos carrinhos. Mas o que ele não sabe é que quando as identificações dos carrinhos desativados são escaneadas, eu recebo um alerta imediato. Ele não é o primeiro a pensar nisso para acessar esses corredores. E você não é o primeiro que tenta me encontrar.

– Não sou – afirmou Dahl.

Jenkins estalou os dedos, como se para chamar a atenção de Dahl.

– O que foi que acabei de dizer? Conversas redundantes não vão levar a gente a lugar nenhum.

– Desculpe. Vamos tentar de novo. Então quer dizer que tiveram outros que tentaram encontrar você e falharam.

– Isso mesmo. – Eu não quero ser encontrado, e aqueles para quem presto serviço não querem que eu seja encontrado também. Entre nós, conseguimos evitar todos que eu não quero ver.

– Então você quis me ver – falou Dahl, com cuidado.

– É mais preciso dizer que *você* quis *me* ver, e eu estou disposto a deixar que me você me veja.

– Por que eu? – perguntou Dahl.

– Você acabou de ser escalado para a ponte de comando.

– Isso. E eu me lembro de você me dizer de forma muito específica para ficar longe da ponte.

– E por isso você veio me procurar. Embora isso arruíne o plano que fez com seus amigos.

– Sim.

– Por quê? – quis saber Jenkins.

– Não sei. Não estava muito bem da cabeça.

– Errado. Você *estava* muito bem da cabeça, mas não estava muito consciente. Agora, pense nisso conscientemente e me diga por quê. Mas depressa. Estou me sentindo exposto aqui.

– Porque você sabe *por quê* – retrucou Dahl. – Todo mundo na *Intrepid* sabe que tem algo bizarro nesta nave. E arranjam maneiras de não se envolver nisso. Mas eles não sabem *por quê*. Você sabe.

– Talvez eu saiba – disse Jenkins. – Mas e daí?

– E daí que se não soubermos como algo funciona, não saberemos de nada sobre aquela coisa – disse Dahl. – Todos os truques e superstições não levam a lugar nenhum se a gente não conhecer a origem deles. As condições podem mudar, e daí a gente se fode.

– Essa lógica é meio fraca. Não explica por que você decidiu me procurar agora.

– Porque agora alguém está se empenhando em me *matar* – confessou Dahl. – Collins me transferiu para a ponte porque decidiu que quer me ver morto.

– Ah, a morte por equipe de campo. Muito eficaz nesta nave.

– Vou para a ponte de comando amanhã. Depois disso, não é mais uma questão de *se* vou morrer, mas sim de quando. Meu tempo acabou. Preciso saber *agora*.

– Para evitar a morte – disse Jenkins.

– O que seria ótimo.

– Collins quer evitar a morte e você acabou de chamá-la de covarde por isso.

– Não é por isso que ela é covarde.

– Não, acredito que não.

– Se eu puder entender por quê, talvez possa evitar a minha morte e, talvez, possa impedir que outros morram também – disse Dahl. – Tem pessoas pelas quais prezo muito aqui. Eu gostaria que continuassem vivas.

– Muito bem – disse Jenkins. – Vou fazer mais uma pergunta, Dahl: e se eu disser o que penso e parecer loucura para você?

– Foi isso que aconteceu? Collins e Trin. Você trabalhou para eles. Disse que tinha uma teoria. Eles ouviram e não acreditaram.

Jenkins deu uma risadinha.

– Eu disse loucura, não inacreditável. E acho que Collins, por sua vez, acredita sim.

– Como sabe?

– Porque foi o que fez dela uma covarde – disse Jenkins, que em seguida examinou Dahl. – Mas talvez você não seja assim. Não, talvez não mesmo. E talvez seus amigos também não sejam. Então reúna todos eles, alferes Dahl. Me encontre no meu covil hoje à noite. No mesmo horário que vocês iriam invadir. Até lá.

Ele se virou para ir embora.

– Posso fazer uma pergunta? – quis saber Dahl.

– Além dessa que já está fazendo?

– Duas, na verdade – respondeu Dahl. – Cassaway disse que eles entraram naquela missão de campo porque você não avisou que Q'eeng estava chegando. Disse que foi uma retaliação por eu tentar descobrir mais sobre você. Foi isso?

– Não – respondeu Jenkins. – Eu não avisei que Q'eeng estava a caminho aquela vez porque estava cagando. Não posso vigiar tudo o tempo todo. Qual é a sua segunda pergunta?

– Você me disse para ficar longe da ponte. Falou para mim e para Finn. Por que fez isso?

– Bem, eu falei para o seu amigo Finn porque calhou de ele estar por lá, e eu achei que não faria mal, mesmo que ele seja meio cuzão – disse Jenkins. – Mas quanto a você, bem... Digamos que tenho um interesse especial no laboratório de xenobiologia. Pode chamar de apego sentimental. E vamos dizer também que imaginei que sua reação ao que acontece aqui na *Intrepid* iria além da reação costumeira de medo. Então, considere que dar um alerta e um conselho pessoalmente não faria mal.

Jenkins acenou como se dissesse "Viu?".

– E olhe onde estamos agora. No mínimo, você ainda está vivo. Até agora.

Ele estendeu a mão ao painel de acesso e abriu a porta para devolver Dahl à *Intrepid*. E depois desapareceu.



**9**

– *Funciona, porcaria!* – disse Jenkins e bateu na mesa-monitor.

Sobre a mesa, uma imagem holográfica piscou e, em seguida, desapareceu. Jenkins bateu na mesa de novo. Dahl olhou para Duvall, que estava enfiada com Hanson, Finn e Hester no espaço mínimo onde Jenkins vivia. Ela revirou os olhos.

– Desculpem – murmurou Jenkins, aparentemente para os cinco tripulantes espremidos em seu espaço, mas mais para si mesmo. – Pego os equipamentos que todo mundo joga fora. Os carrinhos trazem até aqui. E aí preciso consertar tudo. Dão uns probleminhas de vez em quando.

– Tudo bem – disse Dahl. Seus olhos captaram o que estava ao redor. Além de Jenkins e dos cinco, a área de armazenamento de carrinhos de entrega estava lotada com os pertences de Jenkins: a grande mesa holográfica, situada entre ele e os cinco tripulantes, uma cama com colchão fino, um pequeno guarda-roupas com caixas de lençinhos umedecidos empilhadas, um estrado cheio de rações para equipes de campo da União Universal e um banheiro químico. Dahl perguntou-se como aquele banheiro era esvaziado e recebia manutenção. Não sabia ao certo se queria mesmo saber.

– Vai demorar? – perguntou Hester. – Pensei que já teríamos acabado a essa hora e meia que estou com vontade de mijar.

Jenkins apontou para o banheiro.

– Fique à vontade.

– Melhor *não* – disse Hester.

– Pode simplesmente nos dizer o que quer nos contar – sugeriu Dahl. – Não precisamos de uma apresentação de slides.

– Ah, precisam *sim* – disse Jenkins. – Se eu só *contar* para vocês, vai parecer maluco. Gráficos e imagens deixam... bem, *menos* maluco.

– Que beleza – disse Finn, olhando para Dahl como se dissesse “Obrigado por nos meter nessa”. Dahl deu de ombros.

Outra porrada de Jenkins na mesa e a imagem holográfica se estabilizou.

– Rá! – exclamou Jenkins. – Tudo pronto.

– Graças a Deus – disse Hester.

Jenkins bateu a mesa com as mãos, acessando o visor de imagens bidimensionais paralelo no tampo. Encontrou uma que queria e ergueu-a para os outros verem.

– Esta é a *Intrepid* – disse, apontando para a imagem giratória que pairava sobre a mesa holográfica. – A nave almirante da Frota Espacial da União Universal e uma das maiores naves da frota. Mas, apesar de tudo isso, é só uma entre as milhares de naves. Nos primeiros nove anos de existência, além de ser designada a nave almirante, não havia nada de especial nela do ponto de vista estatístico.

A *Intrepid* diminuiu e foi substituída por um gráfico mostrando duas linhas semelhantes em uma cronologia, uma representando a nave deles, outra representando a frota como um todo.

– Tinha a missão geral de explorar e, às vezes, entrava em ações militares. Em ambos os cenários, sofria perdas de tripulação coerentes com a média da UU, até um pouco menores, pois a UU vê a nave almirante como um símbolo, e em geral atribui missões menos árduas a ela. Mas então, cinco anos atrás, aconteceu isso.

O gráfico avançou para incluir os últimos cinco anos. A linha da *Intrepid* deu um salto violento e, em seguida, se estagnou em um nível substancialmente maior que o restante da frota.

- Uau! – disse Hanson.
- “Uau” é a palavra – disse Jenkins.
- O que aconteceu? – perguntou Dahl.
- O capitão Abernathy foi o que aconteceu – disse Duvall. – Ele assumiu o comando da *Intrepid* há cinco anos.
- Chegou perto, mas está errado – disse Jenkins e acenou com a mão sobre a mesa, girando os elementos visuais para encontrar o que queria. – Abernathy de fato assumiu o comando da *Intrepid* cinco anos atrás. Antes, foi capitão da *Griffin* por quatro anos, onde desenvolveu a reputação de ser um líder pouco convencional e que assumia riscos, mas que era competente.
- “Que assumia riscos” poderia ser um eufemismo para “que fazia a tripulação morrer” – emendou Hester.
- Poderia, mas não é – disse Jenkins, e lançou uma imagem de um cruzador. – Aqui está a *Griffin* – disse ele. Um gráfico rolou por trás da nave, como o que rolara atrás da *Intrepid* antes. – E, como podem ver, apesar da reputação de Abernathy de assumir riscos, a taxa de mortalidade da tripulação fica na média, nada pior do que qualquer outra nave na linha. É impressionante considerar que a *Griffin* é um cruzador de batalha, ou seja, uma nave de guerra da UU. Foi só depois que Abernathy assumiu a *Intrepid* que a taxa de mortalidade daqueles sob seu comando ficou tão elevada.
- Talvez ele tenha enlouquecido – falou Finn.
- As análises psicológicas dele dos últimos cinco anos deram normais – disse Jenkins.
- Como sabe...? – Finn parou no meio da frase e ergueu a mão. – Quer saber, não importa. Essa pergunta ia ser idiota.
- Ele não é maluco e não põe sua tripulação em risco intencionalmente, se é o que está querendo dizer – disse Dahl. – Mas me lembro da tenente Collins dizendo que, quando as pessoas

reclamavam da alta taxa de mortalidade da tripulação da *Intrepid*, diziam para eles que, como nave almirante, ela entrava em missões mais arriscadas. – Ele apontou para a tela. – Mas você está dizendo que não é verdade.

– É verdade que as missões de campo resultam em mais mortes agora – disse Jenkins. – Mas não é porque as missões em si são inerentemente mais arriscadas. – Ele mexeu e levantou várias imagens de naves na tela. – Estas são algumas de nossas naves de combate e infiltração. A rotina delas é entrar em missões de alto risco. Aqui estão as médias das baixas de tripulação durante os anos. – Gráficos se abriram atrás das imagens. – Vocês podem ver que as baixas são maiores do que a linha de referência da UU. Mas – Jenkins puxou a imagem da *Intrepid* – as baixas de tripulação são ainda *substancialmente* menores que as da *Intrepid*.

– Então, por que as pessoas continuam morrendo? – questionou Duvall.

– De forma geral, as missões em si não são arriscadas – prosseguiu Jenkins. – Só que algo dá *errado* nelas.

– Então, é uma questão de competência – propôs Dahl.

Jenkins ergueu uma tela que exibia uma imagem que rolava para baixo de oficiais e chefes de seção da *Intrepid* e suas várias condecorações e prêmios.

– Estamos falando da nave almirante da UU – disse ele. – Não dá pra chegar aqui sendo um incompetente.

– Então é má sorte – disse Finn. – A *Intrepid* tem o pior carma do universo conhecido.

– Essa segunda parte talvez seja verdade – falou Jenkins. – Mas não creio que tenha algo a ver com sorte.

Dahl piscou e lembrou-se de ter dito a mesma coisa depois de arrastar Kerensky para dentro da nave de transporte.

– Tem algo acontecendo com os oficiais aqui – disse Dahl.

– Sim, com cinco deles – concordou Jenkins. – Abernathy, Q’eng, Kerensky, West e Hartnell. Estatisticamente falando, há algo muito anormal com eles. Quando estão em uma missão de campo, a chance de ocorrer uma falha crucial na missão aumenta. Quando dois ou mais deles estão na mesma missão de campo, a chance de uma falha crucial cresce exponencialmente. Se três ou mais estiverem na missão, é quase certo que alguém vai morrer.

– Mas nunca um *deles* – disse Hanson.

– Exato – disse Jenkins. – Claro, Kerensky sempre se ferra inteiro. Mesmo os outros quatro levam umas de vez em quando. Mas morrer? Eles não morrem. Nunca.

– E nada disso é normal – comentou Dahl.

– Claro que não! – disse Jenkins, abrindo fotos dos cinco oficiais com gráficos atrás. – Cada um deles presenciou mortes em missões de campo a taxas exponencialmente mais altas do que outros oficiais na mesma posição em outras naves. Isso na frota *inteira*, e durante a *existência inteira* da frota, desde a formação da UU, quase duzentos anos atrás. É preciso remontar às frotas marítimas para o mesmo tipo de baixa, e mesmo os próprios oficiais não escapavam à mortalidade. Capitães e oficiais seniores caíam mortos a todo o momento.

– É o que o escorbuto e a praga fazem – falou Hester.

– Não é só *escorbuto* – disse Jenkins, e apontou para as imagens dos oficiais. – Oficiais morrem hoje em dia também, sabe? A patente altera um pouco os padrões de mortalidade, mas não os elimina. Estatisticamente falando, todos os cinco deveriam ter morrido umas duas ou três vezes. *Talvez* um ou dois deles tivessem sobrevivido a todas as experiências pelas quais passaram até agora. Mas os cinco? Seria mais fácil um deles tomar um raio na cabeça.

– E sobreviveria – disse Finn.  
– Mas o tripulante que estivesse ao lado dele não – disse Duvall.  
– Agora vocês estão entendendo – disse Jenkins.  
– Então o que você está dizendo é que tudo isso seria impossível – disse Dahl.

Jenkins negou com a cabeça.

– Nada é impossível – disse ele. – Mas algumas coisas são bem improváveis. Essa é uma delas.

– Improvável quanto? – perguntou Dahl.

– Em toda a minha pesquisa, há apenas uma espaçonave que descobri cujo padrão estatístico para missões de campo chega perto do nosso – disse Jenkins. Ele fuçou pelas imagens novamente e jogou uma na tela. Todos eles a encararam.

Duvall franziu o cenho.

– Não reconheço essa nave – falou ela. – E pensei que conhecesse todas as naves que tínhamos. É uma nave da UU?

– Não exatamente – disse Jenkins. – É da Federação dos Planetas Unidos.

Duvall piscou, confusa, e olhou de novo para Jenkins.

– Quem são eles? – perguntou.

– Não existem – respondeu Jenkins, e apontou de volta para a nave. – E nem a nave. Essa é a *Enterprise*. É fictícia. Era de uma série dramática de ficção científica. Assim como nós.

\* \* \*

– Tudo bem – disse Finn, depois de um momento. – Eu não sei se mais alguém concorda, mas estou disposto a dar para esse cara o título oficial de *louco do cu*.

Jenkins olhou para Dahl.

– Falei que pareceria loucura – disse ele, e apontou para a tela. – Mas aqui estão as estatísticas.

– As estatísticas mostram que há algo de muito bizarro com esta nave – disse Finn. – Mas não querem dizer que somos estrelas de uma porra de série de ficção científica.

– Nunca disse que vocês são as *estrelas* – afirmou Jenkins. Ele apontou para as imagens flutuantes de Abernathy, Q'eeng, Kerensky, West e Hartnell. – *Eles* são as estrelas. Vocês são figurantes.

– Perfeito – falou Finn, e se levantou. – *Muitíssimo* obrigado por desperdiçar meu tempo. Vou ver se consigo dormir um pouco agora.

– Espere – disse Dahl.

– Esperar? Sério, Andy? – retrucou Finn. – Sei que você já está há um tempo obcecado por isso, mas existe uma diferença entre chegar ao limite e ultrapassar *muito* o limite, e nosso amigo peludo aqui já passou tanto do limite que o limite nem sabe mais quem ele é.

– Sabe que odeio concordar com Finn – disse Hester. – Mas concordo. Isso não está certo. Mas também não chega nem perto de estar errado.

Dahl olhou para Duvall.

– Também acho que é maluquice, Andy – disse ela. – Desculpe.

– Jimmy? – perguntou Dahl, olhando para Hanson.

– Bem, ele é *definitivamente* maluco – disse Hanson. – Mas ele acha que está dizendo a verdade.

– Claro que acha! Por isso mesmo é que ele é *maluco* – disse Finn.

– Não foi o que quis dizer – explicou Hanson. – Quando se é maluco, o raciocínio da pessoa é coerente com a própria lógica interna dela, mas estamos falando de uma lógica *interna*, que não faz nenhum sentido fora da cabeça da pessoa. – Ele apontou para Jenkins. – A lógica dele é externa e relativamente razoável.



– Exceto pela parte de que somos todos ficção – zombou Finn.  
– Nunca disse isso – retrucou Jenkins.  
– Hummmm – falou Finn, apontando para a *Enterprise*. – *Ficção*, seu babacão.

– *Ela* é ficcional – disse Jenkins. – *Você* é real. Mas um programa de televisão ficcional interfere em nossa realidade e a corrompe.

– Espere – disse Finn, agitando a mão em descrença. – *Televisão?* Você só pode estar brincando comigo. Faz centenas de anos que não existe mais *televisão*.

– A televisão teve seu início em 1928 – prosseguiu Jenkins. – O último uso do meio de comunicação para fins de entretenimento foi em 2105. Em algum lugar entre essas duas datas existe uma série de televisão acompanhando as aventuras da tripulação da *Intrepid*.

– Quero muito saber o que você está fumando – disse Finn. – Porque, seja lá o que for, aposto que consigo lucrar muito com isso.

Jenkins olhou de novo para Dahl.

– Não tenho como trabalhar desse jeito – disse ele.

– Todo mundo pode ficar quieto por um minuto? – pediu Dahl. Finn e Jenkins acalmaram-se. – Olha só, concordo que parece maluco. Até *ele* admite que parece maluco. – Dahl apontou para Jenkins. – Mas pensem no que vimos acontecer nesta nave. Pensem em como as pessoas agem aqui. O que é bizarro aqui não é esse cara pensar que estamos em um programa de televisão. O que é bizarro é, pelo que podemos dizer neste momento, essa ser a *explicação mais racional* para o que está acontecendo. Me digam se estou errado.

Dahl olhou para os amigos. Todos ficaram em silêncio. Finn parecia estar mal segurando a língua dentro da boca.

– Certo – disse Dahl. – Então vamos no mínimo escutar o que ele tem para nos dizer. Talvez fique ainda mais maluco a partir daqui.

Talvez comece a fazer mais sentido. De qualquer forma, é melhor do que o que temos agora, que é nada.

– Ótimo – disse Finn por fim. – Mas você deve uma punheta ou siririca para cada um de nós.

Ele se afastou.

– Punheta? Siririca? – Jenkins perguntou a Dahl.

– Longa história – respondeu Dahl.

– Bem – disse Jenkins –, ao menos em uma coisa vocês têm razão. É uma loucura que a explicação mais racional para o que acontece nesta nave seja uma série de televisão interferindo em nossa realidade e a corrompendo. Mas essa não é a pior parte.

– Meu Deus – disse Finn. – Se essa não é a pior coisa, qual é?

– Pelo que eu entendi – disse Jenkins –, essa série nem é muito boa.

**10**

– Alerta vermelho! – disse o capitão Abernathy quando a nave rebelde calendriana disparou seus torpedos na *Intrepid*. – Manobras evasivas! Agora!

Dahl, em seu posto científico na ponte de comando, posicionou os pés para ganhar estabilidade enquanto a nave chacoalhava loucamente, manobrando seu volume para evitar os ágeis mísseis guiados disparados contra ela.

*Você vai perceber que os amortecedores inerciais da Intrepid não funcionam tão bem em situações de crise*, Dahl lembrou-se das palavras de Jenkins. *A nave poderia fazer curvas fechadas, giros e loopings em qualquer outro momento e você nunca perceberia. Mas sempre que houver uma situação drástica, confie em seus pés.*

– Ainda estão vindo em nossa direção! – berrou o alferes Jacobs, na estação de armas, rastreando os torpedos.

Abernathy bateu em um botão na sua cadeira que abriu um canal de transmissão.

– Toda a tripulação! Segure-se para o impacto!

Dahl e todos os outros na ponte de comando agarraram-se às respectivas estações e se apoiaram. *Seria um bom momento para um sistema de contenção*, pensou Dahl.

Houve um baque distante quando os torpedos atingiram a *Intrepid*. O piso da sala balançou com o impacto.

– Relatório de danos! – gritou Abernathy.

*Os conveses seis a doze quase sempre receberão dano durante um ataque*, dissera Jenkins. *É porque são os conveses para os quais o programa tem cenários. Podem fazer um corte de cena na ponte*

*de comando para tomadas de explosões e da tripulação sendo lançada para trás.*

– Conveses seis, sete e nove receberam danos pesados – disse Q'eeng. – Conveses oito e dez sofreram danos moderados.

– Mais torpedos! – gritou Jacobs. – Quatro deles!

– Contramedidas! – berrou Abernathy. – Fogo!

*Por que não usou as contramedidas lá no início?*, pensou Dahl.

Em sua cabeça, Jenkins respondeu. *Toda batalha é pensada para causar o máximo de drama*", dissera. *"É o que acontece quando a Narrativa domina. As coisas param de fazer sentido. As leis da física fazem uma pausa para o cafezinho. As pessoas param de pensar logicamente e começam a pensar dramaticamente.*

"A Narrativa": o termo de Jenkins para quando a série televisiva invadia a vida, varria para longe toda a racionalidade e as leis da física e fazia as pessoas saberem, fazerem e dizerem coisas que de outra forma não fariam. *Isso já deve ter acontecido com você*, dissera Jenkins. *Um fato que você não sabia antes de repente aparece na sua cabeça. Você toma uma decisão ou uma atitude que do contrário não tomaria. É como um impulso irresistível porque é um impulso irresistível – sua vontade não é sua, você é apenas um peão que um roteirista move para onde quiser.*

Na tela, três florescências alaranjadas brilharam forte quando as contramedidas da *Intrepid* atingiram os torpedos.

*Três, não quatro*, pensou Dahl. *Porque ter um vindo para cá será mais dramático.*

– Um ainda está vindo em nossa direção! – disse Jacobs. – Vai bater!

Houve um estrondo violento quando o torpedo bateu contra o casco, vários conveses abaixo da ponte de comando. Jacobs gritou

quando sua estação de armas explodiu em uma chuva de fagulhas, fazendo-o voar de costas pelo convés da ponte.

*Algo vai explodir na ponte, dissera Jenkins. É onde a câmera passa quase todo o tempo. Tem de haver danos lá, faça sentido ou não.*

– Realinhe os controles das armas! – berrou Abernathy.

– Realinhados! – confirmou Kerensky. – Estou com eles na mira.

– Fogo! – comandou Abernathy. – Força total!

Kerensky bateu os dedos nos botões de sua estação. A tela iluminou-se quando raios de pulso e mísseis de neutrino voaram na direção dos rebeldes calendrianos, explodindo em uma constelação de impactos segundos depois.

– Dano direto! – disse Kerensky, olhando para a estação em busca de informações. – Parece que abrimos o núcleo da turbina, capitão. Temos cerca de um minuto antes que ela exploda.

– Tire-nos daqui, Kerensky – ordenou Abernathy, e em seguida virou-se para Q'eeng. – Temos mais danos?

– Convés doze muito danificado – disse Q'eeng.

A porta da ponte de comando abriu-se e o engenheiro-chefe West entrou.

– E nossos motores foram bem abalados – disse ele, como se pudesse ter ouvido a conversa de Abernathy e Q'eeng, por trás da porta, enquanto as sirenes de alerta vermelho rugiam. – Temos sorte de o nosso núcleo não ter rachado, Capitão.

– Quanto tempo até o reparo? – perguntou Abernathy.

*Tempo o suficiente para que gere mais uma complicação na trama, pensou Dahl.*

– Dez horas, sendo muito otimista – disse West.

– Droga! – disse Abernathy, esmurrando a cadeira de novo. – Em dez horas precisamos estar escoltando a nave do pontífice

calendriano para as negociações de paz.

– É evidente que existem aqueles entre os rebeldes que ainda se opõem às negociações – disse Q'eeng, olhando para a tela. Nisso, a nave rebelde explodiu de forma impressionante.

– Sim, é evidente – confirmou Abernathy. – Mas foram eles que pediram para que as negociações começassem. Por que atrapalhar tudo agora? E por que nos atacar? – Ele parecia perturbado, carrancudo.

*Às vezes, Abernathy, ou um dos oficiais, dirá algo dramático, retórico ou animador, e em seguida ele e todo mundo ficarão em silêncio por alguns segundos, Jenkins dissera. Essa é a deixa para o intervalo comercial. Quando isso acontece, a Narrativa se afasta. Observe o que eles fazem em seguida.*

Depois de alguns segundos, Abernathy piscou, relaxou a postura e olhou para West.

– Bom, então acho melhor você mandar seu pessoal consertar aqueles motores. – A voz dele era acentuadamente menos tensa e cheia de drama.

– Tudo bem – respondeu West, e saiu de pronto pela porta. Ao fazer isso, olhou ao redor, como se estivesse se perguntando por que sentira necessidade de sair de onde estava para ir até a ponte de comando a fim de entregar uma informação que poderia facilmente ter sido enviada pelo telefone.

Abernathy virou-se para Q'eeng.

– Leve grupos de manutenção aos conveses danificados.

– Pode deixar – confirmou Q'eeng.

– Enquanto isso, peça para alguém vir até aqui arrumar a estação de armas – pediu Abernathy. – E veja se não consegue encontrar alguns contentores de pico de energia ou algo assim. Não há motivo

nenhum para tudo na ponte soltar fagulhas toda vez que temos uma batalha.

Dahl engoliu em seco quando ouviu isso.

– Algum problema, alferes? – perguntou Abernathy, olhando para Dahl como se fosse a primeira vez em toda aquela confusão.

– Não, senhor – disse Dahl. – Desculpe, senhor. Um pouco de nervosismo pós-combate.

– Você é Dill – falou Abernathy. – Da xenobiologia.

– Dahl, senhor – corrigiu Dahl. – Sim, era meu antigo posto.

– Primeiro dia na ponte de comando, então – disse Abernathy.

– Isso.

– Bem, não se preocupe, não é sempre assim – garantiu Abernathy. – Às vezes é pior.

– Sim, senhor – disse Dahl.

– Muito bem – disse Abernathy, e em seguida meneou a cabeça para a figura inclinada de Jacobs, que gemia suavemente. – Por que não faz algo de útil e leva o Jackson aqui para a enfermaria? Ele parece estar precisando.

– Imediatamente, senhor – disse Dahl, e foi até Jacobs para ajudá-lo.

– Como ele está? – perguntou Abernathy, quando Dahl o ergueu.

– Bem machucado – disse Dahl. – Mas acho que vai sobreviver.

– Ótimo – disse Abernathy. – É mais do que posso dizer do último especialista em armas. Ou do anterior a ele. Às vezes, Dill, me pergunto o que diabos está acontecendo com esta nave. É como se tivesse uma maldição terrível sobre ela.

\* \* \*

– Isso não prova nada – disse Finn, depois de Dahl ter contado a ele sobre os eventos do ataque. Os cinco estavam reunidos ao redor



de uma mesa na área de descanso da tripulação segurando bebidas.

– Quantas provas mais você quer? – perguntou Dahl. – Foi como checar itens numa lista. Amortecedores inerciais instáveis? Confere. Estações da ponte de comando explodindo? Confere. Danos nos conveses seis a doze? Confere. Pausa significativa antes de sair para os comerciais? Confere.

– Ninguém morreu – apontou Hanson.

– Ninguém *precisava* morrer – retrucou Dahl. – Acho que essa batalha é apenas uma abertura. É o que se tem antes do primeiro intervalo comercial. É a base para o que deve vir em seguida.

– Tipo o quê? – perguntou Duvall.

– Sei lá – disse Dahl. – Não sou *eu* que estou escrevendo essa coisa.

– Jenkins saberia – comentou Hester. – Ele tem aquela coleção de “episódios”.

Dahl assentiu. Jenkins lhes mostrara uma linha do tempo da *Intrepid* que mostrava marcações em intervalos quase regulares. *São pontos onde a Narrativa invade*, dissera, aproximando uma das marcações, que mais de perto se espalhava como uma estrutura de raiz. *Ela vai e volta, estão vendo? Cada um desses pequenos eventos é uma cena. Todas elas presas a um arco narrativo.* Jenkins diminuiu o zoom. *Seis anos. Vinte e quatro eventos grandes em um ano, em média. Além de alguns menores. Acho que esses são romances baseados na série.*

– Ah, você também não – reclamou Finn para Hester, interrompendo o devaneio de Dahl. – Já é horrível ter Andy todo envolvido nisso. Agora você vai para o lado da loucura, também?

– Finn, se a carapuça serve, eu vou vestir, certo? – disse Hester. – Não acredito nas *conclusões* dele, mas o que ele sabe sobre os *detalhes* impressiona. Esse último evento aconteceu como Jenkins

falou que seria. Ele descreveu tudo, até a estação na ponte explodindo. Assim, talvez a gente não esteja sendo *roteirizado* de verdade, e talvez Jenkins não esteja tomando os remédios que deveria. Mas aposto que ele tem um palpite certo de para onde essa aventura com a nave rebelde vai nos levar.

– Então vocês vão procurar o Jenkins toda vez que alguma coisa acontecer para descobrir o que vem em seguida? – perguntou Finn.

– Se vocês realmente querem seguir um líder de seita, há muitos melhores que um cara que não come nada além de ração e caga num banheiro químico há quatro anos.

– Como  *você explicaria, então? – Hester perguntou a Finn.*

– *Não explico – disse Finn. – Olha. Essa é uma nave bem esquisita. Todos concordamos. Mas o que vocês estão tentando fazer é impor casualidade a eventos aleatórios, como todo mundo aqui tem feito.*

– A suspensão das leis da física não é um evento aleatório, Finn – disse Hester.

– E  *você é físico, agora? – retrucou Finn, e olhou ao redor. – Gente, estamos em uma nave espacial, porra. Algum de nós consegue explicar de verdade como essa coisa funciona? Encontramos todos os tipos de vida alienígena em planetas que acabamos de descobrir. Será que deveríamos estar assim tão surpresos por não entender o que está acontecendo? Somos parte de uma civilização que se espalha por anos-luz. Obviamente é estranho se  *você pensar um pouco. É tudo inerentemente improvável.**

–  *Você não falou nada disso quando estávamos com Jenkins – disse Dahl.*

– Eu  *ia falar – disse Finn. – Mas daí vocês ficaram lá, cheios de “vamos ouvir o que ele tem a dizer”, e não tinha por quê.*

Dahl franziu o cenho, irritado.

– Olha só, eu não estou discordando de que tenha algo de errado aqui – disse Finn. – Porque tem. Todos sabemos. Mas talvez seja porque essa nave inteira está presa em uma espécie de círculo vicioso de insanidade. Esse círculo tem se retroalimentado há anos. Em uma situação como essa, se você ficar procurando padrões para relacionar os eventos improváveis, vai encontrar. E não ajuda em nada ter alguém como Jenkins, que é louco, mas coerente o bastante para montar uma explicação que faça algum tipo de sentido doido em retrospecto. Daí ele se isola e começa a rastrear os oficiais para o restante da tripulação, o que alimenta a insanidade. E entra aí Andy, que é treinado para acreditar nesse tipo de bobagem.

– Como assim? – disse Dahl, incomodado.

– Significa que você passou anos em um seminário, mergulhado até o pescoço em misticismo – disse Finn. – E não apenas no misticismo comum dos seres humanos, mas em um misticismo genuinamente *alienígena*. Você forçou sua mente lá, amigo, e ela ficou larga o bastante para acreditar na teoria lunática de Jenkins. – Ele ergueu as mãos, sentindo a irritação de Dahl. – Eu gosto de você, Andy, não me leve a mal. Acho você um cara bacana. Mas acho que seu histórico está contra você. E acho que, de forma consciente ou não, você está levando nossos amigos aqui para um território de asneira genuína.

– Falando em histórico pessoal, essa é a coisa que mais me apavorou em Jenkins – interrompeu Duvall.

– Que ele sabe sobre nós? – perguntou Hanson.

– Digo, como ele sabia *tanto* sobre cada um de nós. E o que ele pensou que isso significava.

*Vocês todos são figurantes, mas figurantes especiais, Jenkins lhes dissera. O figurante existe apenas para ser morto, então ele ou ela*

*não precisa ter um histórico. Mas cada um de vocês tem.*

Ele apontou para cada um deles.

*Você é um noviço de uma religião alienígena. Você é um canalha que fez inimigos na tropa. Você é o filho de um dos homens mais ricos do universo. Você deixou sua última nave tendo uma briga com um oficial superior, e você está atualmente dormindo com Kerensky.*

– Você só ficou puta porque ele disse para todos nós que você está trepando com o Kerensky – disse Hester. – Ainda mais depois de já ter enxotado o cara na nossa frente.

Duvall revirou os olhos.

– Eu tenho necessidades – disse ela.

– Ele teve três DST nos últimos tempos – disse Finn.

– Eu fiz ele tomar uma nova rodada de injeções, confiem em mim – disse Duvall, e depois olhou para Dahl. – E, de qualquer forma, não encham meu saco por querer matar a vontade. Nenhum de vocês mostrou muita iniciativa.

– Ei, eu estava na enfermaria quando você começou com Kerensky – disse Dahl. – Não é minha culpa.

Duvall sorriu com o canto da boca.

– De qualquer forma, isso não foi a parte que me incomodou – voltou ela ao assunto. – Foi a outra parte.

*Vocês não vão morrer assim tão cedo, dissera-lhes Jenkins. O público televisivo não se interessa tanto quando um pobre coitado qualquer morre todo episódio. De vez em quando, precisam fazer parecer que uma pessoa real está morrendo. Então pegam um personagem menor, desenvolvem-no tempo suficiente para o público se importar e depois acabam com ele. São vocês, pessoal. Porque vocês vêm com histórias pregressas. Provavelmente vão ter um episódio inteiro dedicado às suas mortes.*

– Mais bobagens – falou Finn.

– Pra você, é fácil falar isso – disse Hester. – Sou o único de nós sem uma história pregressa interessante. Não fiz nada. Na próxima equipe de campo que estiver, estou *fodido*.

Finn apontou para Hester e olhou para Dahl.

– Viu, é disso que estou falando. Você encheu uma mente fraca e febril.

Dahl abriu um sorrisinho.

– E você é a voz solitária da sanidade.

– Isso! – confirmou Finn. – Quero que pensem sobre o que significa *eu* ser a pessoa em um grupo que está defendendo a realidade. Eu sou a pessoa menos responsável que conheço. Não gosto de ter que ser a voz da razão. Nem um pouco.

– Fraco e febril – murmurou Hester.

– Foi você quem quis vestir uma carapuça – disse Finn.

O telefone de Duvall apitou, e ela se afastou por um momento. Quando voltou, estava pálida.

– Tudo bem – disse ela. – Isso tudo é coincidência *demais* para o meu gosto.

Dahl franziu a testa.

– O que foi?

– Era Kerensky – respondeu ela. – Fui chamada para um briefing com os oficiais seniores.

– Para quê? – perguntou Hanson.

– Quando a *Intrepid* foi atacada por aquela nave rebelde, nossos motores foram apagados, então enviaram outra nave para escoltar a nave do pontífice calendriano até as reuniões de paz – disse Duvall.

– Aquela nave rebelde acabou de atacar a nave do pontífice e a danificou.

– Que nave era? – perguntou Dahl.

– A *Nantes* – disse Duvall. – A última onde trabalhei.

**11**

– Acredite em mim, Andy – disse Finn, caminhando com Dahl até o alojamento de Duvall. – Ela não vai querer falar com você.

– Você não sabe.

– Sei, sim.

– Ah, é? Como?

– Quando eu a vi logo depois de voltar do briefing, ela me disse: “Se eu vir Andy, juro por Deus que quebro o nariz dele” – respondeu Finn. Dahl sorriu.

Os dois chegaram ao alojamento de Duvall e entraram no quarto, que estava vazio, exceto por Duvall, sentada na cama.

– Maia – começou Dahl.

– Andy – disse Duvall, levantou-se e deu um murro no rosto de Dahl, que caiu no assoalho segurando o nariz.

– Eu falei – disse Finn para Dahl, no assoalho. Ele olhou para Duvall. – Eu *disse* para ele.

– Pensei que estava brincando! – falou Dahl, caído.

– Surpresa – disse Finn.

Dahl tirou a mão do rosto para ver se havia sangue; não havia.

– Por que fez isso? – perguntou ele para Duvall.

– Por causa das suas teorias da conspiração – disse Duvall.

– Não são minhas – disse Dahl. – São do Jenkins.

– Pelo amor de Deus, não importa quem inventou essas merdas!  
– ralhou Duvall. – Eu estava naquela maldita reunião hoje, dizendo para eles o que sei sobre a *Nantes*, e o tempo todo ficava pensando “É isso, esse é o episódio em que eu morro”. E depois olhei para Kerensky e ele me olhou como um cachorro pidão, como se fôssemos casados e não estivéssemos apenas transando. E aí eu

entendi que estou ferrada, porque se aquele filho de uma puta está apaixonado por mim, é a situação perfeita para eu morrer. Porque daí ele pode ficar *triste* no fim do episódio.

– Não precisa ser assim, Maia – disse Dahl, e começou a se levantar. Ela o empurrou de volta para o chão.

– Cala a *boca*, Andy – disse ela. – Só cale essa boca. Você não está entendendo. Não *importa* se vai ou não ser desse jeito. O que importa é que agora já engoli sua paranoia. Agora, tem uma parte do meu cérebro que está considerando esticar as canelas em uma missão de campo. Não consigo parar de pensar nisso, o tempo todo. Estou paranoica. E você é o culpado disso. *Muito* obrigada, viu?

Duvall sentou-se em sua cama, exasperada.

– Desculpe – disse Dahl depois de um minuto.

– *Desculpe* – disse Duvall, e deu uma risadinha. – Meu Deus, Andy.

– O que rolou no briefing dos oficiais? – perguntou Finn.

– Eu dei informações sobre a *Nantes* e a tripulação dela – disse Duvall. – Os rebeldes calendrianos têm um espião ou um vira-casaca na tripulação, alguém que pode ter hackeado os sistemas de armas, disparado contra a nave do pontífice e depois interrompido as comunicações. Não recebemos nenhuma mensagem da *Nantes* desde o ataque.

– Por que eles colocariam um espião na *Nantes*? – perguntou Finn. – A *Intrepid* que deveria escoltar a nave do pontífice.

– Eles devem ter descoberto que a *Nantes* era a nave reserva para essa missão – respondeu Duvall. – E é mais fácil infiltrar um espião na *Nantes* do que na nave almirante da União Universal. Então, mandaram uma nave nos atacar, nos tirar da missão, e em seguida a *Nantes* ficou em posição perfeita para atirar na nave do pontífice. E tem *outra* coisa... – Duvall apontou para Dahl. – Quando



estávamos falando disso no briefing, eu só conseguia pensar “Quanto tempo é necessário para infiltrar um espião? Como eles poderiam saber que a *Nantes* seria a nave reserva para uma missão emitida apenas poucos dias atrás? O quanto isso é *provável*?” E depois pensei “Esse episódio precisa ser mais bem editado”. – Ela olhou para Dahl. – E foi quando decidi que daria um soco em você na próxima vez que visse a sua cara.

– Jenkins disse que ele não achava a série muito boa – disse Dahl.

Duvall puxou o braço para trás.

– Não me obrigue a socar você de novo, Andy – disse ela.

– Tem uma equipe de campo? – perguntou Finn.

– Tem. E eu estou nela – disse Duvall. – A *Nantes* está em silêncio e não se move, então a *Intrepid* recebeu a ordem de investigar a situação da *Nantes* e defender a nave do pontífice de qualquer outro ataque. Eu era tripulante da *Nantes* e fui das tropas terrestres, o que me torna a guia da equipe de campo. E provavelmente vou matar a equipe inteira, pois graças a Andy estou convencida de que isso vai acontecer quando fizer mais *sentido dramático* eu tomar um tiro no meio dos olhos.

– Quando chegaremos? – perguntou Finn.

– Em duas horas, mais ou menos. Por quê? – disse Duvall.

Finn enfiou a mão no bolso e tirou uma pequena pílula azul oval.

– Aqui, tome isso.

Duvall deu uma olhada.

– O que é?

– É um regulador de humor feito da planta oryx – respondeu Finn. – É muito leve.

– Não preciso de regulador de humor – disse Duvall. – Só preciso socar Andy de novo.

– Pode fazer as duas coisas – disse Finn. – Confie em mim, Maia. Você está em frangalhos agora, e sabe disso. E, como você disse, isso vai pôr sua equipe de campo em risco.

– E tomar drogas não vai? – perguntou Duvall.

– Não essa aqui – disse Finn. – Como eu falei, é muito leve. Você mal vai notar o efeito. Só vai perceber que *relaxa* um pouco. O suficiente para se concentrar no trabalho e não em seu estado mental. Não vai afetar mais nada. Vai estar ligada e atenta. – Ele estendeu a pílula para mais perto de Duvall.

Ela olhou novamente.

– Tem um fiapo nela – disse ela.

Finn limpou o fiapo.

– Pronto.

– Tudo bem – disse Duvall, pegando a pílula. – Mas se eu começar a ver lagartos falantes, dou um murro na sua cara.

– Combinado – disse Finn. – Quer um pouco d'água?

– Não precisa – respondeu Duvall e engoliu a seco. Em seguida, ela se inclinou e sentou a mão na cara de Dahl com a mão aberta.

– Por que isso agora? – perguntou Dahl.

– Finn disse que eu podia tomar a pílula e meter a mão na sua cara – disse Duvall e, em seguida, franziu a testa. Ela ergueu os olhos para Finn. – Do que é feita essa pílula?

– Da planta orynx – disse Finn.

– E seus efeitos são leves – disse Duvall.

– Em geral, sim.

– Porque vou dizer uma coisa, estou tendo alguns efeitos bem fortes de repente – disse Duvall, e em seguida caiu da cama. Dahl pegou-a antes que ela se estatelasse no assoalho.

– O que você fez? – Dahl perguntou para Finn, segurando com dificuldade o corpo inconsciente de Duvall.

– Ficou bem óbvio que eu a fiz desmaiar – disse Finn, aproximando-se para ajudar Dahl.

– Pensei que tinha dito que a pílula era *muito leve* – disse Dahl.

– Menti – confessou Finn e pegou as pernas de Duvall. Os dois manobraram o corpo da amiga até a cama.

– Quanto tempo ela vai ficar apagada?

– Uma dose como aquela derrubaria um homem bem grande por oito horas – disse Finn –, então ela deve ficar apagada por umas dez.

– Ela vai perder a missão de campo – disse Dahl.

– Vai mesmo. Esse é o *objetivo* – disse Finn e, em seguida, meneou a cabeça para Duvall. – Andy, você deixou Duvall e nossos outros amigos tão malucos com essa coisa de televisão que estão perdendo a cabeça. Se quiser seguir com isso, tudo bem. Não vou impedir você. Mas quero garantir que o restante deles veja um argumento contrário em ação.

– Drogando Maia?

– É um meio para um fim. O fim é mostrar que, mesmo sem Maia, a equipe de campo vai até *Nantes* fazer seu trabalho. A vida continua, mesmo quando a “Narrativa” de Jenkins deveria acontecer. Assim que Maia, Jimmy e Hester virem isso, talvez parem de pirar. E, quem sabe, talvez você volte a pensar direito também.

Dahl assentiu para Duvall.

– Ela ainda vai ficar encrencada por perder a missão. É um crime para corte marcial. Não sei se ela vai gostar disso.

Finn sorriu.

– Engraçado você achar que não planejei algo pra isso também.

– E como você planejou?

– Você está prestes a descobrir – disse Finn. – Porque você faz parte do plano.

\* \* \*

– Onde está Maia? – perguntou Kerensky.

– Quem? – Finn devolveu a pergunta, inocente.

– Duvall – respondeu Kerensky, um tanto impaciente. – Ela deveria estar nessa equipe de campo.

– Ah, ela – disse Finn. – Ela está de cama com uma hidropisia orynxiana. Vai ficar fora por uns dias. Dahl aqui e eu vamos substituí-la na equipe. Verifique as ordens, senhor.

Kerensky examinou Finn, em seguida pegou o telefone e verificou a ordem da equipe de campo. Depois de um momento, grunhiu e levou-os até a nave de transporte. Finn e Dahl embarcaram. Dahl não sabia como Finn havia forjado a ordem da equipe de campo e não sentia uma necessidade muito profunda de saber.

Dentro da nave estavam o capitão Abernathy, o comandante Q'eeng e um alferes de aparência extraordinariamente nervosa que Dahl nunca tinha visto antes. O alferes sem dúvida havia notado a presença dos três oficiais seniores na equipe de campo, calculou suas chances de sobrevivência e não gostou do resultado. Dahl sorriu para o alferes quando se sentou; o alferes desviou o olhar.

Vários minutos depois, com Kerensky nos controles, a nave saiu de seu atracadouro e partiu na direção da *Nantes*.

– Alguns de vocês são acréscimos posteriores a este grupo – disse o capitão Abernathy, meneando a cabeça para Finn e Dahl –, então vou repassar a situação e nosso plano de ataque. A *Nantes* está sem comunicação desde antes do ataque à nave do pontífice. Acreditamos que o espião rebelde calendriano de alguma forma conseguiu assumir alguns sistemas, interrompeu a comunicação e atirou no pontífice, mas depois disso a tripulação deve ter retomado o controle da nave, do contrário a *Nantes* teria explodido o pontífice.

Nosso trabalho é entrar na *Nantes*, avaliar a situação e, se necessário, auxiliar na captura do rebelde.

– Temos alguma informação de quem poderia ser esse rebelde, senhor? – Dahl ouviu-se perguntar, surpreso por escutar o som da própria voz. *Ah, que merda*, pensou ele.

– Uma pergunta excelente, alferes Dahl – disse Q’eeng. – Pouco antes de deixarmos a *Intrepid*, pedi uma lista de tripulação da *Nantes*. A tripulação da nave ficou estável por meses, mas houve um acréscimo recente ao grupo, o tripulante Jer Weston. É o principal suspeito.

– Espere – disse Finn, interrompendo o comandante. – O senhor disse Jer Weston?

– Isso – respondeu Q’eeng, irritado por ter sido interrompido.

– Lotado antes na *Springfield*? – perguntou Finn.

– Foi seu posto antes da *Nantes*, exato – disse Q’eeng. – Por quê?

– Conheço esse cara – disse Finn. – Eu o conheci na *Springfield*.

– Meu Deus – disse Abernathy, inclinando-se para Finn. – Conte mais.

– Não tenho muito mais a contar – admitiu Finn, olhando para o capitão e, em seguida, para Q’eeng. – Ele e eu trabalhávamos no porão de carga juntos.

– Era seu amigo? – questionou Q’eeng.

– Amigo seria exagero, senhor – disse Finn. – Jer é um babaca. “Amigo” não faz parte do vocabulário dele. Mas trabalhei com ele por mais de um ano. Passamos um bom tempo juntos. Nunca me pareceu um traidor.

– Se espiões parecessem traidores, não seriam bons espiões – disse Q’eeng.

– Finn, precisamos que você conte tudo o que sabe sobre Weston – disse Abernathy com firmeza. – Qualquer coisa que possamos usar. Qualquer coisa que possa nos ajudar a retomar o controle da *Nantes* antes que mais naves rebeldes calendrianas convirjam para este setor. Se elas chegarem antes de a *Nantes* voltar à ação, a *Intrepid* não vai ser suficiente para manter o pontífice em segurança. E então não serão apenas os calendrianos lutando entre si. A galáxia inteira estará em guerra.

Houve um segundo longo e tenso de silêncio.

– Hum, tudo bem, senhor – disse Finn, finalmente.

– Ótimo, obrigado – disse Abernathy. Sua postura de repente ficou mais relaxada. – Uau. Uma substituição de último minuto para essa equipe de campo e você por acaso conhece o tripulante que achamos ser o espião. Que incrível. Quais as chances de isso acontecer?

– Muito pequenas – disse Finn.

– Pois é – concordou o capitão.

– Capitão, antes de o tripulante Finn nos informar sobre Weston, quero discutir o layout da *Nantes* com o senhor – disse Q'eeng. Ele e Abernathy começaram a conversar.

Dahl virou-se para Finn.

– Você está bem? – perguntou.

– Estou – respondeu Finn.

– Tem certeza? – quis saber Dahl.

– Andy, pare com isso – disse Finn. – É uma coincidência, só isso. Vou sobreviver a isso. Você vai sobreviver a isso. Vamos voltar à *Intrepid*, tomar umas e depois vou até o departamento médico, onde Maia vai acordar e acabar com a minha raça. Essa é a minha previsão. Posso apostar dinheiro, se quiser.

Dahl sorriu.

– Tudo bem – disse ele, e se recostou. Olhou para Abernathy e Q'eeng, que ainda conversavam. Depois, fitou o outro alferes. Estava olhando para Finn com uma expressão que Dahl não conseguia decifrar.

Depois de um momento, ele entendeu. O outro alferes parecia aliviado.

E culpado pelo alívio que sentia.

**12**



O atracadouro da *Nantes* estava vazio, exceto por vários carrinhos de carga automáticos rolando para lá e para cá.

– Finn e Dahl, vocês vêm comigo – disse o capitão Abernathy, e em seguida apontou para o outro alferes. – Grover, você fica com Kerensky e Q'eeng.

– Sim, senhor – disse o alferes Grover, e em seguida voou para trás e bateu na nave quando um raio de pulso o atingiu, disparado de um dos carrinhos automáticos. Quando o alferes caiu, Dahl viu, em um relance, a confusão nos olhos dele.

E em seguida Dahl estava correndo, com Finn e Kerensky, procurando por um escudo contra os tiros. Encontraram vários metros adiante, atrás de caixas de armazenagem. Vários carrinhos de carga armados iam na direção deles, com outros seguindo para onde Kerensky e Q'eeng haviam se escondido.

– Alguém tem alguma ideia? – perguntou Abernathy.

– Esses carrinhos estão sendo controlados a distância – disse Finn. – Se pudermos chegar ao gabinete do intendente aqui no atracadouro, podemos cancelar o sinal dos que estão aqui.

– Certo – disse Abernathy, e apontou para uma parede distante. – Se esse atracadouro tiver a mesma disposição da *Intrepid*, fica bem ali.

– Posso fazer isso – disse Finn.

Abernathy ergueu a mão.

– Não – disse ele. – Já perdemos um membro da tripulação hoje. Não quero arriscar outro.

*Em oposição a arriscar nosso capitão?*, pensou Dahl, mas ficou quieto.

Abernathy ergueu sua arma de pulso.

– Vocês dois me dão cobertura enquanto corro até lá. Vou no três.

Ele começou a contar. Dahl olhou para Finn, que deu de ombros e acionou sua arma de pulso.

Ao contar três, Abernathy irrompeu de trás das caixas de armazenamento como uma codorna assustada e correu em um padrão inconsistente, mergulhando pelo atracadouro. Os carrinhos de carga abandonaram seus alvos anteriores e atiraram contra o capitão, cada um errando por um triz. Dahl e Finn miraram e destruíram um carrinho de cada vez.

Abernathy chegou ao gabinete do intendente, estourando a janela e saltando através dela em vez de perder tempo abrindo a porta. Vários segundos depois, os carrinhos de carga desativaram-se ruidosamente.

– Barra limpa – disse Abernathy, que apareceu elevando-se sobre os restos da janela. Os membros da tripulação da *Intrepid* reuniram-se ao lado do cadáver caído de Grover, cujo rosto ainda tinha uma expressão de descrença.

– Finn, parece que seu amigo Jer Weston agora é um assassino – disse Abernathy, sombrio.

– Ele não é meu amigo, senhor – retrucou Finn.

– Mas você o *conhece* – disse Abernathy. – Se encontrá-lo, terá condições de capturá-lo? Vivo?

– Sim, senhor.

– Ótimo.

– Capitão, precisamos continuar – disse Q'eeng. – Pode haver outros desses carrinhos. Na verdade, tenho quase certeza de que Weston está usando os carrinhos como seu exército robótico para conter os membros da tripulação.

– Sim, precisamente – respondeu o capitão, e meneou a cabeça para Q'eeng. – Você e eu vamos até a ponte de comando para ver se conseguimos encontrar a capitã Bullington e depois ajudá-la a reaver a nave. Kerensky, você vai com Finn e Dahl encontrar Weston. Capturem-no vivo.

– Sim, senhor – disse Kerensky.

– Ótimo – disse Abernathy. – Então, vamos lá.

Ele e Q'eeng correram na direção da entrada do atracadouro para partir pelos corredores de tripulação, onde sem dúvida encontrariam e combateriam mais carrinhos de carga armados.

Finn virou-se para Kerensky.

– Então, qual é o plano? – perguntou ele.

– Plano? – Kerensky devolveu a pergunta, incerto.

– Se existe realmente uma Narrativa, ela não o está acompanhando no momento – disse Dahl sobre Kerensky.

– Certo – disse Finn, e virou-se para Dahl. – E quanto a você?

– Você sabe o que eu acho – disse Dahl, apontando para os carrinhos de carga.

– Acha que Jer está imitando o Jenkins – disse Finn. – Se escondendo nas paredes.

– Bingo – confirmou Dahl.

– Quem? – disse Kerensky. – Do que vocês dois estão falando?

Dahl e Finn não responderam; em vez disso, partiram para tarefas separadas: Dahl acessou os registros da nave e Finn vasculhou os carrinhos de carga desativados.

– Lá – disse Finn, erguendo a mão depois de terminar. – Três identificações de carrinho. Temos que deixar nossos telefones aqui para que nossa identificação não atrapalhe quando entrarmos nos túneis de carga, assim os carrinhos armados pensarão que somos um deles e não vão tentar nos matar.

- Jenkins sabia tudo sobre esse truque – comentou Dahl.
- Sim, mas eu tinha tirado identificações de carrinhos desativados
- disse Finn. – Esses carros foram destruídos há pouco. Suas identificações ainda estão no sistema. Não acho que Jer teve tempo de descobrir.
- Descobrir o quê? – perguntou Kerensky.
- Acho que tem razão – disse Dahl, e acessou em seu telefone um mapa dos túneis de carga. – Não parece que teve tempo de fazer seu esconderijo desaparecer dos registros da nave, já que todas as áreas de distribuição de carrinhos estão no mapa.
- Então são sete áreas – disse Finn. – Qual delas quer tentar primeiro?
- Dahl puxou informações sobre Weston.
- A estação dele era aqui, no complexo de atracadouros, então diria para tentarmos a área mais próxima. – Em seguida, voltou ao mapa e iluminou uma área. – Vamos começar por aqui.
- Parece bom – disse Finn.
- Ordeno que me digam o que estão planejando – disse Kerensky com voz queixosa.
- Estamos prestes a ajudar você a capturar Jer Weston – disse Finn. – É provável que saia uma promoção para o senhor.
- Ah – disse Kerensky, e arrumou um pouco mais o corpo. – Então deveríamos fazer isso mesmo.
- E vingar a morte do Grover aqui – acrescentou Dahl, assentindo para o corpo ainda surpreso de Grover.
- Sim, isso também – concordou Kerensky, olhando para o cadáver. – Pobre homem. Essa era a última missão de campo dele.
- Bom, foi mesmo – disse Finn.
- Não, estou querendo dizer que o prazo de serviço dele acabaria em alguns dias – disse Kerensky. – Eu o destaquei para essa missão

especificamente para que ele pudesse ter mais uma experiência de campo. A saideira. Ele tentou se livrar, mas eu insisti.

– Isso foi bem oblíquo da sua parte – disse Dahl.

Kerensky concordou com a cabeça, se porque não sabia o que *oblíquo* queria dizer ou simplesmente por não ter ouvido, não deixou explícito, aparentemente perdido em divagações.

– Uma pena, na verdade. Ele estava para se casar, também.

– Ah, por favor, pode *parar* – disse Finn. – Ou eu vou tacar uma granada em você.

– O que disse? – perguntou Kerensky, olhando para Finn.

– Acho que ele quer dizer que é melhor irmos, senhor – disse Dahl com suavidade.

– Certo – disse Kerensky. – Então, aonde vamos?

\* \* \*

– Vocês dois, esperem aqui – sussurrou Kerensky em uma curva do corredor, depois da qual se chegava à área de distribuição para onde estavam se esgueirando. – Vou surpreender e atordoar o cara e aí entramos em contato com o capitão.

– Não vamos conseguir contato, deixamos os telefones no atracadouro – disse Finn.

– E temos de desativar todos os carrinhos armados primeiro – completou Dahl.

– Sim, sim – disse Kerensky, levemente irritado. – Mas *primeiro* eu vou pegar esse cara.

– Um ótimo plano – concordou Dahl.

– Estamos bem atrás do senhor – disse Finn.

Kerensky assentiu e preparou a arma, em seguida saltou no corredor, falando o nome de Jer Weston. Houve uma troca de tiros de arma de pulso e explosões muito amplas. Do alto do corredor

veio uma chuva de fagulhas quando um estouro de arma de pulso ricocheteou e acertou a rede condutora, que caiu sobre Kerensky, prendendo-o. Ele gemeu e desmaiou.

– Ele é mesmo um *completo* inútil – disse Finn.

– O que você quer fazer agora? – perguntou Dahl.

– Tenho um plano – disse Finn. – Venha.

Ele se levantou e avançou, segurando a arma de pulso atrás do corpo. Dahl o seguiu.

Após poucos passos, a curva do corredor revelou um Jer Weston descabelado, parado na área de distribuição, arma de pulso na mão, claramente considerando se mataria ou não Kerensky.

– Ei, Jer – disse Finn, caminhando até ele. – Sou eu, Finn.

Weston estreitou os olhos.

– Finn? Sério? O que você está fazendo aqui? – Ele sorriu. – Meu Deus, cara. Isso é inacreditável!

– Pois é! – disse Finn, e em seguida acertou Weston com um pulso de atordoamento. Weston despencou no chão.

– Esse era o seu plano? – disse Dahl um segundo depois. – Esperar que ele hesitasse ao reconhecê-lo antes de acertar você?

– Em retrospecto, o plano tem problemas logísticos significativos – admitiu Finn. – Por outro lado, funcionou. Não se pode discutir com o sucesso.

– Claro que se pode – disse Dahl –, quando se é baseado em estupidez.

– Bom, mas mesmo assim, ponto para mim – disse Finn. – Se eu fosse morrer nessa missão, provavelmente teria sido agora, certo? Eu, enfrentando meu antigo colega de tripulação? Mas estou vivo, e ele desmaiado e capturado. Então, já deu de “Narrativa” e de morrer em momentos dramaticamente adequados. Espero que você tenha aprendido a lição.

– Ótimo – disse Dahl. – Talvez eu estivesse pirando mesmo. De qualquer forma, não vou mais seguir você em batalhas.

– Sábio da sua parte – disse Finn, e depois olhou para o pequeno computador na área de distribuição, que Weston provavelmente estava usando para controlar os carrinhos de carga. – Por que não desativa os carrinhos assassinos enquanto eu descubro como vamos tirar Jer daqui?

– Podemos usar um carrinho – disse Dahl, seguindo até o computador.

– Boa ideia – disse Finn.

Dahl desativou os carrinhos em toda a nave e ouviu, em seguida, um gemido vindo da direção de Kerensky.

– Acho que alguém acordou – ele disse para Finn.

– Estou ocupado amarrando Jer igual a um peru – disse Finn. – Cuide dele, se puder.

Dahl foi até Kerensky, que ainda estava preso sob os dutos.

– Bom dia, senhor – disse para o tenente.

– Eu peguei ele? – perguntou Kerensky.

– Parabéns, senhor – respondeu Dahl. – Seu plano funcionou perfeitamente.

– Excelente – falou Kerensky, e chiou um pouco quando os escombros sobre ele apertaram seus pulmões.

– Gostaria de uma ajuda com a rede condutora, senhor? – perguntou Dahl.

– Por favor – disse Kerensky.

\* \* \*

– Não há nada no arquivo do tripulante Weston que indique qualquer simpatia pela causa rebelde calendriana – disse Sandra Bullington, capitã da *Nantes*. – Solicitei um relatório por hiperonda

do Serviço de Investigação da UU. Weston não é religioso ou ligado à política. Ele nem vota.

Bullington, Abernathy, Q'eeng, Finn e Dahl estavam na frente de uma sala envidraçada na cadeia, diante da cela onde estava Jer Weston. Ele fora confinado em uma cadeira de estase, que era, em si, a única mobília do recinto. Parecia grogue, mas estava sorrindo. Kerensky estava na enfermaria com ferimentos nas costelas.

– E família ou amigos? – perguntou Q'eeng.

– Nada também – disse Bullington. – Ele vem de uma longa linhagem de metodistas do outro lado da UU. Nenhuma de suas relações conhecidas tem qualquer ligação com Calêndria ou as lutas religiosas e políticas de lá.

Abernathy olhou através do vidro para Weston.

– Ele se explicou, no fim das contas? – perguntou.

– Não – respondeu Bullington. – Esse filho de uma puta matou dezoito tripulantes e não diz por quê. Até agora, invocou seu direito de não se incriminar. Mas diz que está disposto a confessar tudo sob uma condição.

– Que é? – quis saber Abernathy.

– Que seja você a conduzir o interrogatório – respondeu Bullington.

– Por que eu? – perguntou Abernathy.

Bullington deu de ombros.

– Ele não disse – respondeu ela. – Se for para adivinhar, diria que é por você ser o capitão da nave almirante da frota e por seus feitos serem conhecidos em toda a União. Talvez ele só queira ser entregue por uma celebridade.

– Senhor, eu desaconselho – disse Q'eeng.

– Nós o revistamos fisicamente – disse Bullington. – Não há nada em suas cavidades e, mesmo se houvesse, ele está em uma cadeira



de estase. No momento, não pode mover nada abaixo do pescoço. Se ficar longe o suficiente para evitar uma mordida, vai ficar bem.

– Ainda assim desaconselho – disse Q'eeng.

– Vale o risco para descobrirmos toda a verdade – disse Abernathy e, em seguida, olhou para Dahl e Finn. – Vou levar esses dois comigo, armados. Se algo acontecer, acredito que um deles vá derrubar Weston.

Q'eeng parecia insatisfeito, mas não disse mais nada.

Dois minutos depois, Abernathy, Dahl e Finn atravessaram a porta. Weston sorriu e falou para Finn.

– Finn, você atirou em mim – disse ele.

– Foi mal.

– Tudo bem – disse Weston. – Imaginei que levaria um tiro. Só não sabia que viria de você.

– A capitã Bullington disse que você estava pronto para confessar, mas que queria que eu o interrogasse – disse Abernathy. – Estou aqui.

– Sim, está – confirmou Weston.

– Diga qual é sua relação com os rebeldes calendrianos – inquiriu Abernathy.

– Com quem? – perguntou Weston.

– Com os rebeldes calendrianos – repetiu o capitão.

– Não tenho ideia do que você está falando.

– Você disparou contra a nave do pontífice depois de a *Intrepid* ter sido desativada pelos rebeldes – explicou Abernathy. – Não espera que acreditemos que são dois fatos que não estão relacionados, certo?

– Estão relacionados – afirmou Weston. – Mas não dessa forma.

– Você está desperdiçando o meu tempo – disse Abernathy, e virou-se para sair.

– Não quer saber qual a relação? – perguntou Weston.

– Sabemos qual a relação – falou Abernathy. – São os rebeldes calendrianos.

– Não – disse Weston. – A relação é você.

– O quê? – perguntou Abernathy, estreitando os olhos.

Weston virou-se para Finn.

– Lamento que você precise estar aqui – disse ele e, em seguida, começou a piscar um olho por vez, primeiro duas piscadas à esquerda, em seguida três à direita, depois uma à esquerda, depois três à direita.

– Bomba! – berrou Finn, e Dahl jogou-se sobre o capitão quando a cabeça de Weston explodiu. Dahl sentiu o uniforme e a pele de suas costas fritarem com o calor quando a onda da explosão o empurrou para cima de Abernathy, esmagando os dois contra a parede.

Algum tempo depois, Dahl ouviu alguém gritar seu nome, olhou para cima e viu Abernathy agarrá-lo aos chacoalhões. Abernathy tinha queimaduras nas mãos e nos braços, mas em geral parecia bem. Dahl protegera o capitão do pior da explosão. Ao perceber isso, as costas inteiras de Dahl ferveram de dor.

Dahl empurrou Abernathy e arrastou-se até Finn, caído no chão, o rosto e a frente do corpo queimados. Ele estava mais próximo da explosão. Quando Dahl chegou ao amigo, viu que o olho que restava de Finn o encarava. A mão de Finn tremeu, e Dahl a agarrou, fazendo-o se contorcer de dor. Dahl tentou se soltar, mas Finn o segurou. Seus lábios se moveram.

Dahl aproximou-se do rosto do amigo para ouvir o que ele tinha a dizer.

– Isso tudo é muito ridículo – sussurrou Finn.

– Sinto muito – disse Dahl.

– Não é sua culpa.

– Sinto muito mesmo assim.

Finn apertou a mão de Dahl com mais força.

– Encontre uma maneira de parar isso – disse ele.

– Vou encontrar.

– Certo. – suspirou Finn, e morreu.

Abernathy aproximou-se para puxar Dahl para longe de Finn. Apesar da dor, Dahl tentou dar um soco em seu capitão. Ele errou o alvo e caiu, inconsciente, antes que seu punho concluísse a trajetória.

**13**

– Me diga como parar isso – disse Dahl para Jenkins.

Jenkins, que, claro, já sabia que Dahl estava a caminho de seu covil secreto, olhou para ele.

– Você me parece recuperado – disse ele. – Ótimo. Sinto muito pelo Finn, seu amigo.

– Você sabia o que estava para acontecer com ele? – perguntou Dahl.

– Não – respondeu Jenkins. – Seja lá quem escreve essa merda, não me manda os roteiros antes. E esse episódio foi especialmente mal escrito. Jer Weston andando por aí durante anos com uma bomba biológica na cabeça, esperando para encontrar com o capitão Abernathy, que ele culpava pela morte de seu pai em uma equipe de campo vinte anos antes e tirando vantagem de um incidente diplomático não relacionado para dar cabo dele? Que trabalhinho de segunda.

– Então me diga como parar – disse Dahl.

– Não dá pra você *parar* nada – disse Jenkins. – Não tem como. Só tem como se *esconder*.

– Me esconder não é uma opção – afirmou Dahl.

– Claro que é – disse Jenkins, e abriu os braços como se dissesse “Olhe ao redor”.

– *Isso* não é uma opção para ninguém além de você – disse Dahl.

– Não podemos todos nos encolher nas entranhas de uma espaçonave.

– Há outras maneiras de se esconder – disse Jenkins. – Pergunte à sua ex-chefe, Collins.

– Ela só está em segurança enquanto você estiver por aqui – disse Dahl. – E não estiver no banheiro.

– Dê um jeito de sair da nave, então – sugeriu Jenkins. – Você e seus amigos.

– Também não vai resolver. Jer Weston matou dezoito tripulantes da *Nantes* com carrinhos de carga armados. *Eles* não estavam seguros do que acontece aqui na *Intrepid*, estavam? Um planeta inteiro sofreu uma praga para que pudéssemos criar uma vacina de última hora para Kerensky. Também não estavam seguros. Nem você está seguro, Jenkins.

– Estou bem seguro – respondeu Jenkins.

– Você está *bem seguro* porque foi sua esposa que morreu, e você era apenas parte da história pregressa dela – retrucou Dahl. – Mas o que vai acontecer com você quando um dos roteiristas dessa tal série televisiva lembrar de você?

– Não vão lembrar – disse Jenkins.

– Tem certeza? – perguntou Dahl. – Na *Nantes*, Jer Weston estava usando seu truque de se esconder nos túneis de carga. Foi onde o encontramos. Foi onde o pegamos. Qualquer roteirista que tenha pensado naquele último episódio agora sabe que os túneis de carga podem ser usados como esconderijos. Quanto tempo vai demorar até que pensem em você?

Jenkins não disse nada, embora Dahl não soubesse se era porque estava considerando a ideia de estar na mira de um roteirista ou porque ele havia mencionado sua esposa.

– Nenhum de nós está a salvo dessa coisa – disse Dahl. – Você perdeu sua esposa para ela. Eu acabei de perder um amigo. Você diz que eu e todos os meus amigos vamos acabar morrendo para fins dramáticos. Eu digo que, seja lá o que aconteça com a gente, vai acontecer com você também. Todo seu esforço para se esconder

não muda esse fato, Jenkins. Só adia. E, enquanto isso, você leva a vida feito um rato atrás das paredes.

Jenkins olhou ao redor.

– Eu não diria que pareço um rato – retrucou ele.

– Está feliz vivendo desse jeito?

– Não sou feliz desde a morte da minha esposa – respondeu Jenkins. – Foi a morte dela que me trouxe aqui. Que me fez olhar as estatísticas de morte nesta nave, ver como os eventos nesta nave se desenrolam, imaginar que a explicação mais lógica era que somos parte de uma série televisiva e perceber que minha esposa morreu simplesmente para estar em um *momento dramático* antes de um comercial. Que, nessa série televisiva, ela era uma figurante. Uma coadjuvante. Provavelmente ficou no ar por dez segundos. Ninguém que tenha assistido ao episódio deve se lembrar dela agora. Não sabe que o nome dela era Margaret. Ou que ela gostava mais de vinho branco do que de tinto. Ou que eu a pedi em casamento no jardim de seus pais durante uma reunião de família. Ou que estávamos casados há sete anos antes de um roteirista decidir matá-la. Mas eu me lembro dela.

– Acha que ela estaria feliz com o jeito que você vive? – perguntou Dahl.

– Acho que ela entenderia por que vivo assim – respondeu Jenkins. – O que faço nessa nave mantém as pessoas vivas.

– Mantém *algumas* pessoas vivas – disse Dahl. – É um jogo de soma zero. Alguém sempre vai ter que morrer. Seu sistema de alerta mantém os antigos tripulantes vivos aqui, mas aumenta a possibilidade de a tripulação novata morrer.

– É um risco, claro – disse Jenkins.

– Jenkins, quanto tempo você e sua esposa ficaram lotados na *Intrepid* antes que ela morresse? – perguntou Dahl.

Jenkins abriu a boca para responder e fechou-a como um alçapão.

– Não foi muito tempo, certo? – insistiu Dahl.

Jenkins fez que não com a cabeça e virou o rosto.

– As pessoas nessa nave notaram o fenômeno antes de você chegar – continuou Dahl. – Talvez não tenham chegado às mesmas conclusões que você, mas perceberam o que estava acontecendo e imaginaram as possibilidades que tinham de sobrevivência. Agora você dá a eles as melhores técnicas para fazerem a mesma coisa que fizeram com sua esposa com a nova tripulação.

– Acho que está na hora de você ir embora – disse Jenkins, ainda com o rosto virado.

– Jenkins, ouça – disse Dahl, inclinando-se. – Não tem como se esconder. Não tem como fugir. Não tem como evitar o destino. Se a Narrativa existe, e nós dois sabemos que existe, então, no final, não temos livre-arbítrio. Mais cedo ou mais tarde, a Narrativa virá para cada um de nós. Ela vai nos usar do jeito que quiser. E daí vamos morrer. Como Finn morreu. Como Margaret morreu. A menos que a gente impeça.

Jenkins voltou a olhar Dahl com olhos rasos d'água.

– Você é um homem de fé, não é, Dahl? – perguntou ele.

– Você conhece a minha história. Sabe que sou.

– Como ainda consegue ser?

– Como assim?

– Digo, você e eu sabemos que, nesse universo, Deus é um roteirista – respondeu Jenkins. – É um escritor de uma série televisiva de ficção científica horrível que é incapaz de fazer uma trama decente. Como consegue ter fé sabendo disso?

– Porque não acho que seja Deus de verdade.



– Acha que é o produtor da série, então. Ou talvez o presidente do canal de televisão.

– Acho que sua definição do que é Deus e a minha definição são diferentes – disse Dahl. – Mas não acho que nada disso seja trabalho de Deus, ou de qualquer outro deus. Se isso for uma série de televisão, então foi feita por pessoas. Seja lá o que e como estão fazendo isso conosco, são exatamente como nós. E isso significa que podemos impedi-los. Só temos que descobrir como. *Você* precisa descobrir, Jenkins.

– Por que eu?

– Porque você conhece esse programa em que estamos presos melhor do que ninguém. Se houver uma solução ou uma escapatória, você é o único que pode encontrá-la. E logo. Porque não quero que mais amigos meus morram por causa de uma porcaria de um roteiristazinho. E isso inclui você.

\* \* \*

– Poderíamos simplesmente explodir a *Intrepid* – disse Hester.

– Não funcionaria – retrucou Hanson.

– Claro que funcionaria – insistiu Hester. – *Cataplum*, lá se vai a *Intrepid*, lá se vai a série.

– A série não é sobre a *Intrepid* – disse Hanson. – É sobre as personagens nela. O capitão Abernathy e a tripulação dele.

– Quer dizer, parte dela – falou Duvall.

– As cinco principais personagens – corrigiu-se Hanson. – Se explodirmos a nave, vão achar outra nave. Uma que seja melhor. Vão chamar de *Intrepid-A* ou algo assim. Já aconteceu em outras séries de ficção científica.

– Você está estudando? – perguntou Hester, zombando.

– Sim, estou – respondeu Hanson com seriedade. – Depois do que aconteceu com Finn, fui me informar sobre todas as séries televisivas de ficção científica que consegui encontrar.

– O que descobriu? – perguntou Dahl. Ele já havia relatado aos amigos seu último encontro com Jenkins.

– Que acho que Jenkins tem razão.

– Que estamos em uma série de tevê? – perguntou Duvall.

– Não, que estamos em uma série de tevê *ruim* – disse Hanson. – Pelo que eu posso dizer, a série em que estamos é uma imitação grosseira daquela série que Jenkins nos falou.

– *Star Wars* – disse Hester.

– *Star Trek* – corrigiu Hanson. – Mas *Star Wars* existe, só que é diferente.

– Que seja – disse Hester. – Então não estamos só em um programa ruim, também é um plágio. E agora minha vida fica ainda mais sem sentido do que era antes.

– Por que fazer uma série que é uma cópia barata de outra série? – perguntou Duvall.

– *Star Trek* fez muito sucesso na época em que foi lançada – disse Hanson. – Daí alguém foi lá e reutilizou as ideias básicas. Funcionou porque funcionava antes. As pessoas ainda se entretêm com mais ou menos as mesmas coisas.

– Você encontrou a nossa série na pesquisa que fez? – perguntou Dahl.

– Não – disse Hanson. – Mas não acho que a encontraria. Quando se cria uma série de ficção científica, inventa-se uma nova linha do tempo ficcional que começa pouco antes da data de produção daquela série televisiva. O “passado” desse programa não inclui a série televisiva em si.

– Porque seria recursivo e metaficcional – afirmou Duvall.

– Exato, mas não acho que eles tenham elaborado tanto assim – disse Hanson. – Queriam que a série fosse realista no próprio contexto, e não dá pra ser realista se existe uma versão sua da série de televisão em seu próprio passado.

– Eu odeio que agora a gente tenha esse tipo de conversa – lamentou Hester.

– Não acho que alguém goste – disse Dahl.

– Sei lá. Eu acho interessante – comentou Duvall.

– Seria interessante se estivéssemos sentados em um dormitório, tomando todas – respondeu Hester. – Falar sério sobre isso, depois de nosso amigo ter morrido, tira *toda* a diversão da coisa.

– Você ainda está com raiva por causa de Finn – atestou Hanson.

– Claro que estou – soltou Hester. – Vocês não estão?

– Lembro que você e ele se desentenderam quando chegaram à *Intrepid* – disse Dahl.

– Eu não diria que *sempre* gostei dele – disse Hester. – Mas fomos melhorando um com o outro enquanto estávamos aqui. E ele era um de nós. Estou furioso com o que aconteceu com ele.

– Ainda estou puta com ele por ter me apagado com aquela pílula – disse Duvall. – E me sinto culpada por isso, também. Se ele não tivesse feito aquilo, talvez ainda estivesse vivo.

– E você talvez estivesse morta – pontuou Dahl.

– Não se eu não estivesse marcada para morrer no episódio – disse Duvall.

– Mas Finn *estava* inscrito naquele episódio – disse Hanson. – Ele acabaria lá de qualquer forma. Estaria naquele lugar onde a bomba explodiu de qualquer forma.

– Lembra quando eu disse que odiava as conversas que andamos tendo? – perguntou Hester. – Quase agora? É *exatamente* desse tipo de conversa que estou falando.

– Desculpe – disse Duvall.

– Jimmy, você disse que, sempre que o programa começava, criava uma nova linha do tempo – disse Dahl, ignorando Hester, que erguia as mãos, desesperado. – Tem como saber quando isso aconteceu?

– Acha que isso poderia nos ajudar? – perguntou Hanson.

– Estou apenas curioso – respondeu Dahl. – Somos uma linha do tempo alternativa da “realidade”, seja lá qual for. Gostaria de saber quando essa bifurcação aconteceu.

– Não acho que vamos conseguir saber – comentou Hanson. – Não há nada que sinalize onde essa virada na linha do tempo aconteceu, porque, da nossa perspectiva, nunca houve uma ruptura. Não temos nenhuma linha do tempo alternativa para comparar com a nossa. Só conseguimos ver a nossa linha do tempo.

– Poderíamos começar procurando por quando foi que essas merdas completamente ridículas começaram a acontecer em nosso universo – disse Hester.

– Defina “merda completamente ridícula” – disse Duvall. – Viagens no espaço contam? Contato com raças alienígenas? Física quântica conta? Porque não entendo nada dessa bosta. Pelo que sei, a física quântica poderia ter sido escrita por um desses roteiristas.

– A primeira série televisiva de ficção científica de que encontrei informações foi uma chamada *Captain Video*, que foi ao ar em 1949 – comentou Hanson. – A primeira temporada de *Star Trek* foi ao ar vinte anos depois. Então, provavelmente este programa foi feito em algum momento entre o fim dos anos 1960 e o fim das transmissões televisivas, em 2105.

– É muito tempo para procurar – disse Dahl.

– Presumindo que *Star Trek* de fato *existe* – disse Hester. – Existem muitos tipos de programa de entretenimento hoje em dia

que estão apenas em nossa linha do tempo. A linha do tempo em que existimos poderia ser de antes de essa série *Star Trek* ter sido feita de verdade, e ela existe nessa linha do tempo basicamente para nos *ridicularizar*.

– Tubo bem, *isso* seria recursivo e metaficcional – insistiu Duvall.

– Acho que provavelmente é isso mesmo – disse Hester. – Já definimos que, seja lá quem nos escreva, é um babaca. Parece o tipo de coisa que só um escritor babaca faria.

– Preciso concordar com você – admitiu Duvall.

– Essa linha do tempo é uma bosta – disse Hester.

– Andy – interrompeu Hanson, apontando para longe da mesa. Um carrinho de carga foi até a mesa onde estavam sentados. Dentro dele havia um bilhete. Dahl pegou-o e o carrinho de carga se afastou.

– Um bilhete de Jenkins? – perguntou Duvall.

– É – respondeu Dahl.

– O que ele diz? – quis saber Duvall.

– Diz que ele acha que pensou em algo que talvez funcione. Quer falar conosco sobre isso. Com todos nós.

**14**

– Quero alertar vocês de que vai parecer uma ideia maluca – disse Jenkins.

– Me surpreende você sentir a necessidade de avisar isso – retrucou Hester.

Jenkins assentiu, como se dissesse “Ponto para você”. Em seguida, disse:

– Viagem no tempo.

– Viagem no tempo? – perguntou Dahl.

Jenkins fez que sim com a cabeça e ligou o monitor holográfico, mostrando a linha do tempo da *Intrepid* e os tentáculos que se ramificavam para baixo, marcando a coleção de episódios.

– Aqui – disse ele, apontando para um nó ramificado de tentáculos. – No meio do que creio ter sido a quarta temporada da série, Abernathy, Q’een e Hartnell pegaram uma nave de transporte e apontaram-na para um buraco negro usando os poderes de distorção gravitacional para voltar no tempo.

– Isso não faz sentido algum – disse Dahl.

– Claro que faz – insistiu Jenkins. – É outra violação da física causada pela Narrativa. A questão não é terem violado a física de uma maneira sem sentido. A questão é que voltaram no tempo. E voltaram para um momento específico no tempo. Um ano específico. Voltaram a 2010.

– E? – quis saber Hester.

– E acho que o motivo para eles terem voltado para aquele ano foi porque era o ano atual de produção da série – disse Jenkins.

– Séries de ficção científica fazem as pessoas voltarem no tempo toda hora – disse Hanson. – Sempre fazem com que as personagens

encontrem personagens históricos famosos ou participem de eventos importantes.

Jenkins apontou com empolgação para Hanson.

– Mas é exatamente *isso* – respondeu ele. – Se uma série volta para um período específico em seu passado real, em geral se relaciona a uma pessoa ou evento histórico importante porque precisam dar ao público algo que ele saiba sobre história, ou, do contrário, não vai surtir efeito. Mas se a série volta ao *presente*, então não precisa fazer isso. Apenas mostra aquele período e as personagens reagindo a ele. Tem a ver com ironia dramática.

– Então, se a série os colocou para passear no passado, se encontrarem alguém famoso, é o passado, mas se não encontrarem, é o presente – disse Duvall. – O presente da série.

– Mais ou menos – comentou Jenkins.

– Ótima curiosidade para um jogo de conhecimentos gerais – disse Duvall. – Mas o que isso tem a ver conosco?

– Se voltarmos ao presente, podemos descobrir uma maneira de parar a Narrativa – disse Dahl, de repente.

Jenkins sorriu e assentiu de leve com a cabeça.

Duvall olhou para os dois, sem entender direito.

– Explique isso para mim, Andy – pediu Duvall –, pois agora parece que você e Jenkins estão compartilhando um momento de loucura.

– Não, faz sentido – disse Dahl. – Sabemos quando é o presente da série. Sabemos como viajar no tempo para voltar ao presente da série. Se voltarmos ao presente, poderemos impedir as pessoas que estão fazendo a série.

– Se pararmos a série, então *tudo* para – disse Hester.

– Não – disse Dahl. – Quando a Narrativa não precisa de nós, ainda existimos. E essa linha do tempo existia antes de a Narrativa



começar a se intrometer nela. – Ele fez uma pausa e virou-se para Jenkins. – Certo?

– Talvez – respondeu Jenkins.

– *Talvez?* – perguntou Hester, de repente muito preocupado.

– Na verdade, existe um argumento filosófico interessante sobre se esta linha do tempo existe de modo independente e a Narrativa a acessa ou se a criação da Narrativa também formou esta linha do tempo, fazendo com que sua história apareça de forma instantânea, mesmo que para nós, que estamos dentro dela, pareça que a passagem de tempo realmente ocorreu – disse Jenkins. – É bem um corolário do Princípio Antrópico Forte...

– Jenkins – disse Dahl.

– ... mas podemos falar disso em outro momento – falou Jenkins, entendendo a deixa. – A questão é que, sim, se existia antes da Narrativa ou foi criada por ela, essa linha do tempo agora existe e é perene, mesmo quando a Narrativa não se impõe.

– Tudo bem – respondeu Hester.

– Quer dizer, provavelmente – completou Jenkins.

– Eu quero jogar objetos nele, posso? – disse Hester para Dahl.

– Acredito na ideia de que existimos e continuaremos existindo quando essa série terminar – disse Dahl. – Porque, do contrário, estaremos todos condenados de qualquer jeito. Certo?

Ninguém discordou.

– Nesse caso, voltando ao que eu estava dizendo, se retornarmos no tempo e pararmos a série, então a *Intrepid* deixa de ser o foco da Narrativa – disse Dahl. – Volta a ser simplesmente uma nave. Paramos de ser figurantes especiais na nossa vida.

– E aí não morreremos – disse Duvall.

– Todo mundo morre – disse Jenkins.

– Obrigada por contar uma novidade – disse Duvall, irritada. – Digo, não vamos morrer só para chamar a atenção do público.

– Provavelmente não – disse Jenkins.

– Se estamos mesmo em uma série de tevê, então vai ser difícil parar isso – disse Hanson, e olhou para Dahl. – Andy, uma série de sucesso pode valer muito dinheiro, como uma boa série dramática hoje. Não é só a série, é tudo que está ao redor dela, inclusive coisas como merchandising.

– Seu namorado tem um boneco articulado – Hester disse para Duvall.

– É, e *você* não – retrucou Duvall. – Nesse universo, isso é um problema.

– Estou dizendo que, mesmo que viajemos de volta no tempo e encontremos as pessoas que fazem esta série, não poderemos impedir nada – comentou Hanson. – Deve ter muito dinheiro envolvido.

– Que opção nós temos? – perguntou Dahl. – Se ficarmos aqui, a única coisa a se fazer é esperar a Narrativa nos matar. Talvez tenhamos uma ínfima chance de impedir a série, mas uma chance ínfima é melhor do que a certeza de uma morte dramática aqui.

– Por que se dar ao trabalho de parar a série? – perguntou Hester. – Olha só, se somos realmente figurantes, não somos nem necessários aqui. Voto por voltarmos no tempo e ficarmos por lá.

– Quer mesmo viver no início do século 21? – perguntou Duvall. – Não foi exatamente o período mais feliz para se viver. Não tinham nem a cura do câncer na época.

– Que se dane – disse Hester.

– Ou para a calvície – insistiu Duvall.

– Meu cabelo é natural – respondeu Hester.

– Você não pode ficar no passado – disse Jenkins. – Se ficar, vai se dissolver.

– Quê? – quis saber Hester.

– Tem a ver com conservação de massa e energia – disse Jenkins. – Todos os átomos que você está usando agora estão sendo usados no passado. Se ficar no passado, os átomos vão precisar estar em dois lugares ao mesmo tempo. Isso cria um desequilíbrio, e os átomos têm que decidir onde ficar. Em algum momento, vão escolher a configuração do presente, porque, tecnicamente falando, você é do futuro, então não existe ainda no passado.

– O que significa “algum momento” nesse contexto? – perguntou Dahl.

– Cerca de seis dias.

– Isso é uma completa idiotice! – exclamou Hester.

– Eu não faço as regras – disse Jenkins. – É como aconteceu da última vez. Mas faz sentido para a Narrativa... deu a Abernathy, Q'eeng e Hartnell um motivo para realizar a missão em uma quantidade determinada e dramática de tempo.

– Que bosta essa linha do tempo – disse Hester.

– Se você levasse os átomos para o futuro, teria o mesmo problema – disse Jenkins. – E, nesse caso, eles escolheriam o presente, o que significa que as coisas do passado se dissolveriam. É um problemão, na verdade. Mas pensem que esse vai ser apenas um de seus problemas.

– E o que mais? – perguntou Dahl.

– Bem, vocês precisam de uma nave de transporte, o que não será a coisa mais fácil de conseguir – disse Jenkins. – Eles não vão emprestar uma para vocês fazerem uma alegre excursão. E essa nem é a parte difícil.

– Qual é a parte difícil? – quis saber Duvall.

– Vocês vão precisar levar uma das cinco estrelas da série com vocês – disse Jenkins. – Podem escolher: Abernathy, Q’eng, West, Hartnell ou Kerensky.

– Por que precisamos de um deles? – questionou Hester.

– Você mesmo disse – respondeu Jenkins. – Vocês são figurantes. Se *vocês* tentarem mirar uma nave de transporte em um buraco negro, sabem o que vai acontecer? As forças gravitacionais vão partir a nave ao meio, vocês vão ser “espaguetizados” em um longo fio de átomos sugados até a singularidade e morrerão. Estarão mortos muito antes da “espaguetificação”, claro. Será o acontecimento final de vocês. Vocês me entenderam, né?

– E isso não vai acontecer se estivermos com uma das personagens principais da série – disse Dahl.

– Não, porque a Narrativa precisa delas para depois – disse Jenkins. – Então, no caso de vocês partirem para um buraco negro, entram na física da Narrativa.

– E temos *certeza* de que personagens principais nunca morrem – comentou Hester.

– Ah, eles podem morrer – disse Jenkins, e Hester lançou um olhar para ele como se quisesse esmurrá-lo. – Mas não *desse jeito*. Quando um personagem principal morre, eles fazem um grande estardalhaço. A ideia de que a Narrativa deixou um deles morrer em uma missão de volta no tempo para impedir que a própria série seja feita não parece muito provável no grande esquema das coisas.

– É legal que pelo menos *uma coisa* seja improvável nesse momento – disse Hester.

– Então, recapitulando – disse Dahl. – Sequestrar um oficial sênior, roubar uma nave, voar perigosamente perto de um buraco negro, voltar no tempo, encontrar as pessoas que fazem a série,

impedir que continuem fazendo e voltar para a nossa época antes de nossos átomos se separarem e nós desintegrarmos.

– É isso que proponho a vocês, sim – disse Jenkins.

– É meio maluco – disse Dahl.

– Eu falei que seria – lembrou Jenkins.

– E não decepcionou – comentou Dahl.

– Então, o que faremos agora? – perguntou Duvall.

– Acho que temos de trabalhar o problema um passo de cada vez – disse Dahl. – E o primeiro passo é: como conseguir a nave de transporte?

O telefone de Dahl tocou. Era o oficial de ciências Q'eng ordenando que ele comparecesse à sala de briefing dos oficiais seniores.

\* \* \*

– A guerra religiosa em Forshan está ficando tensa – disse Q'eng, com o capitão Abernathy meneando a cabeça ao seu lado. – A União Universal está tentando negociar um cessar-fogo, mas estamos limitados pela falta de intérpretes. Nossa equipe diplomática tem tradutores eletrônicos, claro, mas traduzem apenas o primeiro dialeto com pouca precisão e, mesmo assim, falta a capacidade de lidar com expressões idiomáticas. Corremos o risco de ofender sem querer os forshans no pior momento possível.

– Q'eng me disse que você fala todos os quatro dialetos – disse Abernathy.

– Correto, senhor – confirmou Dahl.

– Então, não há tempo a perder – disse Abernathy. – Precisamos que você vá a Forshan imediatamente e comece a atuar como intérprete para nossos diplomatas.

– Sim, senhor – disse Dahl, e sentiu um calafrio. *Ela me pegou*, pensou ele. *A Narrativa finalmente me pegou. Bem quando descobrimos como pará-la.* – Em quanto tempo a *Intrepid* chega a Forshan?

– A *Intrepid* não vai até lá – disse Q’eeng. – Temos uma missão no sistema Ames que não pode ser postergada. Você vai sozinho.

– Como? – perguntou Dahl.

– Vai com uma nave de transporte – disse Q’eeng.

Dahl começou a gargalhar.

– Alferes Dahl, você está bem? – perguntou Q’eeng depois de um momento.

– Desculpe, senhor – disse Dahl. – Fiquei envergonhado por ter feito uma pergunta tão óbvia. Quando parto?

– Assim que designarmos um piloto de nave para você – respondeu Abernathy.

– Se eu puder pedir um favor ao capitão, gostaria de escolher meu piloto – disse Dahl. – Na verdade, talvez seja melhor se eu selecionar minha equipe para essa missão.

Abernathy e Q’eeng franziram o cenho.

– Não sei se vai precisar de uma equipe de campo inteira para a missão – comentou Q’eeng.

– Com todo respeito, senhor, vou precisar – disse Dahl. – Como o senhor observou, é uma missão crucial. Sou um dos poucos seres humanos que fala todos os quatro dialetos de Forshan, então espero ser usado exaustivamente por nossos diplomatas. Precisarei da minha equipe para serviços e envio de comunicados entre as equipes diplomáticas. Também vou precisar ficar com o piloto e a nave, caso eu seja convocado a viajar pelo planeta entre essas equipes diplomáticas.

– Qual o tamanho da equipe que precisa? – perguntou Q’eeng.

Dahl hesitou e olhou para cima, como se estivesse pensando.

– Um piloto e dois ajudantes bastariam – respondeu.

Q'eeng olhou para Abernathy, que concordou com a cabeça.

– Ótimo – disse Q'eeng. – Mas com patente de alferes para baixo apenas.

– Tenho exatamente essas pessoas em mente – disse Dahl. – Embora eu ache que seria útil ter um oficial sênior na equipe também.

– Por exemplo? – perguntou Abernathy.

– O tenente Kerensky – sugeriu Dahl.

– Não entendi muito bem como um astrogador seria útil nessa missão, alferes – disse Q'eeng. – Tentamos montar equipes de campo com membros que tenham habilidades relevantes.

Dahl hesitou por um breve instante, mas continuou.

– Então talvez o senhor – disse a Q'eeng. – Aliás, o senhor tem familiaridade com o idioma forshan.

– Já entendi tudo – disse Abernathy.

Dahl piscou, assustado.

– Senhor?

– Já entendi tudo – repetiu Abernathy. – Você estava comigo na *Nantes*, Dill.

– Dahl.

– Dahl – corrigiu Abernathy. – Você estava lá quando seu amigo foi morto, quando aquele maluco tentou me assassinar. Você viu em primeira mão os riscos de uma equipe de campo. Agora está pedindo para liderar uma equipe de campo e está preocupado com a responsabilidade, está preocupado que alguém morra sob seus comandos.

– Estou bem certo de que não é isso, senhor – disse Dahl.

– Estou dizendo para você não se preocupar com isso – disse Abernathy, sem ouvir Dahl. – Você é um oficial, Dill. Dahl. Desculpe. Você é um oficial e foi treinado para liderar. Não precisa de mim, de Q'eeng ou de Kerensky para dizer o que já sabe. Vá lá e lidere. Caramba, eu acredito em você!

– O senhor é muito inspirador – disse Dahl depois de um momento.

– Vejo coisas boas no seu caminho, alferes – disse Abernathy. – Não ficaria surpreso se um dia você integrasse minha equipe sênior.

– Espero viver até lá – comentou Dahl.

– Então – disse Abernathy. – Monte sua equipe, faça o briefing com eles e se apronte para partir em quatro horas. Acha que consegue cuidar disso?

– Consigo, senhor – disse Dahl. – Obrigado.

Ele se levantou e prestou continência. Abernathy devolveu a saudação. Dahl assentiu para Q'eeng e, em seguida, saiu o mais rápido que pôde, ligando para Hester assim que deu dez passos para fora da sala de briefing.

– E então? O que houve? – perguntou Hester.

– Nosso cronograma ficou drasticamente apertado – disse Dahl. – Ouça, você ainda está com os pertences de Finn?

– Está falando dos mesmos pertences que eu acho que está falando? – perguntou Hester com cuidado.

– Exato – respondeu Dahl.

– Sim, estou – disse Hester. – Seria meio complicado entregar isso à uu.

– Encontre uma pílula oval pequena e azul – disse Dahl. – E me encontre no alojamento de Maia. O mais rápido que puder.



**15**

Três horas e trinta minutos depois, Dahl bateu na porta da cabine particular do tenente Kerensky. Hester e Hanson estavam atrás dele, a caixa de armazenagem e o carrinho de carga no reboque.

A porta da cabine abriu e Duvall estava lá dentro.

– Pelo amor de Deus, entrem aqui – disse ela.

Dahl olhou para a cabine.

– Não vamos caber todos aí dentro – disse ele.

– Então  *você* entra aqui – disse ela. – E traga a caixa. – Ela olhou para Hester e Hanson. – E vocês dois, tentem fingir que não estão fazendo algo que mereça uns tiros em nossa direção.

– Que beleza – disse Hester. Dahl empurrou a caixa de armazenagem para dentro da cabine, seguiu-a e fechou a porta.

Lá dentro estava o tenente Kerensky, sem calças e desmaiado.

– Você não podia ter colocado calças nele? – perguntou Dahl.

– Andy, da próxima vez que  *você* quiser apagar uma pessoa com quem estiver transando, faça do jeito que quiser – respondeu Duvall.  
– O que me lembra de reiterar que este é um favor do nível “você me deve uma trepada”.

– Pensando bem, é irônico – disse Dahl, olhando na direção de Kerensky.

– Engraçadinho.

– Há quanto tempo ele está desmaiado? – perguntou Dahl.

– Não faz nem cinco minutos. Foi completamente inacreditável. Tentei fazer com que tomasse um drinque comigo antes... pus aquela pilulazinha no copo... mas ele só queria chegar aos finalmentes. Posso contar o que tive de fazer para ele tomar a

bebida, mas diz muito mais coisas sobre mim do que eu acho que você quer saber.

– Estou tentando imaginar o que isso significa e tenho que dizer que não consigo pensar em nada.

– É melhor assim – disse Duvall. – Muito bem. Ele está apagado agora e, se eu for exemplo de como essas pilulazinhas são eficazes, vai ficar desacordado por sete horas, no mínimo.

– Ótimo. Vamos ao trabalho.

Duvall assentiu e tirou a roupa de cama do quarto de Kerensky, cobrindo o fundo da caixa com lençóis e cobertor.

– Ele vai ter ar o bastante? – perguntou ela.

– Não é hermética – disse Dahl. – Mas talvez você devesse botar as calças nele agora.

– Ainda não.

– Não sei aonde quer chegar com isso.

– Cale a boca e vamos enfiá-lo nessa coisa – disse Duvall.

Cinco minutos depois, Dahl e Duvall haviam retorcido Kerensky dentro da caixa de armazenagem. Duvall pegou as calças e a jaqueta de Kerensky e enfiou-as em uma bolsa de lona.

– Onde está o telefone dele? – perguntou Dahl. Duvall pegou-o na mesa de Kerensky e jogou-o para Dahl, que abriu o aplicativo de mensagem, digitou o texto e enviou.

– Pronto – disse ele. – Kerensky acabou de enviar uma mensagem dizendo que está de licença no próximo turno porque está doente. Vai levar doze horas no mínimo antes de alguém procurar esse cara.

– Pobre coitado – disse Duvall, olhando para a caixa. – Eu me sinto mal com isso. Ele é tapado e egocêntrico, mas não é um cara mau. E é bem decente na cama.

– Não quero saber.

– Puritano – retrucou Duvall.

– Você vai poder compensá-lo mais tarde – disse Dahl, e abriu a porta; Hester estava do outro lado.

– Pensei que vocês estavam brincando de esconde-esconde lá dentro – disse ele.

– Não começa – soltou Duvall. – Vamos botar esse cara naquele carrinho.

Alguns minutos depois, os quatro tripulantes e a carga inconsciente estavam na porta do atracadouro.

– Aprontem a nave de transporte – disse Dahl para Hester, e em seguida virou-se para Hanson e Duvall. – E levem a carga para dentro da nave com a maior discrição possível, por favor.

– Olha quem está todo autoritário agora – disse Duvall.

– Por ora, vamos apenas fingir que você respeita mesmo minha autoridade – disse Dahl.

– Aonde você vai? – perguntou Hanson.

– Tenho que fazer mais uma paradinha – disse Dahl. – Preciso pegar alguns suprimentos extras. – Hanson assentiu e empurrou o carrinho de carga para o atracadouro, com Duvall e Hester atrás dele. Dahl caminhou até encontrar um túnel de carga vazio e abriu discretamente sua porta de acesso.

Jenkins estava do outro lado.

– Sabe que isso é bizarro – disse Dahl.

– Estou tentando não desperdiçar seu tempo – disse Jenkins. Ele ergueu uma pasta. – O que restou daquela missão em que foram Abernathy, Q'eeng e Hartnell. Telefones e dinheiro. Os telefones vão funcionar com as redes de comunicação e informação da época. Essas redes são lentas e rudimentares. Tenha paciência com elas. O dinheiro é dinheiro físico, que eles ainda usam para onde vocês vão.

– Vão conseguir identificar que não é real? – perguntou Dahl.

– Não conseguiram da última vez.  
– Quanto tem aqui?  
– Cerca de noventa e três mil dólares.  
– Isso é muito? – questionou Dahl.  
– O suficiente para passar seis dias – disse Jenkins. Dahl pegou a maleta e virou-se para partir.  
– Mais uma coisa – disse Jenkins, e entregou-lhe uma caixinha. Dahl olhou para ela.  
– Quer mesmo que eu faça isso?  
– Eu não vou com vocês – disse Jenkins. – Então você precisa fazer isso por mim.  
– Talvez eu não tenha tempo – disse Dahl.  
– Eu sei. Só se tiver tempo.  
– E não vai durar – insistiu Dahl. – Você sabe que não vai.  
– Não precisa durar – disse Jenkins. – Só precisa aguentar o suficiente.  
– Tudo bem – disse Dahl.  
– Obrigado – disse Jenkins. – E agora acho melhor você partir com a nave o mais depressa possível. Foi inteligente deixar uma mensagem por Kerensky, mas não desafie o destino mais do que o necessário. Já o provocou demais.

\* \* \*

– Não podem fazer isso comigo – disse Kerensky, com voz abafada, de dentro da caixa. Havia acordado cinco minutos antes, depois de dormir mais de dez horas. Hester o provocava desde então.

– É engraçado você dizer isso – comentou Hester –, considerando sua situação.

– Me deixem sair – disse Kerensky. – É uma ordem.

– Você continua dizendo coisas engraçadas – disse Hester. – De *dentro de uma caixa*. De onde você não pode escapar.

Houve um momento de silêncio.

– Onde estão minhas calças? – perguntou Kerensky com uma voz chorosa.

Hester olhou para Duvall.

– Vou deixar você responder essa – disse a Duvall, que revirou os olhos.

– Eu tenho que mijar – disse Kerensky. – Estou muito apertado.

Duvall suspirou.

– Anatoly – disse ela. – Sou eu.

– Maia? – perguntou Kerensky. – Pegaram você também. Não se preocupe. Não vou deixar esses desgraçados fazerem nada com você. Vocês me ouviram, seus filhos da puta?

Hester olhou para Dahl, incrédulo. Dahl deu de ombros.

– Anatoly – disse Duvall com mais firmeza. – Eles não me pegaram também.

– O quê? – perguntou Kerensky. Então, depois de um minuto: – *Ah*.

– Ah – concordou Duvall. – Agora ouça, Anatoly. Vou abrir a caixa e você vai poder sair, mas eu realmente preciso que você não faça nenhuma idiotice nem entre em pânico. Acha que consegue?

Ele fez uma pausa.

– Sim – respondeu Kerensky.

– Anatoly, essa pequena hesitação sua sugere para mim que você está planejando cometer uma idiotice assim que sair da caixa – disse Duvall. – Então, apenas para ter certeza, dois dos meus amigos aqui estão com armas de pulso apontadas para você. Se fizer alguma coisa especialmente idiota, vão dissolver você. Entendeu?

– Entendi – disse Kerensky, parecendo um tanto mais resignado.

- Tudo bem – disse Duvall. Ela foi até a caixa.
- Que armas de pulso? – perguntou Dahl. Ninguém estava com armas de pulso. Foi a vez de Duvall dar de ombros.
- Você sabe que ele está mentindo – disse Hester.
- Por isso fiquei com as calças dele – respondeu ela, enquanto abria as travas.

Kerensky irrompeu da caixa, rolou, olhou a porta e correu em sua direção, abrindo-a de uma vez jogando-se para fora. Todo mundo no recinto observou-o sair.

- O que faremos agora? – perguntou Hanson.
- Janela – disse Dahl. Eles foram até a janela, erguendo as persianas para que abrissem para o lado de fora.
- Isso vai ser legal – disse Hester.

Trinta segundos depois, Kerensky apareceu, correndo na rua, onde parou, extremamente confuso. Um carro buzinou para ele sair do caminho. Ele voltou para a calçada.

- Anatoly, volte para dentro – disse Duvall pela janela. – Pelo amor de Deus, você está sem calças.

Kerensky virou-se, seguindo a voz dela.

- Esse lugar não é uma nave – gritou ele para a janela.
- Não, é o Hotel Best Western Media Center – disse Duvall. – Em Burbank.

- Isso é um planeta? – perguntou Kerensky, berrando. – Em que sistema?

- Ai, pelo amor de Deus – murmurou Hester. – Você está na *Terra*, idiota – gritou para Kerensky.

Kerensky olhou ao redor, desacreditado.

- Houve um apocalipse? – gritou ele.

Hester olhou para Duvall.

- Você transou mesmo com esse imbecil?

– Olha, ele teve um dia difícil – disse Duvall, e em seguida voltou a atenção para Kerensky. – Voltamos no tempo, Anatoly. Estamos no ano de 2012. É assim que ele é. Agora, volte para dentro.

– Você me drogou e me sequestrou – acusou Kerensky.

– Eu sei, e sinto muito, de verdade – disse Duvall. – Foi meio que às pressas. Mas olha, você precisa voltar para dentro. Está seminu. Mesmo em 2012, você pode ser preso por isso. Quer ser preso em 2012, Anatoly? Não é um período bacana para estar na cadeia. Volte para dentro, está bem? Estamos no quarto 215. É só usar as escadas.

Kerensky olhou ao redor, abaixou os olhos, viu-se sem calças e saiu correndo para dentro do Best Western.

– Não vou dividir quarto com ele – disse Hester. – Quero que isso fique bem claro.

Um minuto depois, ouviram uma batida na porta. Hanson foi abri-la. Kerensky entrou pisando duro no quarto.

– Primeiro, quero minhas calças – disse Kerensky.

Todos viraram para Duvall, que fez uma expressão de “que foi?” para todos e tirou as calças de Kerensky de sua bolsa de lona e jogou-as para ele.

– Segundo – prosseguiu, atrapalhando-se para vestir as calças. – Quero saber por que estamos aqui.

– Estamos aqui porque aterrissamos e escondemos a nave de transporte no Griffith Park, e esse era o hotel mais próximo – respondeu Hester. – E foi bom ser tão próximo, já que sua bunda encaixotada *não* estava leve.

– Não estou falando do *hotel* – rosnou Kerensky. – Estou falando daqui. Da Terra. Em 2012. Em *Burbank*. Alguém precisa me explicar isso, *agora*.

Dessa vez, todos viraram-se para Dahl.



– Ah – disse ele. – Bem, é complicado.

\* \* \*

– Coma alguma coisa, Kerensky – disse Duvall, empurrando uma fatia de pizza para ele. Estavam em uma mesa na Numero Uno Pizza, na rua do Best Western. Kerensky agora vestia calças.

Kerensky mal olhava para a pizza.

– Não sei se é seguro – disse ele.

– No século 21 já existiam leis sanitárias – disse Hanson. – Ao menos aqui, nos Estados Unidos.

– Eu passo – disse Kerensky.

– Deixe o cara morrer de fome – disse Hester, e estendeu a mão para pegar o último pedaço. A mão de Kerensky voou e agarrou a pizza.

– Achei – disse Dahl, que virou seu telefone (o telefone do século 21), mostrando o artigo para os outros. – *Crônicas da Intrepid*. – Ele voltou a olhar o telefone. – Vai ao ar todas as sextas-feiras, às 21 horas, em um negócio chamado Corwin Action Network, que aparentemente é uma coisa chamada “canal básico de televisão a cabo”. Começou em 2007, o que significa que está, agora, na sexta temporada.

– Isso é completamente ridículo – disse Kerensky, mastigando a pizza.

Dahl olhou para ele e depois tocou a tela para abrir outro artigo.

– E no papel de tenente Anatoly Kerensky, em *Crônicas da Intrepid*, está o ator chamado Marc Corey – disse ele, virando a tela para mostrar a Kerensky a fotografia de um *doppelgänger* sorridente em um blazer estiloso e uma camisa de colarinho aberto. – Nascido em 1985, em Chatsworth, Califórnia. Será que fica aqui perto?

Kerensky agarrou o telefone e leu o artigo, mal-humorado.

– Isso não prova nada – disse ele. – Não sabemos o quão precisas são essas informações. Pelo que sabemos, isto – Rolou a tela para encontrar um rótulo –, esse banco de dados de informações chamado Wikipédia, é compilado por completos idiotas. – Ele devolveu o telefone.

– Poderíamos tentar encontrar esse tal Corey – disse Hanson.

– Quero tentar outra pessoa primeiro – disse Dahl, e começou a cutucar o telefone de novo. – Se Marc Corey está sempre no programa, provavelmente vai ser difícil encontrá-lo. Acho que deveríamos pensar mais baixo.

– Como assim? – perguntou Duvall.

– Acho que deveríamos começar comigo – disse Dahl, e em seguida virou o telefone de novo com uma foto que parecia seu rosto. – Conheçam Brian Abnett.

Os amigos de Dahl olharam a foto.

– É meio perturbador, não é? – disse Hanson, depois de um minuto. – Olhar a fotografia de alguém que é exatamente você, mas não é.

– Pois é – disse Dahl. – Claro, vocês todos têm seus duplos também.

Com isso, o restante deles começou a ligar os telefones.

– O que a Wikipédia diz sobre *ele*? – zombou Kerensky, que não tinha um telefone.

– Nada – disse Dahl. – Pelo visto, não atendia às exigências. Segui o link da página de *Crônicas da Intrepid* até um banco de dados chamado IMDB, que tem informações sobre atores e séries. Ele tem uma página lá.

– Então, como vamos entrar em contato? – perguntou Duvall.

– Não há informações de contato nessa página – disse Dahl. – Mas vamos colocar o nome dele no campo de pesquisa.

– Acabei de me encontrar – disse Hanson. – Sou um cara chamado Chad.

– Conheci um Chad no passado – disse Hester. – Ele sempre me batia.

– Foi mal – disse Hanson.

– Não era você. Nem o outro você.

– Ele tem uma página – disse Dahl.

– Chad? – perguntou Hanson.

– Não, Brian Abnett – respondeu Dahl. Ele rolou a página até encontrar uma aba que dizia “Contato”. Dahl apertou-a e um endereço surgiu. – É da agência.

– Uau, atores já tinham agentes nessa época – disse Duvall.

– Agora, você quer dizer – corrigiu Dahl e apertou novamente na tela. – Sua agência fica a poucos quilômetros daqui. Podemos ir andando.

– O que vamos fazer quando chegarmos lá? – perguntou Duvall.

– Vou pedir o endereço de Brian para eles – respondeu Dahl.

– Acha que vão dar o endereço para você? – perguntou Hester.

– Claro que vão – disse Dahl. – Eu sou ele.

**16**

– Ok, estou vendo o cara – disse Duvall, apontando para a rua Camarillo. – É aquele na bicicleta.

– Tem certeza? – perguntou Dahl.

– Eu sei como você é, mesmo usando capacete de bicicleta – disse Duvall. – Confie em mim.

– Agora, lembre de não assustar o cara – disse Dahl. Ele estava com um boné de beisebol que havia comprado e segurava um exemplar do *Los Angeles Times*. Os dois estavam diante do condomínio onde Brian Abnett morava.

– Você está *me* dizendo para não o assustar – disse ela. – Mas é você que é o clone dele.

– Não quero que ele se assuste *até* me ver – disse Dahl.

– Não se preocupe, sou boa com homens. Agora, fique lá e tente não parecer... – Ela hesitou.

– Tente não parecer o quê? – perguntou Dahl.

– Parecer tanto com um clone – disse Duvall. – Ao menos por mais alguns minutos.

Dahl abriu um sorrisinho, recuou e ergueu o jornal.

– Oi – Dahl ouviu-a dizer um minuto depois. Ele espreitou sobre o jornal e a viu caminhando até Brian Abnett, que estava descendo da bicicleta e tirando o capacete.

– Olá – disse Abnett, dando outra olhada nela. – Espere, não me diga – pediu, sorrindo. – Nós trabalhamos juntos.

– Talvez – respondeu Duvall, tímida.

– Há pouco tempo – disse Abnett.

– Talvez.

– Aquele comercial de creme para hemorroida – disse Abnett.

– Não – disse Duvall, sem rodeios.

– Espere! – disse Abnett, apontando. – *Crônicas da Intrepid*. Há poucos meses. Você e eu fizemos aquela cena juntos em que fomos perseguidos por robôs assassinos. Diga que estou correto.

– Está muito perto do que eu me lembro – afirmou Duvall.

– Obrigado – disse Abnett. – Odeio quando esqueço das pessoas com quem trabalhei. Você ainda está trabalhando com eles, certo? Acho que já vi você no set desde aquilo.

– Acho que podemos dizer que sim – disse Duvall. – E você?

– Peguei um arco de personagem pequeno no programa – disse Abnett. – São apenas algumas cenas durante a temporada, e claro que vão matar meu personagem daqui a alguns episódios, mas até agora tem sido ótimo. – Ele apontou para o condomínio. – Digo, assim consigo ficar aqui este ano, de qualquer forma.

– Então vão matar você? – perguntou Duvall. – Tem certeza?

– Foi o que a agente me disse – respondeu Abnett. – Ela disse que ainda estão escrevendo o episódio, mas é quase certeza. O que é ótimo, pois ela quer me pôr em alguns papéis de filmes, e ficar na *Intrepid* vai atrapalhar.

– Mas eu fico triste pelo seu personagem – disse Duvall.

– Bem, mas isso é ficção científica para televisão – disse Abnett.  
– Alguém precisa ser o camisa-vermelha.

– O quê? – perguntou Duvall.

– O camisa-vermelha – disse Duvall. – Sabe, em *Star Trek*, a série original, sempre tinham Kirk, McCoy e Spock e algum coitado de camisa vermelha que virava fumaça antes do primeiro intervalo. A moral da história era não usar uma camisa vermelha. Ou sair em missões de campo onde você é o único da equipe que não tem nome nos créditos de abertura.

– Ah – disse Duvall.

– Você nunca assistiu *Star Trek*? – perguntou Abnett, sorrindo.

– Não é da minha época – disse Duvall.

– Então, o que traz você à minha vizinhança, hum...?

– Maia.

– Maia – repetiu Abnett. – Não deve ter vindo olhar o apartamento que está para vender no prédio, está? Não deveria te contar isso, mas acho que talvez você devesse procurar em outros lugares. Tenho quase certeza de que o último cara que morou no apartamento estava produzindo metanfetaminas na banheira. É um milagre que o prédio todo não tenha explodido.

– Ah, não vou ficar por muito tempo – disse Duvall. – Na verdade, eu vim procurar você.

– Sério? – perguntou Abnett, com uma expressão que oscilava entre estar lisonjeado por uma mulher atraente ter vindo procurá-lo e preocupado por que a mulher, que devia ser louca, sabia onde ele morava.

Duvall entendeu à perfeição a expressão oscilante dele.

– Não estou perseguindo você – ela garantiu a Abnett.

– Ah, que alívio – comentou ele.

Duvall meneou a cabeça para Dahl, ainda semiescondido pelo chapéu e pelo jornal.

– Na verdade, meu amigo ali é um grande fã seu e queria conversar com você por um segundo. Se não tiver problema. Ele ganharia o dia.

– Ah, tudo bem, claro – disse Abnett, ainda olhando para Duvall.

– Como chama seu amigo?

– Andy Dahl – disse Duvall.

– Sério? – perguntou Abnett. – Que estranho. Esse é o nome do meu personagem em *Crônicas da Intrepid*.

– Por isso ele quer conhecê-lo – afirmou Duvall.

– E não é a única coisa que temos em comum – disse Dahl. Ele se aproximou de Abnett, tirou o boné e abaixou o *Times*. – Olá, Brian. Eu sou você. Na versão “camisa-vermelha”.

\* \* \*

– Ainda estou perturbado com isso – disse Abnett, sentado na suíte do Best Western com os tripulantes da *Intrepid*. – Digo, estou muito, muito, *muito* perturbado com isso.

– Se acha que  *você*  está perturbado – disse Hester. – Pense na gente. Ao menos  *você*  não é  *ficcional* .

– Vocês sabem o quanto isso é surreal? – disse Abnett.

– Sim, já estamos vivendo nisso há um tempo – disse Dahl.

– Então vocês entendem por que estou surtando – disse Abnett.

– Podemos fazer outra verificação de sardas se quiser – disse Dahl, referindo-se ao momento, pouco depois de ele se apresentar, quando Abnett verificou cada sarda, pinta e mancha visível neles para confirmar que eram iguais.

– Não, eu já aceitei – disse Abnett. Hester olhou para Dahl, rapidamente para Abnett e de volta para Dahl, transmitindo a mensagem “O outro  *você*  é peculiar” com sua expressão. Dahl deu de ombros. Atores são atores.

– Você sabe o que me convence de que vocês talvez estejam dizendo a verdade? – perguntou Abnett.

– O fato de  *você*  estar sentado em um quarto com uma cópia exata de si? – Hester devolveu a pergunta.

– Não – disse Abnett. – Bem, sim.  *Isso* . Mas o que realmente faz minha cabeça aceitar a ideia de que vocês estão dizendo a verdade é  *e/le* . – Abnett apontou para Kerensky.

– Eu? – perguntou Kerensky, surpreso. – Por que eu?



– Porque o Marc Corey real nunca estaria em um Best Western tentando fazer uma pegadinha com um figurante cujo nome ele nem se esforça em lembrar – disse Abnett. – Sem querer ofender, mas o outro você é um perfeito babaca.

– Esse aqui também é – disse Hester.

– Ei! – disse Kerensky.

– Ter outro eu por aí é difícil de engolir – disse Abnett, e apontou para Kerensky de novo. – Mas outro dele? Na verdade, fica mais fácil de aceitar.

– Então você acredita na gente – falou Duvall.

– Não sei se *acredito* em vocês – disse Abnett. – O que sei é que isso é, definitivamente, a coisa mais estranha que já me aconteceu, e quero descobrir o que vai acontecer em seguida.

– Então você vai nos ajudar – concluiu Dahl.

– Eu *quero* ajudar vocês, mas não sei se *posso* ajudar – disse Abnett. – Olha, eu sou só um figurante. Eles me deixam entrar no set para trabalhar, mas não posso levar ninguém comigo. Bato algumas falas com o elenco regular, mas em geral não podemos incomodar os figurões. E não falo com os produtores executivos ou outros produtores. Não poderia botar vocês para dentro para ver um deles nem que eu quisesse. E, mesmo que conseguisse, acho que nenhum deles acreditaria em vocês. É Hollywood. A gente inventa coisas como profissão. E a história que vocês me contaram é totalmente maluca. Se eu contar para alguém, eles me jogariam para fora do set.

– Isso talvez impeça que você seja morto daqui a alguns episódios – disse Hanson para Dahl.

Abnett negou com a cabeça.

– Não, eles simplesmente vão refazer o elenco com alguém que pareça o suficiente comigo para trabalhar – disse ele. – Você ainda

vai morrer. A menos que fique aqui.

Dahl fez que não com a cabeça.

– Nosso prazo expira em cinco dias.

– Expira? – perguntou Abnett.

– É complicado – respondeu Dahl. – Envolve átomos.

– Cinco dias não é muito tempo – disse Abnett. – Sobretudo se você quiser acabar com uma série.

– Conte alguma coisa que a gente não sabia – retrucou Hester.

– Talvez você não possa nos ajudar diretamente – disse Duvall. – Mas deve conhecer alguém que possa. Mesmo sendo figurante, conhece pessoas que trabalham no alto escalão.

– É o que estou dizendo – disse Abnett. – Não conheço. Não conheço ninguém na série que poderia dar um apoio. – O olhar dele pousou em Kerensky, e ele de repente inclinou a cabeça. – Mas sabe de uma coisa, talvez eu conheça alguém *de fora* do programa que poderia ajudar vocês.

– Por que está olhando para mim desse jeito? – perguntou Kerensky, incomodado pelo olhar de Abnett.

– Essas são as únicas roupas que você tem? – perguntou Abnett.

– Não me deram chance de fazer as malas – respondeu Kerensky.

– Por quê? O que tem de errado com o uniforme?

– Não há nada de errado com o uniforme se você estiver em uma Comic-Con, mas não vai funcionar para o bar que estou pensando – respondeu Abnett.

– Que bar? – perguntou Dahl.

– O que é Comic-Con? – perguntou Kerensky.

– O Vine Club – disse Abnett. – Um daqueles bares muito secretos onde meros mortais não podem entrar. Eu não consigo entrar. Mas Marc Corey meio que entraria.

– Meio que – disse Dahl.

– Significa que ele teria acesso ao primeiro andar, mas não ao segundo, e nunca ao subsolo – disse Abnett. – Para o segundo andar, precisaria estrelar o próprio programa, não ser parte do elenco de apoio. Para o subsolo, precisa fazer um filme de vinte milhões e receber uma fatia da receita bruta.

– Ainda quero saber o que é Comic-Con – insistiu Kerensky.

– Mais tarde, Kerensky – disse Hester. – Meu Deus. – Ele se virou para Abnett. – Mas e daí? Fazemos Kerensky fingir que é Marc Corey e entrar no bar? De que isso adiantaria?

Abnett balançou a cabeça.

– Ele não vai fingir que é Corey. Vocês precisam ir ao bar e fazer com ele o que o Andy aqui fez comigo. Arrastá-lo para fora e fazer com que ele se interesse, e talvez ele ajude. Eu não diria a ele que desejam acabar com o programa, pois significa que ele ficaria sem emprego. Mas talvez possam fazer com que ele apresente vocês a Charles Paulson. Ele é o criador do programa e produtor executivo. Vocês precisam falar com ele. É ele que vocês precisam convencer.

– Então você nos bota para dentro do bar – disse Dahl.

– Não posso – disse Abnett. – Como eu disse, não me qualifico. Mas tenho um amigo que é barman lá, e consegui um bico num comercial para ele no verão passado. Salvou o cara do despejo. Então ele me deve um favorzão. Acho que pode botar vocês para dentro. – Ele olhou para eles todos e, em seguida, apontou para Kerensky. – Bem, botar *e/le* para dentro. – Ele apontou para Duvall em seguida. – E talvez ela, também.

– Você impede que seu amigo perca a casa e ele bota duas pessoas para dentro de um bar, isso são favores equivalentes? – perguntou Hester.

– Bem-vindo a Hollywood.

– A gente aceita – disse Dahl. – E obrigado, Brian.

– Fico feliz em ajudar. Quer dizer, eu meio que ganhei uma afeição por vocês. Por ver que são reais e tudo o mais.

– Fico feliz em ouvir isso – disse Dahl.

– Posso fazer uma pergunta? – quis saber Abnett.

– Claro – respondeu Dahl.

– O futuro – disse Abnett. – É mesmo como acontece na série?

– O futuro é igual ao que acontece na série – disse Dahl. – Mas não sei se é realmente o futuro.

– Mas esse é seu passado – disse Abnett. – Somos parte do seu passado. O ano de 2012, quer dizer.

– O ano de 2012 está em nosso passado, mas não *esse* 2012 – disse Dahl. – Não existe a série televisiva *Crônicas da Intrepid* em nosso passado. Não existe em nossa linha do tempo.

– Então, significa que talvez *eu* não exista em sua linha do tempo – insistiu Abnett.

– Talvez não – confirmou Dahl.

– Então, você é a única parte minha lá – disse Abnett. – A única parte minha que sempre existiu lá.

– Acho que é possível – afirmou Dahl. – Assim como você é a única parte de mim que sempre existiu aqui.

– Isso não bagunça a sua cabeça? – perguntou Abnett. – Saber que você existe, e não existe, e é real e não é, tudo ao mesmo tempo?

– Bagunça, e eu tenho treinamento para lidar com questões profundas e existenciais – disse Dahl. – A maneira com que estou lidando com isso agora é: não me importo se realmente existo ou não, se sou real ou ficcional. O que quero agora é ser a pessoa que decide meu destino. É algo que posso influenciar. É o que estou fazendo.

– Acho que talvez você seja mais esperto do que eu – comentou Abnett.

– Tudo bem – respondeu Dahl. – Acho que você é mais bonito do que eu.

Abnett sorriu.

– Vou aceitar essa versão. E, por falar nisso, é hora de vocês comprarem umas roupas, pessoal. Esses uniformes funcionam no futuro, mas aqui e agora, vão marcar vocês como nerds que não saem muito do porão de casa. Vocês têm dinheiro?

– Temos noventa e três mil dólares – disse Hanson. – Menos setenta e oito dólares do almoço.

– Acho que podemos nos virar com isso – disse Abnett.

**17**

- Odeio essas roupas – disse Kerensky.
- Você está bonito – disse Dahl, tranquilizando-o.
- Não, não estou – retrucou Kerensky. – Parece que me vesti no escuro. Como as pessoas usavam isso?
- Pare de choramingar – disse Duvall. – Não é como se não se usasse roupas civis de onde viemos.
- As cuecas *coçam* – disse Kerensky, puxando a roupa.
- Se eu soubesse que você era tão chorão, nunca teria dormido com você – disse Duvall.
- Se eu soubesse que você iria me drogar, me sequestrar e me levar para a idade das trevas *sem as minhas calças*, eu nunca teria dormido com *você* – retrucou Kerensky.
- Gente – interveio Dahl, apontando os olhos para o motorista do táxi, que ignorava cuidadosamente os esquisitos no banco de trás. – Vamos parar com esse papo de idade das trevas.
- O táxi, na Sunset, pegou a esquerda para entrar na rua Vine.
- Então temos certeza de que Marc Corey ainda está lá, certo? – perguntou Kerensky.
- Brian disse que o amigo ligaria assim que ele chegasse lá e que ligaria se ele saísse – disse Dahl. – Brian não me ligou desde então, o que significa que podemos supor que ele ainda está lá.
- Não acho que isso vá funcionar – disse Kerensky.
- Vai funcionar – disse Dahl. – Eu sei disso.
- Foi assim com o seu sócia – disse Kerensky. – Esse cara pode ser diferente.
- Por favor – disse Duvall. – Se ele for como você, vai ficar totalmente apaixonado. Vai ser como se olhasse em um espelho em

que vai poder tocar.

– Como assim? – disse Kerensky.

– Quer dizer que você ser fascinado por si mesmo não vai ser um problema – disse Duvall.

– Você não gosta de mim mesmo, né? – perguntou Kerensky um segundo depois.

Duvall sorriu e deu tapinhas no rosto dele.

– Eu gosto de você, Anatoly – disse ela. – Gosto mesmo. Mas agora preciso que você se concentre. Pense nisso como outra missão de campo.

– Eu sempre me machuco em missões de campo.

– Talvez – concordou Duvall. – Mas sempre sobrevive.

– O Vine Club – disse o taxista, parando na calçada.

Os três saíram do táxi; Dahl ficando para trás e pagando o taxista. Dentro do bar, a música bombava. Uma fila de pessoas jovens, bonitas e posudas esperava cuidadosamente do lado de fora.

– Vamos lá – disse Dahl, que então caminhou até o leão de chácara. Duvall e Kerensky o seguiram.

– A fila começa lá – disse o segurança, apontando para o povo bonito e posudo.

– Sim, mas me disseram para falar com você – disse Dahl, e estendeu a mão com uma nota de cem dólares nela, como Abnett lhe dissera para fazer. – Mitch, certo?

Mitch, o leão de chácara, olhou de forma quase imperceptível para a mão de Dahl e em seguida tomou-a, habilmente puxando a nota quando o fez.

– Certo – disse Mitch. – Pode falar.

– Disseram para que eu falasse que esses dois são amigos do Roberto – disse Dahl, mencionando o nome do amigo barman de Abnett e assentindo para Kerensky e Duvall. – Ele está esperando.



Mitch olhou para Kerensky e Duvall. Se notou a semelhança de Kerensky com Marc Corey, não demonstrou. Virou-se para encarar Dahl.

– Só até o primeiro andar – disse ele. – Se tentarem o segundo, vamos chutar vocês para fora. Se forem para o subsolo, vamos chutar vocês para fora com dentes faltando.

– Primeiro andar – repetiu Dahl, assentindo.

– E você não – disse Mitch. – Sem ofensas.

– Não ofendeu – garantiu Dahl.

Mitch apontou para Kerensky e Duvall e tirou a corda; protestos audíveis vieram da fila de pessoas lindas e posudas.

– Você dá conta? – perguntou Dahl a Duvall quando ela entrou.

– Dou sim, confie em mim – disse ela. – Fique esperto no seu telefone.

– Vou ficar.

Os dois desapareceram na escuridão do Vine Club. Mitch prendeu a corda de novo.

– Ei – lhe disse Dahl. – Onde um ser humano normal pode tomar umas?

Mitch sorriu e apontou.

– Tem um pub irlandês logo ali na frente. O nome do barman é Nick. Diga que eu recomendei.

– Obrigado – disse Dahl, antes de subir a rua.

O pub era barulhento e lotado. Dahl abriu caminho até o bar e, em seguida, pegou um dinheiro no bolso.

– Ei, Brian, tudo certo? – alguém disse para ele.

Dahl ergueu os olhos e viu o barman encarando-o com um sorriso no rosto.

– Finn – disse Dahl.

– Nick – corrigiu o barman.

– Desculpe – disse Dahl depois de um segundo. – Deu *tilt* no cérebro.

– É o risco da profissão – disse Nick. – Você fica conhecido pelo seu papel.

– É.

– Ei, você está bem? – perguntou Nick. – Você parece meio... – e sacudiu as mãos –... atordoado.

– Estou bem – disse Dahl, com um esforço para sorrir. – Desculpe. Só é meio estranho ver você aqui.

– É a vida de ator – disse Nick. – Fora dos estúdios e trabalhando em bares. O que vai ser?

– Escolhe uma cerveja para mim – disse Dahl.

– Que coragem – disse Nick.

– Confio em você.

– As famosas últimas palavras – disse Nick, e seguiu para as torneiras de cerveja. Dahl observou-o trabalhando nelas e se esforçou para não surtar.

– Aqui está – disse Nick um minuto depois, entregando uma caneca. – Cervejaria artesanal local. Chama Starlet Stout.

Dahl provou.

– Não é ruim.

– Vou contar para o mestre-ervejeiro que você gostou – disse Nick. – Talvez se lembre dele. Nós três fizemos uma cena juntos. Ele morreu com um enxame de robôs.

– Tenente Fischer – disse Dahl.

– Esse aí – disse Nick, e assentiu para a caneca de Dahl. – O nome dele é Jake Klein. E a cervejaria artesanal está dando certo. É o que ele faz agora. Estou pensando em entrar como sócio.

– E parar de atuar? – perguntou Dahl.

Nick deu de ombros.

– Não é como se estivessem correndo atrás de mim pra me contratar – respondeu ele. – Já estou há nove anos nessa e a ponta na *Intrepid* foi a melhor coisa que consegui até agora, e nem foi tão legal assim. Morri com a cabeça explodindo.

– Eu me lembro.

– Na verdade, essa foi a gota d’água pra mim – disse Nick. Logo começou a lavar os copos na pia do balcão para dar a impressão de que estava ocupado enquanto falava. – Fizemos dez tomadas dessa cena. Todas as vezes que nós a fazíamos, eu tinha de me jogar para trás como se tivesse uma explosão de verdade. Por volta da sétima, pensei: “Tenho trinta anos e o que estou fazendo com a minha vida é fingir morrer em uma série de televisão que eu não assistiria se não estivesse nela”. Em um certo momento a gente precisa se questionar sobre o que está fazendo. Quer dizer, por que *você* faz isso?

– Eu? – perguntou Dahl.

– É.

– Faço porque, por um bom tempo, não sabia que tinha escolha – disse Dahl.

– Mas é exatamente isso – disse Nick. – Você só continua. Ainda está na série?

– Por ora.

– Mas vão matar você também – concluiu Nick.

– Em alguns episódios... – respondeu Dahl. – A menos que eu possa evitar.

– Não evite – disse Nick. – Morra e depois pense no restante da vida.

Dahl sorriu.

– Não é tão simples assim para alguns de nós – disse ele, e tomou a bebida.

– Hipoteca, né? – perguntou Nick.

– Mais ou menos.

– *C'est la vie* – disse Nick. – Então, o que traz você a Hollywood e à rua Vine? Acho que você me disse que estaria em Toluca Lake.

– Uns amigos quiseram vir ao Vine Club – respondeu Dahl.

– E não te botaram para dentro? – perguntou Nick. Dahl deu de ombros. – Devia ter me falado. Meu amigo é segurança lá.

– Mitch.

– É ele.

– Foi quem me disse para vir aqui – disse Dahl.

– Ai. Desculpe – disse Nick.

– Não precisa. Foi bom rever você.

Nick abriu um sorrisinho e, em seguida, foi atender outros clientes.

O telefone de Dahl vibrou. Ele o puxou do bolso e atendeu.

– Onde você está? – perguntou Duvall.

– Em um pub aqui perto – disse Dahl. – Em um momento estranho. Por quê?

– Precisa voltar para cá. Acabamos de ser chutados do bar – disse Duvall.

– Você e Kerensky? – perguntou Dahl. – O que aconteceu?

– Não só eu e Kerensky. Marc Corey também. Ele atacou Kerensky.

– O quê?

– Fomos até Corey, em sua mesa, ele viu Kerensky e falou “Então, você é o filho da mãe que está na foto do Gawker”, e se jogou sobre ele – respondeu Duvall.

– Que diabos é Gawker? – perguntou Dahl.

– Não me pergunte, esse não é o meu século – disse Duvall. – Nós três fomos jogados para fora e Corey desmaiou na calçada.

Estava bêbado como um gambá quando chegamos lá.

– Tire o cara da calçada e procure o papel do manobrista nos bolsos dele – disse Dahl. – Entrem no carro dele e esperem por mim. Estarei aí em alguns minutos. Tentem não ser presos.

– Eu não prometo nada – disse ela, e desligou.

– Problemas? – perguntou Nick. Ele havia voltado enquanto Dahl estava no telefone.

– Meus amigos brigaram no Vine Club e foram chutados para fora. Preciso buscar todo mundo antes que a polícia chegue.

– Você está tendo uma noite interessante.

– Você não tem ideia – disse Dahl. – Quanto devo pela cerveja?

Nick sacudiu a mão.

– Por conta da casa. Uma coisa boa para a sua noite.

– Obrigado – disse Dahl, que em seguida fez uma pausa, olhando para o telefone e, em seguida, olhando para Nick. – Se importa se eu tirar uma foto nossa?

– Agora ficou bizarro – disse Nick, mas sorriu e se inclinou para frente. Dahl ergueu o telefone e tirou a foto.

– Obrigado – disse ele.

– Por nada – disse Nick. – Melhor você ir antes que seus amigos parem na cadeia.

Dahl saiu às pressas.

Dois minutos depois, estava na frente do Vine Club, assistindo a Duvall e Kerensky tentando segurar Marc Corey ao lado de um automóvel preto e estreito, enquanto Mitch e um manobrista observavam. O povo bonito e posudo estava com os telefones a postos, filmando tudo.

– Cara, que diabo é isso? – perguntou Mitch quando Dahl se aproximou. – Não faz nem dez minutos que seus camaradas

entraram e esse babaca tentou destruir o lugar pulando em cima deles.

– Foi mal por isso – disse Dahl.

– E essa cena de clones está bem bizarra – disse Mitch.

– Meus amigos entraram lá para buscar o Marc – mentiu Dahl, e apontou para Kerensky. – Aquele ali é o dublê público dele. Eles o usam para publicidade às vezes. Soubemos que ele estava um pouco alterado e viemos porque ele precisa estar no estúdio amanhã.

– Ele não estava alterado até seus amigos aparecerem – disse Mitch. – E por que esse cara precisa de um dublê? É coadjuvante de um programa de ficção científica de um canal do pacote básico de tevê a cabo. Não é famoso *de verdade*.

– Deveria ver esse cara na Comic-Con – disse Dahl.

Mitch bufou.

– É melhor que aproveite a Comic-Con, então, porque daqui ele está banido – respondeu. – Quando seu amigo voltar a si, diga a ele que, se aparecer aqui de novo, vai tomar um chute na bunda tão forte que vai atingir a velocidade de dobra espacial.

– Vou usar exatamente essas palavras – garantiu Dahl.

– Faça isso – disse Mitch, que voltou para suas atividades.

Dahl aproximou-se de Duvall.

– Qual é o problema? – perguntou ele.

– Ele está bêbado e molenga – disse Duvall, tentando segurar Corey. – E está acordado o bastante para discutir conosco.

– Você não consegue lidar com um bêbado molenga? – perguntou Dahl.

– Claro que consigo – disse Duvall. – Mas você disse que não quer que a gente seja preso.

– Se puder ajudar um pouco aqui, seria bacana – disse Kerensky, quando a mão bêbada de Corey enfiou um dedo em seu nariz.

Dahl assentiu, abriu a porta do carro preto e dobrou o banco da frente. Duvall e Kerensky pegaram Corey direito, equilibraram-no e depois o jogaram no banco traseiro. Corey ficou preso com a cabeça no canto do banco traseiro e a bunda para cima. Ele resmungou por um segundo e depois fez um som fraco de suspiro. Estava desmaiado de novo.

– Não vou me sentar com ele – disse Kerensky.

– Não, você não – concordou Dahl, entrou no carro e puxou a carteira de Corey das calças. Estendeu-a para Kerensky. – Você vai dirigir.

– Por que eu? – perguntou Kerensky.

– Porque se formos parados, você é ele – disse Dahl.

– Certo – disse Kerensky, pegando a carteira.

– Vou pagar o manobrista – disse Duvall.

– Dê uma boa gorjeta – pediu Dahl.

Um minuto depois, Kerensky descobriu o que o “D” no câmbio significava, e os quatro partiram pela Vine.

– Mantenha o limite de velocidade – disse Dahl.

– Não tenho ideia de para onde estou indo – comentou Kerensky.

– Você é um astrogador – disse Duvall.

– Isso aqui é uma *estrada* – retrucou Kerensky.

– Espere – disse Duvall e puxou seu telefone. – Esta coisa aqui tem um aplicativo de mapas. Vamos botar para funcionar.

Kerensky grunhiu e continuou dirigindo.

– Bem, nos divertimos esta noite – disse Duvall para Dahl enquanto digitava o endereço do Best Western no telefone. – O que você fez?

– Vi um velho amigo – disse Dahl e mostrou a Duvall a foto dele com Nick.

– Ah – disse Duvall, pegando o telefone. Ela estendeu a mão e pegou a de Dahl. – Ai, Andy. Você está bem?

– Estou.

– É igualzinho a ele – disse Duvall, olhando para a imagem de novo.

– Era pra ser – respondeu Dahl, e olhou para fora da janela.



**18**

– Ele já dormiu bastante – disse Dahl, apontando para a figura inconsciente de Marc Corey na cama. – Acorde ele.

– Você vai ter que tocar nele – disse Duvall.

– Não necessariamente – contestou Hester. Ele pegou um dos travesseiros que Corey não estava usando e bateu na cabeça do homem. Corey acordou, assustado.

– Muito bem – disse Hanson para Hester. Ele assentiu, agradecendo.

Corey sentou-se e olhou ao redor, desorientado.

– Onde estou? – perguntou para ninguém em especial.

– Em um hotel – disse Dahl. – O Best Western, em Burbank.

– Por que estou aqui?

– Você desmaiou no Vine Club depois de atacar um amigo meu – disse Dahl. – Botamos você no seu carro e o trouxemos até aqui.

Corey baixou os olhos e franziu a testa.

– Onde estão minhas *calças*? – perguntou ele.

– Nós as tiramos – disse Dahl.

– Por quê?

– Porque precisamos falar com você.

– Poderiam fazer isso sem tirar minhas calças – garantiu Corey.

– Em um mundo perfeito, sim – disse Dahl.

Corey encarou Dahl, ainda grogue.

– Eu conheço você – disse, após um minuto. – Você é figurante na minha série. – Ele olhou para Duvall e Hanson. – Vocês dois também. – Seu olhar voltou-se para Hester. – Você eu nunca vi antes.

Hester pareceu meio exasperado com isso.

– Fizemos uma cena juntos – disse para Corey. – Você foi atacado por um enxame de robôs.

– Cara, eu tenho um monte de cenas com figurantes – disse Corey. – Por isso se chamam “figurantes”. – Ele voltou a atenção para Dahl. – E se algum de vocês quiser trabalhar na série de novo, vão me dar minhas calças e as chaves do meu carro agora.

– Suas calças estão no banheiro – disse Hanson. – Secando.

– Estava tão bêbado que se mijou todo – completou Hester.

– Além de tirar suas calças para fins de discussão, imaginamos que talvez você não quisesse ir trabalhar com as roupas cheirando urina – disse Dahl.

Corey parecia perplexo, olhou para a roupa de baixo vestida no corpo e depois curvou-se sobre a cintura, farejando. Duvall e Hester trocaram olhares de nojo; Dahl observava, impassível.

– Estou cheirando bem – disse Corey.

– Cueca nova – disse Dahl.

– De quem? – perguntou Corey. – Sua?

– Não, minha – disse Kerensky. Todo esse tempo esteve sentado, em silêncio, em uma cadeira do quarto com as costas para a cama. Nesse momento, ergueu-se e encarou Corey. – Afinal, você e eu temos o mesmo tamanho.

Corey encarou Kerensky, calado.

– Você – disse ele, por fim.

– Eu – concordou Kerensky. – Que também é “você”.

– Foi você que vi no Gawker ontem – disse Corey.

– Não sei o que isso significa – disse Kerensky.

– Tinha um vídeo de alguém que parecia comigo em pé, na rua, sem calças. Alguém fez um vídeo no celular e mandou para o site de fofocas Gawker. O programa teve de confirmar que eu estava no

estúdio antes que ninguém mais acreditasse que não era eu. Era você.

– Sim, provavelmente era eu – confessou Kerensky.

– Quem é você? – perguntou Corey.

– Sou você – disse Kerensky. – Ou melhor, sou quem você finge ser.

– Isso não faz sentido nenhum.

– Bem, sua conversa sobre esse tal Gawker também não faz sentido nenhum pra mim, então estamos quites – retrucou Kerensky.

– Por que você estava correndo na rua só de cueca? – perguntou Corey.

Kerensky apontou para os outros no quarto.

– Eles tiraram minhas calças.

– Por quê?

– Porque precisávamos falar com ele – respondeu Dahl.

Corey tirou os olhos de Kerensky.

– Qual é o problema de vocês? – perguntou ele.

– Você ainda está aqui – insistiu Dahl.

Mas Corey o ignorou de novo. Ele saiu da cama e foi até Kerensky, que estava parado, observando-o. Corey examinou-o por inteiro.

– É incrível. Você é exatamente igual a mim.

– Eu sou *exatamente* igual a você – disse Kerensky. – Até o último detalhe.

– Não é possível – disse Corey, olhando para o rosto de Kerensky.

– É possível – respondeu Kerensky, e se aproximou mais de Corey. – Olhe mais de perto.

Os dois ficaram frente a frente, a poucos centímetros de distância, enquanto Corey vasculhava o corpo de Kerensky.

– Tudo bem, *isso* está ficando bizarro – disse Hester, baixinho, para Dahl.

– Marc, precisamos da sua ajuda – disse Dahl para Corey. – Precisamos que você nos leve para falar com Charles Paulson.

– Por quê? – perguntou Corey, sem tirar os olhos de Kerensky.

– Tem algo sobre a série que precisamos discutir com ele – argumentou Dahl.

– Ele não está falando com ninguém – disse Corey, virando-se. – Há um mês o filho dele sofreu um acidente de moto. Está em coma agora, e eles não acham que ele vá acordar. Ele deu a moto para o filho de presente de aniversário. Corre o boato de que Paulson vai até o escritório pela manhã, senta-se e fica olhando para as paredes até as seis da tarde, depois volta para casa. Ele não vai receber vocês.

Ele voltou a olhar Kerensky.

– Precisamos tentar – disse Dahl. – E é por isso que precisamos de você. Ele pode até conseguir evitar quase todo mundo, mas você é uma estrela no programa dele. Ele precisa receber você.

– Ele não precisa receber ninguém – disse Corey.

– Você poderia fazer com que ele te recebesse – disse Duvall.

Corey deu uma olhada e, em seguida, afastou-se de Kerensky para ir até ela.

– E por que você não faz isso? – perguntou ele. – Você tem razão, se eu der um escândalo e exigir ver Paulson, ele vai me receber. Mas se eu fizer isso e gastar o tempo dele à toa, ele me chuta do programa. Talvez meu personagem seja morto de algum jeito horrível apenas para dar uma melhorada na audiência momentaneamente. E aí eu vou ficar sem emprego. Sabe como é difícil conseguir um papel regular em uma série nessa cidade? Eu era

garçom antes de fazer o programa. Não vou fazer nada disso por vocês, não.

– É importante – comentou Dahl.

– *Eu sou* importante – retrucou Corey. – Minha carreira é importante. É mais importante do que seja lá o que vocês querem.

– Se nos ajudar, podemos lhe dar dinheiro – disse Hanson. – Temos noventa mil dólares.

– É menos do que eu faço por episódio – respondeu Corey, e olhou para Kerensky. – Vão ter que se esforçar mais.

Dahl abriu a boca para falar.

– Eu cuido disso – interrompeu Kerensky, olhando para os outros.

– Deixe-me falar com Marc.

– Fale – disse Hester.

– A sós – pediu Kerensky.

– Tem certeza? – perguntou Dahl.

– Tenho – respondeu Kerensky. – Tenho certeza.

– Tudo bem – disse Dahl, e sinalizou para que Duvall, Hanson e o incrédulo Hester saíssem da sala.

– Diga que não sou o único que acha que algo *improvável* está prestes a acontecer lá dentro – disse Hester, já no corredor.

– Você é o único – disse Dahl.

– Não é, não – discordou Duvall. Hanson também negou com a cabeça. – Não é possível que você não tenha notado o jeito como Corey olhou para Anatoly, Andy – disse Duvall.

– Devo ter perdido essa parte – confessou Dahl.

– Sei – disse Hester.

– Você realmente é puritano, né? – perguntou Duvall para Dahl.

– Só prefiro achar que há uma discussão sóbria e razoável acontecendo lá dentro e que Kerensky está apresentando argumentos muito bons.

Do outro lado da porta houve uma batida surda e abafada.

– É *isso aí* – disse Hester.

– Acho que vou esperar no saguão – disse Dahl.

\* \* \*

Duas horas depois, quando o crepúsculo irrompeu, Kerensky, parecendo exausto, desceu ao saguão.

– Marc precisa das chaves – disse ele. – Precisa estar na maquiagem às seis e meia.

Dahl pegou as chaves no bolso.

– Então ele vai nos ajudar? – perguntou ele.

Kerensky assentiu.

– Ele vai ligar assim que chegar ao estúdio. Vai dizer a Paulson que, a menos que ele agende uma reunião hoje, vai sair do programa.

– E como você conseguiu fazer com que ele concordasse? – perguntou Hester.

Kerensky deu uma encarada em Hester.

– Quer mesmo saber?

– Hum... – disse Hester. – Na verdade, não. Não, não quero.

– Foi o que pensei.

Kerensky, então, pegou as chaves de Dahl.

– Eu quero – disse Duvall.

Kerensky suspirou e virou-se para Duvall.

– Diga uma coisa, Maia: já encontrou alguém que você conhecesse de um jeito tão completo, tão exato e tão perfeito que era como se vocês dois compartilhassem o mesmo corpo, os mesmos pensamentos e os mesmos desejos? E teve aquela sensação de ter a certeza de que você sente exatamente por ele o

que ele sente por você, até o último e derradeiro átomo do seu ser?  
Já?

– Não mesmo – disse Duvall.

– Que pena – disse ele, e voltou para o quarto de hotel.

– Você *tinha* que perguntar – disse Hester para Duvall.

– Fiquei curiosa – disse Duvall. – Foi mal.

– Agora eu tenho *imagens* – disse Hester. – Elas estão na minha *mente*. Nunca vão desaparecer. E a culpa é sua!

– Com certeza é um lado de Kerensky que não tínhamos visto antes – disse Dahl. – Nunca o vi interessado em homens.

– Não é isso – disse Hanson.

– Você *cochilou* nas últimas duas horas? – perguntou Hester. – E aquelas batidas?

– Não, Jimmy tem razão – disse Duvall. – Ele não tem interesse em homens. Tem interesse em si mesmo. Sempre teve. Agora teve a chance de ir até as últimas consequências nesse interesse.

– Credo – disse Hester.

Duvall olhou para ele.

– Não faria o mesmo se tivesse a chance? – perguntou ela.

– Eu não fiz – enfatizou Dahl.

– Certo, mas já concluímos que você é puritano – respondeu Duvall.

Dahl abriu um sorrisinho.

– Ponto pra você – disse ele.

O elevador abriu e Corey saiu dele, seguido por Kerensky. Corey foi até Dahl.

– Preciso do seu número de telefone – disse ele. – Para eu poder ligar quando marcar a reunião de hoje.

– Tudo bem. – Dahl lhe deu o número. Corey acrescentou aos seus contatos e, em seguida, olhou para eles.



– Quero que reconheçam o que estou fazendo por vocês – disse ele. – Ao conseguir essa reunião, estou pondo o meu na reta. Então, se fizerem alguma coisa que ponha minha carreira em risco, eu juro que vou encontrar e desgraçar vocês pro resto da vida. Estamos combinados?

– Combinados – disse Dahl. – Obrigado.

– Não estou fazendo por você – disse Corey e, em seguida, meneou a cabeça para Kerensky. – Estou fazendo por ele.

– De qualquer forma, obrigado – disse Dahl.

– Ah, e se alguém perguntar o motivo pelo qual vocês estavam me ajudando a entrar no carro, é uma reação alérgica aos taninos do vinho que eu estava tomando no Vine Club – disse Corey.

– Claro – disse Dahl.

– Essa é a verdade, sabe – comentou Corey. – As pessoas são alérgicas a todo o tipo de coisa.

– Sim – concordou Dahl.

– Vocês não viram se alguém estava gravando enquanto vocês me colocavam no carro, viram? – perguntou Corey.

– Talvez algumas pessoas – admitiu Dahl.

Corey suspirou.

– Taninos. Lembrem-se.

– Vamos lembrar – disse Dahl.

Corey assentiu para Dahl, foi até Kerensky e envolveu-o em um abraço apaixonado. Kerensky correspondeu.

– Queria que tivéssemos mais tempo – disse Corey.

– Eu também – respondeu Kerensky. Abraçaram-se de novo e se separaram. Corey saiu do saguão. Kerensky observou-o partir.

– Uau – disse Hester. – Você foi fundo, Kerensky.

Kerensky deu um giro.

– Como assim?

Hester ergueu as mãos.

– Não estou julgando ninguém – disse ele.

– Julgando o quê? – perguntou Kerensky e olhou para os outros.

– Quê? Vocês estão achando que fiz *sexo* com Marc?

– Não fez? – perguntou Duvall.

– Nós *conversamos*. A conversa mais incrível que já tive com alguém em toda a minha vida. Foi como encontrar o irmão que eu nunca tive.

– Confessa, Anatoly – disse Hester. – Nós ouvimos *barulhos*.

– Marc estava vestindo as calças – disse Kerensky. – Eu devolvi as calças dele e ele ainda estava zozzo e caiu. Foi *isso*.

– Tudo bem – disse Hester. – Desculpe.

– Meu Deus – disse Kerensky, olhando ao redor. – Vocês, hein? Eu tenho uma das experiências mais incríveis da minha vida, conversando com uma pessoa que realmente me saca... que me *entende* de verdade... e vocês todos aqui embaixo, pensando que estava no meio de algum tipo de masturbação incestuosa com viagem no tempo. Muito obrigado por cagar a minha experiência incrível de vida alternativa. Vocês me enjoam.

Ele virou as costas e saiu pisando duro.

– Olha, isso foi interessante – disse Duvall.

Kerensky voltou pisando duro e apontou para Maia.

– E está tudo acabado entre nós – disse ele.

– É justo – disse ela. Kerensky saiu pisando duro uma segunda vez.

– Eu gostaria de enfatizar que eu estava certo – disse Dahl depois de um minuto. Duvall foi até ele e lhe deu um tapão na cabeça.

**19**

O escritório particular de Charles Paulson ficava em Burbank, fora da área do estúdio, em um prédio que abrigava três outras produtoras, duas agências, uma *start-up* de tecnologia e uma organização filantrópica dedicada a combater a candidíase. O escritório de Paulson ocupava todo o terceiro andar; o grupo pegou o elevador.

– Eu não deveria ter comido aquele último burrito – comentou Hester, com uma expressão dolorida quando entraram no elevador.

– Eu avisei – disse Hanson.

– Você também falou que a comida do século 21 estava sujeita a leis sanitárias – retrucou Hester.

– Não acho que as leis sanitárias vão proteger você de um terceiro burrito de *carnitas* – disse Hanson. – Não tem a ver com segurança alimentar. Tem a ver com sobrecarga de gordura de porco.

– Preciso de um banheiro – disse Hester.

– Dá pra esperar? – perguntou Dahl para Hester. O elevador chegou ao terceiro andar. – É uma reunião importante.

– Se eu não encontrar um banheiro, vocês não vão querer minha presença na reunião – disse ele. – Porque o que vai acontecer será bem desagradável.

As portas do elevador abriram e os cinco saíram. No fim do corredor, à direita, havia uma placa de banheiro masculino. Hester avançou até lá, com rapidez, mas com o corpo contido, e desapareceu pela porta.

– Quanto tempo vai levar? – perguntou Duvall a Dahl. – Nossa reunião começa em um minuto.

– Já teve algum incidente com *carnitas*? – Ele devolveu a pergunta.

– Não. E, pelo visto, ainda bem que não.

– Ele provavelmente vai ficar lá por um tempo – disse Dahl.

– Não podemos esperar – disse Kerensky.

– Não.

– Vocês vão na frente – disse Hanson. – Eu fico aqui e vejo se Hester vai ficar bem. Vamos esperar na recepção quando ele terminar.

– Tem certeza? – perguntou Dahl.

– Tenho – respondeu Hanson. – De qualquer forma, Hester e eu vamos ser apenas espectadores lá. Podemos esperar lendo revistas na recepção. É sempre divertido se atualizar sobre as fofocas de trezentos e cinquenta anos atrás.

Dahl sorriu.

– Então tudo bem. Obrigado, Jimmy.

– Se o intestino de Hester explodir, avise a gente – disse Duvall.

– Você será a primeira a saber – garantiu Hanson, e seguiu para o banheiro.

A recepcionista na Paulson Productions sorriu com afeto para Kerensky quando ele, Dahl e Duvall entraram na recepção.

– Oi, Marc – disse ela. – Que bom rever você.

– Hum... – respondeu Kerensky.

– Estamos aqui para falar com o sr. Paulson – disse Dahl, interrompendo o momento de desconcerto de Kerensky. – Temos hora marcada. Marc agendou.

– Sim, claro – disse a recepcionista, olhando para a tela do computador. – Sr. Dahl, né?

– Sou eu – disse Dahl.

– Podem se sentar, vou avisar que os senhores estão aqui – disse ela, sorrindo outra vez para Kerensky antes de pegar o telefone e chamar Paulson.

– Acho que ela estava te paquerando – comentou Duvall para Kerensky.

– Ela pensou que estava paquerando Marc – corrigiu ele.

– Talvez tenha uma história aí – disse Duvall.

– Pare com isso.

– Estou apenas tentando ajudar você a se recuperar do coração partido – disse Duvall.

– Sr. Dahl, Marc, senhora – disse a recepcionista. – O sr. Paulson vai recebê-los agora. Venham comigo, por favor. – Ela os levou pelo corredor até uma sala grande, na qual Paulson estava sentado atrás de uma grande mesa.

Paulson olhou para Kerensky, sério.

– Achei que ia falar com seu pessoal, não com você – disse ele. – Você deveria estar trabalhando.

– Eu estou trabalhando – disse Kerensky.

– Esse não é o seu trabalho – disse Paulson. – O seu trabalho é no estúdio. No set. Se não estiver lá, não rodamos nada. Se não rodamos, estamos desperdiçando tempo e dinheiro da produção. O estúdio e o Corwin já estão me enchendo porque estamos atrasados esse ano. E você não está ajudando.

– Sr. Paulson – interveio Dahl –, talvez o senhor devesse ligar para o estúdio e perguntar se Marc Corey está lá.

Paulson fitou Dahl, parecendo tê-lo visto pela primeira vez.

– Você parece vagamente familiar. Quem é você?

– Sou Andrew Dahl – disse ele, sentando-se em uma das cadeiras diante da mesa, e em seguida apontou para Duvall, que se sentou na outra. – Esta é Maia Duvall. Trabalhamos na *Intrepid*.

– Então também deveriam estar no estúdio.

– Sr. Paulson –, insistiu Dahl – recomendo fortemente que ligue para o estúdio e pergunte se Marc Corey está lá.

Paulson apontou para Kerensky.

– Mas ele está bem aqui.

– Não, não está – retrucou Dahl. – É por isso que estamos aqui para falar com o senhor.

Os olhos de Paulson se estreitaram.

– Vocês estão me fazendo perder tempo – disse ele.

– Meu Deus – disse Kerensky, exasperado. – Pode ligar para a merda do estúdio? Marc *está lá*.

Paulson parou para olhar Kerensky por um momento, pegou o telefone na mesa e apertou um botão.

– Alô, oi, Judy – disse ele. – Você está no estúdio?... Ah, tudo bem. Me diz uma coisa... está vendo Marc Corey por aí? – Ele fez uma pausa e olhou para Kerensky de novo. – Certo. Há quanto tempo ele está aí?... Certo. Ele está estranho hoje? Fora do personagem? Entendi, certo... Não. Não, não preciso falar com ele. Obrigado, Judy. – E desligou.

– Era minha produtora, Judy Melendez – disse Paulson. – Disse que Marc está no estúdio desde a ligação das seis e meia para marcar a reunião.

– Obrigado – disse Kerensky.

– Tudo bem, agora estou curioso – disse Paulson para Kerensky. – Quem diabos é você? Marc obviamente *conhece* você, ou não teria arranjado esta reunião. Pode ser um gêmeo idêntico, mas eu sei que ele não tem irmãos. Então quem é? Vocês são primos? Quer entrar no programa? Do que se trata?

– Você coloca parentes na série? – perguntou Dahl.

– Não saímos por aí anunciando, mas sim, claro – respondeu Paulson. – Na temporada passada, eu dei um papel para um tio. Ele estava prestes a perder o seguro da associação de atores, então dei para ele o papel de um almirante que tentava mandar Abernathy para a corte marcial. Também dei um papel pequeno para o meu filho... – Ele parou de falar abruptamente.

– Soubemos de seu filho – disse Dahl. – E sentimos muito.

– Obrigado – disse Paulson, e hesitou de novo. Seu comportamento passou de produtor agressivo para algo mais cansado e menor. – Desculpe – disse ele depois de um momento. – Tem sido difícil.

– Não consigo nem imaginar – comentou Dahl.

– E fique feliz por não conseguir – disse Paulson, pegando um porta-retratos na mesa, olhando para ele e mantendo-o em sua mão. – Menino tonto. Eu falei para ele ter cuidado ao dirigir a moto na chuva. – Ele se virou para o porta-retratos por um instante, mostrando uma foto dele com um rapaz mais jovem, usando roupas de couro de motociclista, sorrindo para a câmera. – Ele nunca me ouvia.

– É o seu filho? – perguntou Duvall, estendendo a mão para pegar o porta-retratos.

– É – disse Paulson, entregando a foto. – Matthew. Ele tinha acabado o mestrado em antropologia quando me disse que queria tentar a carreira de ator. Disse para ele que, se queria ser ator, por que tinha feito eu pagar um mestrado em antropologia para ele? Mas dei um papel para ele mesmo assim. Foi coadjuvante em alguns episódios antes de... bem.

– Andy – disse Duvall, entregando a foto para Dahl. Ele a encarou.

Kerensky aproximou-se e olhou a fotografia que Dahl segurava.



– Você *só pode* estar brincando – disse ele.

– Quê? – perguntou Paulson, olhando para os três. – Vocês o conheciam? Conheciam Matthew.

Todos os três olharam para ele.

– *Matthew!* – uma voz de mulher gritou, de fora da sala, no fim do corredor.

– Ai, merda – disse Duvall, levantando-se da cadeira e correndo para fora da sala.

No saguão, a recepcionista estava agarrada a Hester aos prantos de alegria. Hester estava lá, parado, com uma recepcionista grudada, extremamente confuso.

Hanson viu os três tripulantes se aproximarem.

– Entramos na recepção – disse ele. – Foi tudo o que fizemos. Entramos na recepção e ela gritou um nome e quase pulou sobre a mesa para se agarrar a Hester. O que está acontecendo?

– Acho que sabemos quem foi o ator que fez o papel de Hester – disse Dahl.

– Ah, sim – disse Hanson. – E quem foi?

– Matthew? – perguntou Paulson, do corredor. Ele seguiu os três convidados para fora da sala para descobrir o que estava acontecendo. – Matthew! *Matthew!*

Ele correu até Hester, abraçou com afã e começou a beijá-lo na bochecha.

– É o filho de Charles Paulson – disse Duvall para Hanson.

– O que está em coma?

– O próprio – falou Dahl.

– Ah... Putz – respondeu Hanson. – *Putz.*

Todos os três olharam para Hester, que sussurrou.

– Me ajudem.

– Alguém vai ter que dizer para eles quem Hester é de verdade – disse Kerensky. Ele, Hanson e Duvall olharam para Dahl.

Dahl suspirou e aproximou-se de Hester.

\* \* \*

– Você está bem? – perguntou Dahl a Hester. Estavam em um quarto de hospital particular, no qual Matthew Paulson jazia na cama, entubado para permanecer vivo. Hester encarava seu duplo comatoso.

– Bem melhor que ele – disse Hester.

– Hester! – disse Dahl e olhou pela porta para fora do quarto, para ver se Charles Paulson estava perto o suficiente para ter ouvido o comentário de Hester. Não estava. Estava na sala de espera com Duvall, Hanson e Kerensky. Matthew Paulson podia receber apenas dois visitantes por dia.

– Desculpe – disse Hester. – Não quis ser babaca. É só que... bem, agora tudo faz sentido, né?

– Como assim?

– Sobre mim – disse Hester. – Você, Duvall, Hanson e Finn são todos *interessantes* porque precisavam de histórias pregressas interessantes para morrerem dentro de um contexto. Finn morreu nas mãos de alguém que conhecia, certo? Você, prestes a ser morto quando voltasse a Forshan. Mas eu não tinha nada de incomum. Era só outro cara de Des Moines que tinha uma média sete no ensino médio, que entrou na Frota da UU para ver um pouco do universo antes de voltar para casa e estagnar na vida. Antes de eu entrar na *Intrepid* eu era só mais um solitário sarcástico. E agora tudo faz sentido porque eu nunca *quis* fazer nada especial, né? Eu era um figurante de verdade. Um papel-curinga que Paulson podia dar para

o filho até ele se encher de bancar o ator e voltar a estudar para o doutorado. Mesmo a única coisa que consigo fazer, pilotar uma nave de transporte, é algo arranjado porque o programa precisava de alguém nesse papel, e por que não dar esse papel ao filho do produtor? Deixar que se sinta *especial*?

– Não penso exatamente dessa forma – comentou Dahl.

– É *exatamente* dessa forma – retrucou Hester. – Fui feito para preencher uma lacuna, e é isso.

– Não é verdade – disse Dahl.

– Não? – Hester ergueu os olhos para Dahl. – Qual é o meu nome?

– Quê? – perguntou Dahl.

– Qual é o meu nome? – Hester repetiu. – Você é Andy Dahl. Maia Duvall. Jimmy Hanson. Anatoly Kerensky, pelo amor de Deus. Qual é o *meu* nome, Andy? Você não sabe, não é?

– Você *tem* um nome – disse Dahl. – Eu poderia olhar no meu telefone e descobrir.

– Mas você não sabe qual é – disse Hester. – Nunca o usou. Nunca me chamou por ele. Somos *amigos* e você nem sabe o meu nome inteiro.

– Sinto muito – disse Dahl. – Nunca pensei em chamar você por outro nome que não fosse “Hester”.

– Essa é a questão – disse Hester. – Se nem meus *amigos* pensaram em qual poderia ser meu nome, isso indica com bastante precisão o meu papel no universo, não é? – Ele voltou a olhar Matthew Paulson em seu coma.

– E qual é o seu nome? – perguntou Dahl, finalmente.

– É Jasper – revelou Hester.

– Jasper.

– Nome de família. Jasper Allen Hester.

– Quer que eu comece a chamar você de Jasper? – perguntou Dahl.

– Caralho, não – disse Hester. – Quem quer ser chamado de Jasper? Nome ridículo da porra.

Dahl tentou reprimir uma risada, mas não conseguiu. Hester sorriu.

– Vou continuar chamando você de Hester – disse Dahl. – Mas quero que você saiba que, lá no fundo, estarei dizendo Jasper.

– Se isso te faz feliz... – falou Hester.

– Jasper, Jasper, Jasper – disse Dahl.

– Tudo bem – disse Hester. – Já chega. Odiaria ter que matar você em um hospital.

Voltaram a atenção a Matthew Paulson.

– Pobre garoto – disse Hester.

– Tem a sua idade – comentou Duvall.

– É, mas eu provavelmente vou viver mais do que ele – disse Hester. – Há uma chance a pelo menos um de nós.

– Acho que sim – disse Dahl.

– Esse é o problema de se viver no século 21 – disse Hester. – Em nosso mundo, se ele sofresse o mesmo acidente, poderíamos curá-lo. Digo, caramba, Andy, pense nas coisas horríveis que aconteceram com você, e você sobreviveu.

– Sobrevivi porque não era a minha hora de morrer ainda – disse Dahl. – É como Kerensky e seus poderes incríveis de recuperação. Tudo graças à Narrativa.

– Importa por quê? – perguntou Hester. – Quer dizer, de verdade, Andy. Se você estiver para morrer e sobreviver, for curado por meios totalmente ficcionais, você realmente se importa? Não, porque você não está morto. A Narrativa nos apaga quando é conveniente. Mas não é de todo má.

– Você estava dizendo agora mesmo como fazia todo o sentido você não ser ninguém – retrucou Dahl. – Não parecia estar tão apaixonado pela Narrativa.

– Não disse que estava – comentou Hester. – Mas acho que está se esquecendo de que isso significava que eu era o único de nós absolutamente fadado a não ter uma morte horrível para a diversão alheia.

– É um bom argumento – disse Dahl.

– Esse programa em que estamos é uma bosta – disse Hester. – Mas é a bosta que às vezes funciona a nosso favor.

– Até nos matar – disse Dahl.

– Matar *você* – Hester o lembrou. – Eu *talvez* sobreviva, lembra?  
– Ele apontou para Matthew Paulson. – E se ele vivesse em nosso mundo, talvez pudesse sobreviver também.

Dahl ficou em silêncio com essa frase. Hester acabou erguendo os olhos e viu Dahl olhando para ele com curiosidade.

– O que foi?

– Estou pensando – disse Dahl.

– Em quê? – perguntou Hester.

– Em usar a Narrativa a nosso favor – respondeu Dahl.

Hester estreitou os olhos.

– De alguma forma, eu estarei envolvido, não é? – perguntou.

– Sim, Jasper – disse Dahl. – Envolve você.

**20**

Charles Paulson abriu a porta da sala de reunião onde os cinco estavam sentados, esperando, e chegou acompanhado de outro homem.

– Desculpe pela demora – disse ele, e, em seguida, apontou para o outro homem. – Vocês queriam conhecer o roteirista-chefe do programa, aqui está ele. Este é Nick Weinstein. Expliquei a ele o que está acontecendo.

– Olá – disse Weinstein, olhando para os cinco. – Uau! Charles, você não estava brincando.

– Uau, isso é engraçado – disse Hester, interrompendo o olhar boquiaberto de quatro dos cinco tripulantes.

– O que é engraçado? – perguntou Weinstein.

– Senhor Weinstein, o senhor já foi um figurante no próprio programa? – perguntou Dahl.

– Uma vez, algumas temporadas atrás – respondeu Weinstein. – Precisávamos de alguém, qualquer pessoa, para uma cena de funeral. Por acaso, eu estava no estúdio. Botaram uma fantasia em mim e pediram para que eu parecesse estar triste. Por quê?

– Sabemos quem o senhor interpretou – respondeu Dahl. – Seu nome é Jenkins.

– Sério? – perguntou Weinstein, e sorriu. – Como ele é?

– É um recluso triste e maluco que nunca superou a perda da esposa – disse Duvall.

– Ah – disse Weinstein, perdendo o sorriso. – Sinto muito.

– Mas o senhor tem o rosto mais bem aparado – disse Hanson, tranquilizador.

– Provavelmente é a primeira vez que alguém diz isso sobre mim – disse Weinstein, apontando para a barba.

– Você disse que tinha algo que queria falar comigo e com Nick – disse Paulson para Dahl.

– Tenho, sim – confirmou Dahl. – Aliás, nós temos. Por favor, sentem-se.

– Quem é Jenkins? – Kerensky sussurrou para Dahl, quando Paulson e Weinstein se sentavam.

– Eu explico depois – respondeu Dahl.

– Então – disse Paul. Os olhos relanceavam para Hester involuntariamente a cada poucos segundos.

– Senhor Paulson, senhor Weinstein, existe um motivo pelo qual voltamos para o seu tempo – disse Dahl. – Voltamos para convencer os senhores a interromper a série.

– O quê? – perguntou Weinstein. – Por quê?

– Porque, do contrário, estaremos mortos – respondeu Dahl. – Senhor Weinstein, quando o senhor mata um figurante em um de seus roteiros, o ator que interpreta aquele papel sai do estúdio e vai almoçar. Mas no lugar em que estamos, essa pessoa morre de verdade. E as pessoas morrem em quase todos os episódios.

– Bem, não em todos os episódios – disse Weinstein.

– Jimmy – chamou Dahl.

– *Crônicas da Intrepid* tem, até o momento, 128 episódios em seis temporadas – falou Hanson. – Um ou mais tripulantes da *Intrepid* morreram em 96 episódios. Em 112 episódios, a morte está retratada de um jeito ou de outro. O senhor matou, no mínimo, quatrocentos tripulantes da *Intrepid* durante a série, e se acrescentarmos os episódios em que o senhor destruiu outras naves ou planetas por ataque ou doenças, o total de mortes chega a milhões.



- Sem contar as mortes de inimigos – completou Dahl.
- Não, eles aumentariam o número significativamente – disse Hanson.
- Ele leu muito sobre a série – Dahl comentou com Weinstein.
- Nem todas essas mortes são culpa minha – disse Weinstein.
- O senhor as escreveu – disse Duvall.
- Eu não escrevi *todas* elas – disse Weinstein. – Há outros roteiristas na equipe.
- Você é o roteirista-chefe – disse Hester. – Tudo nos roteiros passa por sua aprovação.
- A questão não é atribuir essas mortes ao senhor – interrompeu Dahl. – Não tinha como o senhor saber. Do seu ponto de vista, está escrevendo ficção. Mas do nosso ponto de vista, é real.
- Como isso funciona? – perguntou Weinstein. – Como o que escrevemos aqui afeta a realidade de vocês? Isso não faz sentido nenhum.
- Hester bufou.
- Bem-vindo à nossa vida.
- O que quer dizer com isso? – perguntou Weinstein, voltando a atenção para Hester.
- Acha que nossa vida faz algum sentido? – disse Hester. – O senhor pôs a gente em um universo onde há robôs assassinos com arpões perambulando em uma estação espacial porque, claro, faz todo sentido ter robôs assassinos lançadores de arpões.
- Ou tubarões de gelo – disse Duvall.
- Ou minhocas carnívoras borgovianas – comentou Hanson.
- Weinstein ergueu um dedo.
- Eu não fui responsável pelas minhocas carnívoras – disse ele. – Eu fiquei afastado por duas semanas com gripe aviária. O roteirista

que fez esse roteiro amava *Duna*. Quando voltei, era tarde demais. Os herdeiros de Herbert arrancaram nosso coro por causa delas.

– Entramos *em um buraco negro* para chegar aqui – continuou Hester, e apontou Kerensky com o dedão. – E providenciamos o sequestro desse pobre coitado para garantir que isso funcionaria, porque ele é um dos personagens principais da série e não vai morrer fora de cena. Pense nisso... a física *se altera em torno dele*.

– Não que isso impeça que eu me lasque com certa regularidade – disse Kerensky. – Sempre fiquei imaginando por que coisas ruins não paravam de acontecer comigo. Agora sei que é porque pelo menos um dos personagens principais precisa sofrer. E isso é uma bosta.

– O senhor faz com que ele se cure super-rápido só para moer o cara de novo – disse Duvall. – O que, pensando nisso agora, parece crueldade.

– E tem a Caixa – disse Hanson, apontando para Dahl.

– A Caixa? – perguntou Weinstein, olhando para Dahl.

– Sempre que se escreve ficção científica ruim para um episódio, o jeito para resolvê-lo é botar o problema na Caixa e, então, quando for dramaticamente adequado, ela cospe uma resposta – disse Dahl.

– Nunca escrevi Caixa nenhuma na série – disse Weinstein, confuso.

– Mas você escreve ficção científica ruim na série – disse Dahl. – O tempo todo. Por isso existe a Caixa.

– Ensinaam ciências para você na escola? – perguntou Hester. – Estava aqui me perguntando isso.

– Frequentei o Occidental College – disse Weinstein. – Eles têm aulas incríveis de ciências lá.

– É, mas o senhor *assistiu* a alguma? – perguntou Duvall. – Porque eu tenho que dizer: nosso universo é uma zona.

– Outras séries de ficção científica têm consultores científicos – comentou Hanson, enfático.

– Isso é *ficção* científica – redarguiu Weinstein. – A primeira parte da expressão também importa.

– Mas o senhor está fazendo ficção científica *ruim* – disse Hester. – E *nós* temos que viver nela.

– Gente – disse Dahl, interrompendo todos eles de novo. – Vamos tentar nos concentrar no objetivo aqui.

– Que *objetivo*? – perguntou Paulson. – Vocês disseram que tinham uma ideia sobre a qual queriam conversar, e tudo que estou vendo é vocês apontando o dedo para o meu roteirista-chefe.

– Estou me sentindo meio acuado – disse Weinstein.

– Não se sinta – disse Dahl. – De novo: não tinha como o senhor saber. Mas agora o senhor sabe de onde viemos e por que voltamos para interromper a série.

Paulson abriu a boca, provavelmente para contestar e oferecer uma infinidade de motivos pelos quais seria impossível. Dahl ergueu a mão para refrear a objeção.

– Agora que estamos aqui, sabemos que interromper o programa não é possível. Realmente, foi um risco grande. Mas agora não quero que a série termine, porque estou vendo uma maneira de ela funcionar a nosso favor. A nosso favor e de vocês também.

– Desembucha, então – disse Paulson.

– Charles, seu filho, está em coma – falou Dahl.

– Está.

– Não há chance de ele sair desse coma – disse Dahl.

– Não – afirmou Paulson, depois de um minuto, e olhou ao redor com olhos marejados. – Não.

– Você não falou sobre isso – disse Weinstein. – Pensei que ainda houvesse uma chance.

– Não tem – comentou Paulson. – O doutor Lo me avisou ontem que as tomografias mostram que sua função cerebral continua a se deteriorar, e que são as máquinas que mantêm o corpo dele vivo no momento. Estamos esperando até a família toda estar reunida para podermos nos despedir. Depois disso, vamos desligar as máquinas. – Ele olhou para Hester, que estava sentado em silêncio, e depois para Dahl. – A menos que você tenha outra ideia.

– Tenho – confirmou Dahl. – Charles, eu acho que podemos salvar o seu filho.

\* \* \*

– Diga como – pediu Paulson.

– Vamos levar seu filho conosco – falou Dahl – quando voltarmos para a *Intrepid*. Podemos tratar dele. Temos tecnologia para isso. E mesmo se não tivéssemos – ele apontou para Weinstein –, temos a Narrativa. O senhor Weinstein aqui escreve um episódio em que Hester fica ferido, mas sobrevive e é levado para a enfermaria para se curar. E pronto. Hester sobrevive. Seu filho sobrevive.

– Levar meu filho para dentro da série – disse Paulson. – Esse é o seu plano.

– Essa é a ideia – disse Dahl. – Tipo isso.

– Tipo isso – repetiu Paulson, franzindo a testa.

– Há questões de logística – disse Dahl. – E também algumas que são, por falta de uma palavra melhor, teleológicas.

– Como o quê? – perguntou Paulson.

Dahl virou-se para Weinstein, que também franzira o cenho.

– Acho que o senhor está pensando em algumas neste momento – disse ele.

– Estou – disse Weinstein, e apontou para Hester. – A primeira é que vocês terão dois dele no seu universo.

- Você poderia inventar uma desculpa para isso – disse Paulson.
- Sim, poderia – disse Weinstein. – Seria confuso e sem sentido.
- Isso é um problema para o senhor? – perguntou Hester.
- Mas a questão é que dois dele no universo significará nenhum dele neste aqui – disse Weinstein, ignorando o comentário de Hester.
- Você tinha... tem, desculpe... seu filho ocupando um papel aqui. Se os dois se forem, não vai ter ninguém para o papel.
- A gente escala outro ator – disse Paulson. – Um que se pareça com Matthew.
- Mas daí tem o problema de qual dos... – Weinstein apontou para Hester.
- Hester – ele se autoidentificou.
- Isso. De qual dos Hesters o novo que voltar para cá vai afetar – disse Weinstein. – Além disso, e eu sou o primeiro a admitir que não tenho ideia de como essa bruxaria maluca vai funcionar, se eu fosse tentar, não usaria um Hester substituto, porque sabe-se lá como isso afetaria o processo de cura do seu filho. Talvez ele acabe não sendo ele mesmo.
- Certo – disse Dahl. – E por isso oferecemos mais uma solução.
- Eu fico aqui – disse Hester.
- Então, você fica aqui, fingindo ser meu filho – disse Paulson. – Você sai milagrosamente do coma e em seguida rodamos o episódio no qual você faz o papel do meu filho e nós curamos você.
- Tipo isso – disse Hester.
- O que quer dizer com esse “tipo isso”? – bronqueou Paulson. – Qual é o problema?
- Dahl olhou novamente para Weinstein.
- Conte para ele.
- Ah, merda – disse Weinstein, arrumando-se na cadeira. – É aquela coisa do átomo, não é?

– Coisa do átomo? – indagou Paulson. – Que “coisa do átomo”?  
Weinstein levou as mãos à cabeça.

– *Tão* idiota – disse para si mesmo. – Charles, quando escrevemos o episódio em que Abernathy e os outros voltam no tempo, fizemos essa coisa de que eles só poderiam ficar aqui por seis dias antes de os átomos voltarem à posição inicial deles na linha do tempo.

– Não tenho ideia do que isso significa, Nick – disse Paulson. – Fale língua de gente comigo.

– Significa que, se ficarmos nessa linha do tempo por mais de seis dias, morreremos – explicou Dahl. – E já estamos quase no terceiro dia.

– Também significa que, se Matthew entrar na linha do tempo deles, terá apenas seis dias antes de a mesma coisa acontecer com ele – disse Weinstein.

– Que porra de ideia imbecil! – Paulson explodiu com Weinstein. – Por que você fez uma merda dessas?

Weinstein ergueu as mãos, na defensiva.

– Como eu iria saber que um dia eu estaria aqui, falando sobre isso? – choramingou ele. – Meu Deus, Charles, só estávamos tentando terminar uma porcaria de um episódio. Precisávamos disso para ter um motivo para terminar tudo no cronograma. Na época, fez sentido.

– Bem, mude isso – disse Paulson. – Regra nova: as pessoas que viajam no tempo podem ficar o tempo que quiserem, porra.

Weinstein olhou para Dahl, suplicante.

– É tarde demais para isso – disse Dahl, interpretando o olhar de Weinstein. – A regra entrou em vigor quando voltamos no tempo e, além disso, isso aqui não é um episódio. Estamos agindo fora da Narrativa, o que significa que, mesmo se vocês pudessem mudar

tudo, não teria efeito, porque não está sendo gravado. Estamos presos a essa regra.

– Eles têm razão – disse Paulson para Weinstein, apontando para a tripulação da *Intrepid*. – O universo que você criou é uma bosta.

Weinstein parecia intimidado.

– Ele não sabia – disse Dahl a Paulson. – Você não pode culpá-lo. E precisamos dele, então não o demita.

– Não vou demitir – disse Paulson, ainda encarando Weinstein. – Quero saber como vamos *consertar* isso.

Weinstein abriu a boca, depois fechou e em seguida virou-se para Dahl.

– Toda ajuda será bem-vinda – disse ele.

– Aqui é onde a coisa fica um pouco mais maluca – disse Dahl.

– Mais? – perguntou Weinstein.

Dahl virou-se para Paulson.

– Hester fica aqui. Levamos seu filho conosco. Voltamos ao nosso tempo e universo, mas ele – Dahl apontou para Weinstein – escreve que a pessoa na nave de transporte é Hester. Não tentamos infiltrar ou escalar Hester como outro figurante. Ele precisa ser central na trama. Vamos chamá-lo pelo nome. Seu nome completo. Jasper Allen Hester.

– Jasper? – Duvall olhou para Hester.

– Agora não – retrucou Hester.

– Então vamos chamá-lo de Jasper Allen Hester – continuou Paulson. – E daí? Ele ainda vai ser meu filho, não seu amigo.

– Não – disse Dahl. – Não se dissermos que ele não é. Se a Narrativa diz que ele é Hester, então ele é Hester.

– Mas... – Paulson interrompeu-se por um momento e olhou para Weinstein. – Porra, Nick, isso não faz sentido nenhum.

– Não, não faz – disse Weinstein. – Mas aí é que está. Não precisa fazer sentido. Precisa apenas *acontecer*. – Ele se virou para Dahl. – Você está usando as regras de merda do mundo da série a seu favor.

– Eu não colocaria dessa forma, mas é isso – disse Dahl.

– E a tal coisa do átomo? – perguntou Paulson. – Pensei que fosse um problema.

– Se fosse Hester aqui e seu filho lá, seria – disse Weinstein. – Mas se for definitivamente Hester lá, então será definitivamente seu filho aqui, e seus átomos estarão onde eles deveriam estar. – Ele se virou para Dahl. – Certo?

– Essa é a ideia – disse Dahl.

– *Gosto* desse plano – disse Weinstein.

– E temos certeza de que vai funcionar? – quis saber Paulson.

– Não, não temos – admitiu Hester. Todos olharam para ele. – O que foi? Não sabemos se vai funcionar. Talvez a gente esteja errado sobre tudo isso. Nesse caso, senhor Paulson, seu filho ainda vai morrer.

– Mas você vai morrer também – disse Paulson. – E você não precisa morrer.

– Senhor Paulson, a verdade é que, se seu filho não tivesse entrado em coma, o senhor teria me matado assim que ele ficasse de saco cheio de ser ator – disse Hester e, em seguida, apontou para Weinstein. – Bem, *ele* me mataria. Provavelmente comido por um texugo espacial ou outra coisa tão estúpida quanto. Seu filho está em coma agora, então é possível que eu fique vivo; mas por outro lado, um dia eu talvez esteja no convés seis, quando a *Intrepid* entrar em uma batalha espacial, e, nesse caso, serei apenas algum pobre coitado anônimo que vai ser sugado pelo espaço. Eu teria morrido sem motivo nenhum de qualquer forma.



Ele olhou ao redor da mesa.

– Imagino que dessa forma, se eu morrer, morro tentando fazer algo útil... salvar seu filho – disse ele, olhando de volta para Paulson.

– Minha vida vai ser boa para alguma coisa de verdade, o que não foi até agora. E se funcionar, seu filho e eu vamos viver, o que não aconteceria antes. De qualquer maneira, imagino que fico melhor do que estava antes.

Paulson levantou-se, cruzou a sala até onde Hester estava sentado e caiu sobre ele, soluçando. Hester, sem saber direito o que fazer com ele, deu tapinhas hesitantes nas costas do homem.

– Não sei como posso recompensar você por isso – disse Paulson para Hester, quando finalmente desgrudou dele. Paulson olhou para o restante da tripulação. – Como posso recompensar todos vocês.

– Na verdade – disse Dahl. – Tenho algumas sugestões de como pode nos recompensar.

**21**

O táxi virou da North Occidental Boulevard para a Easterly Terrace e diminuiu a velocidade até parar diante de um bangalô amarelo.

– É aqui – disse o motorista.

– Se importa de esperar? – perguntou Dahl. – Vou levar apenas alguns minutos.

– O taxímetro vai continuar rodando – disse o motorista.

– Tudo bem – concordou Dahl. Saiu do carro, passou pelo caminho de tijolos até a porta da casa e bateu nela.

Depois de um momento, uma mulher atendeu:

– Não preciso de mais cópias de *A sentinela* – disse ela.

– Desculpe? – disse Dahl.

– Ou do *Livro de Mórmon* – continuou ela. – Quer dizer, obrigada. Agradeço por pensar em mim. Mas eu não preciso.

– Tenho algo para entregar a você, mas não é nenhuma dessas coisas – disse Dahl. – Porém, preciso perguntar uma coisa primeiro. A senhora é Samantha Martinez?

– Sou.

– Meu nome é Andy Dahl. Podemos dizer que a senhora e eu temos quase um amigo em comum. – Ele estendeu a caixinha para Martinez.

Ela não pegou.

– O que é isso? – quis saber.

– Abra – sugeriu Dahl.

– Desculpe, senhor Dahl, mas desconfio um pouco de homens estranhos vindo até a minha porta em um sábado de manhã, perguntando meu nome e portando pacotes misteriosos.

Dahl sorriu.

– É justo. – disse ele. Dahl abriu o pacote revelando um pequeno meio-círculo que sabia ser um projetor de imagens holográficas. Ele o ativou; a imagem de alguém que parecia Samantha Martinez apareceu e pairou no ar sobre o projetor. Trajava um vestido de noiva, sorrindo, em pé ao lado de um homem que parecia uma versão bem-barbeada de Jenkins. Dahl estendeu para que ela visse.

Martinez olhou para a imagem por um minuto, em silêncio.

– Não entendo – disse ela.

– É complicado – admitiu Dahl.

– Você usou Photoshop no meu rosto nessa imagem? E como é que está fazendo isso? – Ela apontou para a projeção flutuante. – É algum negócio novo da Apple?

– Se estiver me perguntando se alterei a imagem, a resposta é não. E quanto ao projetor, a melhor coisa a dizer, provavelmente, é que é um tipo de protótipo. – Ele tocou a superfície do projetor e a imagem mudou: outra foto da dupla Jenkins e Martinez olhando felizes um para o outro. Após alguns segundos, a imagem mudou novamente.

– Não entendo – repetiu ela.

– A senhora é atriz – afirmou Dahl.

– *Era* atriz – corrigiu Martinez. – Fiz isso por alguns anos e não cheguei a lugar nenhum. Agora sou professora.

– Quando era atriz, teve um papel pequeno em *Crônicas da Intrepid*. Lembra?

– Claro. Meu personagem tomou um tiro. Fiquei no episódio por cerca de um minuto.

– Este é aquele personagem. Seu nome era Margaret. O homem na imagem era marido dela. – Ele estendeu o projetor para Martinez. Ela o pegou, olhou novamente e, em seguida, deixou-o sobre uma mesinha do outro lado da porta. Ela se virou para Dahl.

– É algum tipo de brincadeira?

– Não é brincadeira. Não estou tentando enganá-la nem vender nada. Depois de hoje, a senhora não me verá mais. Tudo o que estou fazendo é entregar isso para a senhora.

– Não entendo. Não entendo como o senhor tem todas essas fotos minhas, com alguém que eu nem conheço.

– As fotografias não são minhas, são dele – disse Dahl, e estendeu a caixinha onde estava o projetor para Martinez. – Pegue. Tem um bilhete dele na caixa. Acho que vai explicar as coisas melhor do que eu.

Martinez pegou a caixa e tirou uma página dobrada, cheia de texto.

– Isso é dele – disse ela.

– Isso mesmo.

– Por que ele não está aqui? – perguntou Martinez. – Por que não veio entregar pessoalmente?

– É complicado. Mas mesmo que pudesse, acho que teria medo. E acho que ver a senhora teria lhe partido o coração.

– Por causa dela.

– Isso.

– Ele não quer me encontrar? Essa é a maneira de se apresentar?

– Acho que é a maneira dele de se apresentar, sim – disse Dahl. – Mas receio que ele não possa encontrar a senhora.

– Por quê?

– Ele precisa estar em outro lugar. Essa é a maneira mais fácil de colocar as coisas. Talvez a carta explique melhor.

– Desculpe por ficar repetindo isso, mas ainda não entendo. Você aparece na minha porta com fotos de alguém que parece muito comigo, que você diz ser a pessoa que eu interpretei por um minuto

em um programa de televisão, que está morta e tem um marido que me manda presentes. Sabe o quanto isso soa maluco?

– Sei.

– Por que ele faria isso? Com que objetivo?

– Quer a minha opinião?

– Sim.

– Acho que é porque ele sente falta da esposa – disse Dahl. – Sente tanto a falta que isso virou a vida dele do avesso. De uma forma bem difícil de explicar, você estar aqui e viva significa que, de alguma forma, a vida da esposa dele ainda existe. Então ele a mandou para a senhora. Quer lhe dar a parte da vida que ele passou com ela.

– Mas por quê?

– Porque é a maneira que ele encontrou para superar sua perda. Ele a entregou para a senhora para poder seguir com a própria vida.

– Ele disse isso para o senhor.

– Não. Mas acho que é por isso que mandou o presente.

Martinez afastou-se da porta por um instante. Quando voltou, um minuto depois, estava com um lenço na mão, com o qual enxugava os olhos. Ergueu os olhos para Dahl e abriu um sorriso fraco.

– É definitivamente a manhã de sábado mais estranha que eu já tive em tempos – disse ela.

– Me desculpe.

– Não, tudo bem – disse Martinez. – Ainda não entendo. Mas acho que estou ajudando o seu amigo, não é?

– Acho que sim. Obrigado.

– Desculpe. Se importaria de entrar um minuto?

– Eu adoraria, mas não posso. O táxi está me esperando, o taxímetro está rodando e tenho outras pessoas esperando por mim.

– Para voltar ao seu lugar misterioso e complicado.

– É – disse Dahl. – O que me lembra de uma coisa. Esse projetor e a carta provavelmente desaparecerão em alguns dias.

– Tipo, vão evaporar? Como em “Esta carta vai se autodestruir em cinco segundos”?

– Bem isso.

– O senhor é espião ou algo do tipo? – perguntou Martinez, sorrindo.

– É complicado – disse mais uma vez. – De qualquer forma, sugiro fazer cópias de tudo. Provavelmente poderá projetar as imagens contra uma parede branca e tirar fotos delas, e escanear a carta.

– Farei isso. Obrigada por me dizer.

– Por nada – respondeu Dahl, e virou-se para ir.

– Espere um pouco. Seu amigo... O senhor vai vê-lo quando voltar?

– Vou.

Martinez saiu pela porta até Dahl e lhe deu um beijo na bochecha.

– Dê isso a ele por mim. E diga que eu agradeço. E que vou cuidar bem de Margaret para ele.

– Dou sim – disse Dahl. – Prometo.

– Obrigada. – Ela se inclinou e lhe deu um beijinho na outra bochecha. – Esse é para você.

Dahl sorriu.

– Obrigado.

Martinez abriu um sorrisinho e voltou para o bangalô.

\* \* \*

– Então, você está preparado? – perguntou Dahl a Hester, na nave.

– Claro que não – disse Hester. – Se tudo correr de acordo com o plano, no momento em que vocês voltarem ao nosso universo, eu vou ser transportado desse corpo em perfeito funcionamento para um que tem danos físicos e cerebrais graves, num momento em que tudo que posso esperar é que não estejamos errados sobre a medicina do século 25 ser capaz de me curar. E se *não* correr de acordo com o plano, em 48 horas todos os meus átomos vão explodir. Minha pergunta é: como você pensa que alguém pode estar *preparado* para qualquer um desses cenários?

– Tem razão – disse Dahl.

– Quero saber como você me convenceu a fazer isso.

– Pelo visto, sou muito persuasivo.

– Por outro lado, eu sou o cara que Finn convenceu a guardar drogas porque me disse que eram doces.

– Se eu me lembro bem, eles *tinham* açúcar – confirmou Dahl.

– Sou ingênuo e manipulável, é o que estou dizendo – comentou Hester.

– Discordo dessa afirmação.

– Bom, eu sabia que diria *isso* agora que você já me enfiou nesse seu plano ridículo.

Os dois estavam ao lado do corpo de Matthew Paulson, cuja maca estava cercada por dispositivos móveis de suporte à vida. Duvall verificava os equipamentos e o corpo comatoso preso a eles.

– Como ele está? – perguntou Dahl.

– Estável – disse Duvall. – As máquinas estão fazendo o trabalho duro no momento, e a nave tem adaptadores que posso usar, então não precisamos nos preocupar com baterias descarregadas. Desde que não tenha nenhuma emergência médica grave entre agora e o momento em que voltarmos, ficaremos bem.

– E se tiver? – perguntou Hester.



Duvall olhou para ele.

– Então, vou fazer o meu melhor com o treinamento que tive – disse ela. Estendeu a mão e deu tapinhas no ombro dele. – Não se preocupe. Não vou deixar você na mão.

– Gente, hora de irmos – disse Kerensky do assento do piloto na nave. – Nossa viagem sobre o Griffith Park não passou despercebida, já vi no mínimo três aeronaves vindo na nossa direção. Temos mais alguns minutos antes que as coisas fiquem complicadas.

– Entendido – disse Dahl, e olhou para Hester. – Então, preparado? – repetiu.

– Preparado – confirmou Hester. Os dois saíram para o gramado da propriedade de Charles Paulson, em Malibu. Charles e sua família estavam lá, esperando Hester. Hanson, que fazia companhia para eles, afastou-se e juntou-se a Dahl. Hester foi até a família de Paulson.

– Quando saberemos? – Paulson perguntou a Dahl.

– Vamos com capacidade máxima até o buraco negro que iremos atravessar – disse Dahl. – Deve demorar um dia. Acredito que o senhor saberá quando seu filho começar a agir como seu filho de novo.

– Se funcionar – disse Paulson.

– Se funcionar – concordou Dahl. – Vamos trabalhar com a hipótese de que vai funcionar.

– Sim, vamos – disse Hester.

– Agora – Dahl virou-se para Paulson –, já combinamos tudo.

– Sim – disse Paulson. – Nenhum de seus personagens será morto a partir de agora. A série vai parar de matar figurantes de forma aleatória. Vai terminar na próxima temporada e não vamos

fazer mais nenhum programa nesse universo em cem anos dentro de sua linha do tempo.

– E quanto àquele episódio? – perguntou Dahl. – Aquele em que tudo que planejamos acontece?

– Nick me mandou uma mensagem sobre isso faz alguns minutos – confirmou Paulson. – Disse que a versão bruta está quase pronta. Assim que acabar, ele e eu vamos dar uma polida e depois entraremos em produção assim que... bem, assim que soubermos se o seu plano deu certo ou não.

– Vai dar – disse Dahl.

– Vai fazer uma bagunça no nosso cronograma de produção – disse Paulson. – Vou acabar pagando esse episódio do meu bolso.

– Vai valer a pena – disse Dahl.

– Eu sei – afirmou Paulson. – Se tudo funcionar, será um belo de um programa para você.

– Claro – disse Dahl. Hester revirou um pouco os olhos.

– Estou ouvindo helicópteros – disse Hanson. Da nave, vieram sons de motores prontos para partir. Dahl olhou para Hester.

– Boa sorte – disse Hester.

– Vejo você em breve – despediu-se Dahl, e foi para a nave.

Desapareceram antes de os helicópteros conseguirem alcançá-los.

\* \* \*

– É agora – disse Kerensky, quando se aproximaram do buraco negro. – Todo mundo se prepare para a transição. Dahl, assumo o assento de copiloto.

– Eu não sei pilotar naves – disse Dahl.

– Não preciso de você para pilotar – retrucou Kerensky. – Preciso de você para acionar a sequência automática de estabilização e

aterrissagem caso o babaca do roteirista faça alguma coisa explodir e me desmaiar.

Dahl levantou-se e olhou para Duvall.

– Hester está bem? – perguntou ele.

– Está sim, tudo bem – disse Duvall. – Mas ele ainda não é Hester.

– Chame-o de Hester de qualquer forma – disse Dahl. – Talvez ajude.

– Você é quem manda – disse Duvall.

Dahl sentou-se no assento do copiloto.

– Lembra de como fazer isso? – disse a Kerensky.

– Mirar a lacuna entre o disco de acreção e o raio de Schwartzchild e aumentar as turbinas para cento e dez por cento – disse Kerensky, irritado. – Entendi. Embora talvez fosse bom para mim ter observado da última vez que fizemos isso. Mas não, vocês me botaram em uma caixa. Sem calças.

– Desculpe por isso – disse Dahl.

– Não que eu me importe – disse Kerensky. – Sou o amuleto de boa sorte, lembra? Vamos passar por essa parte com tranquilidade.

– Espero que pelas outras também – disse Dahl.

– Se esse seu plano funcionar, como saberemos que funcionou? – quis saber Kerensky.

– Quando revivermos Hester e ele for Hester.

Um sensor apitou.

– Transição em dez segundos – disse Kerensky. – Então não saberemos até estarmos de volta à *Intrepid*.

– Provavelmente – disse Dahl.

– Provavelmente? – questionou Kerensky.

– Pensei em uma maneira de sabermos se a transferência não acontecer – disse Dahl.

– Como? – perguntou Kerensky.

A nave espremeu-se nas margens irregulares entre o disco de acreção e o raio de Schwartzchild e fez a transição de modo instantâneo.

Na tela de visor, o planeta Forshan agigantava-se. Sobre ele, dúzias de naves, inclusive a *Intrepid*, estavam em uma batalha ferrenha.

Todos os sensores na nave piscaram em vermelho e começaram a soar.

Uma das espaçonaves próximas brilhou, enviando um punhado de mísseis em direção à nave de transporte.

– Quando voltássemos, talvez as coisas estivessem assim – disse Dahl.

Kerensky gritou, e Dahl ficou enjoado quando o homem mergulhou a nave em manobras evasivas.

**22**

– Cinco mísseis vindo – disse Dahl, lendo o painel do copiloto enquanto lutava contra o enjoo no estômago causado pelo mergulho da nave.

– Eu sei – disse Kerensky.

– Motores no mínimo – informou Dahl. – Queimamos tudo para voltar.

– Eu *sei* – repetiu Kerensky.

– Opções defensivas? – perguntou Dahl.

– Isso aqui é uma *nave de transporte* – disse Kerensky. – Estou usando as que existem.

Ele girou a nave violentamente. Os mísseis mudaram de curso para segui-los, separando-se da formação original.

Uma mensagem saltou na tela de Dahl.

– Três mísseis travados – alertou ele. – Impacto em seis segundos.

Kerensky ergueu os olhos, como que para os céus.

– Caramba, eu sou *personagem principal!* Faça alguma coisa!

Um raio de luz foi lançado da *Intrepid*, fazendo o míssil mais próximo evaporar. Kerensky sacudiu a nave para cima, evitando a explosão e os estilhaços. O raio de pulso da *Intrepid* passou pelos outros quatro mísseis, transformando-os em átomos.

– Minha nossa, *funcionou* – disse Kerensky.

– Se soubesse antes, não é? – disse Dahl, surpreso.

O telefone da nave foi ativado.

– Kerensky, responda – disse ele. Era Abernathy na linha.

– Kerensky falando – respondeu o astrogador.

– Não temos muito tempo – disse Abernathy. – Você está com o portador?

*O portador?*, pensou Dahl, e em seguida se lembrou de que Hester carregava no corpo células invasivas cujo DNA tinha uma mensagem codificada detalhando a vontade final e testamento do líder da cisma de direita de Forshan, que, se decodificada, poderia encerrar as guerras religiosas do conflito, que era o motivo pelo qual todas aquelas naves estavam no espaço: para derrubar a nave de transporte.

Em seguida, Dahl lembrou-se de que, até aquele segundo, absolutamente nada daquilo era verdade.

Mas agora era.

– Estamos com o portador – respondeu Kerensky. – Tripulante Hester, sim. Mas ele está terrivelmente doente, capitão. Mal estamos conseguindo mantê-lo vivo aqui.

Um painel na tela de copiloto de Dahl piscou.

– Três mísseis novos a caminho! – disse a Kerensky, que rodopiou a nave com novas manobras evasivas.

– Kerensky, aqui é o oficial médico-chefe Hartnell – disse uma nova voz. – O sistema imunológico do tripulante Hester está lutando contra essas células e perdendo. Se não o trouxer para a nave agora, vão matá-lo e morrerão também.

– Estamos sendo alvejados – disse Kerensky. – Isso deixa a viagem bem difícil.

Um novo raio de pulso foi disparado da *Intrepid*, evaporando os três novos mísseis.

– Preocupe-se apenas em chegar à *Intrepid*, Kerensky – disse o capitão. – Nós cuidamos dos mísseis. Câmbio, desligo.

– O “portador”? – perguntou Duvall do banco de trás da nave. – Ele recebeu células no corpo com uma mensagem codificada no DNA?

Isso nem faz sentido!

– Nick Weinstein precisou escrever esse episódio às pressas – disse Dahl. – Dá um desconto para ele.

– Ele também escreveu *isso*? – questionou Kerensky, apontando para a batalha espacial nas telas diante deles. – Se eu o vir novamente, vou acabar com a raça dele.

– Concentre-se – disse Dahl. – Precisamos chegar à *Intrepid* sem morrer.

– Acha que o filho de Paulson está no ex-corpo de Hester? – perguntou Kerensky.

– Hein? – Dahl disse.

– Acha que a troca funcionou? – perguntou Kerensky, olhando para Dahl.

Dahl olhou para o corpo na maca.

– Não sei – respondeu ele. – Talvez?

– “Talvez” basta para mim – disse Kerensky, que parou as manobras evasivas da nave e avançou com ela o mais depressa possível, bem na direção da *Intrepid*. Ao redor deles, as espaçonaves forshans disparavam mísseis, raios e projéteis. A *Intrepid* piscava como uma árvore de Natal, atirando todas as armas disponíveis para derrubar os mísseis e desativar armas de raios e projéteis da frota forshan.

– Essa é uma má ideia – disse Dahl a Kerensky, que olhava sério para a frente, mantendo a *Intrepid* no campo de visão.

– Vamos viver ou morrer – disse Kerensky. – Para que ficar perdendo tempo?

– Gostava mais de você quando não era fatalista – comentou Dahl.

Um míssil surgiu a estibordo tirando a nave de seu curso. Os amortecedores inerciais falharam jogando Hester, Duvall e Hanson



para o fundo da nave.

– Não voe na direção dos mísseis! – gritou Duvall.

– Culpe o roteirista! – gritou Kerensky de volta.

– Que desculpa esfarrapada! – disse Duvall. A nave sacudiu de novo quando outro míssil passou de raspão.

A nave passou pelo corredor polonês de inimigos, irrompendo até a *Intrepid*.

– O atracadouro fica à popa – disse Dahl. – Não estamos mirando a popa.

– É agora que vamos descobrir se o roteirista acha que sou um bom piloto – disse Kerensky, e lançou a nave em uma espiral de Fibonacci reversa por cima da *Intrepid*. Dahl gemeu quando a *Intrepid* girou e cresceu na tela. Mísseis fizeram a nave vibrar quando passaram a toda velocidade, errando por pouco a nave, que descrevia um arco. Dahl tinha certeza de que se espatifariam contra o casco da *Intrepid*, e em seguida estavam no atracadouro, batendo com tudo no deque. A nave chiou violentamente e alguma coisa despençou do lado de fora.

Kerensky gritou “u-hu!” e desligou os motores.

– Isso é que é tevê de qualidade – exclamou ele.

– Nunca mais vou voar com você – falou Duvall lá no fundo da nave.

– Não há tempo a perder – disse Kerensky, mudando sua postura de forma tão repentina que Dahl não teve dúvidas de que acabara de ser capturado pela Narrativa. – Temos de levar Hester até a enfermaria. Dahl, você vem comigo no lado esquerdo da maca. Duvall, Hanson, peguem o lado direito. Vamos correr, pessoal.

Dahl abriu a fivela do cinto e saiu cambaleando até a maca, inesperadamente zozzo. Kerensky havia usado o nome de Hester enquanto estava sob a influência da Narrativa.

Enquanto avançavam pelos corredores com a maca, ouviram os estouros e baques da *Intrepid* sendo atacada.

– Agora que estamos a bordo, todas aquelas naves estão atacando a *Intrepid* – disse Kerensky. – Precisamos nos apressar.

A nave sacudiu novamente, dessa vez de forma mais grave.

– Vocês demoraram muito – disse o oficial médico Hartnell quando os quatro empurraram a maca para dentro da enfermaria. – Mais um pouco e não restaria espaço na enfermaria. Ou em qualquer outra parte da nave.

– Não podemos dar o fora? – Dahl ouviu-se dizer enquanto manobravam a maca.

– As turbinas foram desativadas no ataque – disse Hartnell. – Não há para onde correr. Se não tirarmos essa mensagem dele rápido, todos morreremos. Ergam agora!

Eles ergueram o corpo de Hester e o puseram em uma mesa de operação. Hartnell acendeu o tablet e o corpo de Hester ficou tenso.

– Aqui, ele está em estase – disse Hartnell. – Ficaré estável até tudo ter acabado.

Ele olhou para o tablet médico e franziu a testa.

– O que diabos são todas essas fraturas e o trauma cerebral? – perguntou ele.

– Foi uma viagem bem difícil – disse Kerensky.

Hartnell olhou para Kerensky como se fosse dizer algo, mas a nave toda balançou, lançando todos, menos Hester, ao chão.

– Ai, isso não é bom – disse Duvall.

O telefone de Hartnell foi ativado.

– Aqui é o capitão – disse Abernathy pelo telefone. – Qual é a situação do portador?

– Tripulante Hester vivo e em estase – respondeu Hartnell. – Estou prestes a tirar uma amostra das células invasoras para

começar o processo de decodificação.

Mais um tremor violento na nave.

– Tem de ir mais rápido que isso – disse Abernathy. – Estamos sendo alvejados e não podemos continuar assim. Precisamos disso decodificado agora.

– Agora não vai dar – disse Hartnell. – Quanto tempo pode me dar?

Outro tremor, e as luzes piscaram.

– Posso dar dez minutos – respondeu Abernathy. – Tente não os esgotar.

O capitão desligou.

Hartnell olhou para eles.

– Estamos fodidos – disse ele.

Dahl não conseguiu evitar um sorriso enorme com essa frase.

*Com certeza não estava na Narrativa quando disse aquilo, pensou.*

– Andy – disse Hanson. – A Caixa.

– Merda – disse Dahl. – A Caixa.

– Que Caixa? – perguntou Hartnell.

– Tire uma amostra e me dê – Dahl pediu a Hartnell.

– Por quê? – perguntou Hartnell.

– Vou levar ao departamento de xenobiologia e examinar lá – respondeu Dahl.

– Temos os mesmos equipamentos aqui... – retrucou Hartnell.

Dahl olhou para Kerensky, pedindo ajuda.

– Faça isso logo, Hartnell – disse Kerensky. – Antes que você mate todos nós.

Hartnell franziu a testa, mas pegou o coletor de amostras e espetou no braço de Hester. Em seguida, tirou o frasco coletor e entregou a Dahl.

– Aqui está. Agora, alguém pode me dizer do que se trata?

– Andy – interrompeu Hanson. – Para chegar à xenobiologia daqui vai precisar passar pelo convés seis.

– Certo – disse Dahl, e virou-se para Kerensky. – Venha comigo, por favor.

– Alguém vai me dizer o que está acontecendo? – perguntou Hartnell, mas Dahl e Kerensky já estavam saindo pelo corredor.

– O que há com o convés seis? – perguntou Kerensky, enquanto corriam.

– Tem a tendência de explodir quando somos atacados – disse Dahl. – Como na situação atual.

– Você está me usando de amuleto da sorte de novo, não está? – disse Kerensky.

– Não exatamente – respondeu Dahl.

O convés seis estava explodindo e em chamas.

– Os corredores estão bloqueados! – disse Kerensky, tentando vencer o barulho.

– Vamos – disse Dahl e bateu a mão na porta de acesso aos túneis de carga. Houve uma lufada de vento quando o ar aquecido do convés seis soprou para dentro da porta aberta. Kerensky passou e Dahl fechou o acesso da porta quando algo estourou no corredor.

– Por aqui – disse Dahl, e os dois desviaram dos carrinhos de carga até uma porta de acesso do outro lado do convés e, em seguida, voltaram aos corredores principais.

A tenente Collins não parecia feliz em ver Dahl.

– O que está fazendo aqui? – perguntou ela. Dahl ignorou-a e foi até a sala de armazenagem, trazendo a Caixa de lá.

– Ei, você não pode usar isso perto do *Kerensky* – disse Collins, avançando em direção a Dahl.

– Se ela tentar se aproximar de mim, tire-a da sala – disse Dahl a Kerensky.

– Pode deixar – falou Kerensky. Collins parou, abruptamente.

– Pegue o tablet dela – disse Dahl. Kerensky pegou.

– Quanto tempo? – perguntou Dahl. Ele pôs a Caixa na placa de indução.

– Sete minutos – respondeu Kerensky.

– Vai funcionar – disse Dahl, que pôs a amostra na Caixa e apertou o botão verde. Aproximou-se de Kerensky, pegou o tablet de Collins, saiu da conta da tenente e entrou em sua conta.

– E agora? – perguntou Kerensky.

– Esperamos – disse Dahl.

– Por quanto tempo?

– O tempo que for dramaticamente adequado – disse Dahl.

Kerensky olhou para a Caixa.

– Então, essa foi a coisa que me impediu de virar geleia quando peguei a praga meroviana?

– Isso mesmo – confirmou Dahl.

– Ridículo – disse Kerensky.

Collins olhou para Kerensky, boquiaberta.

– Você *sabe*? – perguntou ela. – Não era pra você saber.

– Nesse momento, eu sei muito mais do que você – retrucou Kerensky.

A Caixa apitou e o tablet ficou cheio de dados. Dahl mal olhou para ele.

– Pronto – disse ele. – Vamos voltar para a enfermaria.

Eles saíram às pressas da xenobiologia, de volta aos corredores de acesso e ao convés seis.

– Estamos quase lá – disse Kerensky, quando saíram dos corredores de acesso para dentro do incêndio do convés seis.

A nave sacudiu violentamente e o corredor principal do convés seis despencou sobre Dahl, esmagando-o e atravessando seu fígado

com um estilhaço serrilhado de metal. Dahl encarou o metal por um momento e, depois, Kerensky.

– Você *precisava* dizer “estamos quase lá” – sussurrou, as palavras gotejando entre os pingos de sangue.

– Ai, meu Deus, Dahl – disse Kerensky, e começou a tentar tirar os escombros de cima dele.

– Pare – disse Dahl. Kerensky ignorou-o. – Pare – disse de novo, com mais veemência. Kerensky parou. Dahl empurrou o tablet, ainda em suas mãos, para Kerensky. – Não temos tempo. Pegue os resultados. Jogue no computador da enfermaria. Não deixe Hartnell argumentar. Quando o computador da enfermaria tiver os dados, a Narrativa assumirá. Estará feito. Mas vá. Rápido.

– Dahl... – disse Kerensky.

– É por isso que eu trouxe você comigo – disse Dahl. – Porque eu sabia que, não importava o que acontecesse, *você* conseguiria voltar. Agora vá. Salve o dia, Kerensky. Salve o dia.

Kerensky assentiu, pegou o tablet e correu.

Dahl ficou lá, com o fígado empalado, e em seus momentos finais de consciência tentou concentrar-se no fato de que Hester viveria, a nave se salvaria e seus amigos viveriam o resto de suas vidas sem serem violentados pela Narrativa. E tudo o que precisou foi de mais uma morte dramática de um figurante. A sua morte dramática.

*Uma troca justa*, pensou, tentando se reconciliar com tudo o que havia acontecido. Uma troca justa. Salvou os amigos. Salvou Matthew Paulson. Salvou a *Intrepid*. Uma troca justa.

Mas quando tudo ficou cinza e começou a escurecer, um pensamento final borbulhou do fundo do que restava dele.

*Foda-se, quero viver*, disse ele.

Mas tudo ficou preto mesmo assim.

\* \* \*

– Pare de ser dramático – disse a voz. – Sabemos que está acordado.

Dahl abriu os olhos.

Hester estava em pé sobre ele junto com Duvall e Hanson.

Dahl sorriu para Hester.

– Funcionou – disse ele. – É você. Funcionou de verdade.

– Claro que funcionou – confirmou Hester. – Por que não funcionaria?

Dahl deu uma risadinha fraca. Tentou se levantar, mas não conseguia.

– Cadeira médica de estase – disse Duvall. – Está regenerando o fígado e um monte de pele queimada, e tratando as costelas quebradas. Não iria gostar da sensação se estivesse se movendo.

– Quanto tempo estou nesta coisa? – perguntou Dahl.

– Quatro dias – disse Hanson. – Você estava em frangalhos.

– Pensei que estivesse morto – confessou Dahl.

– Você teria morrido se alguém não tivesse resgatado você – comentou Duvall.

– Quem me resgatou? – perguntou ele.

Outro rosto entrou no campo de visão.

– Você estava bem na porta do túnel de carga – disse Jenkins. – Imaginei que poderia fazer algo.

– Obrigado – disse Dahl.

– Não me agradeça tão facilmente – disse Jenkins. – Fiz por puro egoísmo. Se você morresse, eu nunca saberia se entregou aquela mensagem para mim.

– Entreguei – afirmou Dahl.

– E como foi? – perguntou Jenkins.

– Foi tudo bem – disse Dahl. – Eu devia lhe dar um beijo em nome dela.

– Bem, talvez em um outro momento – respondeu Jenkins.

– Do que vocês estão falando? – perguntou Duvall.

– Eu conto mais tarde – disse Dahl e, em seguida, olhou de volta para Jenkins. – Então você saiu do esconderijo.

– Saí – disse ele. – Já era hora.

– Ótimo.

– E a boa notícia é que todos somos heróis – disse Hester. – A “mensagem” foi extraída do meu corpo e transmitida pela *Intrepid*, terminando com a guerra religiosa em Forshan. Que sorte, não?

– Incrível – disse Dahl.

– Claro, nada disso sequer consegue fazer sentido se pararmos para refletir – disse Hester.

– Nunca fez – comentou Dahl.

Mais tarde, naquele dia, após seus amigos o deixarem, Dahl teve outro visitante.

– Oficial de ciências Q’eng – disse Dahl.

– Alferes – disse Q’eng. – Você está se recuperando?

– Foi o que me disseram – respondeu Dahl.

– O tenente Kerensky me disse que foi você quem decifrou o código para que o último desejo e testamento do líder da cisma de direita pudesse ser transmitido – disse Q’eng.

– Acho que fui eu – disse Dahl –, embora, honestamente, não possa aceitar esse mérito.

– De qualquer maneira, por sua bravura e seu sacrifício, solicitei uma condecoração – disse Q’eng. – Se for aprovada, o que será, você também poderá subir de posto. Então, deixe-me ser o primeiro a dar os parabéns, tenente.

– Obrigado, senhor – disse Dahl.



– Tem mais uma coisa – disse Q’eng. – Há poucos minutos, recebi uma mensagem ultrassecreta do Alto Comando da União Universal. Fui informado de que deveria ler isso para você, e apenas para você, em voz alta.

– Tudo bem, senhor – disse Dahl. – Estou pronto.

Q’eng pegou seu telefone, tocou na tela e leu as seguintes palavras:

*Andy, não sei se essas palavras vão chegar até você. Nick escreveu esta cena e filmamos, mas obviamente não será exibida na televisão. Não sei se apenas filmar será suficiente, e eu acho que não há maneira de você nos dizer se funcionou. Mas se funcionou, quero dizer duas coisas.*

*Um: desculpe por tudo o que você teve de passar – Nick sentiu que precisava realmente botar ação nesse episódio ou o público começaria a questionar o que estava acontecendo. Talvez não seja um ótimo argumento para você agora, considerando onde está. Mas fez sentido no momento.*

*Dois: não tenho palavras para agradecer a você, Jasper e a todos vocês pelo que fizeram pela minha família e por mim. Você me devolveu o meu filho e, ao devolvê-lo, nos deu tudo. Vamos cumprir nossa parte no acordo até o fim. Faremos tudo o que dissemos que faríamos. Não sei mais o que dizer, exceto o seguinte: obrigado por nos deixar vivermos felizes para sempre. Faremos o mesmo por vocês. Com amor e gratidão, Charles Paulson.*

– Obrigado – disse Dahl a Q’eng após um momento.

– Por nada – o oficial respondeu, guardando o telefone. – Uma mensagem bastante curiosa.

– Acho que o senhor poderia dizer que está codificada – disse Dahl.

– Tem permissão para contar ao seu oficial superior do que se trata? – perguntou Q'eeng.

– É uma mensagem de Deus. Ou de alguém próximo o bastante Dele, ao que nos consta.

Q'eeng olhou para Dahl, avaliando-o.

– Às vezes, tenho a sensação de que há coisas acontecendo na *Intrepid* que não me dizem respeito – disse ele. – Suspeito que essa é uma delas.

– Senhor, com todo o respeito – disse Dahl –, não sabe o quanto está certo.

**23**

– Então, e agora? – perguntou Duvall. Os quatro estavam na cantina, pegando a refeição do meio-dia.

– O que quer dizer? – perguntou Hester.

– Quero dizer: e agora? – respondeu Duvall. Ela apontou para Hester. – Você foi transplantado para um novo corpo. – Seu dedo voltou-se para Dahl. – Ele voltou dos mortos, todos nós voltamos de uma realidade alternativa para impedir que fôssemos mortos para fins dramáticos. Ganhamos. E agora?

– Não acho que funcione assim – disse Hanson. – Não acho que tenhamos ganhado nada além do controle das nossas vidas.

– Exato – disse Hester. – No fim, o que isso tudo significa é que, se um dia nós escorregarmos no banheiro e racharmos nossa cabeça na privada, nosso último pensamento pode ser um satisfeito: “Bem, eu, e apenas eu, fiz isso comigo mesmo”.

– Botando as coisas desse jeito, nem parece que valeu a pena – disse Duvall.

– Não me importo em rachar a cabeça na privada – disse Hester. – Desde que eu faça isso com 120 anos.

– Em seu centésimo-vigésimo aniversário, vou te dar de presente cera de piso – prometeu Duvall.

– Mal posso esperar – disse Hester.

– Andy? Você está bem? – perguntou Hanson.

– Estou – disse Dahl, e sorriu. – Desculpe. Estava apenas pensando. Sobre ser ficcional e tudo o mais.

– Já passamos dessa fase – disse Hester. – Foi a causa de tudo isso.

– Tem razão – disse Dahl. – Eu sei.

Duvall olhou para o telefone.

– Merda, vou chegar atrasada – disse ela. – Vou receber um novo membro da tripulação.

– Ah, os fardos de uma promoção – disse Hester.

– É difícil, de verdade – respondeu ela, e se levantou.

– Vou com você – disse Hester. – Você pode me contar mais de suas infelicidades.

– Excelente – disse Duvall. E os dois saíram.

Hanson olhou de volta para Dahl.

– Ainda pensando sobre ser ficcional? – disse, depois de um minuto.

– Mais ou menos – disse Dahl. – Estive pensando mesmo em você, Jimmy.

– Em mim – disse Hanson.

– É – disse Dahl. – Porque enquanto eu me recuperava da nossa última aventura, algo me chamou atenção sobre você. Você não se encaixa.

– Que interessante – disse Hanson. – Me conta por quê.

– Pense – pediu Dahl. – Pense em nós cinco, que nos encontramos naquele primeiro dia, o dia em que ingressamos na tripulação da *Intrepid*. Cada um de nós se revelou essencial de alguma maneira. Hester, que não parecia ter um propósito, acabou sendo a chave para tudo. Duvall tinha treinamento médico e se aproximou de Kerensky, o que nos ajudou quando precisamos e o trouxe para nossa tripulação quando ele era necessário. Finn nos deu ferramentas e informações que precisávamos e sua perda nos fortaleceu para tomar uma atitude. Jenkins nos deu o contexto para entendermos nossa situação e os meios para fazer algo a respeito dela.

– E você? – perguntou Hanson. – Onde você se encaixa?

– Bem, essa foi a parte que tive mais dificuldade – disse Dahl. – Imaginei o que trouxe para o grupo. Pensei que talvez eu fosse apenas o cara dos planos, aquele que vinha com as ideias básicas que todo mundo aceitava. Logística. Mas então comecei a pensar sobre Kerensky e no que ele representa para o programa.

– Ele é o cara que toma porrada para mostrar que personagens principais podem tomar porrada – disse Hanson.

– Isso – confirmou Dahl.

– Mas você não pode ser Kerensky – disse Hanson. – Já temos um Kerensky. É o Kerensky.

– Não estou falando sobre Kerensky tomar porrada – falou Dahl.  
– Estou falando sobre Kerensky não morrer.

– Não estou acompanhando seu raciocínio – respondeu Hanson.

– Jimmy, quantas vezes eu deveria ter morrido desde que estamos na *Intrepid*? – perguntou Dahl. – Consigo contar pelo menos três. A primeira, quando fui atacado na colônia em Eskridge, quando Cassaway e Mbeke morreram. Em seguida, na sala de interrogatório da *Nantes*, com Finn e o capitão Abernathy. Depois, no convés seis, quando voltamos à *Intrepid* com Hester. Três vezes eu deveria ter morrido, sem sombra de dúvida. Deveria estar morto, três vezes. Mas não estou. Me machuco. Me machuco pra valer. Mas não morro. Foi quando eu entendi. Eu sou o protagonista.

– Mas você é figurante. Todos somos. Jenkins disse isso. Charles Paulson disse isso. Mesmo o ator que interpreta o seu papel disse.

– Sou figurante no programa – corrigiu Dahl. – Mas sou protagonista em outro lugar.

– Onde?

– É isso que quero que você me conte, Jimmy.

– O quê? Do que você está falando?

– Como eu disse, você não se encaixa. Todos serviam a um objetivo essencial da história. Todos, menos você. Por isso, você estava apenas *por perto*, Jimmy. Você tem um passado, mas nunca entrou de verdade no que estávamos fazendo. Você desempenhou alguns papéis úteis: fuçou nas informações da série e falou sobre as pessoas, e às vezes lembrava os outros que precisavam fazer as coisas. Acrescentou apenas o bastante para que parecesse que estava participando. Mas quanto mais eu penso nisso, mais percebo que você não se encaixou da forma como nós nos encaixamos.

– A vida é assim, Andy – disse Hanson. – É uma zona. Nem todos nos encaixamos da mesma forma.

– Não. *Nós* nos encaixamos. Todos os outros. Todos, menos você. A única maneira de você se encaixar é se a coisa que você precisa fazer não foi feita ainda. A única maneira de você se encaixar é se houver outra coisa para acontecer aqui. Todos nós deveríamos pensar que somos pessoais reais que descobriram ser figurantes em um programa de televisão. Mas eu sei que isso não explica a minha situação. Eu deveria ter morrido várias vezes, assim como Kerensky ou qualquer um dos personagens principais da série deveriam estar mortos, mas não estão, pois o universo os tem como queridinhos. O universo me tem como queridinho também.

– Talvez você tenha sorte.

– Ninguém é tão sortudo assim, Jimmy. Então, veja o que eu acho. Acho que não há programa de televisão. Não um programa de televisão *de verdade*. Acho que Charles Paulson e Marc Corey e Brian Abnett e todo mundo lá são tão ficcionais como nós supostamente somos. Acho que o capitão Abernathy, o comandante Q'eeng, o oficial médico Hartnell e o engenheiro-chefe West são coadjuvantes aqui, e que eu, Maia, Finn e Jasper somos as pessoas

que realmente contam. E acho que, no final, você existe por um motivo, de fato.

– Que motivo é esse, Andy?

– Para me dizer que tenho razão.

– Meus pais ficariam surpresos com a sua conclusão – disse Hanson.

– Meus pais ficariam surpresos com tudo isso. Mas nossos pais não têm nada a ver com isso.

– Andy, a gente se conhece faz anos. Acho que você sabe quem eu sou.

– Jimmy – disse Dahl. – Por favor. Me diga se estou certo.

Hanson ficou lá por um minuto, olhando para Dahl.

– Não acho que você ficaria mais feliz se alguém dissesse que você está certo – disse ele, por fim.

– Não quero ser feliz. Só quero saber.

– E se você estiver certo, como vai sair dessa? Não é melhor acreditar que realizou alguma coisa? Que você chegou ao final feliz que foi prometido? Por que quer forçar isso?

– Porque preciso saber. Sempre precisei saber.

– Porque você é assim. Alguém que busca a verdade. Um homem de metafísica.

– Sim.

– Um homem que precisa saber se realmente é dessa forma ou apenas escrito para *ser* dessa forma.

– Isso.

– Alguém que precisa saber se realmente é dono de si ou...

– Acho que já deu pra entender – disse Dahl.

Hanson sorriu.

– Desculpe. – Ele empurrou a cadeira e se levantou. – Andy, você é meu amigo. Acredita nisso?



– Sim – respondeu Dahl. – Acredito.

– Então, talvez você possa acreditar nisso. Seja você figurante ou herói, a história está acabando. Quando acabar, seja lá o que você for dependerá de você e apenas de você. Vai acontecer longe dos olhos do público e da mão de qualquer escritor. Você estará por conta própria.

– Isso se eu existir quando parar de ser escrito.

– Tem isso – disse Hanson. – É uma questão filosófica interessante. Mas se eu tivesse que adivinhar, acharia que seu criador diria para você que gostaria que você vivesse feliz para sempre.

– É o seu palpite.

– Talvez um pouco mais que um palpite. Mas vou dizer uma coisa: você está certo.

– Sobre o quê?

– Que eu fiz o que deveria fazer – disse Hanson. – Mas agora preciso ir fazer outra coisa que deveria ter feito, que é assumir meu posto. Vejo você no jantar, Andy?

Dahl abriu um sorriso.

– Sim – disse ele. – Se algum de nós estiver por lá.

– Ótimo – disse Hanson. – Vejo você lá.

E partiu.

Dahl ficou sentado onde estava por mais alguns minutos, pensando sobre tudo o que havia acontecido e tudo o que Hanson dissera. Em seguida, levantou-se e foi para sua estação na ponte de comando. Porque, ficcional ou não, em uma espaçonave, em um programa de televisão ou em outro lugar totalmente diferente, ele ainda tinha trabalho a fazer, cercado de amigos e da tripulação da *Intrepid*.

E assim procedeu nos seis meses seguintes até o dia em que, devido a uma falha de sistemas, a *Intrepid* chocou-se com um pequeno asteroide, o que fez a nave evaporar e todos a bordo morrerem instantaneamente.

**24**

Não, não, eu estou só zoando com a sua cara.  
Eles todos viveram felizes para sempre.  
Sem brincadeira.

# **CODA I: Primeira pessoa**

Olá, Internet,

Não há uma maneira certa de começar isso aqui, então vou direto ao ponto.

Pois bem, sou roteirista de um programa de um grande canal de televisão e acabei de descobrir que as pessoas que estava criando em minha cabeça (e matando na relação aproximada de uma por episódio), na verdade, são reais. Agora estou com um bloqueio criativo, não sei como resolver isso e, se não pensar logo em uma maneira, vou ser demitido. Me ajude.

Faz vinte minutos que estou olhando para esse último parágrafo e me sentindo um cretino. Vamos por partes para eu explicar um pouco melhor.

“Olá, Internet”: Sabe aquela charge da revista *New Yorker* que traz um cachorro falando com outro ao lado de um computador e dizendo: “Na Internet, ninguém sabe que você é um cachorro”? Bem, é isso.

Não, eu não sou um cachorro. Mas sim, preciso de um pouco de anonimato aqui. Porque, *caramba*, olhe o que acabei de escrever ali em cima. Não é uma coisa que se possa dizer em voz alta para as pessoas. Mas na Internet? Anonimamente? Talvez dê certo.

“Sou roteirista...”: Sou mesmo. Trabalho há muitos anos num programa que (dã) faz sucesso o bastante para estar durando algumas temporadas. Não quero entrar em muitos detalhes sobre isso agora, porque, se bem me lembro, estou tentando ficar anônimo aqui para resolver esse meu problema. Basta dizer que o programa não vai vencer nenhum Emmy de melhor série dramática,

mas ainda é o tipo de programa que você, minha cara Internet, provavelmente assistiria. E que, no mundo real, eu tenho uma página no IMDB. Que é bem longa. Certo?

“Que acabou de descobrir que as pessoas que ele estava criando na cabeça são reais”: É, eu sei. Eu *sei*. Não acabei de dizer “caramba” dois parágrafos atrás por causa disso? Não acha que sei o quanto isso parece muito maluco e que sou doido de pedra? Eu sei. Sei muito, muito, *muito* bem. Se eu não soubesse que isso era louco pra caralho, estaria escrevendo no meu blog real (se eu tivesse um blog real, o que não tenho, pois trabalho em séries semanais de televisão e *quem tem tempo pra qualquer coisa nessa profissão?*) e virando uma variante de Whitley Strieber<sup>1</sup>. Não quero isso. É um estilo de vida. Um estilo de vida que envolve conversas esquisitas tarde da noite com um povo com chapéu de papel-alumínio em um podcast. Não quero isso. Só quero poder voltar à minha escrita.

Mas ainda assim: as pessoas que criei nos meus roteiros existem. Sei porque me encontrei com elas, juro por Deus, bem na minha frente, em carne e osso, eu podia estender a mão e tocá-las. E sempre que eu mato um deles nos meus roteiros, eles morrem de verdade. Para mim, são só palavras que coloco no papel. Para eles, significa cair de um prédio, ser atingido por um carro ou ser comido por um urso ou sei lá (são apenas exemplos, não é necessariamente assim que mato as pessoas).

Pense nisso. Pense no que isso significa. É só *escrever* “BOB foi devorado por texugos” em um roteiro que, em algum lugar do universo, algum pobre coitado chamado Bob vai ser perseguido e capturado por mustelídeos famintos. Claro, parece engraçado quando escrevo assim. Mas, e se você fosse o Bob? Seria uma bosta. E você morreria graças a mim. O que explica a próxima parte:

“Agora estou com bloqueio criativo”: Sabe, eu nunca entendi o que era um bloqueio criativo antes de ele acontecer comigo. Você é escritor e, de repente, não consegue escrever porque sua namorada terminou com você? Pô, cara, esse é o momento *perfeito* para escrever. Você não vai ter mais nada para fazer à noite. Está tendo dificuldades para imaginar a próxima cena? Faça algo explodir. Pronto. Cheio de uma angústia existencial sobre o seu lugar no universo? Supera. É, você é sim um verme irrelevante no grande âmbito da história. Mas é um verme irrelevante que inventa essas porcarias para viver, o que significa que não precisa erguer caixas pesadas ou perguntar para as pessoas se acompanha batata frita. Cresça e volte ao trabalho.

Em um bom dia, posso redigir um primeiro esboço de episódio em seis horas. Isso é bom? Não é Shakespeare. Por outro lado, Shakespeare escreveu *Tito Andrônico*, então me diga você. Seis horas, um roteiro, um bom dia. E tenho que dizer, como roteirista, que já tive minha parcela de bons dias.

Mas agora estou com bloqueio criativo e não consigo escrever um roteiro porque, *cacete, eu mato pessoas quando escrevo*. É uma bela desculpa para se ter bloqueio criativo, na minha opinião. Sua namorada deixou você? Supera e toca em frente. Você sentencia pessoas à morte ao digitar? Talvez precise dar uma parada. Isso me fez parar. Agora fico sentado na frente do laptop, o Final Draft<sup>2</sup> carregado, e encaro a tela por horas.

“Vou ser demitido”: Meu trabalho é escrever roteiros. Eu não estou escrevendo roteiros. Se não começar a escrever roteiros novamente, em breve não haverá motivo para me manterem na equipe. Pude parar um pouco porque tinha um roteiro pronto antes que o bloqueio me pegasse, mas isso me dá apenas uma semana de segurança. Não é muito tempo. Entende por que estou nervoso?



“Me ajude”: Veja só, eu preciso de ajuda. Não é algo que eu possa falar com as pessoas que conheço. Porque, de novo: *é louco pra caralho*. Não posso deixar que as pessoas com quem trabalho – ou que outros roteiristas que conheço, muitos deles desempregados e dispostos a subir na minha carcaça para pegar meu cargo de roteirista de programa de televisão – pensem que perdi meus parafusos. Tramos desse tipo não dão em árvore. Mas tenho que falar com alguém sobre isso, pois não tenho a mínima, a minúscula, ideia do que deveria estar fazendo sobre isso tudo. Preciso de um pouco de perspectiva de fora da minha cabeça.

E é aí que você entra, Internet. Você tem perspectiva. E acho que alguns de vocês, da Internet, talvez estejam entediados o suficiente para ajudar um cara anônimo que pede conselhos em uma situação completamente ridícula. É isso ou Angry Birds, certo?

Então, o que tem a me dizer, Internet?

Atenciosamente,  
Roteiristanônimo

\* \* \*

Então, a boa notícia é que, pelo visto, as pessoas estão lendo meu blog. A má notícia é que as pessoas estão me fazendo perguntas em vez de, sabe, *me ajudar*. Porém, quando a gente posta anonimamente na Internet que as personagens que escreve de repente tomaram vida, creio que a gente tem a obrigação de responder a algumas perguntas primeiro. Ótimo. Então, para aqueles que precisam disso, uma rodada rápida com as perguntas mais comuns que recebi até agora. Vou parafrasear algumas para não usar perguntas e comentários repetidos.

Cara, você tá falando sério?

Cara, eu tô falando sério. Não estou chapado (se estivesse chapado seria mais divertido), não estou inventando (se estivesse inventando, seria remunerado por isso) e não sou maluco (se estivesse maluco seria mais divertido também). Isso é real.

Sério?

SÉRIO.

*Mesmo?*

Mesmo.

Não, sério?

Cala a boca. Próxima pergunta.

Por que não discutiu isso com o seu terapeuta?

Porque, ao contrário do senso comum, nem todo roteirista em Los Angeles faz terapia antes de aprender a andar. Todas as minhas neuroses são administráveis (ou eram, sei lá). Acho que eu poderia arranjar um, mas seria uma primeira sessão infernal, não seria? E não estou totalmente convencido de que sairia de lá sem ser sedado e enviado para um hospital psiquiátrico. Pode me chamar de paranoico.

Isso não é que nem o enredo daquele filme, *Mais estranho que a ficção?*

Talvez? Esse é aquele filme do Will Ferrell em que ele é personagem do livro de alguém, certo? (Sei que posso olhar isso no IMDB, mas estou com preguiça.) Tirando o fato de eu ser o escritor, não o personagem. Então, mesmo conceito, história diferente. Talvez?

Mas, olha só, mesmo se fosse, eu não disse que minha situação era cem por cento *original* em termos de criatividade. Digo, tem o *A rosa púrpura do Cairo*, no qual personagens saem da tela. Têm os livros de Jasper Fforde, onde todo mundo é um personagem de contos de fada ou literária. Têm os romances de Denise Hogan, nos quais ela sempre está discutindo com as personagens e, às vezes, elas não a ouvem e bagunçam as tramas. Minha mãe ama esses livros. Caramba, tem até *O último grande herói*, pelo amor de Deus. Já viu esse? Se viu, sinto muito.

Também existe um pequeno detalhe, mas que é bem revelador, de que todas essas histórias são ficcionais, e isso está acontecendo comigo *de verdade*. Como eu disse, é uma diferença sutil. Mas importante. Não estou aqui pela originalidade. Estou tentando resolver o problema.

Oi, o seu programa é [insira aqui o nome do programa]?

Amigo, que parte do "Quero ficar anônimo" você não entendeu? Mesmo se você adivinhasse, eu não iria te dizer. Quer uma pista? Ótimo: não é *30 Rock*. Também não sou a Tina Fey. Hummm... Tina Fey.

Na mesma linha de perguntas:

Você sabe que hoje em dia a Internet *vai saber* se você for um cachorro, certo?

Sim, mas *este* cachorro aqui abriu esse blog usando um endereço de e-mail falso e navega na Internet usando o Tor<sup>3</sup>.

Por que não escreve roteiros nos quais as pessoas não morrem?

Bem, eu *poderia* fazer isso, mas aí duas coisas vão acontecer:

1. Os roteiros serão entregues e os produtores dirão: "Esta cena precisa ficar mais interessante. Mate alguém". E daí eu terei de matar alguém no roteiro, ou um roteirista vai matar, ou um dos produtores vai fazer ajustes no roteiro sem se identificar, ou o diretor vai eliminar um personagem durante a filmagem, e alguém morrerá de *qualquer maneira*.
2. Mesmo se eu não matar ninguém, ainda precisa existir o drama, e em um programa como o meu, quando o drama não consiste em alguém morrer, significa alguém ficar aleijado, mutilado ou pegar uma doença que o transformará em uma pústula com pernas. Claro, transformar um personagem em uma pústula é melhor do que matar, mas ainda não é *confortável* para ela, e ainda sou eu fazendo aquilo. Então, ainda me sentirei culpado.

Acredite em mim, não há nada que eu gostaria mais do que entregar roteiros onde as personagens não façam nada além de descansar em almofadas, comer chocolate e fazer um sexo quente e catártico por uma hora (descontando o tempo dos comerciais, o período refratário inspirado pelo capitalismo). Acho que nosso público não se importaria também – seria inspirador e educativo! Mas não é esse o tipo de programa no qual trabalho, e há um limite até o qual um canal do pacote básico de televisão a cabo nos deixaria ir.

Preciso escrever coisas que sejam realmente parecidas com o que já foi escrito para o programa, basicamente. Se eu não escrever, vou pra rua. E eu não quero ir pra rua.

Você entende que se o que está dizendo for realmente verdade, as ramificações existenciais são impressionantes!

É, é estranho pra caralho. Eu poderia falar sobre isso por horas – quer dizer, se isso não tivesse bagunçado *também* o meu cotidiano

de um jeito bem substancial. Sabe o que parece? Parece que acordei de manhã, saí de casa e encontrei um *Tyranosaurus rex* no jardim, olhando para mim. Pelos primeiros cinco segundos, você fica completamente maravilhado porque um dinossauro de verdade está na sua frente. Depois você corre pra cacete, pois, para o *T. rex*, você é um petisco suculento e crocante.

Tem um *T. rex* no seu jardim?

Não.

Saco.

Você não está ajudando.

Para alguém que diz estar tendo bloqueio criativo, você não está escrevendo demais, não?

É, mas isso aqui não é escrever de verdade, né? Não estou fazendo nada criativo aqui, estou apenas respondendo a comentários e pedindo ajuda. Blogs são legais e tudo o mais, mas o que eu preciso fazer de verdade é escrever roteiros. E não consigo fazer isso agora. O lobo criativo do meu cérebro está totalmente zoadado. É aí que está o bloqueio.

Você mencionou que estava usando o Final Draft. Já considerou que talvez seu software seja o problema? Eu uso o Scrivener. Você deveria experimentar!

Uau, sério? Cara, se alguém estivesse tendo um ataque cardíaco na sua frente, você aproveitaria a oportunidade para falar sobre a sua dieta de redução de colesterol incrível? Porque seria *incrível*.

O software não é o problema. O problema é que todas as vezes que escrevo, *eu mato alguém*. Se você estiver tentando ajudar, não

sugira uma marca específica de extintor depois que a casa já estiver pegando fogo. Pegue uma mangueira e aja.

Outra questão similar:

Acredito em tudo o que você diz e acho que deveríamos nos encontrar para discutir isso em detalhes, se possível no meu COVIL SECRETO NO PORÃO DA CASA DA MINHA MÃE, *ONDE EU MORO*.

Putzzzz, cara. *Esse* é o outro motivo pelo qual quero esse anonimato seguro, né?

Então, agora que a sessão de perguntas e respostas acabou, alguém poderia me ajudar de verdade? Por favor?

RA

\* \* \*

Finalmente! Essa é uma ideia realmente boa de um comentário que vou reproduzir na íntegra aqui:

*Em sua última postagem, você mencionou alguns filmes e livros em que a linha entre criador e criatura foi rompida (ou ao menos ficou nublada) de alguma forma. Já considerou que as pessoas que escreveram esses filmes e livros talvez tenham vivenciado algo parecido com o que você está passando? É possível que tenham vivenciado e não dito nada sobre isso pelo mesmo motivo pelo qual você está tentando se manter anônimo, que é, ao que parece, totalmente maluco. Mas se você os abordasse e contasse a sua experiência, que é semelhante à deles, talvez falassem com você em particular. O fato de você ser um roteirista de verdade e que tem*

*algun prestígio talvez impeça que eles fujam aterrorizados, ao menos num primeiro momento.*

A parte do “ao menos num primeiro momento” é um toque ótimo, obrigado. E estou feliz que você tenha a ilusão de que um roteirista de uma série semanal de um canal do pacote básico de tevê a cabo tenha qualquer tipo de credibilidade. Fico realmente contente.

Mas para responder a sua pergunta, não, isso não me ocorreu mesmo, porque, bem, é maluquice, né? E vivemos no mundo real, de verdade, onde coisas assim não acontecem. Mas, por outro lado, aconteceu *comigo*, e, sem querer me depreciar, nem sou assim *tão* especial, nem como roteirista, nem como ser humano.

Por isso preciso admitir que seja totalmente possível que o que aconteceu comigo tenha acontecido com outros. E se isso aconteceu com outras pessoas, então é inteiramente possível que eles tenham encontrado uma maneira de lidar com isso que não implique parar de escrever para sempre. E esse é o objetivo aqui. Agora tenho um plano: entrar em contato com esses escritores e roteiristas e descobrir se tiveram uma experiência secreta como a minha.

O que parece perfeitamente razoável até você pensar sobre o que isso implica na realidade. Para você ter uma ideia, vou apresentar aqui uma peça em um ato intitulada *Roteiristanônimo apresenta seu enigma para alguém que não está na Internet:*

### ROTEIRISTANÔNIMO

Oi! Fui visitado por personagens dos meus roteiros que me disseram que eu os mato sempre que escrevo uma cena de ação. Isso já aconteceu com você também?

### OUTRO ROTEIRISTA

Oi, Roteiristanônimo! Estou com uma ordem de restrição em uma das mãos e uma arma de choque na outra. Qual você quer ver primeiro?

É, não vejo como esse plano perfeito poderia dar errado.

Mas, por outro lado, não tenho um plano *melhor*, tenho? Então olha só: vou fazer uma lista de escritores e roteiristas cujos personagens romperam a parede da realidade de um jeito ou de outro.

Depois, entro em contato com eles e descubro se as obras deles se basearam em uma experiência verdadeira, do mundo real, sem dar a impressão de ser um insano psicótico.

Assim, saio no lucro! Tudo bem, não no lucro de verdade, mas se a obra deles *for* baseada em experiências da vida real, vou descobrir uma maneira de continuar escrevendo.

Agora preciso criar apresentações que não soem tão bizarras. Desejem-me sorte.

RA

\* \* \*

Gente, agora é sério: parem de tentar adivinhar para qual programa eu trabalho. Eu não vou contar. Porque não quero ser *mandado embora*. Que é o que acontece quando pessoas como eu falam sobre o meu trabalho com pessoas como vocês, ou seja, a Internet. Especialmente quando pessoas como eu afirmam que seus personagens vieram à vida e falaram com elas. Sei que é divertido para vocês tentar adivinhar, mas vão com calma. Um pouco de consideração, por favor. Prometo a vocês que, depois que tudo isso terminar, se funcionar, eu conto. Digamos, em cinco anos. Ou depois



que eu ganhar um Emmy. O que vier primeiro (aposto nos cinco anos).

Ok? Ok. Obrigado.

\* \* \*

Olá, Internet. Estão pedindo novidades. Bem, vamos lá. Identifiquei alguns indivíduos criativos que escreveram histórias parecidas com a situação que estou passando, inclusive aqueles que mencionei antes: Woody Allen (*A rosa púrpura do Cairo*), Jasper Fforde, Zak Penn e Adam Leff (*O último grande herói*), Zach Helm (*Mais estranho que a ficção*) e Denise Hogan. O plano aqui é começar o e-mail falando das obras deles – pra pelo menos dar a entender que eu não sou totalmente doido – e em seguida perguntar, de um jeito *muito sutil*, se o que escreveram tem alguma relação com uma experiência da vida real. Assim que terminar esses e-mails, envio-os para os escritores. E veremos se alguém morde a isca.

E para antecipar alguns de vocês com as mãos erguidas aí na plateia, sim, eu vou compartilhar com vocês minhas respostas – depois de tirar os detalhes de identificação. Ah, não me olhem com essa cara. Lembrem que estar querendo anonimato aqui? Pois é. Se eu der muitos detalhes, vou estar fora da minha casinha pequena e bem peculiar (e é uma casinha adorável, cheira a madeira de pinho e desespero). Mas, por outro lado, como vocês têm sido úteis, imagino que devo a vocês atualizações contínuas sobre o caso.

Aliás, para que não haja equívocos, presumo que as respostas serão: “Uau, você é mesmo mais maluco do que a maioria das pessoas aleatórias que me escrevem. Quer uma sugestão de medicamentos antipsicóticos?” Porque eu responderia dessa forma se algo assim aparecesse, do nada, no meu e-mail. É como eu

*respondo*, na verdade. Vocês não *acreditariam* no tipo de loucura que a gente recebe quando é escritor de uma série de televisão bem-sucedida. Ou talvez acreditariam. Loucura é algo muito disseminado nos dias de hoje.

(Insira aqui uma pausa para enviar os e-mails)

E lá vão eles. Agora, vamos esperar para ver quanto tempo leva para alguém responder. Querem começar o bolão?

RA

\* \* \*

Uau, nem levou muito tempo. Essa foi a primeira resposta. E-mail abaixo:

xxx xxx @ gmail.com mostrar detalhes 16h33 (0 minutos atrás)

Caro ROTEIRISTANÔNIMO,

Olá, meu nome é xxx xxxxxx, assistente de xxxxx xxxxx. Recebemos sua pergunta e gostaríamos de saber se ela faz parte de um projeto criativo ou de entrevistas que você está fazendo para uma revista ou jornal de grande porte.

Minha resposta:

Olá, xxx xxxxxx. Não, não é para nenhum jornal, revista ou blog (bem, talvez para meu blog pessoal). Está mais para algo que estou questionando para uso próprio. Obrigado e me avise se xxxxx xxxxx tiver um tempo para conversar. Seria muito útil para mim.

A resposta da assistente:

Infelizmente, xxxxx xxxxx não tem nenhuma disponibilidade no momento. Obrigado por seu interesse e boa sorte em seu projeto.

Tradução: Sua maluquice seria ótima se fosse para a revista *People*, ou talvez até para a *Us*, mas se é uma maluquice *freelance*, não queremos nenhuma relação com você.

Ai, ai. Saudades do tempo em que loucuras *freelance* eram respeitadas nessa cidade! Acho que foi no início dos anos 1980. David Lee Roth ainda ia no Whisky a Go Go na época. Ou foi o que ouvi dizer. Eu tinha, tipo, *seis* anos na época.

Um já foi, faltam cinco...

RA

\* \* \*

Nova resposta. Essa foi, de certa forma, incrível, na verdade.

Para: Roteirista anônimo

De: xxxxx x xxxx, Advogado, sócio de xxx, xxxxx, xxx e xxxxx

Prezado sr. Roteirista,

Sua pergunta via e-mail para xxxxx xxxxxx nos foi encaminhada por seu assistente, como é feito com toda a correspondência que acham ser preocupante. O sr. xxxxxx preza muito por sua privacidade e ficou bastante incomodado com seu e-mail, tanto pelo conteúdo como porque chegou de maneira não solicitada a um e-mail particular.

Neste momento, nosso cliente decidiu não levar adiante a questão e solicitar ao Departamento de Polícia de xxxxxxx para investigar o senhor e seu e-mail. No entanto, pedimos para o senhor não entrar mais em contato com nosso cliente de maneira alguma. Se o senhor voltar a tentar, remeteremos toda a correspondência ao Departamento de Polícia de xxxxxxx e ao FBI e providenciaremos uma ordem de restrição contra o senhor. Não preciso dizer que essa solicitação instantaneamente se transformaria em notícia, impactando gravemente sua carreira como roteirista da equipe de xxxxxxxxxxx.

Contamos que esta seja a última vez que recebemos algo do senhor.

Atenciosamente,

xxxxx x xxxx, Advogado  
Sócio da xxx, xxxxx, xxx e xxxxx

Uau.

Só para constar, o e-mail que mandei *não* começava com: "Prezado xxxxx, por acaso eu estava na frente de sua cama na noite passada *velando seu sono...*" Não mesmo. *Eu juro.*

Ou essa pessoa recebe mais e-mails malucos do que o normal de pessoas que se vestem de gato e ficam do lado de fora da casa dela, ou ela ficou assustada com esse e-mail por um motivo completamente diferente. Hummmmm.

Vale a pena ganhar uma ficha no FBI para descobrir?

Não. Não vale, não.

*Ainda* não, pelo menos. Ainda assim, é curioso.

E agora estou lutando contra o desejo de me vestir como o gato dessa pessoa e ficar do lado de fora da casa dela. Mas ainda é cedo, e ainda estamos em um dia útil. Talvez depois de mais uns gins-tônicas.

RA

\* \* \*

Dos comentários:

*Não estou totalmente convencido de que você tenha visto seus personagens na vida real, mas como alguém que sofre de bloqueio criativo a todo o momento, é incrível para mim que você consiga fazer piadas sobre sua situação do jeito que faz neste site, especialmente quando seu trabalho de verdade está em jogo. Se eu fosse você, estaria mijando nas calças.*

Ah, acredite em mim. Estou. Estou *mesmo*. O supermercado aqui perto de casa está sem fralda geriátrica no momento. Compro à noite para que meus vizinhos não vejam. E quando eu troco, ponho na lata do lixo do vizinho para que ninguém possa dizer que são minhas. Não estou orgulhoso disso. Não estou nem seco.

Vou contar um segredinho para você, Internet: parte do motivo pelo qual estou escrevendo este blog é para evitar que eu me cague todo com esse medo abjeto. Da última vez que passei uma semana sem escrever algo criativo foi quando estava na faculdade e passei seis dias no hospital com um caso realmente épico de intoxicação alimentar (comida de alojamento. Nem sempre a mais fresca. Não fui o único. No restante do ano, meu alojamento ficou conhecido como Palácio do Vômito. Digressões). E, mesmo na época, quando

eu pensava que vomitaria meu intestino delgado inteiro, estava imaginando histórias e testando diálogos na cabeça. Agora mesmo estou tentando criar uma história ou pensar em um diálogo para um roteiro e uma grande muralha desce dentro do meu cérebro. Eu. Simplesmente. Não. Consigo. Escrever.

Nunca aconteceu comigo antes. Fico totalmente apavorado que *seja isso mesmo*, que o reservatório criativo esteja totalmente vazio e que de agora em diante não haja mais nada para mim além de sobras e dar aulas ocasionais no The Learning Annex<sup>4</sup>. Quer dizer, caramba, prefiro morrer. Isso me apavora tanto que há apenas duas coisas em que consigo pensar no momento:

1. Fazer um coquetel especial de anticongelante e oxicodona e depois tomar um longo e luxuoso banho com a minha torradeira.

2. Escrever neste blog como se fosse um tratamento de metadona.

Uma dessas opções não vai fazer com que encontrem meu cadáver inchado uma semana depois. Adivinhe qual escolhi?

Quanto às piadas, bem, olha só. Quando eu tinha doze anos, meu apêndice estourou, e quando estavam me levando para a sala de operações eu perguntei ao médico: "O quanto isso vai afetar eu tocar piano?", e ele disse: "Não se preocupe, você ainda vai conseguir tocar piano". E eu respondi "Uau! Eu não tocava antes!"

E daí eles me apagaram com anestesia.

Quero dizer que, mesmo se eu estivesse prestes a morrer de peritonite iminente, eu ainda faria piada. Capoto, mas não breco (na verdade, como o meu pai disse na sala de recuperação: "De todas as piadas do mundo que você poderia ter feito naquele momento, você escolheu logo essa. Você não é meu filho". Pro meu pai, piada era coisa séria).

Uma versão resumida de tudo o que está aí em cima: se eu escrevesse de verdade de um jeito que indicasse como o meu medo está esvaziando meu intestino neste momento, todos vocês teriam fugido. E eu provavelmente teria deitado na linha do trem. É melhor fazer piada, eu acho.

Vocês não?

RA

\* \* \*

Olha, agora estamos chegando a algum lugar. O seguinte e-mail veio da próxima pessoa na minha lista.

Prezado Roteiristanônimo,

Seu e-mail me intriga em vários níveis. Na verdade, existe algum cruzamento entre o que acontece em meus livros e o que acontece na minha vida real. Sua ambiguidade sagaz em perguntar sugere para mim que talvez você tenha tido algum desses cruzamentos também.

Por acaso, estarei em Los Angeles amanhã para encontrar meu agente e discutir um projeto que estamos tentando emplacar nos Estúdios xxxxxxxx. Depois que terminar de fazer a social com o povo do cinema, ficaria feliz em encontrá-lo e conversar. Vou ficar no xxx xxxx xxxxxxx; me encontre no bar lá por volta das 17 horas, se tiver tempo.

Um abraço,

XXXXXX XXXXXX

Então *isso* parece extremamente promissor. Agora, tudo o que tenho que fazer é segurar as pontas para não *explodir de ansiedade* nas próximas 24 horas. Felizmente, tenho reuniões o dia todo amanhã. E, sim, eu disse *felizmente* – quanto mais reuniões de trabalho eu tenho, menos me perguntam sobre os roteiros nos quais eu deveria estar trabalhando. Está ficando cada vez mais difícil segurar. Sugeri a um dos outros roteiristas da equipe que ele e eu fizéssemos um roteiro juntos e que ele já fizesse o esboço da história e talvez o primeiro rascunho. Posso obrigá-lo a fazer o rascunho inicial porque sou sênior. Posso fazer isso sem culpa porque ele me deve dinheiro. Eu questiono a moralidade desses pretextos, sim. Mas, no momento, nem tanto como faria em outra ocasião.

Com sorte, a pessoa que vai me encontrar amanhã terá algo de útil para mim. Ir a reuniões e tirar vantagem de subordinados só ajuda até certo ponto.

RA

\* \* \*

Tudo bem. Encontrei aquela pessoa. É a escritora Denise Hogan. E para descrever nossa “conversa”, vou usar um formato com o qual estou acostumado.

INT. CAFETERIA – MESA DE CANTO – DIA

Duas pessoas estão sentadas à mesa, cafés na mão, sobras de bolinhos na mesa. São eles ROTEIRISTANÔNIMO e DENISE HOGAN. Estão conversando há uma hora, na qual ROTEIRISTANÔNIMO descreveu a crise para DENISE em detalhes.



DENISE

É muito interessante essa situação em que você se meteu.

ROTEIRISTANÔNIMO

“Interessante” não é a palavra que eu usaria. “Extremamente fodida” é a expressão que eu usaria.

DENISE

É, serve também.

RA

Mas isso aconteceu com você também, né? Quando você cria personagens em seus romances, eles sempre discutem com você e a ignoram, fugindo para fazerem o que quiserem quando você quer fazer o enredo caminhar de outra forma. É sua marca registrada. Você escreve como se isso realmente estivesse acontecendo.

DENISE

*(em tom de gentileza)*

Bem, acho que precisamos definir alguns termos nesse caso.

RA

*(recuando)*

Definir termos? Está parecendo um código para “Não, isso não acontece de verdade comigo, seu doido varrido”.

DENISE

*(pausa)*

RA, posso ser sincera com você?

RA

Considerando o que eu já despejei em cima de você na última hora?  
Claro, deve ser, por favor.

DENISE  
Estou aqui porque li seu blog.

RA  
Eu não tenho um blog.

DENISE  
Você não tem um blog com o seu nome verdadeiro, mas tem um  
como Roteiristanônimo.

RA  
*(pausa)*  
Ah. Ai, que merda.

DENISE  
*(ergue as mãos)*  
Relaxa, não estou aqui para desmascarar você.

RA  
Caralho!  
*(levanta, pensa em sair, anda para lá e para cá por um momento e  
volta a se sentar)*  
Como descobriu?

DENISE  
Do jeito que alguém que tenha um ego encontra qualquer coisa na  
Internet. Tenho um alerta do Google com o meu nome.

RA

*(corre a mão pelos cabelos)*

Cara, que merda esse Google.

DENISE

Cliquei para ver se era algum tipo de artigo especial sobre escritores que quebrassem a quarta parede e daí vi sobre o que era seu blog e pus no meu *feed* de leitura. Sabia que entraria em contato comigo antes de me mandar seu e-mail.

RA

Você não veio até a cidade para falar com o seu agente.

DENISE

Bem, não. Almocei com ele hoje, e de fato conversamos sobre aquela questão da Paramount. Mas eu liguei para ele depois de ter recebido o seu e-mail e disse que estaria na cidade. Não se preocupe, não contei por que vim para cá.

RA

Então seus personagens não estão vivos e falando com você de verdade.

DENISE

Desconsiderando o que escritores normalmente descrevem como "dar vida" aos personagens? Não.

RA

Que ótimo.

*(levanta-se de novo)*

Obrigado por gastar grande parte do meu dia. Foi um prazer conhecer você.

DENISE

Mas você e eu temos algo em comum.

RA

Além de uma tarde desperdiçada?

DENISE

*(mal-humorada)*

Olha só, eu não vim aqui para ver de perto um show de horrores. Meu ex-marido já me proporcionou esse show. Vim aqui porque acho que entendo sua situação melhor do que você acha que entendo. Tive um bloqueio criativo, também. Um dos feios.

RA

Feio quanto?

DENISE

Mais de um ano. É feio o bastante para você?

RA

Talvez.

DENISE

Acho que posso ajudar você com o seu bloqueio. Porque, acreditando ou não que seus personagens são reais de verdade, acho que o meu caso de bloqueio criativo parece muito com o seu de agora.

RA

Se não acredita no que estou dizendo, não vejo como sua situação pode ser parecida com a minha.

DENISE

Porque nós dois temos personagens com os quais temos medo de fazer qualquer coisa.

RA

*(Sentando-se novamente, desconfiado)*

Continue.

DENISE

Por algum motivo, você tem medo de matar ou machucar alguns dos seus personagens, e isso está causando seu bloqueio. No meu caso, eu tinha personagens e não conseguia com que fizessem nada crucial. Eu os levava a momentos de crise em minhas histórias, mas quando chegava a hora de eles apertarem o gatilho, de realizarem algo significativo, nunca conseguia fazer com que levassem aquilo a cabo. Criava várias maneiras de obrigá-los a sair da armadilha que passara capítulos criando. O jeito que eu estava fazendo as coisas não era bom. Por fim, parei por completo. Não conseguia escrever, simples assim.

RA

Mas isso foi com *você*...

DENISE

*(Ergue a mão)*

Espere, não acabei. Por fim, um dia, quando estava sentada na frente do computador, sem fazer nada com meus personagens,

escrevi como se um deles se virasse para mim como escritora e dissesse "Você já tomou a porra da sua decisão? Não? Ótimo. Deixa que eu faço isso, então." E então ele fez algo que eu não esperava, que eu nem estava querendo que ele fizesse, e quando ele fez isso, foi como se uma enxurrada imensa de possibilidades rompesse a represa que era o meu bloqueio criativo. Meu personagem fez o que eu estava com medo de fazer.

RA

O que era?

DENISE

Agir. Fazer coisas que, mesmo que fossem desastrosas a longo prazo para os personagens, ainda era algo sendo feito.

RA

Acredite em mim, ação não é um problema para os meus personagens.

DENISE

Eu não disse que era. Mas meus personagens também estavam fazendo outras coisas. Estavam se rebelando contra algo.

RA

Contra o quê?

DENISE

Contra a minha escrita ruim. Eu não fazia pelos meus personagens o que eles precisavam que eu fizesse – ser corajosa na minha escrita para torná-los interessantes. Então, fizeram aquilo com as próprias mãos. E por eles, eu digo por mim, ou por alguma parte do meu

cérebro de escritora com a qual eu não estava disposta a me conectar. Talvez seja algo que você também precise fazer.

RA

Espera aí. Você acabou de me chamar de escritor ruim?

DENISE

Eu não chamei você de escritor ruim.

RA

Ah, bom.

DENISE

Mas eu assisti ao seu programa. A maioria dos roteiros é bem terrível.

RA

*(Erguendo as mãos)*

Ah, dá um tempo.

DENISE

*(Continuando)*

E eles são terríveis sem razão para ser!

RA

*(Inclinando-se para a frente)*

Você escreve roteiros? Sabe como é difícil trabalhar com prazos semanais para um programa de televisão?

DENISE

Não, mas você sim. Vou fazer uma pergunta: acha mesmo que está se esforçando de verdade? Lembre-se, estou lendo seu blog. Eu li você dando desculpas pela qualidade de seus resultados, mesmo quando se autoelogia pela velocidade com que faz seus roteiros.

RA

Isso não tem nada a ver com o fato de eu estar com bloqueio.

DENISE

Será mesmo? Eu tive um bloqueio porque sabia que estava escrevendo mal e não tinha coragem de consertar. Você sabe que está escrevendo mal, mas arranja uma desculpa para sua escrita ruim. Talvez esse bloqueio esteja dizendo que a desculpa não está mais funcionando.

RA

Não estou bloqueado porque estou escrevendo mal, caramba! Estou bloqueado porque não quero que ninguém mais morra!

DENISE

*(Assentindo)*

Acredito que essa seja a sua nova desculpa, sim.

RA

*(Levantando-se de novo)*

Achei que estava gastando meu tempo antes. Agora tenho certeza.

Muito obrigado, mesmo. Garanto que não vou usar seu nome quando postar isso no blog.

DENISE



Se puser mesmo em seu blog, use meu nome. E depois pergunte aos seus leitores se o que eu disse faz sentido. Você falou que queria a ajuda deles. Quero ver se você está realmente interessado nessa ajuda.

### ROTEIRISTANÔNIMO *vai embora.*

E foi assim que desperdicei totalmente meu fim de tarde de hoje, ouvindo uma mulher que pensei que talvez pudesse ser útil de verdade me explicando como sou um escritor ruim – ah, espere, não que eu seja um *escritor* ruim, só estou *escrevendo* mal. Porque *essa* é uma distinção que faz diferença.

E não, eu nunca disse que minha escrita para os programas era ruim. Disse que não sou Shakespeare. Disse que não está boa para ganhar um Emmy. Isso não é o mesmo que *ruim*. Acho que sou honesto o suficiente comigo mesmo para admitir uma escrita ruim. Mas você não fica na equipe de roteiristas por anos se não consegue escrever, ou se tudo o que escreve é uma merda. Acreditem ou não, há um nível mínimo de competência que você precisa ter. Tenho especialização em artes cinematográficas pela USC, pessoal. Eles não *distribuem* diploma por aí. Queria que distribuíssem. Não precisaria ter pagado o crédito estudantil por seis anos até ter minha primeira oportunidade. Mas eles não distribuem.

A questão é a seguinte: foda-se Denise Hogan. Não estou aqui para servir de entretenimento barato em Los Angeles. Cheguei a você com um problema verdadeiro e sua solução é cagar em mim e no meu trabalho.

Nesse meio tempo, aproveite que a Internet ficou sabendo como você me “ajudou” hoje. Tenho certeza de que ela vai amar.

RA

\* \* \*

Pois bem, uma repórter do site Gawker me ligou no celular. Disse que descobriram que eu era o Roteiristanônimo com base no que escrevo aqui, tipo que o meu programa é do pacote básico da tevê a cabo, que é um programa de uma hora que já teve várias temporadas, que é um programa no qual as pessoas morrem e que eu sou ex-aluno da USC que conseguiu o seu primeiro emprego na área seis anos depois de se formar.

E também porque, assim que dei o nome de Denise Hogan, foram ao Facebook e fizeram uma busca por imagem pelo nome dela e descobriram uma foto dela com a data de hoje em uma cafeteria em Burbank sentada com um cara que parece comigo. A foto foi tirada por uma fã com iPhone. A fã não foi falar com Denise porque estava muito nervosa. Mas não tão nervosa, aparentemente, a ponto de não conseguir botar a maldita foto em uma rede social com metade da população mundial.

Então, essa é a história, e o Gawker vai postar em, tipo, vinte minutos. A reporterzinha falante do Gawker queria saber se eu tinha alguma coisa a dizer sobre isso. Claro, olha aqui o que eu quero dizer:

*Porra.*

Isso é tudo.

E agora vou passar o restante das próximas horas como roteirista de *Crônicas da Intrepid* fazendo o que provavelmente deveria ter sido feito no momento em que essa merda toda começou: sentar no meu sofá com uma garrafa grandona de Jim Beam e ficar bêbado pra caralho.

Obrigado, Internet. Esta pequena aventura certamente me abriu os olhos.

Com amor,

Roteirista-aparentemente-não-tão-anônimo-assim, no fim das contas.

\* \* \*

Querida Internet,

Em primeiro lugar, estou de ressaca e vocês estão com muito brilho. Diminuem a luz.

Ah, espere aí, isso é algo que posso resolver aqui. Espere.

Aí. Muito melhor.

Segundo: algo importante aconteceu. Preciso compartilhar com você.

E para compartilhar, vou precisar entrar no modo roteiro de novo. Aguento firme.

EXT. – ESPAÇO SEM DISTINÇÃO COM TERRENO SEM FIM  
CHEGANDO AO HORIZONTE – POSSIVELMENTE DIA

ROTERISTANÔNIMO... ah, que se foda, metade da Internet já sabe mesmo: NICK WEINSTEIN chega no espaço, agarrando a própria cabeça e se contorcendo. OUTRO HOMEM está ao lado dele, casualmente ajoelhado. A uma certa distância, atrás dele, há uma multidão. a multidão, como o HOMEM perto de NICK, está usando camisas vermelhas.

HOMEM  
Finalmente.

NICK

*(olha ao redor)*

Tudo bem, eu desisto. Onde estou?

HOMEM

Em um espaço plano, cinzento, sem distinção e que se estende até lugar nenhum. Uma metáfora perfeita para o interior do seu cérebro, Nick.

NICK

*(olha para o HOMEM)*

Você me parece familiar.

HOMEM

*(sorri)*

Deveria mesmo. Você me matou. Uns poucos episódios atrás.

NICK

*(boquiaberto por um segundo)*

Finn, certo?

FINN

Correto. E você se lembra de como me matou?

NICK

Com uma cabeça explodindo.

FINN

Correto de novo.

NICK

Mas não a *sua* cabeça explodindo.

FINN

Não, a de outra pessoa. Por acaso eu estava no caminho.  
*(levanta-se, aponta para a multidão, para um rapaz em especial)*  
Aquele é o cara cuja cabeça você estourou. Faz tchauzinho aí, Jer!

JER acena. NICK acena de volta com cautela.

NICK

*(fica em pé também, inseguro, e espreita os olhos)*  
Pra uma cabeça que estourou, a dele parece estar muito bem.

FINN

Imaginamos que seria mais fácil para você se não estivéssemos todos no estado em que você nos matou. Jer estaria sem cabeça, eu estaria gravemente queimado, os outros não teriam membros, estariam parcialmente comidos, com a carne derretida até os ossos por doenças mutiladoras horríveis. Entendeu, né? Uma zona.  
Pensamos que você iria achar meio perturbador.

NICK

Obrigado.

FINN

Não há de quê.

NICK

Imagino que isso não possa ser real e que eu esteja sonhando.

FINN

É um sonho. Não significa que não seja real também.

NICK

*(coça a cabeça)*

Isso é um pouco profundo demais para o meu atual estado de sobriedade, Finn.

FINN

Então vamos tentar assim: é real e está acontecendo em um sonho, porque, de outra forma, como é que as pessoas que você matou poderiam falar com você?

NICK

*Por que vocês querem falar comigo?*

FINN

Porque temos uma coisa para pedir.

NICK

Eu não estou mais matando vocês. Estou com um bloqueio criativo por causa de vocês. E estou prestes a perder meu emprego por causa do bloqueio criativo.

FINN

Você está com bloqueio criativo, sim. Mas não é por nossa causa. Ao menos, não diretamente.

NICK

O bloqueio criativo é meu. Acho que sei as causas dele.

FINN

Eu não disse que você não sabe as causas do bloqueio. Mas você não está admitindo o motivo para si mesmo.

NICK

Não me leve a mal, Finn, mas esse negócio de bancar o Yoda está ficando bem repetitivo.

FINN

Ótimo. Então eu vou falar de uma vez: Denise Hogan? Ela tem razão.

NICK

*(ergue os braços)*

Até no meu cérebro eu tenho que aguentar isso.

FINN

Você é um escritor bem decente, Nick. Mas é preguiçoso.

*(aponta para a multidão)*

E a maioria de nós morreu por causa disso.

NICK

Espera aí, isso não é justo. Vocês morreram porque é um programa de ação. Pessoas morrem em programas de ação. É um dos motivos pelo qual se chama "programa de ação".

FINN

*(olha para NICK e depois aponta para um rosto na multidão)*

Você! Como você morreu?

CAMISA-VERMELHA 1

Tubarão de gelo!

FINN

*(vira-se para NICK)*

Sério, um tubarão de gelo? Como funciona a biologia disso?

*(vira-se de novo para a multidão)*

Mais alguém aleatoriamente comido por animais do espaço?

CAMISA-VERMELHA 2

Caranguejos pornáticos

CAMISA-VERMELHA 3

Um grande texugo de Tau Ceti!

CAMISA-VERMELHA 4

Minhocas carnívoras borgovianas!

NICK

*(para o CAMISA-VERMELHA 4)*

Eu não escrevi as minhocas carnívoras!

*(para FINN)*

Sério, não fui eu que criei. Toda hora me culpam por elas.

FINN

Porque você é o roteirista-sênior do programa, Nick. Poderia ter alertado uma ou duas vezes sobre ataques de animais aleatórios, tivesse você escrito eles ou não.

NICK

É um programa semanal de ficção científica...

FINN



É um programa semanal de ficção científica, mas vários programas semanais não são uma *bosta*, Nick. Inclusive as séries de ficção científica. Um monte de programas de ficção científica semanais ao menos *tenta* ser algo mais do que só suficiente. Você está usando o cronograma e o gênero como desculpa.

*(de volta para a multidão)*

Quantos de vocês foram mortos nos conveses seis a doze?

Dezenas de mãos se erguem. FINN volta-se para NICK, procurando uma resposta.

NICK

A nave precisa sofrer danos. O programa precisa ter drama.

FINN

A nave precisa sofrer danos. Ótimo. Isso não significa que você precisa que um coitado de um tripulante seja sugado para o espaço todas as vezes que isso acontece. Talvez depois das primeiras dez vezes que isso acontecesse, a União Universal devesse ter começado a investigar a questão da defenestração espacial.

NICK

Olha só, já entendi, Finn. Você está infeliz porque morreu. Eu também. Por isso estou com bloqueio!

FINN

Você não entendeu. Nenhum de nós está puto por estar morto.

CAMISA-VERMELHA 4

Eu estou!

FINN

(para o CAMISA-VERMELHA 4)

Agora não, Davis!

(de volta para NICK)

Nenhum de nós, exceto Davis, está puto por estar morto. As pessoas morrem. Acontecem com todo mundo. Vai acontecer com você. Estamos putos porque nossas mortes são totalmente *sem propósito*. Quando você nos matou, Nick, não aconteceu nada na história. Foi só um pequeno solavanco que você deu nos espectadores antes do intervalo comercial, e eles esqueceram o fato antes da primeira propaganda de Doritos desaparecer da tela. Nossa vida tinha um significado, Nick, mesmo que apenas para nós. E você nos deu umas mortes de merda. Mortes de merda e sem propósito.

NICK

Mortes de merda acontecem o tempo todo, Finn. As pessoas entram por acidente na frente de um ônibus, escorregam e racham a cabeça na privada ou saem para correr e são atacadas por leões da montanha. É a vida.

FINN

Essa é a *sua* vida, Nick. Mas não tem ninguém escrevendo ela pra você, até onde você sabe. *Nós* temos. É você. E quando morremos no programa, é porque *você nos matou*. Todo mundo morre. Mas nós morremos como você decidiu que iríamos morrer. E, até então, você decidiu que morreríamos porque é mais fácil do que escrever um momento dramático cuja reação é obtida pela força do material. E você *sabe* disso, Nick.

NICK

Eu não sabia que...

FINN

Sabia sim. Nós estamos mortos, Nick. Não temos mais tempo para bobagens. Então, admita. Admita o que está se passando de verdade na sua cabeça.

NICK

*(senta-se, confuso)*

Tudo bem. Beleza. Tudo bem. Escrevi meu último roteiro, aquele que usamos para mandar todo mundo de volta, e me lembro de pensar comigo mesmo: "Uau, eu não precisei matar ninguém dessa vez". E depois comecei a pensar em todas as maneiras com que matamos tripulantes no programa. Depois comecei a pensar sobre o fato de que, para eles, eram mortes reais. Mortes reais de pessoas reais. E daí comecei a pensar em todas as maneiras estúpidas como matei pessoas. Não as escrevi sendo estúpidas apenas por conta própria, mas tudo ao redor delas também era estúpido. Motivos estúpidos para levar pessoas a posições em que eu pudesse matá-las. Coincidências ridículas. Viradas de enredo saídas do nada. Todos os pequenos truques que eu e outros roteiristas usamos, porque podemos e ninguém nos responsabiliza. Então eu fui lá, fiquei bêbado...

FINN

*(assente)*

E quando você acordou, foi escrever um pouco e não saiu nada.

NICK

Pensei que fosse por não querer matar as pessoas. Por ser responsável pelas mortes.

FINN

*(ajoelha-se de novo)*

O fato de que você não estava agindo de forma responsável quando nos matou é que está incomodando você. Mesmo que não tivesse escrito nossas mortes, todos teríamos morrido um dia. Isso é fato.

Acho que você sabe disso.

NICK

E eu dei mortes ruins para vocês quando poderia ter dado mortes melhores.

FINN

Isso. Você não é o anjo da morte, Nick. Você é um general. Às vezes, generais enviam soldados à morte. É de se esperar que eles não façam isso por estupidez.

NICK

*(olhando de novo para a multidão)*

Vocês querem que eu escreva mortes melhores.

FINN

Isso. Menos mortes não fariam mal, também. Mas mortes melhores. Todo mundo aqui já está morto. É tarde demais para nós. Mas cada um de nós tem pessoas com quem nos importamos e que ainda estão vivas, que talvez passem pela sua caneta, se você quiser ver as coisas desse jeito. Achamos que elas merecem algo melhor. E agora você sabe que também acha.

NICK

Presumindo que eu ainda vá ter um emprego depois de tudo isso.

FINN

*(fica em pé novamente)*

Você vai ficar bem. Só diga a todo mundo que estava explorando as fronteiras entre a ficção e a representação interativa na mídia online.

É uma metadesculpa perfeita e, de qualquer forma, ninguém vai acreditar que seus personagens vieram para o mundo real de verdade. No máximo, as pessoas vão pensar, com isso, que você é um babaca. Por outro lado, algumas pessoas vão pensar que você é um babaca de qualquer jeito.

NICK

Obrigado.

FINN

Ei, eu já disse, estou morto. Não tenho tempo para bobagens. Agora, desmaie de novo e acorde de verdade dessa vez. Depois, vá até o seu computador. Tente escrever. Tente escrever melhor. E pare de beber tanto. Beber tem efeitos estranhos na sua cabeça.

NICK assente e depois desmaia. FINN e sua tripulação de camisas-vermelhas desaparecem (creio eu).

E daí eu acordo.

E daí eu vou lá e ligo meu laptop.

E daí escrevo trinta páginas do *melhor roteiro do cacete* que já escrevi para o programa.

E daí eu capoto, porque ainda estou meio bêbado.

E agora estou acordado novamente, de ressaca e escrevendo isso aqui aos prantos porque estou conseguindo escrever de novo.

\* \* \*

E é aqui que termino o blog. Cumpriu seu papel, me tirou de um bloqueio criativo. Agora tenho roteiros para escrever e roteiristas para supervisionar e um programa para participar. É hora de voltar à ativa.

Alguns de você me perguntaram: isso é mesmo um *hoax*, uma farsa internética? Eu tive mesmo um bloqueio criativo ou isso foi só um exercício em esquemas alternativos de criatividade, um projeto secundário esquisito de alguém que escreve muitas páginas sobre lasers, explosões e alienígenas? E será que meus personagens vieram mesmo para o mundo real?

Bem, pensem nisso. Eu vendo ficção. Eu vendo ficção científica. Eu invento merdas estranhas o tempo todo. Qual é a explicação mais lógica num caso como esse: mais ficção, ou tudo no blog ser realmente real, ter realmente acontecido?

Você sabe qual é a resposta mais lógica.

Agora, pergunte a si mesmo se acredita nela.

Pense nisso e me escreva.

Até lá: tchau, Internet.

Nick Weinstein, roteirista-sênior

*Crônicas da Intrepid*

# **CODA II: Segunda pessoa**

Você já deve ter ouvido por aí que pessoas que sofrem acidentes horríveis em geral não se lembram do ocorrido – o acidente arranca delas a memória de curta duração –, mas você se lembra muito bem do seu. Lembra-se da chuva que deixou as estradas escorregadias e de você reduzindo a velocidade por isso. Você se lembra da BMW passando no sinal vermelho e do motorista ao celular, gritando, e você sabe que ele não estava gritando por sua causa, porque nunca olhou na sua direção e não viu sua motocicleta ali antes que ela se espatifasse no para-lama dele.

Você se lembra de voar e de curtir aqueles brevíssimos segundos – a sensação surpreendente do voo! – até seu cérebro ter tempo suficiente para processar o que estava acontecendo e enfiar você no banho de água fria do medo antes de bater a cabeça e o capacete no asfalto. Sentir o corpo se retorcer de jeitos que corpos humanos não deveriam fazer e ouvir coisas dentro do corpo estalarem e pipocarem de maneiras que não imaginava que podiam estalar e pipocar. Sentir o visor do capacete voar longe e o asfalto passar e raspar a fibra de vidro – ou a fibra de carbono, ou fosse lá do que aquele capacete era feito – a um centímetro do próprio rosto.

Retorcer, espocar, estalar, raspar, e depois parar. Depois o mundo todo fica reduzido ao que você consegue ver pelo enquadramento do capacete arruinado, em grande parte com o rosto virado para o asfalto. Ocorrem dois pensamentos a você nesse instante: primeiro, a percepção de que você deve estar em choque, porque não consegue sentir nenhuma dor; segundo que, pela câimbra no pescoço, você tem uma suspeita crescente de que seu corpo aterrissou de tal forma que as pernas estão encolhidas embaixo do



próprio corpo e de que a bunda aponta direto para o céu. O fato de que seu cérebro está mais preocupado com a posição de sua bunda do que com a capacidade geral de sentir qualquer coisa serve apenas para confirmar a teoria do choque.

Em seguida, você ouve uma voz gritando com você; é o motorista da BMW, enfurecido com o estado de seu para-lama. Você tenta olhar para ele, mas não consegue mover a cabeça, só consegue dar uma olhada nos sapatos dele. Eram do tipo de couro preto ambicioso e preocupado com o status, que faz com que você adivinhe que o cara trabalha na indústria do entretenimento. Se bem que, verdade seja dita, não são apenas os sapatos que lhe dizem isso; tem também o fato de esse babaca ter furado o sinal vermelho com a própria BMW porque estava berrando ao telefone e ter ficado louco de raiva com você por ter tido a ousadia de danificar o carro dele.

Você se pergunta, por um instante, se o imbecil conhece o seu pai antes de os ferimentos finalmente lhe vencerem e tudo sair de foco, com o agente ou advogado de entretenimento ou fosse lá quem estivesse ali aos berros gritando cada vez mais baixo até virar um murmúrio chiado que fica cada vez mais relaxado e suave enquanto você tenta acompanhar.

O seu acidente foi assim, e você se lembra dele no que considera detalhes absolutamente terríveis. Está tão claro em sua mente como um episódio passado de um dos programas televisivos de seu pai, preservado em alta definição num disco Blu-ray. Nesse momento, você inclusive acrescenta uma faixa de comentários nele, fazendo apartes para si mesmo enquanto analisa, na cabeça, a sua motocicleta, a BMW, o motorista (que acabou se revelando um advogado de entretenimento e que foi sentenciado a duas semanas na prisão distrital e trezentas horas de serviços comunitários pela terceira violação da lei californiana que proíbe dirigir enquanto

segura um telefone celular) e seu voo breve, em arco, da motocicleta ao asfalto. Não poderia se lembrar disso de forma mais clara.

O que não consegue lembrar é o que veio depois disso e como foi que você acordou, deitado em sua cama, totalmente vestido, sem um arranhão no corpo algumas semanas depois.

E isso começa a incomodá-lo.

\* \* \*

– Você está com amnésia – disse seu pai, quando vocês conversaram pela primeira vez sobre isso. – Não é difícil acontecer depois de um acidente. Quando eu tinha sete anos, sofri um acidente de carro. Não me lembro de nada. Em um minuto eu estava no carro, indo visitar sua bisavó, e no momento seguinte eu estava na cama de um hospital com um gesso e minha mãe ao meu lado com um pote de sorvete.

– Você acordou no dia seguinte – você disse ao seu pai. – Meu acidente foi há semanas. Mas eu só acordei faz poucos dias.

– Não é verdade. Você acordou antes disso. Estava acordado, falando e conversando. Só não se lembra de ter feito tudo isso.

– É disso que estou falando. Não é como se fosse um apagão depois de um acidente. É uma questão de perda de memória de várias semanas depois do que aconteceu.

– Você caiu *de cabeça*. Caiu de cabeça depois de voar pelos ares a setenta quilômetros por hora. Mesmo no melhor cenário, como foi o seu, deixaria alguma sequela duradoura, Matthew. Não me surpreende que você tenha perdido algumas lembranças.

– Não são *algumas*, pai. Todas elas. Tudo desde o acidente até quando acordei com você, mamãe, Candace e Rennie em cima de mim.

– Eu já disse, você tinha desmaiado – insistiu seu pai. – Ficamos preocupados.

– Então, eu desmaio e depois acordo sem uma única lembrança da última semana. Você entende por que estou preocupado com isso?

– Você quer que eu marque uma ressonância para você? Posso fazer isso. Peço que os médicos procurem quaisquer outros sinais de trauma cerebral.

– Acho que seria a melhor coisa a se fazer, não acha? Olha só, pai, eu não quero parecer paranoico demais com isso, mas perder semanas de vida me incomoda. Quero ter certeza de que não vou perder mais nada. Não é uma sensação confortável acordar e ter uma grande lacuna em minhas lembranças.

– Não, Matt, eu entendi. Vou pedir que Brenda marque o mais rápido que puder. Está bem?

– Tudo bem.

– Mas, nesse meio tempo, não quero que se preocupe demais com isso – pediu seu pai. – Os médicos nos disseram que você provavelmente teria ao menos alguns episódios como esse. Então é normal.

– Normal não é bem a palavra que eu usaria.

– Normal no contexto de um acidente de moto – completou seu pai. – Normal do jeito que as coisas são.

– Não gosto desse novo “normal”.

– Posso pensar em piores – advertiu seu pai, e fez aquilo que estava fazendo nos últimos dias, quando olhava como se estivesse prestes a perder o controle e começar a chorar abraçado a você.

\* \* \*

Enquanto você espera pela ressonância magnética, repassa o roteiro que recebeu de um episódio de *Crônicas da Intrepid*. A boa notícia para você é que seu personagem terá um papel central nos acontecimentos. A má notícia é que você não tem nenhuma fala e passa o episódio inteiro deitado em uma maca fingindo estar inconsciente.

– Não é verdade – dissera Nick Weinstein depois de você apontar esses fatos para ele. Ele havia passado na sua casa com as revisões, e você desconfiava que outros figurantes não recebiam esse tipo de serviço do roteirista-chefe da série. – Olha só... – e folheou as páginas finais do roteiro. – ... aqui você está consciente.

– O tripulante Hester abre os olhos, olha ao redor – disse você, lendo as rubricas do roteiro.

– Isso é consciência – confirmou Weinstein.

– Se você está dizendo.

– Eu sei que não é muito – disse Weinstein. – Mas não quero sobrecarregar você em seu primeiro episódio depois de voltar.

*Você conseguiu*, disse a si mesmo, folheando o roteiro na sala de espera da ressonância e relendo as cenas em que você não faz muita coisa além de ficar deitado. O episódio é cheio de ação – o tenente Kerensky em especial tem um bom tempo de tela, pilotando naves e correndo por corredores explodindo, enquanto camisas-vermelhas são empalados pelo cenário desmoronando ao redor dele –, mas faz menos sentido do que o normal para a *Intrepid*, o que é bastante significativo. Weinstein não é ruim com diálogos e mantém as coisas em movimento, mas nem ele, tampouco ninguém de sua equipe de roteiristas parece muito em posse da trama. Você tem uma grave suspeita de que, se soubesse mais sobre o gênero de ficção científica para televisão, provavelmente poderia identificar

todas as cenas que Weinstein e seus camaradas usaram de outras séries.

*Ei, isso pagou sua faculdade, uma parte de seu cérebro disse. Sem mencionar essa ressonância magnética.*

Certo, você pensou. Mas é bem razoável querer que os negócios da família façam algo além de um produto de entretenimento criado de forma descerebrada, sem distinção com qualquer outro tipo de produto de entretenimento criado de forma descerebrada. Se isso for tudo que estão fazendo, então sua família também poderia estar produzindo ganchos de plástico para pendurar casaco.

– Matthew Paulson? – perguntou o técnico da ressonância. Você ergueu os olhos. – Está tudo pronto, é sua vez.

Você entra na sala onde está a máquina de ressonância magnética, e o técnico aponta onde você pode botar uma camisola de hospital e deixar suas roupas e seus pertences. Nada de metal pode estar na mesma sala que a máquina. Você se despe, veste a camisola e, em seguida, entra na sala, enquanto o técnico verifica suas informações.

– Tudo bem, você já esteve aqui antes, então sabe como funciona, certo? – perguntou o técnico.

– Na verdade, não me lembro de ter estado aqui – disse você. – É por isso que estou aqui agora.

O técnico repassou as informações de novo e enrubesceu um pouco.

– Desculpe – disse ele. – Eu não costumo ser tão idiota assim.

– Quando foi a última vez que eu estive aqui?

– Pouco mais de uma semana atrás – disse o técnico e, em seguida, franziu a testa, lendo as informações de novo. – Bem, talvez – falou depois de um minuto. – Acho que suas informações podem ter se misturado com a de outra pessoa.

– Por que acha isso?

O técnico ergue os olhos para você.

– Vou dar uma segurada nessa resposta um pouco – disse ele. – Se tiverem *misturado* mesmo, o que tenho quase certeza, não quero tomar uma bronca por compartilhar informações de outro paciente.

– Tudo bem. Mas se forem minhas informações, você me avisa.

– Claro – respondeu o técnico. – Afinal, são suas informações. Agora vamos nos concentrar nesta sessão, está bem?

E, com a frase, apontou a mesa para você se deitar e depois deslizou sua cabeça e corpo em um tubo claustrofóbico.

\* \* \*

– Então, o que acha que o técnico estava olhando? – Sandra lhe perguntou quando estavam em um almoço no P. F. Chang's. Não era o seu lugar favorito, mas ela sempre teve uma queda por ele, por motivos além da compreensão, e você ainda tem uma queda por ela. Vocês se encontraram na frente do restaurante, na primeira vez que você a viu desde o acidente, e ela chorou em seu ombro, abraçando você, antes de se afastar e dar um tapinha na sua cara de brincadeira por não ter ligado para ela antes. Então, vocês entraram para almoçar em uma franquia de *fusion cuisine* cara.

– Não sei. Queria dar uma olhada, mas depois da ressonância, ele disse para eu me vestir e que ligariam com os resultados. Saiu antes de eu conseguir vestir as calças.

– Mas, o que quer que fosse, não era bom – falou Sandra.

– O que quer que fosse, não acho que era para eu estar andando e falando. Especialmente uma semana atrás.

– Erros de prontuário médico acontecem. Meu escritório faz um bom dinheiro com eles. – Ela estava no primeiro ano da Faculdade

de Direito da UCLA e fazia estágio em um daqueles escritórios que se especializam em ações médicas coletivas.

– Talvez.

– O que foi? – perguntou Sandra, depois de um minuto olhando para o seu rosto. – Não acha que seus pais estão mentindo para você, acha?

– Você consegue se lembrar de alguma coisa? De mim depois do acidente?

– Seus pais não deixaram nenhum de nós ver você – disse Sandra, e seu rosto ficou tenso, do jeito que fazia quando estava segurando a língua para não dizer algo de que se arrependeria depois. – Eles nem nos ligaram – falou depois de um segundo. – Descobri porque Khamal me encaminhou a notícia do *L.A. Times* no Facebook.

– Teve notícia? – perguntou você, surpreso.

– Teve. Não era sobre você. Era sobre o babaca que furou o sinal vermelho. É sócio no Wickcomb Lassen Jenkins & Bing. Consultor jurídico externo de metade dos estúdios.

– Preciso encontrar essa notícia.

– Eu te mando.

– Obrigado.

– Fiquei chateada por ter descoberto que você havia sofrido um acidente quase fatal pelo *Los Angeles Times*. Acho que sou mais próxima de você que isso.

– Minha mãe parou de gostar de você depois que você partiu meu coração.

– Estávamos no segundo ano do ensino médio – disse Sandra. – E você superou. Bem rápido, inclusive, pois estava todo caidinho pela Jenna uma semana depois.

– Talvez – respondeu você. A situação com Jenna, como você havia se lembrado, fora problematicamente problemática.

– De qualquer modo, mesmo que ela ou o seu pai não me contassem, eles podiam ter contado para Naren. É um de seus melhores amigos. Ou para o Kel. Ou para a Gwen. E assim que descobrimos, não deixaram nenhum de nós ver você. Disseram que não queriam que víssemos você daquele jeito.

– Disseram isso mesmo para vocês?

Sandra ficou em silêncio por um instante.

– Não disseram com todas as palavras, mas o subtexto era esse. Não quiseram que víssemos você naquela situação. Não queriam que tivéssemos uma lembrança sua daquele jeito. Naren foi quem pressionou mais, sabe... já estava pronto para voltar de Princeton e montar acampamento na porta da sua casa até que deixassem ele te ver. E aí você melhorou.

Você sorriu, lembrando-se da conversa atropelada que tiveram quando ligou para ele para avisar que estava tudo bem. E depois você parou de sorrir.

– Isso não faz o menor sentido.

– O que, especificamente?

– Meu pai me disse que eu me recuperei e fiquei acordado por dias antes de recuperar minha memória. Que eu estava agindo normalmente durante esse tempo todo.

– Certo.

– Então por que não liguei para vocês? A gente conversa e se vê bastante toda vez que estou na cidade. Por que não liguei para Naren? Falo com ele dia sim, dia não. Por que não atualizei o Facebook nem mandei nenhuma mensagem? Por que não falei para ninguém que eu estava bem? Foi a primeira coisa que fiz quando *recuperei* minha memória.



Sandra abriu a boca para responder, mas em seguida a fechou, refletindo.

– Você tem razão, não faz sentido. Você teria ligado ou mandado mensagem, porque a gente teria matado você se não tivesse dado sinal de vida por algum outro motivo além da falta de memória.

– Exatamente.

– Então, você *acha* que seus pais estão mentindo?

– Talvez.

– E acha que, de alguma forma, isso tem relação com seu prontuário médico, que mostra algo esquisito.

– Talvez.

– Que relação você acha que tem?

– Não faço a menor ideia.

– Sabe que, por lei, você tem direito de olhar seu prontuário médico. Se você acha que é algo médico, é o lugar mais óbvio para se começar.

– Quanto tempo isso leva?

– Se for ao hospital e solicitar? Vão fazer você preencher um formulário de solicitação e depois enviar tudo para um arquivo, onde vai ser fuçado por várias mãos durante vários dias antes de darem um resumo de seu prontuário – explicou ela. – Que pode ou não ser útil em qualquer sentido importante.

– Você está sorrindo, então suponho que haja uma Opção B.

Sandra, que estava mesmo sorrindo, pegou o telefone e fez uma ligação, falando com uma voz clara e entusiasmada com a pessoa do outro lado da linha, passando seu nome e parando apenas para pegar o nome do hospital. Depois de mais um minuto, ela desligou.

– Quem era? – você perguntou.

– Às vezes, a empresa em que faço estágio precisa obter informações com mais agilidade do que o procedimento jurídico

permite – disse Sandra. – Esse é o cara que usamos para conseguir. Ele tem infiltrados em todos os hospitais, de Escondido a Santa Cruz. Você vai ter seu prontuário na hora do jantar.

– Como você sabe desse cara?

– Você acha mesmo que um dos *sócios* do escritório de advocacia vai ser flagrado com o número desse cara na lista de contatos? – perguntou Sandra. – É sempre trabalho do estagiário cuidar dessas coisas. Assim, se a empresa for pega, podem negar conhecimento. Culpar a estudante de direito superambiciosa e estúpida. É brilhante.

– Só não é brilhante para você, se o cara for pego.

Sandra deu de ombros.

– Eu sobreviveria – disse Sandra.

Você se lembrou de que o pai de Sandra vendera a empresa de softwares para a Microsoft no final dos anos 1990 por 3,6 bilhões de dólares e embolsara essa grana antes de a bolha da Internet estourar. Em certo sentido, a escola de direito era uma espécie de passatempo para ela.

Sandra observou o olhar estranho em seu rosto.

– Que foi? – perguntou ela, sorridente.

– Nada. Só estou pensando sobre estilo de vida de ricos e mimados sem mérito.

– Melhor você se incluir nesse pensamento, senhor “Eu-mudei-minha-habilitação-oito-vezes-na-faculdade-e-ainda-não-sei-o-que-quero-fazer-da-minha-vida-triste-e-desgraçada” – disse Sandra. – Não estou tão feliz em ver você vivo a ponto de não te matar.

– Eu me incluo.

– Você foi o pior de todos. Eu só mudei minha habilitação quatro vezes.

– E depois tirou alguns anos por aí vagabundeando antes de começar a faculdade de direito.

– Fundei uma *start-up*. Papai ficou muito orgulho de mim.  
Você não disse nada, sorrindo.

– Tudo bem, ótimo, eu fundei uma *start-up* com investidores-anjos, que eram meu pai e os amigos dele, e depois me autoproclamei a “porta-voz”, enquanto os outros trabalhavam de verdade – disse Sandra. – Espero que você esteja feliz agora.

– Estou.

– Mas ainda assim, era *alguma coisa*. E agora estou fazendo outra coisa. Passear pela faculdade não adiantou em nada para você. Só porque você nunca teve de fazer nada da vida não significa que não *deveria* fazer nada da vida. Nós dois conhecemos pessoas assim. Não é legal.

– Verdade.

– E você sabe o que quer fazer da vida agora?

– A primeira coisa que quero fazer é descobrir o que está acontecendo comigo nesse momento. Até lá, não sinto que vou ter recuperado minha vida. Não sinto nem mesmo que essa é a minha vida de verdade.

\* \* \*

Você estava na frente do espelho, nu, não porque é narcisista, mas porque está surtando. Em seu iPad está o prontuário médico que o contato da Sandra conseguiu para você, inclusive os registros do acidente de carro. O prontuário inclui fotos suas no hospital, quando estava sendo preparado para a cirurgia, e as imagens que tiraram de seu cérebro depois que o estabilizaram.

A lista de coisas que foram quebradas, perfuradas ou rasgadas em seu corpo parece um teste de anatomia do ensino médio. As imagens de seu corpo parecem as dos manequins que a equipe de efeitos especiais de seu pai espalhava no chão nos filmes de terror

baratos que ele produzia quando você era criança. Não havia maneira, pelo jeito que você quase morreu e pelo que tiveram de fazer para mantê-lo vivo, de que seu corpo, *naquele momento*, fosse menos que uma colcha de retalhos de cicatrizes, hematomas e cortes estagnado em uma cama com tubos e/ou cateteres em todos os orifícios possíveis.

Você estava na frente do espelho, nu, e não havia nenhum arranhão em seu corpo.

Ah, havia algumas coisas. Havia a cicatriz nas costas de sua mão esquerda, que celebrava o momento em que você, com treze anos, voou por cima do guidão da bicicleta. Havia uma marca de queimadura pequena, quase imperceptível, embaixo do lábio inferior, de quando você tinha dezesseis e se inclinou para beijar Jenna Fischmann no exato momento em que ela estava levando um cigarro à boca. Havia aquela pequena marca de incisão da apendicectomia laparoscópica pela qual passou dezoito meses antes; você precisou se inclinar para a frente e abrir os pelos pubianos para vê-la. Cada pequeno registro de ferimentos relativamente mínimos que você infligiu em seu corpo antes do acidente estava lá para você anotar e marcar.

Mas não havia absolutamente nada relacionado ao acidente.

As lesões que arrancaram grande parte da pele do braço direito: sumiram. A cicatriz, que marcaria onde a tíbia rasgou a superfície da perna esquerda: desapareceu. As escoriações na parte superior e inferior do abdômen, onde suas costelas estalaram e quebraram rasgando músculos e vasos sanguíneos dentro de você: nem sinal de que tenham existido.

Você passou grande parte de uma hora na frente do espelho olhando o prontuário médico em busca de incidentes específicos de trauma e depois olhando de volta ao espelho, buscando provas do

que estava escrito lá. Não havia nenhuma. Você tem o tipo de saúde imaculada que apenas alguém com vinte e poucos anos pode ter. É como se o acidente nunca houvesse acontecido ou, no mínimo, nunca tivesse acontecido com você.

Você pegou o iPad e desligou, fazendo um esforço especial para não abrir as imagens de sua última ressonância completa, com a anotação por escrito do técnico (“Sério, que porra é essa?”), porque a distância entre o que a série anterior de ressonâncias trazia sobre seu cérebro e o que as novas diziam é como a distância entre as praias da Espanha e costa leste dos Estados Unidos. A ressonância magnética anterior indicava que seu futuro seria bem melhor como doador de órgãos. A ressonância atual mostrava um cérebro perfeitamente saudável em um corpo perfeitamente saudável.

Havia uma palavra para essa situação.

– Impossível – você disse a si mesmo, olhando para a sua imagem no espelho, porque duvidava que, naquele momento, outra pessoa diria isso para você. – Porra, isso é muito impossível.

Você olha ao redor do quarto, tentando vê-lo como se fosse um estranho. É maior do que o primeiro apartamento de muita gente e cheio de lembranças dos últimos anos de sua vida e das várias mudanças de curso que você teve, tentando descobrir o que deveria fazer consigo mesmo. Na mesa, seu laptop, comprado para escrever roteiros, mas usado basicamente para ler atualizações do Facebook de amigos distantes. Nas prateleiras, uma pilha de livros de antropologia que são um testemunho de uma formação que você sabia que nunca usaria, mesmo quando estava estudando para terminá-la; uma tática de atraso para evitar encarar o fato de que não sabia o que diabos estava fazendo.

No criado-mudo estava a Nikon DSLR que sua mãe lhe dera de presente quando você disse que estava pensando em fotografia;

usou-a cerca de uma semana e depois a deixou em uma prateleira e nunca mais tocou nela. Ao lado da câmera, o roteiro de *Crônicas da Intrepid*, prova de seu último feito, experimentar o mundo da atuação para ver se poderia ser para você.

Como a escrita de roteiros, a antropologia e a fotografia, não é. Você sabe disso. Mas como todo o restante, houve um período entre quando descobriu esse fato e quando pôde sair graciosamente dele. Com a antropologia, foi quando se formou. Com a escrita de roteiros, foi em uma reunião sem propósito com um agente que lhe dera vinte minutos de atenção como favor ao seu pai. Com a atuação, era fazendo este episódio do programa e depois prestando uma reverência para depois voltar a esse quarto para descobrir qual seria a próxima empreitada.

Você voltou para o espelho e se olhou mais uma vez, nu, imaculado, e imaginou se teria sido mais útil ao mundo sendo doador de órgãos do que era agora: perfeitamente saudável, perfeitamente confortável e perfeitamente inútil.

\* \* \*

Você está deitado na maca do estúdio de *Crônicas da Intrepid*, esperando que a equipe se reposicione para rodar mais uma cena, e vai se sentindo cada vez mais desconfortável. Parte disso se deve à maquiagem, que foi pensada para fazer com que parecesse pálido, suado e ferido, exigindo aplicação constante de um tipo de glicerina que fazia você sentir como se estivesse sendo coberto periodicamente por lubrificante íntimo. Parte se deve aos dois dos outros atores terem ficado o tempo todo encarando você.

Um deles é figurante como você, um cara chamado Brian Abnett, e você o ignorou porque sabia que era de conhecimento público no estúdio que você é filho do produtor, e sabia que existe certo tipo de

ator de desempenho fraco que amaria conquistar a sua amizade, pensando que isso melhoraria a própria condição, uma espécie de "entrada na turma". Você sabia o que ele queria e não é algo com que queria lidar.

Mas o outro era Marc Corey, que era uma das estrelas do programa. Já tinha uma relação perfeitamente boa com seu pai, então não precisava que você desse aquele empurrão na carreira dele, e o que sabia sobre ele pelo Gawker, pelo TMZ e por comentários ocasionais de seu pai sugeria que não era o tipo de pessoa que estaria perdendo seu tempo tão, tão precioso com você. Então, o fato de ele não conseguir tirar o olho de você é desconcertante.

Você passa várias horas fingindo ser um paciente em coma enquanto Corey e um elenco de figurantes rodeiam sua maca durante um ataque simulado à nave, correm com ela por vários cenários de corredor e a manobram em um set de enfermaria, onde outros figurantes, com roupas de equipe médica, fingem enfiar várias agulhas espaciais e agitar engenhocas falsas sobre você como se tentassem diagnosticar sua situação. Às vezes você abre um olho para ver se Abnett ou Corey ainda o estão encarando. Um ou o outro sempre estava encarando. A única cena em que você atua de verdade o mostra abrindo os olhos, como se saísse de um episódio de inconsciência. Dessa vez, os dois o encaram. Isso estava no roteiro. Você ainda se pergunta se algum deles ou os dois estavam pensando em dar em cima de você depois de terminar as gravações daquele dia.

O dia terminou, você tirou o KY e a maquiagem de escoriação do corpo, formalmente encerrando sua carreira de ator para sempre. Na saída, viu Abnett e Corey conversando. Por algum motivo que não

conseguiu explicar totalmente a si mesmo, mudou de direção e seguiu na direção dos dois.

– Matt – disse Marc, quando você se aproximou.

– O que está acontecendo? – você pergunta em um tom que deixa claro que a frase não era um cumprimento casual, mas uma pergunta genuína.

– Como assim?

– Vocês dois ficaram me encarando o dia todo – você responde.

– Bom, sim – disse Brian Abnett. – Você estava interpretando um personagem em coma. Ficamos levando você para lá e para cá em cima de uma maca o dia todo. Isso exigiu que olhássemos para você.

– Me poupe – disse você para Abnett. – Me digam o que está acontecendo.

Marc abriu a boca para dizer algo e depois a fechou e virou-se para Abnett.

– Eu ainda preciso trabalhar aqui depois de hoje – disse ele.

Abnett sorriu, irônico.

– Então vou ser o camisa-vermelha desta vez – disse ele para Marc.

– Não é bem assim – disse Marc. – Ele precisa saber.

– Não, eu concordo – disse Abnett. Deu um tapinha no ombro do colega. – Eu cuido disso, Marc.

– Obrigado – disse Marc, e virou-se para você. – Bom ver você, Matt. De verdade.

Ele se afastou rapidamente.

– Não tenho ideia do que está acontecendo – você disse a Abnett depois de Marc ir embora. – Tenho certeza de que ele nunca sequer pensou em mim antes de hoje.



– Como você está se sentindo, Matt? – perguntou Abnett, sem responder diretamente para você.

– Como assim?

– Acho que você sabe o que quero dizer – disse Abnett. – Está se sentindo bem? Saudável? Como um novo homem?

Você sente um arrepio com o último comentário.

– Você sabe – disse.

– Sei – confirmou Abnett. – E agora eu sei que você sabe também. Ou ao menos sabe de alguma coisa.

– Não acho que eu saiba mais do que você.

Abnett olhou para você.

– Não, provavelmente não. Nesse caso, acho que você e eu precisamos sair daqui e ir para algum lugar para tomar umas. Talvez muitas.

\* \* \*

Você voltou ao seu quarto tarde da noite e ficou no meio do cômodo, procurando algo. Procurando a mensagem que foi deixada para você.

– Hester deixou uma mensagem para você – disse Abnett, depois de ter explicado tudo o que havia acontecido, todas aquelas impossibilidades. – Não sei onde está, porque ele não me disse. Falou com Kerensky, que falou com Marc, que contou pra mim. Marc diz que está em algum lugar no seu quarto, em algum lugar que talvez você encontre, mas ninguém mais iria olhar... e um lugar no qual você não olharia, a menos que estivesse procurando.

– Por que faria isso? – você perguntou a Abnett.

– Não sei. Talvez imaginasse que havia uma possibilidade de você não perceber de verdade. E se não percebesse, qual seria o objetivo de contar? Provavelmente não acreditaria. Eu mal acredito, e eu

conheci o meu personagem. Posso dizer que *isso* foi bem esquisito. Você não conheceu o seu. Poderia muito bem duvidar.

Você não duvidou. Tinha provas físicas. Tinha você mesmo.

Foi primeiro até o computador e revirou as pastas, buscando por documentos que tivessem títulos que você não se lembrasse de ter dado. Como não encontrou nenhum, rearranjou as pastas para que pudesse procurar arquivos criados desde o seu acidente. Não havia nenhum. Verificou sua fila de e-mails para ver se havia algum e-mail seu. Nada. Sua página no Facebook estava entupida de mensagens de amigos do colégio, faculdade e pós-graduação, que souberam que você havia se recuperado do acidente. Nada de si mesmo, nenhuma foto nova postada em seus álbuns. Nenhum rastro de você deixando uma mensagem para si.

Você se levantou da mesa e girou, examinando o quarto. Foi até as prateleiras. Tirou de lá os cadernos em branco que havia comprado na época em que decidiu ser roteirista para poder anotar pensamentos e usá-los mais tarde em suas obras-primas. Folheou todos. Estavam tão em branco como antes. Pôs todos de volta na prateleira e, em seguida, correu os olhos por sobre os cadernos de recordação da escola. Tirou-os de lá, remexendo na poeira da estante, e os abriu, procurando uma nova inscrição entre aquelas que já existiam. Não havia nenhuma. Devolveu-os à estante e, quando o fez, notou outro ponto na prateleira onde a poeira deixara uma marca, mas não no formato de um livro.

Olhou para o formato da poeira por um minuto e depois virou-se, foi até o criado-mudo e pegou a câmera. Abriu a tampa do cartão de memória, tirou-o, levou-o até o computador e abriu a pasta de fotos, organizando-a para que pudesse ver os arquivos de imagem por data.

Havia três novos arquivos feitos desde o seu acidente. Uma foto e dois arquivos de vídeo.

A imagem era das pernas e dos sapatos de alguém. Você sorriu. O primeiro vídeo consistia em alguém fazendo uma panorâmica do quarto com a câmera, balançando para lá e para cá, como se estivesse tentando imaginar como a coisa funcionava.

O terceiro vídeo era sobre você. Nele, seu rosto aparecia, seguido por uma balançada louca enquanto você abaixava a câmera e a apoiava de forma que estivesse enquadrado. Estava se sentando. O autofoco zumbiu para a frente e para trás por um segundo e depois estabilizou, enquadrando-o bem.

– Oi, Matthew – disse você no vídeo. – Sou Jasper Hester. Sou você. Mais ou menos. Passei alguns dias com a sua família, falando com eles sobre você, e eles me disseram que você não toca nesta câmera faz um ano, então imagino ser o lugar perfeito para deixar uma mensagem. Se você acordar e tocar sua vida, então nunca vai descobrir esse vídeo e nada vai acontecer. Mas se encontrar, imagino que seja porque estava procurando. Se estiver procurando, então imagino que uma entre duas coisas aconteceu. Ou você descobriu algo estranho e ninguém disse nada para você, ou disseram e você não acredita. Se for a primeira dessas coisas, então, não, você não está louco ou teve algum tipo de colapso psicótico maluco em sua vida. Não teve um derrame. Teve uma lesão séria no cérebro, mas não no corpo em que está agora. Então não se preocupe. Você também não teve amnésia. Não tem nenhuma lembrança disso porque não estava aqui. Acho que é bem simples. Se contaram o que aconteceu e você não acredita, felizmente esse vídeo vai convencê-lo. E, se não convencer, bem, não sei o que lhe dizer, então. Acredite no que quiser. Mas, nesse meio tempo, permita que eu diga umas coisas.

No vídeo, Hester, que não era você, mas também era, correu os dedos pelos cabelos e olhou para o lado, como se tentasse imaginar o que dizer em seguida.

– Tudo bem, o que eu quero dizer é o seguinte: acho que eu existo porque você existe. De alguma forma, de alguma maneira que nem eu poderia tentar explicar de modo que fizesse algum sentido, acredito que no dia em que você pediu ao seu pai para tentar atuar no programa dele... naquele dia, algo aconteceu. Algo aconteceu que fez com que, no universo em que vivo, eventos girassem e se revirassem e fizessem o que fosse preciso para que eu nascesse e passasse uma vida da qual você poderia ser parte, como eu, como um personagem fictício em seu mundo. Não sei como isso funciona ou por que, mas é assim. É simplesmente assim. Nossas vidas estão entrelaçadas, porque somos meio que a mesma pessoa, com apenas um universo e alguns séculos de distância. Por isso, acho que posso fazer a pergunta que vem a seguir: honestamente, Matthew, que *porra* estamos fazendo da nossa vida? Conversei com a sua família sobre você, sabe? Eles amam você. Todos amam. Amam você e, quando você se acidentou, foi como se alguém viesse e desse uma punhalada no coração deles. É incrível o quanto eles te amam. Mas, e lembrando que posso dizer isso a você porque você sou eu, percebo que eles acham que você precisa começar a tirar a bunda da cadeira. Falam sobre como você tem vários interesses e sobre como está esperando aquela coisa que vá ajudar você a alcançar o seu potencial, e tudo o que ouço é o que eles relutam em dizer: você precisa crescer. Sei disso porque sou assim também. Claro que sou assim, eu sou *você*. Fiquei vadiando por muitos anos, Matthew. Entrei na frota da União Universal não porque fui esforçado, mas porque não sabia o que fazer da vida. E eu imaginava que, enquanto não soubesse o que queria fazer da vida, talvez pudesse dar uma

passada pelo universo, certo? Mas, mesmo nessa época, sempre fiz o mínimo possível do que precisava fazer. Não havia mesmo muito motivo para fazer mais. Isso foi ruim. Para ser honesto, pensei que estivesse sendo bem esperto. Eu me dava bem do meu jeito. Mas daí cheguei aqui e vi você, com morte cerebral e com tubos saindo de todos os lugares do corpo. E percebi que não estava me dando bem coisa nenhuma. Como você também não se deu bem. Você simplesmente nasceu, vagabundeou um bocado por aí, foi atingido por um carro e morreu, e essa é a história inteira de sua vida, bem aí. Você não vence tendo passado a vida inteira sem ter feito nada.

Em silêncio, você mantinha os olhos atentos em Hester.

– Matthew, se você estiver assistindo a este vídeo agora é porque finalmente um de nós fez algo de útil com a vida. E fui eu. Decidi salvar a sua vida. Troquei de corpo com você porque acho que, do jeito que as coisas funcionam, vou sobreviver no meu mundo em seu corpo todo ferrado e você vai sobreviver no meu. Se eu estiver errado e nós dois morrermos, ou você sobreviver e eu morrer, então eu terei morrido tentando salvá-lo. E sim, isso é uma merda para mim, mas minha expectativa de vida na série de seu pai não era tão grande, para começo de conversa. E, considerando tudo isso, essa era uma das melhores maneiras que eu poderia morrer. Mas vou revelar um segredo para você. Acho que vai funcionar. Não me pergunte por quê. Caramba, não me pergunte sobre *nada* dessa situação. Só tenho impressão de que vai funcionar. Se funcionar, tem apenas uma coisa que quero de você. Que você faça alguma coisa. Pare de vagar pela vida. Pare de tentar coisas até se entediar com elas. Pare de esperar por “aquela” coisa especial. É estupidez. Você está perdendo tempo. Você quase desperdiçou todo o seu tempo. Teve sorte de eu estar por perto, mas tenho a impressão de que não seja algo que faremos duas vezes. Vou fazer a mesma coisa. Vou

parar de vaguear, Matthew. Nossa vida é arbitrária e esquisita, mas se eu conseguir passar por isso... se eu e todos os meus amigos da *Intrepid* conseguirmos passar por isso, vamos ter uma oportunidade que ninguém em nosso universo jamais teve: uma chance de criar nosso próprio destino. E eu vou agarrar essa chance. Ainda não sei como. Mas não vou falhar. Não falhe também, Matthew. Não espero que você já saiba o que fazer da vida. Mas espero que você descubra. Acho que é um pedido justo da minha parte, considerando a situação das coisas. Bem-vindo a sua nova vida, Matthew. Não cague tudo desta vez.

Hester estendeu a mão e desligou a câmera.

Você fechou a janela de vídeo e abaixou a tampa do laptop. Virou-se e viu seu pai em pé, na porta do quarto.

– Não foi amnésia – disse ele. Seus olhos estavam marejados.

– Eu sei – respondeu você.

# **CODA III: Terceira pessoa**

Samantha Martinez senta-se diante do computador e assiste a um vídeo curto de uma mulher, que poderia ser ela, lendo um livro na praia. Trata-se da lua de mel da mulher, e o cinegrafista é o marido, usando uma câmera que os dois haviam ganhado de presente de casamento. O conteúdo do vídeo é extremamente desinteressante – um minuto da câmera aproximando-se da mulher, que ergue os olhos do livro, sorri, tenta ignorar a câmera por vários segundos e, em seguida, põe o livro de lado e encara a câmera. Um lugar que poderia ser o Píer de Santa Monica ou alguma versão dele para a uma distância curta do enquadramento.

– Deixe essa bobagem de lado e venha para a água comigo – diz a mulher para quem está gravando.

– Alguém vai levar a câmera – diz a voz do marido fora da câmera.

– Então, que levem – responde ela. – Tudo o que vão ter é um vídeo meu lendo um livro. Você vai ter a mim.

– Tem razão – diz o marido.

A mulher levanta-se, solta o livro, ajusta o biquíni e olha para o marido de novo.

– Você vem?

– Em um minuto – diz o marido. – Corra para a água. Se alguém roubar a câmera, quero que saiba o que está perdendo.

– Besta – diz a mulher, e, por um minuto, a câmera gira quando ela vai até o marido para beijá-lo. Depois, a imagem se estabiliza de novo e a câmera observa enquanto ela dá uma corridinha até a água. Quando chega lá, ela se vira e acena. A câmera desliga.



Samantha Martinez assiste ao vídeo mais três vezes antes de se levantar, pegar as chaves do carro e sair pela porta da frente de sua casa.

\* \* \*

– Samantha – diz Eleanor, acenando para chamar a atenção da irmã. – Está fazendo aquilo de novo.

– Desculpe – disse Samantha. – Aquilo o quê?

– Aquela coisa. Aquela coisa na qual, não importa o que outra pessoa esteja dizendo, você se desliga e encara a janela.

– Eu não estava encarando a janela.

– Estava desligada. A parte de encarar a janela não é muito importante.

As duas estão sentadas no P. F. Chang's de Burbank, que está vazio naquele começo de tarde a não ser por um jovem casal em uma mesa no outro extremo do restaurante. Eleanor e Samantha estão sentadas em uma mesa perto da grande fileira de janelas, que dá vista para uma estrutura de estacionamento de um shopping center.

De fato, Samantha não estava olhando a janela, mas o casal e a discussão dele. Mesmo a distância, consegue perceber que os dois não são um casal de verdade, embora pudessem ter sido no passado, e Samantha consegue ver que o jovem, ao menos, não se importaria se fossem de novo. Está inclinado na direção dela de um jeito quase imperceptível enquanto estão sentados, indicando que estaria disposto. A jovem não percebeu, ainda. Samantha imagina se algum dia ela vai perceber e se o jovem alguma vez vai chamar a atenção dela para esse fato.

– Samantha – diz Eleanor, com firmeza.

– Desculpe. – Samantha volta sua atenção para a irmã – Sério, El, desculpe. Não sei onde estou com a cabeça nesses últimos dias.

Eleanor se vira e olha para trás, vendo o casal na mesa.

– É alguém que você conheça?

– Não – responde Samantha. – Estou apenas observando a linguagem corporal. Ele gosta mais dela do que ela gosta dele.

– Hum... Talvez você devesse ir até lá dizer para ele não perder tempo.

– Ele não está perdendo tempo. Só não disse pra ela ainda o quanto ela é importante para ele. Se eu fosse contar alguma coisa para ele, é isso que diria. Para não esconder isso dela. A vida é curta demais para isso.

Eleanor encara a irmã, desconfiada.

– Está tudo bem, Sam?

– Estou bem, El.

– Porque o que você acabou de dizer é meio que uma fala saída de um personagem de filme do canal Lifetime, depois que ela descobre que tem câncer de mama.

Samantha dá uma gargalhada.

– Não tenho câncer de mama, El. Juro.

Eleanor sorri.

– Então, o que está acontecendo, mana?

– É difícil explicar.

– Nosso garçom não está com pressa. Me conta.

– Alguém me enviou um pacote. Tem fotos, vídeos e cartas de amor de um casal. Andei examinando essas coisas.

– Isso é lícito?

– Não acho que seja algo com que eu precise me preocupar.

– Por que alguém mandaria essas coisas para você? – pergunta Eleanor.

– Pensaram que talvez significasse algo para mim.  
– Cartas de amor de um casal aleatório?  
– O casal não é aleatório – diz Samantha, cuidadosamente. – Fazia sentido mandar tudo isso para mim. Só que é muita coisa para digerir.

– Tenho a impressão de que você está pulando um monte de detalhes aqui.

– Eu disse que era difícil de explicar.

– Então, como é fuçar na correspondência de outro casal?

– Triste. Estavam felizes e isso foi tirado deles.

– Que bom que foram felizes primeiro, então.

– Ei, você não imagina como a sua vida poderia ter sido diferente? – pergunta Samantha, mudando levemente de assunto. – Nem sequer imagina como seria se as coisas tivessem sido um pouco diferentes, se tivesse um trabalho diferente ou um marido diferente, ou outros filhos? Acha que teria sido mais feliz? E se pudesse ver aquela outra vida, como se sentiria?

– É muita filosofia de uma vez só – responde Eleanor quando o garçom finalmente aparece e entrega as saladas das irmãs. – Na verdade, não imagino como minha vida poderia ser diferente, Sam. Gosto da minha vida. Tenho um bom emprego, Braden é um bom filho e, na maioria dos dias, não tenho vontade de estrangular o Lou. Às vezes me preocupo com minha irmã mais nova, mas isso é o pior que me acontece.

– Você conheceu Lou em Pomona – diz Samantha, mencionando a universidade da irmã. – Mas eu me lembro de você fazendo cara ou coroa com uma moeda de 25 centavos para escolher a faculdade. Se na moeda tivesse dado cara em vez de coroa, você teria ido para Wesleyan. Nunca teria conhecido Lou. Não teria se casado e tido

Braden. Uma virada de moeda e tudo em sua vida teria sido completamente diferente.

– Acho que sim – diz Eleanor, espetando a salada.

– Talvez haja outra de você por aí. E para ela a moeda tenha caído de outro jeito. Ela está lá fora, vivendo sua outra vida. E se você conseguisse ver essa outra vida? Como ela faria você se sentir?

Eleanor engole o bocado de folhas que mastigava e aponta o garfo para a irmã.

– Sobre essa virada de moeda – diz ela. – Eu menti. Quem queria que eu fosse para Wesleyan era a mãe, não eu. Ela estava empolgada com a ideia de duas gerações de nossa família irem para lá. Sempre quis ir para Pomona, mas a mãe implorava o tempo todo para que eu considerasse Wesleyan. Por fim, falei que jogaria uma moeda. Não importava como a moeda caísse, ainda assim eu escolheria Pomona. Foi só para deixá-la feliz.

– Há outros pontos de sua vida que poderiam ter mudado – diz Samantha. – Outras vidas que você poderia ter levado.

– Mas não houve. E não há. Vivo a vida que vivo e é a única que tenho. Não tem ninguém lá fora, no universo, vivendo alternativas minhas, e mesmo se tivesse, eu não me preocuparia com elas porque tenho minha vida para viver aqui e agora. Na minha vida, tenho Lou e Braden. Sou feliz. Não me preocupo com o que poderia ter sido. Talvez seja falta de imaginação da minha parte. Por outro lado, impede que eu fique deprimida.

Samantha sorri de novo.

– Não estou deprimida.

– Está, sim – diz Eleanor. – Ou está sentimental, o que é a versão um pouco mais socialmente respeitável. Parece que assistir a esses vídeos caseiros do casal está fazendo você pensar se não são mais felizes que você.

– Não são – diz Samantha. – Ela morreu.

\* \* \*

Uma carta de Margaret Jenkins a seu marido, Adam:

*Querido,*

*Eu te amo. Sinto muito que você esteja chateado. Sei que a Viking devia ter voltado à Terra a tempo para o nosso aniversário de casamento, mas não tenho controle sobre nossas missões, inclusive as emergenciais, como essa. Era parte do acordo quando você se casou com a tripulante de uma nave da UU. Você sabia disso. Discutimos isso. Não gosto de ficar assim longe tanto quanto você, mas também amo o que faço. Você me disse que, quando me pediu em casamento, sabia que seria algo que precisaria aceitar. Estou pedindo que se lembre do que disse, que aceitaria.*

*Também disse que consideraria entrar na frota da UU também. Perguntei à capitã Feist sobre o processo seletivo para Habilidades Especiais e ela me disse que a frota realmente precisa de gente que tenha experiência em sistemas computacionais de grande porte, como você. Também me disse que, se você passar pelo treinamento avançado e entrar em uma nave, a UU paga seu empréstimo estudantil. Seria uma coisa a menos para se preocupar.*

*Ela também me disse que desconfia que vá abrir vaga na Viking para um especialista de sistemas no próximo ano. Não há garantias, mas vale a pena arriscar, e a UU se esforça para manter casais na mesma nave. Acreditam que é bom para o moral. Sei que seria bom para o meu moral. A monogamia é uma merda quando não se pode exercer o privilégio dela. Sei que você se sente assim também.*

*Eu te amo. Pense nisso. Eu te amo. Desculpe por não poder estar  
aí com você. Eu te amo. Eu queria estar aí. Eu te amo. Queria que  
você estivesse aqui comigo. Eu te amo. Talvez você possa. Eu te  
amo. Pense nisso. Eu te amo.*

*E mais uma coisa: eu te amo.*

*Com amor (meu, por você),*

*M*

\* \* \*

Para tranquilizar Eleanor, que ficava cada vez mais preocupada com a irmã ao pensar na conversa no P. F. Chang's, Samantha começou uma série de encontros às cegas com pessoas selecionadas por Eleanor de forma aparentemente aleatória.

Os encontros não dão muito certo.

O primeiro encontro é com um funcionário de um banco de investimentos que passa o tempo todo justificando o comportamento dos bancos de investimentos na crise econômica de 2008, interrompendo-se apenas para responder a e-mails "urgentes" enviados a ele de associados em Sydney e Tóquio, ou isso é o que ele diz estar recebendo. Em certo momento ele vai ao banheiro sem o telefone; Samantha abre a parte de trás do celular e vira a bateria ao contrário no compartimento. O homem, enfurecido pelo fato de o telefone parar de funcionar sem explicação, vai embora, mal parando para perguntar a Samantha se ela se importaria em dividir a conta antes de sair às pressas em busca de uma loja da Verizon.

O segundo encontro é com um professor de inglês do Ensino Fundamental II de Glendale, que é um roteirista aspirante e aceitou o encontro porque Eleanor deu a dica de que Samantha talvez ainda tivesse contato com o pessoal de *Crônicas da Intrepid*, um dos

programas em que ela fez um papel coadjuvante. Quando Samantha explica que era apenas figurante, há muitos anos, e que conseguira o papel por meio de um diretor de elenco, e não por contatos pessoais, o professor fica em silêncio por vários minutos e em seguida implora para que Samantha leia o roteiro de qualquer forma e lhe dê um retorno. Ela lê, em silêncio, enquanto o jantar é servido. É horrível. Com pena, Samantha mente.

O terceiro encontro é com um homem tão chato que Samantha não consegue lembrar nada sobre ele no momento em que volta ao carro.

O quarto encontro é com uma mulher bissexual, colega de trabalho de Eleanor, cujo gênero Eleanor não revelou ao referir-se a ela como "Chris". Chris diverte-se muito quando Samantha explica a situação, e as duas têm um jantar perfeitamente delicioso. Depois do jantar, Samantha liga para a irmã e pergunta o que ela estava pensando quando fez aquilo.

– Querida, faz tanto tempo que você teve um relacionamento, pensei que talvez não estivesse querendo me contar alguma coisa – diz Eleanor.

O quinto encontro é com um esquisitão. Samantha vai embora antes da entrada.

O sexto encontro é com um homem chamado Bryan, que é educado, atencioso, charmoso e de aparência decente, e Samantha percebe que ele não tem absolutamente nenhum interesse nela. Quando Samantha comenta isso com ele, o homem ri.

– Desculpe – diz ele. – Eu esperava que não estivesse tão óbvio.

– Tudo bem – diz Samantha. – Mas por que você concordou com o encontro?

– Você conhece a sua irmã. Depois de cinco minutos, é mais fácil dizer "sim" para ela do que encontrar desculpas para dizer "não". E

ela disse que você era bem legal. Aliás, ela estava certa sobre isso.

– Obrigada – diz Samantha e, em silêncio, olha para ele novamente por alguns segundos. – Você é viúvo – diz ela, por fim.

– Ah. Eleanor contou. – Ele dá um gole no vinho.

– Não. Eu só supus.

– Eleanor deveria ter te contado, então. Sinto muito por ela não ter dito nada.

– Não é sua culpa. Eleanor não mencionou para mim que tinha armado um encontro com uma mulher duas semanas atrás, então é fácil de entender como ela pode ter esquecido de mencionar o fato de você ser viúvo.

Os dois riram.

– Acho que você deveria demitir sua irmã do cargo de cupido – diz Bryan.

– Faz quanto tempo? – pergunta Samantha. – Digo, que você é viúvo.

Bryan meneia a cabeça para sinalizar que ele entendeu o que ela quis dizer.

– Dezoito meses. Derrame. Ela estava correndo uma meia-maratona, caiu e morreu no hospital. Os médicos me disseram que os vasos sanguíneos do cérebro dela provavelmente foram finos a vida toda e escolheram aquele momento para estourar. Tinha trinta e quatro anos.

– Eu sinto muito.

– Eu também. – diz Bryan, e toma outro gole pequeno do vinho.  
– Um ano depois de Jen ter morrido, os amigos começaram a me perguntar se eu estava pronto para ir a encontros novamente. Não consigo pensar em um motivo para dizer não. Então vou aos encontros e percebo que não quero ter nada com essas mulheres. Sem ofensas – diz ele, rapidamente. – Não é você. Sou eu.



– Não se preocupe. Devia ser amor de verdade.

– Isso é que é engraçado – diz Bryan e, de repente, fica mais animado do que esteve durante toda a noite e, Samantha desconfia, mais do que já esteve por um bom tempo. – Não era amor, não no começo. Ou não era para mim. Jen sempre disse que sabia que eu seria dela desde a primeira vez que me viu, mas eu não sabia. Eu nem gostava muito dela quando nos encontramos.

– Por que não?

– Ela tinha um gênio forte – respondeu Bryan, sorrindo. – Não ligava em dizer o que passava por sua cabeça, tivesse você perguntado a opinião dela ou não. Eu também não a achava tão atraente, para ser honesto. Ela não era, definitivamente, o tipo de mulher que eu pensava ser o meu tipo.

– Mas você mudou de ideia.

– Não consigo explicar – admite Bryan. – Bem, isso não é verdade. Eu consigo. Jen decidiu que eu era um projeto de longo prazo e investiu tempo em mim. E então, a próxima coisa que eu vi é que estava embaixo de um *chuppah*, aqueles toldos de casamento judaico, imaginando como eu havia me enfiado ali. Mas nesse momento já era amor. E isso é tudo o que posso dizer. Como falei antes, não consigo explicar.

– Isso parece ter sido maravilhoso.

– E foi – diz Bryan. Ele termina o vinho.

– Acha que é assim que funciona? Que você tem apenas aquela pessoa para amar?

– Não sei. Para todo mundo? Não acho que seja assim. As pessoas veem o amor de jeitos muito diferentes. Acho que algumas pessoas podem amar alguém e, se esse alguém morre, podem amar outra pessoa. Eu fui padrinho de um amigo de faculdade cuja mulher morreu e depois de cinco anos, eu o vi se casando com

outra. Ele chorou de alegria nas duas vezes. Então, não, não acho que seja assim pra todo mundo. Mas acho que talvez seja assim pra *mim*.

– Fico feliz que você tenha tido essa experiência – diz Samantha.

– Eu também. Teria sido legal se tivesse durado um pouco mais, só isso. – Ele abaixa a taça de vinho, com a qual brincara aquele tempo todo. – Samantha, eu sinto muito. Fiz isso de novo, fiquei falando para a minha companhia sobre o quanto eu amo minha esposa. Não tenho a intenção de ser um viúvo na sua frente.

– Eu não ligo – diz Samantha. – Já estou acostumada.

\* \* \*

– Não acredito que você ainda tem aquela câmera – diz Margaret para o marido, de novo atrás das lentes. Estão caminhando pelos corredores da *Intrepid*. Acabaram de ser lotados juntos na nave.

– Foi um presente de casamento – diz o marido. – Do tio Will. Ele me mataria se eu jogasse fora.

– Não precisa jogar fora. Eu poderia providenciar um acidente.

– Fico pasmo com essa sugestão.

Margaret para.

– Chegamos – diz ela. – Nossa cabine de casal. Onde vamos passar nossa vida maravilhosamente feliz de casal nesta nave, juntos.

– Tente dizer isso sem tanto sarcasmo da próxima vez.

– Tente aprender a não roncar – responde Margaret, e abre a porta. Em seguida, faz um gesto de boas-vindas. – Depois de você, senhor Documentarista.

O marido passa pela porta e faz uma panorâmica do quarto, que leva um tempo bem pequeno.

– É maior do que a nossa cabine na *Viking* – diz ele.

– Existem armários de vassoura maiores do que a nossa cabine na *Viking*.

– É verdade, mas isso aqui tem quase o tamanho de *dois* armários de vassoura – ironiza o marido.

Margaret fecha a porta e encara o marido.

– Quando precisa se apresentar para a Xenobiologia? – pergunta ela.

– Devo me apresentar imediatamente.

– Não foi isso que perguntei.

– No que está pensando?

– Em algo que você não vai conseguir documentar.

\* \* \*

– Queria fazer uma confissão? – pergunta o padre Neil.

Samantha dá uma risadinha sem querer.

– Não acho que conseguiria me confessar para você sem rir – diz ela.

– Esse é o problema de procurar um padre com quem costumava sair no colégio – diz o padre Neil.

– Na época você não era padre.

Os dois estão sentados em um dos bancos ao fundo da igreja de São Finbar.

– Bem, se decidir que precisa de confissão, me avise – diz Neil. – Prometo não contar a ninguém. Na verdade, é uma das minhas obrigações.

– Eu lembro.

– Então, por que quis me ver? Não que não seja legal vê-la.

– É possível que a gente tenha outras vidas?

– Como assim? Como reencarnação? – pergunta Neil. – E você está perguntando sobre a doutrina católica ou sobre outra coisa?

– Não tenho muita certeza de como descrever. Não acho que seja exatamente algo como reencarnação. – Ela franze a testa. – Não sei ao certo se há maneira de descrever o que quero sem soar completamente ridícula.

– Já se sabe popularmente que teólogos tiveram grande debates sobre quantos anjos poderiam dançar em uma cabeça de alfinete. Não acho que sua pergunta poderia ser mais ridícula que isso.

– Descobriram quantos anjos poderiam dançar na cabeça de um alfinete?

– Na verdade, isso nunca foi considerado de forma séria – respondeu Neil. – É um tipo de mito. E mesmo se não fosse, a resposta seria: quantos Deus precisasse. Qual sua pergunta, Sam?

– Imagine que exista uma mulher que seja igual a um personagem ficcional, mas ela é real – diz Samantha e ergue a mão quando vê que Neil está prestes a fazer uma pergunta. – Não pergunte como, não sei. Apenas aceite que ela é da maneira que descrevi. Agora, imagine que a mulher se baseia em alguém do nosso mundo real, tem a mesma aparência, a mesma voz, todos os detalhes externos, poderia ser a mesma pessoa. A primeira mulher não existiria sem que a segunda mulher existisse como modelo. Elas são a mesma pessoa? Têm a mesma alma?

Neil franze a testa, e Samantha lembra-se dele aos dezesseis anos de idade e precisa conter o riso.

– A primeira mulher é baseada na segunda mulher, mas ela não é um clone? – pergunta ele. – Digo, não pegaram material genético de uma para fazer a outra.

– Acho que não, não.

– Mas a primeira mulher é definitivamente feita da segunda mulher de algum jeito inefável?

– Isso.

– Não vou perguntar detalhes de como isso foi feito – diz Neil. – Vou apenas ter fé nesse fato.

– Obrigada.

– Não posso falar pela Igreja Católica inteira quanto a esse assunto, mas minha suposição nesse caso seria que não, não são – conclui Neil. – É uma simplificação exagerada e grosseira, mas a Igreja ensina que essas coisas que têm em si o potencial de se tornar um ser humano têm alma própria. Se você precisasse fazer um clone seu, esse clone não seria você, como gêmeos idênticos não são uma só pessoa. Cada um tem pensamentos e experiências pessoais próprias e é mais do que a soma dos genes. É uma pessoa em si e tem alma individual.

– Você acha que seria o mesmo para ela?

Neil olha para Samantha de um jeito estranho, mas responde à pergunta.

– Eu acharia que sim. Essa outra pessoa tem lembranças e experiências próprias, certo? – Ele vê Samantha assentir com a cabeça. – Se ela tiver uma vida própria, tem alma própria. O relacionamento que você descreve fica em algum lugar entre uma filha e um irmão gêmeo idêntico... baseia-se em outra pessoa, mas *apenas* se baseia, não a repete com exatidão.

– E se elas fossem separadas no tempo? – pergunta Samantha. – Seria reencarnação?

– Não se você for católica. Nossa doutrina não reconhece reencarnação. Não posso falar como outras religiões formaram suas doutrinas. Mas da forma que você descreve, não me parece que a reencarnação seja estritamente necessária, na verdade. A mulher é uma pessoa em si, não importa como você queira definir.

– Tudo bem, ótimo.

– Lembre-se de que isso sou só eu falando – diz Neil. – Se quiser uma opinião oficial, terei de repassar isso ao Papa. Talvez leve um tempo.

Samantha sorri.

– Tudo bem – diz ela. – O que você está me dizendo faz sentido para mim. Obrigada, Neil.

– De nada. Você se importa se eu perguntar do que se trata?

– É complicado – responde ela.

– É o que parece. Parece que está pesquisando para uma história de ficção científica.

– É, é mais ou menos isso – responde Samantha.

\* \* \*

*Querido,*

*Bem-vindo a Cirquéria! Sei que Collins está prendendo você em um projeto, então não verei você antes de irmos à superfície para negociações. Sou parte do destacamento de segurança do capitão; ele espera que as coisas se desenrolem de uma forma tediosa e sem eventos maiores. Não fique acordado mais tempo do que Collins obrigar você. Vejo você amanhã.*

*Beijos, com amor,*

*M*

*P.S.: Beijos.*

*P.P.S.: Com amor.*

\* \* \*

Samantha compra uma impressora e algumas centenas de dólares em tinta e imprime as cartas e fotografias da coleção que lhe foi entregue no mês anterior. O projetor original havia desaparecido misteriosamente, conforme prometido, desmontando-se em uma pilha de migalhas que evaporou no espaço de uma hora. Antes de isso acontecer, ela pegou uma pequena câmera digital e tirou uma foto de cada documento e capturou em vídeo cada filme que chegara a suas mãos. Os arquivos digitais permaneceram no cartão da câmera e em seu disco rígido; estava imprimindo os documentos por um motivo totalmente diferente.

Quando terminou, imprimiu uma resma de papel, cada qual com uma carta ou uma foto de Margaret Jenkins. Não era a vida toda de Margaret, mas era a representação da vida que ela tivera com o marido; uma representação de uma vida vivida em amor e com amor.

Samantha pega a resma de papel, vai até a pequena fragmentadora de papel que comprara e passa cada folha de papel por ela, uma por vez. Leva os papéis picados até o pequeno quintal nos fundos da casa e os deixa em uma lata de lixo pequena de metal que também havia comprado. Põe os papéis de forma que fiquem um pouco compactados, acende um fósforo e joga-o na lata de lixo, cuidando para que o fogo acenda. Quando o fogo começa, Samantha pousa a tampa na lata de lixo, deixando um pouco aberta para permitir que o oxigênio entre e, ao mesmo tempo, para impedir que filetes de papel queimado voem para longe.

O papel queima até virar cinzas. Samantha abre a tampa e despeja um balde de areia da praia na lata do lixo, extinguindo qualquer brasa remanescente. Ela volta para dentro de casa e pega uma colher de madeira da cozinha, usando-a para mexer a areia, misturando-a com as cinzas. Depois de alguns minutos, levanta a

lata do lixo e despeja com cuidado a mistura de areia e cinzas no balde. Ela cobre o balde, põe no carro e vai até Santa Monica.

\* \* \*

*Olá,*

*Não sei como chamar você. Não sei se você vai ler isto ou se vai acreditar quando ler. Mas vou escrever como se você fosse ler e acreditar. Não há motivo para fazer isso de outra forma.*

*Você é o motivo pelo qual minha vida teve alegria. Você não sabia disso e não teria como saber. Não significa que não seja verdade. É verdade porque, sem você, a mulher que foi minha esposa não teria sido quem foi, e quem foi para mim. Em seu mundo, você a representou, como atriz, pelo que acredito ter sido apenas um breve período – tão breve que é possível que você nem se lembre que a representou.*

*Mas nesse breve período você deu vida a ela. E, onde estou, ela compartilhou essa vida comigo e me deu motivos para viver. Quando parou de viver, eu parei de viver também. Parei de viver por anos.*

*Quero recomeçar a viver. Sei que ela gostaria que eu recomeçasse a viver. Para fazer isso, preciso devolvê-la para você. Aqui está ela.*

*Queria que você pudesse tê-la conhecido. Queria que você pudesse ter falado com ela, rido com ela e a amado como eu a amei. Isso é impossível agora. Mas ao menos posso lhe mostrar o que ela significou para mim e como ela viveu e compartilhou a própria vida comigo.*

*Não conheço você nem nunca vou conhecer. Mas tendo a acreditar que grande parte de quem minha mulher era vem de você – e vive em você até mesmo agora. Minha mulher se foi, mas saber*



*que você está aí me traz algum conforto. Espero que o que era bom nela, aquelas coisas que eu amava nela, vivam em você também. Espero que, em sua vida, você tenha o amor que ela teve na dela. Tendo a acreditar que você tem, ou que ao menos possa ter.*

*Eu poderia dizer mais, mas acredito que a melhor maneira de explicar tudo é simplesmente lhe mostrar tudo. Então aqui está. Aqui está ela.*

*O nome da minha esposa era Margaret Elizabeth Jenkins. Obrigado por me dar essa esposa pelo tempo em que ela esteve comigo. Ela é sua novamente.*

*Com amor,  
Adam Jenkins*

\* \* \*

Samantha Martinez está em pé, com água do mar até o tornozelo, não muito longe do Píer de Santa Monica, e espalha o que sobrou da vida de Margaret Jenkins no lugar onde um dia terá passado sua lua de mel. Não tem pressa na tarefa, demorando-se entre um punhado de cinzas e areia para se lembrar das palavras de Margaret, de sua vida, de seu amor, levando-os para dentro de si e deixando que se tornem parte dela, seja pela primeira vez ou mais uma vez.

Quando termina, vira-se para caminhar pela praia e nota um homem lá, em pé, observando-a. Ela sorri e caminha até ele.

– Você estava espalhando cinzas – diz ele, mais como uma afirmação do que como uma pergunta.

– Estava – diz Samantha.

– De quem eram?

– Eram da minha irmã. De certa forma.

– De certa forma?  
– É complicado.  
– Sinto muito.  
– Obrigada – diz Samantha. – Ela teve uma vida boa. Estou feliz por ter feito parte dela.

– Provavelmente é a pior coisa que eu poderia dizer em um momento como este – diz o homem –, mas *jure* que você me parece familiar.

– Você me parece familiar também.

– Eu juro para você que isso não é uma cantada, mas você é atriz, não é?

– Já fui.

– Alguma vez participou de *Crônicas da Intrepid*? – pergunta o homem.

– Uma vez.

– Você não vai acreditar. Acho que interpretei o marido da sua personagem.

– Eu sei.

– Você se lembra?

– Não – responde Samantha. – Mas sei como era a aparência do marido.

O homem estende a mão.

– Sou Nick Weinstein – diz ele.

– Oi, Nick – responde Samantha, pegando a mão dele. – Sou Samantha.

– Muito prazer. Digo, de novo.

– Nick, eu estava pensando em sair para comer alguma coisa. Gostaria de vir comigo?

Agora é a vez de Nick devolver o sorriso.

– Adoraria. Claro – diz ele.

Os dois começam a cruzar a faixa de areia.

– É meio uma coincidência – diz Nick, depois de alguns segundos.

– Nós dois, aqui, desse jeito.

Samantha sorri de novo e passa o braço pelo corpo de Nick enquanto caminham.

# **Agradecimentos**

Escrevi este romance logo após ter trabalhado em uma série de ficção científica para televisão, então, antes de mais nada, deixe-me declarar o seguinte: *Redshirts* não é nem remotamente baseado na série televisiva *Stargate: Universe*. Qualquer um que espere que seja uma sátira levemente velada à minha experiência pessoal deve ficar bem decepcionado. De fato, eu diria que *Stargate: Universe* foi todas as coisas que *Crônicas da Intrepid* não foi, ou seja: inteligente, bem-escrita e empenhada em ser cientificamente plausível.

E adorei de verdade ter trabalhado em *SG:U* como consultor criativo; também me diverti muito com a série. E, claro, gostei genuinamente de assistir à série, como fã do gênero e como alguém que trabalhou nela e pôde ver onde minhas contribuições apareciam na tela. *Foi ótimo*. Incluí em minha dedicatória Brad Wright e Joe Mallozzi, os produtores de *SG:U*, que me levaram para o programa, mas também gostaria de tirar um momento aqui para fazer uma grande reverência ao elenco, à equipe, aos roteiristas e à produção da *SG:U*. É uma pena que não pôde durar mais, mas o que é bom dura pouco.

Também escrevi este romance enquanto estava no cargo de presidente da *Science Fiction and Fantasy Writers of America*, a maior organização de escritores de ficção científica e fantasia do mundo (e possivelmente do universo inteiro, embora ainda não haja uma maneira de confirmar). Por anos correu o boato de que, quando se ocupava o cargo de presidente da SFWA, era necessário abdicar essencialmente de um ano de produtividade criativa em detrimento do posto, e possivelmente da sanidade também. Fico feliz em dizer que descobri que o boato não é verdadeiro – e o motivo de não ter

sido verdade, no meu caso, foi porque tive a sorte de contar com uma diretoria cheia de pessoas muito inteligentes e dedicadas, que trabalharam pelos membros da mesma forma ou ainda melhor do que qualquer diretoria nos últimos tempos.

Então, para Amy Sterling Casil, Jim Fiscus, Bob Howe, Lee Martindale, Bud Sparhawk, Sean Williams e, em especial, para Mary Robinette Kowal, meus sinceros agradecimentos e admiração. Foi uma honra ocupar esse cargo com cada um de vocês. Também agradeço a todos aqueles que se voluntariaram na sfga e fizeram dela uma organização de escritores da qual tenho muito orgulho de participar.

Todas as vezes que escrevo um romance, fico maravilhado com como ele fica *melhor* quando finalmente é lançado em livro. Porque há muitas pessoas excelentes para melhorá-lo ao longo do caminho. Para tanto, este livro teve a ajuda de Patrick Nielson Hayden, meu editor; Irene Gallo, a diretora de arte da Tor; o capista Peter Lutjen; Sona Vogel, preparadora; Heather Saunders, designer de texto, e também o editor de produção, Rafal Gibek. Meu obrigado também vai para Cassie Ammerman, minha relações públicas na Tor, e claro, para Tom Doherty, que segue publicando minhas obras e me deixando ridiculamente feliz. Agradeço também ao meu agente, Ethan Ellenberg, e a Evan Gregory, que controlam minhas vendas no exterior.

*Redshirts* foi lido por um pequeno grupo de leitores iniciais que me deram um retorno valioso e garantiram que a coisa toda fosse mais do que apenas uma paródia de ficção científica televisiva (embora obviamente seja isso também). Meu muito obrigado, então, a Regan Avery (como sempre), Karen Meisner, Wil Wheaton, Doselle Young, Paul Sabourin, Greg DiCostanzo e a minha esposa, Kristine

Scalzi, que também merece agradecimentos por me aguentar no geral. Fico realmente grato por ela me aguentar.

E, finalmente, agradeço a vocês, queridos leitores. Fico feliz que tenham voltado mais uma vez. Se continuarem voltando, continuarei escrevendo. Prometo.

John Scalzi,  
22 de julho de 2011.

# NOTAS

- 1 Autor americano que relatou uma suposta experiência com abdução em seu livro *Communion* e hoje mantém, além de um blog sobre essas experiências, também um podcast. É uma figura bastante controversa. [N. de T.]
- 2 Software de texto para roteiros. [N. de T.]
- 3 Um navegador famoso por não ser rastreável. [N. de T.]
- 4 Famosa empresa que oferece diversos cursos voltados para a educação de adultos. [N. de T.]



# REDSHIRTS

---

**TÍTULO ORIGINAL:**

Redshirts

**COPIDESQUE:**

Cássio Yamamura

**REVISÃO:**

Luara França

Mônica Reis

**CAPA:**

LEBASSIS

**PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO:**

Desenho Editorial

**DIAGRAMAÇÃO DE E-BOOK E REVISÃO DA VERSÃO ELETRÔNICA:**

Calil Mello Serviços Editoriais

---

**DIREÇÃO EXECUTIVA:**

Betty Fromer

**DIREÇÃO EDITORIAL:**

Adriano Fromer Piazzi

**DIREÇÃO DE CONTEÚDO:**

Luciana Fracchetta

**EDITORIAL:**

Daniel Lameira

Andréa Bergamaschi

Renato Ritto

Débora Dutra Vieira

Luiza Araujo

**COMUNICAÇÃO:**

Nathália Bergocce  
Júlia Forbes

**COMERCIAL:**

Giovani das Graças  
Lidiana Pessoa  
Roberta Saraiva  
Gustavo Mendonça  
Pâmela Ferreira

**FINANCEIRO:**

Roberta Martins  
Sandro Hannes

COPYRIGHT © JOHN SCALZI, 2012  
COPYRIGHT © EDITORA ALEPH, 2021  
(EDIÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA PARA O BRASIL)

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.  
PROIBIDA A REPRODUÇÃO, NO TODO OU EM PARTE, ATRAVÉS DE QUAISQUER MEIOS.



Rua Tabapuã, 81, cj. 134  
04533-010 – São Paulo – SP – Brasil  
Tel.: [55 11] 3743-3202  
www.editoraaleph.com.br

---

**DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

---

S282r Scalzi, John  
Redshirts [recurso eletrônico] / John Scalzi ; traduzido por Petê Rissatti. - São Paulo : Aleph, 2021.  
376 p. ; ePUB ; 5 MB.

**Tradução de: Redshirts**

ISBN: 978-65-86064-77-3 (Ebook)

1. Literatura americana. 2. Ficção científica. 3. Romance. I. Rissatti, Petê. II. Título.

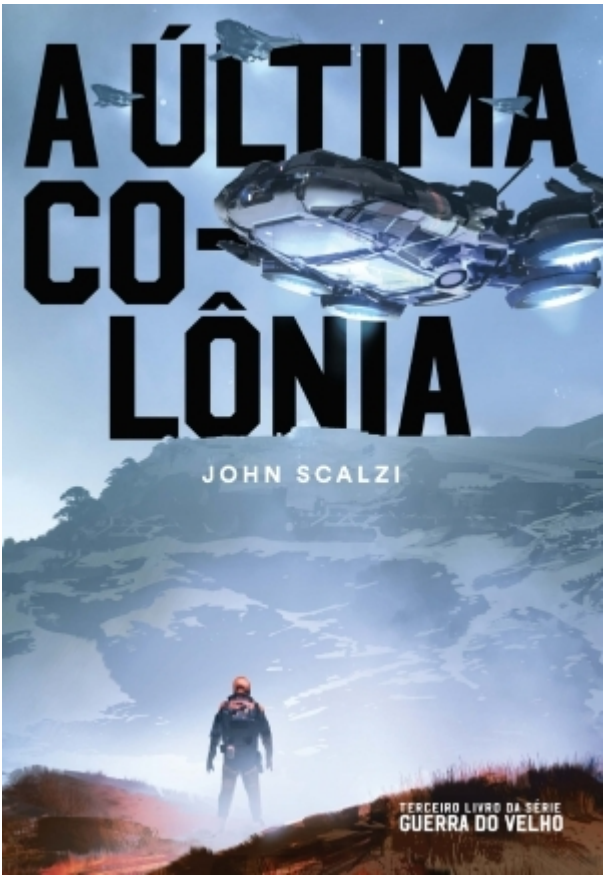
2021-1677

CDD 813.0876  
CDU 821.111(73)-3

---

ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO:

1. Literatura americana: Ficção científica 813.0876
2. Literatura americana: Ficção científica 821.111(73)-3



# A ÚLTIMA CO- LÔNIA

JOHN SCALZI

TERCEIRO LIVRO DA SÉRIE  
GUERRA DO VELHO

# A Última Colônia: 3

Scalzi, John

9788576574521

241 páginas

[Compre agora e leia](#)

A raça humana tenta expandir seus territórios, mas se depara com um problema: os planetas habitáveis são poucos e a competição por eles é enorme. Após anos sem expandir suas fronteiras, a União Colonial toma a controversa decisão de iniciar uma nova colônia, e a tarefa de administrá-la é entregue a dois condecorados heróis de guerra: John Perry e Jane Sagan. Inicialmente, o maior desafio é conciliar os interesses de grupos com origens diversas. Entretanto, logo os heróis se veem isolados em um planeta que não é o que parece e descobrem que são apenas peças no tabuleiro de uma disputa que envolve o destino de toda a humanidade. Na série Guerra do Velho, best-seller do New York Times, o premiado autor John Scalzi traz ao leitor uma história épica de conquista galáctica e exploração interplanetária, com personagens cativantes, intrigas políticas bem construídas e sem nunca perder o bom humor.

[Compre agora e leia](#)

FRANK HERBERT



# DUNE

# Duna

Herbert, Frank

9788576572374

680 páginas

[Compre agora e leia](#)

A vida do jovem Paul Atreides está prestes a mudar radicalmente. Após a visita de uma mulher misteriosa, ele é obrigado a deixar seu planeta natal para sobreviver ao ambiente árido e severo de Arrakis, o Planeta Deserto. Envolvido numa intrincada teia política e religiosa, Paul divide-se entre as obrigações de herdeiro e seu treinamento nas doutrinas secretas de uma antiga irmandade, que vê nele a esperança de realização de um plano urdido há séculos. Ecos de profecias ancestrais também o cercam entre os nativos de Arrakis. Seria ele o eleito que tornaria viáveis seus sonhos e planos ocultos? Ao lado das trilogias Fundação, de Isaac Asimov, e O Senhor dos Anéis, de J. R. R. Tolkien, Duna é considerada uma das maiores obras de fantasia e ficção científica de todos os tempos. Um premiado best-seller já levado às telas de cinema pelas mãos do consagrado diretor David Lynch.

[Compre agora e leia](#)



FLORES

PARA

ALGERNON 000

DANIEL KEYES



# Flores Para Algernon

Keyes, Daniel

9788576573999

288 páginas

[Compre agora e leia](#)

Uma cirurgia revolucionária promete aumentar o QI do paciente. Charlie Gordon, um homem com deficiência intelectual severa, é selecionado para ser o primeiro humano a passar pelo procedimento. O experimento é um avanço científico sem precedentes, e a inteligência de Charlie aumenta tanto que ultrapassa a dos médicos que o planejaram. Entretanto, Charlie passa a ter novas percepções da realidade e começa a refletir sobre suas relações sociais e até o papel de sua existência. Delicado, profundo e comovente, Flores para Algernon é um clássico da literatura norte-americana. A obra venceu o prêmio Nebula e inspirou o filme Os Dois Mundos de Charlie, ganhador do Oscar de Melhor Ator, um musical na Broadway e homenagens e referências em diversas mídias.

[Compre agora e leia](#)

Prof. PIER

PIERLUIGI PIAZZI

inteligência em  
**CONCURSOS**



MANUAL DE INSTRUÇÕES DO CÉREBRO  
PARA CONCURSEIROS E VESTIBULANDOS

goyó

# Inteligência em Concursos

Piazzì, Pierluigi

9788576572244

224 páginas

[Compre agora e leia](#)

Ao lecionar Inteligência Artificial para alunos de um curso superior, o professor Pier sentiu a necessidade de se voltar para a inteligência natural. Enveredando no estudo das últimas descobertas na área das neurociências, descobriu a razão de ser dos cursinhos: os alunos não sabem estudar! A forma pela qual eles se preparam para um exame é totalmente incompatível com o funcionamento do cérebro humano. Estatísticas mostram que, tanto em exames vestibulares quanto em concursos públicos, os candidatos com melhores resultados não são os que acumularam mais horas de estudo, mas os que aproveitaram essas horas de forma mais inteligente. Em Inteligência em concursos, o professor Pier ensina vestibulandos e concurseiros de plantão a se tornarem mais inteligentes, estudando da forma correta, e dá dicas de como aumentar a velocidade de raciocínio e evitar o famoso "branco" durante as provas.

[Compre agora e leia](#)



# Neuromancer

Gibson, William

9788576571407

312 páginas

[Compre agora e leia](#)

No futuro, existe a matrix. Uma espécie de alucinação coletiva digital na qual a humanidade se conecta para, virtualmente, saber de tudo sobre tudo. Mas há uma elite que navega por essa grande rede de informação - os cowboys. Case era um deles, até o dia em que tentou ser mais esperto do que os seus patrões. Que fritaram suas conexões com o ciberespaço, tornando-o um pária entre os seus iguais. Ele vaga pelos subúrbios de Tóquio, mais envolvido do que nunca em destruir a si próprio, até ser contatado por Molly, uma bela e perigosa mulher que, assim como ele, desconfia de tudo e de todos. Os dois acabam se envolvendo numa missão cheia de mistérios e perigos. Esta edição comemorativa de 25 anos de "Neuromancer" conta com nova tradução de Fábio Fernandes e prefácio de William Gibson. O romance de estréia de Gibson é o primeiro volume da chamada Trilogia do Sprawl, que ainda inclui os livros "Count Zero" e "Mona Lisa Overdrive".

[Compre agora e leia](#)